



TÁCITO BORRALHO  
BENE MARTINS

TEATRO

DO NORTE

BRASIL

(V.2) COLETÂNEA  
TEATRO DO MARANHÃO



EDLIFMA

TÁCITO BORRALHO  
BENE MARTINS

# TEATRO DO BRASIL

(V.2) COLETÂNEA  
TEATRO DO MARANHÃO



EDLIFMA

ORGANIZADORES:  
TÁCITO BORRALHO  
BENE MARTINS

# TEATRO DO NORTE BRASILEIRO

COLETÂNEA TEATRO DO MARANHÃO  
VOLUME 2

São Luís



EDUFMA

2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Salgado Filho  
Reitor

Pr. Dr. Marcos Fábio Belo Matos  
Vice-Reitor



Editora da UFMA

Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira  
Diretor

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Luís Henrique Serra  
Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni  
Prof. Dr. André da Silva Freires  
Prof. Dr. Jadir Machado Lessa  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Diana Rocha da Silva  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gisélia Brito dos Santos  
Prof. Dr. Marcus Túlio Borowski Lavarda  
Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva  
Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães  
Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues  
Prof. Dr. João Batista Garcia  
Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas  
Bibliotecária Suênia Oliveira Mendes  
Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior

COMISSÃO EDITORIAL DESTA EDIÇÃO

Tácito Borralho (UFMA)  
Bene Martins (UFPA)  
Fernanda Areias (UFMA)  
Américo Azevedo Neto (AML)  
Lio Ribeiro (IFMA)  
Wilson Martins (COTEATRO)

---

Capa: Anderson Araújo e Ruid Oliveira  
Projeto Gráfico: Artêmio Macedo Costa  
Diagramação: Artêmio Macedo Costa  
Revisão de Textos: Max Fernando Coelho Soares  
Ficha Catalográfica: Giselle Frasão

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes/UFMA**

---

T253 Teatro do norte brasileiro [recurso eletrônico] / organizadores, Tácito Borralho, Bene Martins. – São Luís: EDUFMA, 2022.

325 p. – (Coletânea Teatro do Maranhão; 2)

Livro eletrônico.

Vários autores.

ISBN: 978-65-5363-083-3

1. Teatro maranhense. 2. Dramaturgia - Maranhão. I. Borralho, Tácito. II. Martins, Bene. III. Título.

CDU: 792(812.1)

---

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

**Impresso no Brasil [2022]**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão do autor.

EDUFMA | Editora da UFMA  
Av. dos Portugueses, 1966 – Vila Bacanga | CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil  
Telefone: (98) 3272-8157

[www.edufma.ufma.br](http://www.edufma.ufma.br) | [edufma@ufma.br](mailto:edufma@ufma.br)

COLETÂNEA

TEATRO DO MARANHÃO

VOLUME 2

CONSELHO EDITORIAL

SÉRIE *Teatro do Norte Brasileiro*

Márcio Souza (AM)  
Bene Martins (PA)  
Tenório Telles (AM)  
João de Jesus Paes Loureiro (PA)  
Nereide Santiago (AM)  
Olinda Charone (PA)  
Wlad Lima (PA)  
Jorge Bandeira (AM)  
Ananda Machado (RR)  
Tácito Borralho (MA)  
Romualdo Rodrigues (AP)  
Roberto Ferreira (MT)

COMISSÃO EDITORIAL DESTA EDIÇÃO

Tácito Borralho (UFMA)  
Bene Martins (UFPA)  
Fernanda Areias (UFMA)  
Américo Azevedo Neto (AML)  
Lio Ribeiro (IFMA)  
Wilson Martins (COTEATRO)

## SOBRE OS ORGANIZADORES



**TÁCITO BORRALHO** - Mestrado em Teatro (USP). Doutorado em Artes (USP). É professor Associado da Universidade Federal do Maranhão. Docente do Curso de Licenciatura em Teatro e dos programas de Pós-Graduação, PROFARTES – MA e PPGAC (Teatro). É dramaturgo, membro da Associação de Dramaturgos do Nordeste. Diretor Teatral. Dirige a Companhia Oficina de Teatro – COTEATRO. Atua como interprete em Teatro, Cinema e TV. Avaliador de peças Teatrais e Roteiros. Coordena

Projetos de Extensão na área de Teatro de Animação. É Comendador do Mérito Timbira (Estado do Maranhão). Participa dos Grupos de Pesquisa: Memória da Dramaturgia Amazônica – Construção de Acervo Dramatúrgico, da Universidade Federal do Pará; Poéticas Cênicas – Visuais e Performativas da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho; Pedagogias do Teatro e Ação Cultural da Universidade Federal do Maranhão; coordena o Grupo de Pesquisa A máscara na Cultura Popular da Universidade Federal do Maranhão É membro dos Conselhos Editoriais da MÓIN-MÓIN – Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas e da Revista MAMULENGO – da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos.



**BENE MARTINS** - Mestrado em Teoria Literária (UFPA); Doutorado em Letras (UFMG); Pós-doutorado em Estudos de Teatro (Universidade de Lisboa). É professora associada da Universidade Federal do Pará. Atua na Faculdade de Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes. Tem experiência na área de Letras e Artes, com ênfase em Literatura, teatro e cinema, com os temas: memória, dramaturgia, estudos culturais, trocas interculturais, produção textual para cena, leituras dramatizadas, dramaturgia da dança, estudos

do corpo. Avaliadora de peças teatrais, roteiros. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: Memórias da Dramaturgia Amazônica: Construção de Acervo Dramatúrgico e do Projeto de Pesquisa: Dramaturgia da dança e estudos do corpo. Editora e revisora de textos. Organizadora da obra completa do dramaturgo Nazareno Tourinho/2014; da Coletânea teatro do Pará/2015; Memória 1 dos Seminários de Dramaturgia Amazônica (1 ao 6-2017-EditAed-Ufpa); Memória 2-VII Seminário/2017. Ed. GTR.; VII Seminário, versão e-book, 2017; Memória 3-VIII Seminário/2018; Memória 4- IX Seminário/2019; Jovens Dramaturgos (as) v.1 e v.2. E-books: Atos de Escritura 1/ 2017. Edt.PPGARTES-UFPA; Atos de Escritura 2/2018; Atos de Escritura 3/2019. Edt.PPGARTES-UFPA; Coletânea Teatro do Maranhão/2019. Org. Tácito Borralho e Bene Martins. EditAedi-UFPA e Ed. UFMA; Peças Teatrais de Ramon Stergmann, v.1/2020, v. 2/2021. Peças Teatrais de Edgar Proença/2021; Peças Teatrais de Levi Hall de Moura/2022; Coletânea Teatro de Roraima/2022. (Edt.PPGARTES-UFPA)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos, em primeiro lugar, ao escritor/dramaturgo Márcio Souza, criador do Projeto TEATRO DO NORTE BRASILEIRO, junto com a professora Bene Martins. Aos autores das peças que as disponibilizaram para publicação nesta coletânea. Aos artistas, pesquisadores, amantes do teatro em geral e em particular, ressaltar aqui a prestimosa colaboração de autores e pesquisadores como Jucey Santos, Inaldo Lisboa, Franklin Carneiro Neto, o jornalista Benedito Buzar (presidente da Academia Maranhense de Letras), Wilson Martins, Carlos Eduardo Marques, Raimundo Barbosa Reis Filho e Rogério Vaz da Silva que contribuíram mais proximamente com a edição do primeiro volume desta coletânea e também a Max Fernando Coelho Soares e Artêmio Macedo Costa que muito se empenharam pela organização da edição deste segundo volume.



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - Tácito Borralho .....	<u>9</u>
ROSAMONDE - O TOURO DA MORTE (1949) BANDEIRA TRIBUZI .....	<u>10</u>
ABRAÃO E SARA (1968) JOÃO MOHANA .....	<u>32</u>
UMA MEIA PARA UM PAR DE HOMEM (1970) TÁCITO FREIRE BORRALHO .....	<u>68</u>
JOÃO PANEIRO (1975) TÁCITO FREIRE BORRALHO & JOSIAS SOBRINHO .....	<u>83</u>
ANA DO MARANHÃO (1980) LENITA ESTRELA DE SÁ .....	<u>97</u>
GANZOLA: A PELEJA DO PRETO FUGIDO CONTRA OS INIMIGOS DA LEI (1992) CÉSAR TEIXEIRA .....	<u>139</u>
O SÓTÃO (1997) IVAN SARNEY .....	<u>174</u>
TRINTA BAÚS DE ENCANTARIAS (2005) JOSÉ RIBAMAR ARAÚJO .....	<u>240</u>
DOIS (2005) MARCELO FLECHA .....	<u>268</u>
SIAMESES (2008) ZEN SALLES .....	<u>285</u>
A CARROÇA É NOSSA (2013) LAUANDE AIRES .....	<u>302</u>
SOBRE OS AUTORES .....	<u>325</u>

## APRESENTAÇÃO

Em continuidade a aceitação do convite da Profa. Dra. Bene Martins<sup>1</sup> em colaborar com o projeto de pesquisa Construção de Acervo Dramatúrgico e a Coleção Teatro do Norte Brasileiro, sigo com a organização da Coletânea Teatro do Maranhão (V. 2), incluído textos de autores maranhenses, (dentre dramaturgos já falecidos e os que ainda produzem), procurando seguir uma ordem cronológica quase precisa. Confirmando que alguns dos mais famosos autores da dramaturgia popular do Estado (aqueles que se dedicaram a escrever sem nenhuma pretensão de eruditismo), não têm livros publicados e seus acervos de memória não são disponibilizados pelas famílias, porque seus descendentes já não residem mais no Maranhão ou por que não possuem nenhum texto, ou mesmo por não se prestarem a colaborar. Conseguimos, mesmo assim, nesta coletânea (volume 2), incluir autores cujas peças demandaram tempo e dedicação para ser encontradas, como João Mohana e Bandeira Tribuzi, ficando ainda de fora por não logarmos acesso a nenhum texto, Camélia Viveiros, Bibi Geraldino, Dagmar Desterro, Ivaldo Coimbra, José Bernardo Belo Tajra, Carlos Cardenas, José Bento Neves, Kleber Fernandes, Assis Garrido, José Brasil, Facury Helluy, entre outros. A mostra selecionada para esta edição apresenta 11 textos e convém ressaltar que as datas listadas juntamente com a obra, correspondem ao ano em que elas foram escritas. Observe-se que esta coletânea não esgota a produção de outros tantos dramaturgos (as) maranhenses, para o que reiteramos a necessidade da disponibilidade de outros parceiros para a busca e elaboração de outros volumes. Fica a registro e o convite!

*Tácito Borralho*



**ROSAMONDE - O TOURO DA MORTE (1949)**

BANDEIRA TRIBUZI

# ROSAMONDE - O TOURO DA MORTE

(1949)

## BANDEIRA TRIBUZI

### ATO I – ENCANTAMENTO

*(Paisagem de praia procurando dar a máxima impressão de vastidão, os couros nos bastidores)*

**LOUCO-** não vejo o mar e vejo o mundo, louco me chamam porque assim digo a verdade. Sem surpresa porém – é coisa antiga o chamar-se a verdade de loucura. Quando anoitece leio madrugada na falsa cor que encobre as esperanças e na certeza que tenho: o desencanto enfim rasgado por amor da virgem, menina concebida sem contato de carne humana e no geral anseio tecida carne da manhã, espuma do arco-íris, soluçar das flores abandonadas, apelo das ondas, batismo de esperança e madrugada. Enfim te vejo...

Pelo desvario do mundo me partiu um dia, quando ainda acreditava em outras coisas que não misteriosas esperanças no coração do povo edificadas. E viu que, sonhando, ignoramos e por ignorar amamos, sujo e vasto mar do desespero e falso exterior deslumbramento. Que de conhecer-se perde esse contorno enganador. Onde a insidiosa e torpe realidade nos arrasta para os abismos que, de muitos vermes povoados, a vida dilaceram.

Viu o estranho gado que se chama de humanidade, enroladinho sempre em teias de miséria. Pois não vejo o mar e vejo o mundo cuja rosa virá por fim quebrar o encantamento, louco me chamam por que assim...

**INVÍDIA-** tu, louco!?

**LOUCO-** digo a verdade. Invidia, a que me chamas?

o que fazes na praia a uma tal hora, quando o vazio está?

**LOUCO-** pensava em ti

**INVÍDIA-** em mim?

**LOUCO-** em todos nós aqui perdidos neste sem-fim do mundo, pobres bichos roendo trigo desta vida.

**INVÍDIA-** Louco! De que perdidas loucas coisas falas assim na orla do mar...

**LOUCO**- ...orla do mundo, que mundo eu vejo e mar não acontece.

**INVÍDIA**- assim me assusta mal falando dessas vazias coisas.

**LOUCO**- tu, mulher sem graça, não vês que amanhecendo vão as coisas e nós, perdidos, não as procuramos.

Mas eu te vejo a ti, rosa do mundo, menina de açucenas concebida a quem o tempo concedeu a pura licença de quebrar, o que nos mata, touro da morte!

**INVÍDIA**- porque assim falaste?

**LOUCO**- não é para mulheres que a vida conhecem tão somente o que não é, não para ti, Invidia destitosa que vives de ignorar coisas sublimes. Mas para aquela cujas mãos, em terra, eu beijarei: a que a fraternidade, amor e esperança e como rosa guarda ocultos poderes no perfume que espalha e os corações de novo tece um outro mais ardente sangue vivo.

*(o louco só)*

Sou eu que, apenas, vejo desenhar-se e não no mar: no mundo a madrugada aparelhada gestação de trigo e outra alegria em nós se derramando?

Rosa do Mundo!

**ROSAMONDE** - Me chamavas?

**LOUCO** - Eu? Chamar-te? Mas, teu nome...

**ROSAMONDE** - Rosamonde. por minha mãe dado me foi, embora não veja em mim razão que o justifique.

**LOUCO** - Tu, Rosamonde? A que, menina vi e em meus braços tomei por tantas vezes quando este sonho ainda mal sonhava, e teus cabelos, Rosamonde, lindos por meus afagos foram desmanchados? Serás Rosa do Mundo! *(ajoelha)*

A que esperamos para nos libertar, amada pura, ao teu poder o Touro desmanchado terá o encantamento.

**ROSAMONDE** - Me confundes com tais palavras, meu amigo, doces palavras que antes melhor fora fossem verdade e não apenas sonho tão generoso e belo, mas somente sonho jamais tocável. Puro engano.

Quem sou para tão altas maravilhas como as que anunciaste por palavras, pobre menina sem outro destino, que o deste amado povo a que pertence e ama. Não, meus olhos não levanto para maior altura que das ondas onde se guarda o encantamento. Filha sou deste mar e desta terra amarga a mais pequena e o coração confranges falando de maiores

esperanças. Que sou eu, quem sou eu para que possa...

**CORO DO MAR** - Filha, do amor em nós, gerada flor silenciosa, em ti se guarda o assombro e o milagroso gesto onde renasça tua raça. Vem, aleluia, e teus pés toquem nossa franja que beijada em nova espuma se fará azul e branca. Oh! Esperança conservada longamente em que secreta e portentosa dor e lágrima do mundo. Lírio de silêncio e refúgio, luz indestrutível filhada pelas carnes do martírio. Oh! virgem. Oh, senhora! em cujo olhar boiam venturas, de teus dedos, enfim gesto, virá o toque do milagre que nos salva. Alva rosa do mundo, Rosamonde, teu nome soletramos na Expetação...

**EXPETAÇÃO** - Escutas?

**ROSAMONDE** - Sim, ouço as vozes que do mar se elevam em coro, proclamando o desejado tempo, já próximo de nós, ferido corpo do mundo...

**EXPETAÇÃO** - Eu sei há quanto tempo somente a esperança nos conserva aos deserdados que de sempre fomos. Há quanto tempo! Meus cabelos brancos por mim falando deixo, que não posso grandes coisas dizer. Mas, já em criança outras cabeças brancas me disseram dessa esperança herdada longamente desde a manhã a mais antiga, ainda de tempo que não cabe enumerá-lo. Para maiores coisas destinada eu fora por meus pais donde me veio que Expetação chamada fosse. Mas não era ainda o tempo prometido e em nossas esperanças preservado. Expetação fiquei em longos dias vendo meu povo entregue a seus trabalhos, cruéis, duros trabalhos. Rosamonde ao menos possam estes velhos olhos ao contemplar tua destinação, sentir o coração, já tão cansado de uma vida vivida e partilhada pelos quantos no meu amor abrigo, estremecer de súbita alegria que da contemplação me vem, suprema, da hora prometida enfim já perto de acontecer como num sonho. Oh! bela nossa esperança, que o Senhor preserve imaculada, entre o veneno antigo do mundo. Verde inveja e feios ódios contra ti se erguerão, rosa do mundo, amor deste meu povo...

**ROSAMONDE** - Expetação, já vou partindo para meus deveres. Belas, sonhadas maravilhas contas, mas tenho de partir pra meus trabalhos. Não vejo em mim destino me chamando para essa excelsa sina que anuncias, mas se, Destino, assim me regem fados para que em mim se quebre o encantamento, (*Quem sou eu? Quem sou eu?*) mas se me ordenar Senhor, cumpra-se em mim tua palavra!

(parte)

**EXPETAÇÃO** - Deus vá contigo, virgem singular nem minhas mãos te toquem, pois, resumos o que é mais puro em nós. Por isso foste a preferida e abençoada e clara. Eis que te vejo e o coração me cresce pois te esperei, com esperança viva, ó vida, eu te agradeço pois me deste a antemanhã com suas rosas claras!

**CORO DOS TRABALHOS** - Corpo vivo do mundo somos, os trabalhos nós chamamos,

por nós a vida se sustenta e nossas bênçãos caem sobre vós, ó povo realmente escolhido:  
aurora do mundo, pão da vida, subsolo eternamente re florido

*(fica repetindo em surdina)*

**VELHO BENTO** - Ouço o milagre em meus ouvidos, velha amiga Expetação, habituados eles estão apenas ao lamento continuado de cruéis trabalhos e ao pão pedido em vozes transtornadas. Ouço o milagre, amiga!

**EXPETAÇÃO** - Sim, ouvimos, o milagre, quem diria? Ao fim da rude, insana luta de viver neste sem-fim do mundo bem amado pesar da sorte mal-aventurada, quem diria que em nós realizada viria a ser a grande profecia?

**VELHO BENTO** - Entre os signos da morte e da esperança gerados fomos; até hoje, apenas a morte nos coubera e sua triste elegia. Vemos agora o novo signo cumprir se: os tempos estão perto, em que a Esperança...

**CORO DOS TRABALHOS** - Esperança, esperança sempre bem conservada no coração do povo! Na eterna e permanente consumação dos dias entre duros trabalhos e cóleras e pragas que o corpo destes filhos amados castigava, viva luz da esperança tu sempre conservada permaneceste, pura visão dos oprimidos!

**VELHO BENTO E EXPETAÇÃO** - Esperança, esperança!

**CANTOR MALASORTE** - De que falais, perdido vosso tempo que melhor aos trabalhos fora dado? Assim vos corrompeis? Assim a vida tão mal vos ensinou? Esses cabelos brancos tão pouco ensinamento traz?

Esperança, dizeis. Onde Esperança jamais foi encontrada? Ide aos trabalhos que a mim me resta a sina de cantar, canções de antigo tempo transmitidas sagradamente pelos pais e filhos.

*(os velhos vão, ele canta)*

Nossos pecados nos têm perdidos e abandonados. Pobre do mundo e de quem vive no mar profundo. Qual esperança nos é dada nesta vida deserdada?

**CORO DOS TRABALHOS** - Cala-te louco, cessa tua melodia impura, que não vez amanhã e a rosa do mundo. Nós somos os trabalhos de que se tece a vida. Seja amaldiçoada teu mau sinal. Porque é chegada a hora em que o encantamento do Touro, que devora a tua vida, povo, cessar do toque puro da mão, cheia de graça, da Rosa do Mundo!

*(o touro aparece no escuro com o cantador em silhueta)*

**CANTOR MALASORTE** - Esperança, esperança!

*(desaparece o Touro e aparece a rosa do mundo)*

**TODOS** – Esperança! Esperança!

## **ATO II - ASA DA MORTE**

*(1ª Cena - A mesma paisagem do primeiro ato. Vai pouco a pouco amanhecendo até a cena final)*

MARIA AMOR - Esperança, esperança! sempre minha tu foste, sempre no meu peito acesa esteve tua clara chama. Amor veio matar-te, doce amiga que de minhas horas más contentamento sempre foste.

Este é amor humano sempre buscando coisas proibidas desprezando as que fáceis lhe seriam. E esta é dor, sem remédio nem conserto, de teimar contra a marca do destino que, ele só, pode erguer e destruir nossa felicidade ou desespero. Mas por te amar... meu sonho, a quem daria tudo que houvera em mim, ainda as menores e pequeninas coisas que em mim haja: rosa aberta seria minha carne e minha boca só para teus beijos., e meu olhar do teu se animaria, ouvirias palavras as mais ternas e meu carinho todo teu...

Amado, ó meu amado para quem, sofrendo minha mãe me gerou se dividindo em mim, me dando sua carne e alma um pouco triste desta tormentosa, amarga vida; para quem nascida fui em tremendas dores. Já menina te sonhei e esperei sem outro sonho que ter-te para amar-te, com aquele tão desmedido amor só de quem ama através a amargura de esperar com incerteza e dor e desespero. E ter-te junto a mim, mas proibida de te dizer o quanto tu me és caro, tão mal amado, mal amado meu!

É jamais pressentires que sou tua até aos folhos de alma e o escondido lugar onde de amor a fonte nasce.

Me perdoa. Senhor. este queixume que não contive. Sei que não devera assim queixar-me desta dor só minha se a dor maior comum em si a toma e deixa pequenina, sem sentido na geral incerteza e dor do mundo. Pois mais não posso... que, sofrendo ajude meu sofrimento a libertar do signo de vida rude, meu amado povo. Pois mais não sou...

**LEDO ENGANO** - Do que uma flor marítima!

**MARIA AMOR** - que humilde filha tua, a mais inútil.

**LEDO ENGANO** - Belas palavras essas e o sorriso de tua boca fresca como os campos que a primavera acaricia, belos teus olhos que do mar saldos foram e sua cor conservar. Mas que lástima carpas, linda flor?

**MARIA AMOR** - De amor falava que não tenho e me fere e não se apaga: melodia que nasce no meu peito e é sede que não pode saciar-se...

**LEDO ENGANO** - Mas, tu assim falando? Pois decerto não faltarão os que de amor por ti sintam o coração descompassado! Aqui estou e, só de olhar-te, sinto que todo eu me exalto e quase louco não sei que ainda faz que me detenha?

**MARIA AMOR** - Detém-te! pois inútil te seria o gesto de paixão, és um estranho que mal conheço, outro teu povo, outras por certas tuas formas de pensar. E mais: não posso amar-te pois ferida de há muito estou. Vai, segue teu caminho. Nele não faltando quem te ofereça o que não poderei oferecer-te.

Meu corpo é desta terra e minha raça de humildes pescadores, não me tentam falsas grandezas, vãs ilusões mortas.

Vai, que meu coração de há muito é dado a que sequer suspeita possuí-lo...

*(L.E. afasta-se lentamente)*

**LEDO ENGANO** - Enfim, vejo que é vã toda a porfia, parto, partido o coração... *(chega correndo Invidia)*

**INVÍDIA** - Eu vi que vos faláveis! Como te invejo! É belo Ledo Engano!

**MARIA AMOR** - Mas simples ledo engano, brilho falso que não me tenta.

**INVÍDIA** - Que dizeis? Com ele me partiria eu agora mesmo para essas terras donde veio, claras terras onde o destino não maltrata como a nós, como a nós...

**MARIA AMOR** - Assim blasfemas! contra isto que é nosso, onde nascemos e nossos pais e avós se consumiram tal como nós em lutas infundáveis contra a sombra da morte e o desespero e o pão avaro? Eles jamais disseram essa dura palavra que te atreves tu, Invidia quem és? A pronunciar! Não trocarei esta miséria e dor pelo mais claro *(e falso!)* céu estranho. Aqui, para morrer, eu fui gerada aqui quero morrer...

**CORO DA MORTE** - A morte apenas terás enquanto te embalar esse sonho de queres amar até ao fim a terra ingrata que não te viu nascer, pois mãe alguma neste abandono os filhos lançaria. Mas, se persistes em amá-la, pois a tal loucura atada assim te sentes é de morte teu signo. E em nosso rio de morte boiará teu corpo inútil preso ao amor de quem não sabe amar-te. Qual decepada flor, rosa ferida, tu, a quem tantas graças foram dadas pela mão da suprema Natureza.

Tu, a de quem dizer-se poderia que foram fadas as madrinhas, pois tanta beleza apenas poderosas coisas supremas a concederiam, já que persistes, viveráss bem pouco vendo. por esses olhos belos, toda a desgraça em teu povo se abatendo! Apenas morte...

Ouviste, ouviste, ouviste? Dize-me: que te prende ainda a esta nossa vida vazia e miserável quando tudo maior se te oferece por mão de Ledo Engano?

Pois que assim tais vozes me ameaçam, fica certa de que não ouvem meus ouvidos loucas promessas nem temores. Tenho forte o coração curtido de sofrer e aqui é meu destino pois não troco a vida honesta de meus pais herdada por brocados e rendas mentirosas.

**CORO DAS PRAGAS** - Mentirosas? Em breve assistirás teu povo como ave malferida cair varado pela dor, extinto para sempre. Pragmas sem nome lhe virão mortais e feias o seu corpo, coberto de feridas, seus rebanhos marítimos cessados, estéril sua terra, estéreis os ventres onde a vida se conserva!

Tamanha dor lhe levará os cantos e as palavras e os gestos, como planta cuja raiz em vão procura a seiva no chão amaldiçoado. Assim os seus filhos mais fortes se perdendo verá teu povo pelo encantamento do senhor Touro jamais lacrado. Onde a donzela que satisfazer consiga a impaciência secular?

Vemos correr os tempos corrompidos e as vontades e o coração. Tu, verás morte e miséria se espalhando, que podes tu, ó coisa miserável? Que se ao menos em gesto de defesa colhesses vida prodiga ofertada, mas... louca e desvairada...

**INVÍDIA** - Ouviste, ouviste?

**MARIA AMOR** - Maior amor me prende à minha gente e aquele que, em segredo apenas, posso amar de puro amor não consentido. Inútil; não me assusta a maldição e, se meu povo morre, pois que morra com ele o coração que lhe pertence.

**MARIA DA PRAIA** - Assim vos vejo perturbadas?

**AMBAS** - Sim, pois acabamos de saber verdades que melhor nos seria não sabê-las.

**MARIA DA PRAIA** - Que me dizeis?

**AMBAS** - São de pragmas e morte as vozes que acabamos de escutar.

**MARIA DA PRAIA** - Ingênuas, pois assim vos entregais aos cantos enganosos do inimigo? Sabei que a hora vem chegando quando será liberta nossa raça das misérias que a oprimem. Encontrada já foi pelo destino aquela Rosa, filha do nosso povo, flor puríssima pela qual nos veremos libertados do encantamento e maldição do Touro!

Veremos uma nova madrugada e será nossa a alegria. A dor para sempre afastada. E cantaremos cantigas quando o mar sempre sereno e farto, para nós for um amigo. Já vem chegando a hora misteriosa...

**CORO DAS PROMESSAS** - Quando afinal conquistadas alegrias prometidas vos serão oferecidas claras rosas de milagre! NÓS as promessas cumpridas no tempo que nos

aguarda, pelas mãos da Virgem pura mais alva que a madrugada vos daremos a pureza da manhã! imaculada! Cessará a vida antiga...

*(aparece o touro e vai se diluindo com o cântico do coro)*

Oh touro, que acorrentavas as forças claras do mundo e assim, feroz, te vingavas de teu destino obscuro. Teu poder verás desfeito, a outro poder sujeito e a vida, desencantada, fará fecunda e clara em teu sorriso perfeito.

**MÃE DA PRAIA** – Escutai e contai ao povo antes maravilhas que vedes proclamadas pois eu, que já sou velha, não me aceitam as verdades ocultas, protestando que fruto são da idade...

*(as luzes vão se acendendo até formaram um claro súbito de arco-íris)*

Eis que amanhece, o mundo e nós no mundo amanhecemos!

*(2ª Cena - O cenário dividido: interior de casa pobre, porta de saída e rua. Anoitece)*

**VELHO BENTO** - Depois que tanta vida fui vivendo e vida honrada, desde pequenino, acostumado pelos bons caminhos e longe da mentira, engano, falsas palavras, ilusões vazias, falso o coração. Depois que assim vivi, já quando sinto um peso me chamando o rude corpo para seu descanso junto da terra em que gerado foi; depois que longos anos vou sofrendo a dor de tua ausência que resiste ao caminhar do tempo que costuma não perdoar as afeições mais temas; depois que vi a dor como alimento diário em nossas vidas repartido; depois de assim viver: a face erguida sem receio de ter de envergonhar-me de alguma falta, antes porém sentindo nos meus cabelos brancos bem escrita a clara sorte de uma vida honrada; hoje, quando mais nada ou pouco espero, e, sem ambições lanço minha rede para colher as dádivas do mar, eis que, Destino, por que assim me feres?

A fronte baixo vergonhosamente pois minha filha, amada filha, a que gerei e me custou cuidados e alegrias me deu e como as flores vi crescer e sonhei de altos destinos tocada, agora vejo: para sempre ferida de terrível maldição. Onde seu corpo virgem? Onde aquela sua graça? Seu riso, sua voz? Cantando nas manhãs? Onde o carinho de que me rodeava? Todos foram na torpe entrega de seu corpo, carne de minha carne maculada. Antes melhor me fora não vivesse tanto que tempo houvesse de sujar meu nome.

**ROSAFALSA** - Ouviste? É nosso pai que amaldiçoa a filha que pecou em sua carne. Que farei, que farei?

**MARIA AMOR** - Pede perdão.

**ROSAFALSA** - Não posso que me fogem as palavras e me falta a coragem de dizer lhe: Pai, pequei contra ti e contra Deus!

**MARIA AMOR** - Te ajudarei se disso precisarem. *(entram)*

**AMBAS** - Meu pai!

**VELHO BENTO** - Qual de vós já não é digna de ficar ante mim? *(silêncio)*

Não respondereis! Qual de entre vós não mais é minha filha pois não mais reconheço nela o sangue honrado que nas veias me circula?

*(silêncio)*

Foste tu, Rosa, Vejo no teu rosto sinais de quem se culpa e não acusa o mal que cometeu. Tu, a que amava sobre todas as coisas deste mundo assim me abandonaste, assim traíste teu pai? Como pudeste tu, ingrata esquecer não conselhos, mas exemplo que estranhos reconhecem e respeitam. Por que não falas, por que assim te acusas?

**ROSAFALSA** - Meu pai...

**MARIA AMOR** - Não, não foi ela, a maldição deve cair em mim, a que pequei a que sequer merece teu perdão. Fui eu quem te traiu, fui eu aquela pior das filhas que, esquecendo tudo, manchou o sangue honrado donde veio.

**VELHO BENTO** - Maria, até mentira me parece ou sonho mau, que, já no fim da vida, estas mãos que jamais amaldiçoaram o tenham de fazer e contra ti!

Cruel Destino que a ninguém perdoas e que nada detém, assim castigas mais ainda este velho como se não o tivesse a vida castigado!

Mas tu que assim pecaste, não és mais carne de minha carne. Por te amar não te amaldiçoarei, como mereces, mas vai, deixa este lar honrado e nunca ante meus olhos voltas pois que ver-te e mais do que morrer, pois é vergonha e desonra me fere mais que morte. Aqui a sombra de tua mãe vive ainda e viverá. Se não respeitas os vivos, que dos mortos o sagrado temor ao menos sintas. Vai! Não manches o nome imaculado da que é morta e sofreu para dar-te vida a ti que, infeliz, sequer a mereceste.

*(Maria Amor sai. Rosafalsa chora)*

Assim os justos castigados vejo enquanto folgam os impiedosos! *(do lado de fora cerrando lentamente a porta)*

**MARIA AMOR** - Só tu, Senhor, sabes das injustiças a que vivemos nós sempre sujeitos. Eu, que inocente estou, me vejo expulsa do lar que tanto amei, para salvar quem tal castigo merecera. Vejo que para o sacrifício fui nascida e se esta é minha sina, que se cumpra!

Adeus, meu pai, que meu castigo limpe tua vergonha. Que de novo possas horas felizes ter junto daquela que sempre, injustamente, preferiste. e para grandes coisas desejas. Maior dor sentirias se souberam a verdade; que possa oferecer-te ainda mais esta prova meu amor. Adeus.

*(no interior da casa)*

Assim me foi roubada a filha!

### ATO III - O SACRIFÍCIO

*(1ª Cena — Terceiro de danças ao anoitecer. As coisas tomando um ar trágico e misterioso.*

*Gênios do mal: vozes masculinas; gênios do bem: femininas)*

**INVÍDIA** - Assim a vida é dividida: alguns poucos gozando o que é melhor da vida e outros como cães roendo os ossos! *(em eco)*

**GÊNIOS DO MAL** - Cães roendo os ossos! Os ossos!

**INVÍDIA** - Eu as vejo de amor recompensadas e a mim me cabe apenas o desprezo.

**GÊNIOS DO MAL** - ...desprezo!

**INVÍDIA** - E sou igual a todas, minhas mãos cortadas de trabalho. Igual destino o de miséria. Mas todas possuem quem lhes anime o coração. Só eu não encontro palavras que me animem, nem carinho. Destino, assim divides tão mal as alegrias e venturas!?

**INVÍDIA** - tens na mão o que precisas para Vingares tua sina: os poderes ocultos te darão o que a vida te nega. Recorre a eles e terás O que procuras.

**GÊNIOS DO BEM** - Não, Invidia, não ouças essas promessas falsas. Pois contra teus irmãos ousas ser desleal? Não, Invidia, o destino não se vence com esse mau desejo. Não ouças os génios maus...

**GÊNIOS DO MAL** - Invidia, a tua salvação só nós oferecemos. Sempre fizeste o bem infeliz, pois recorre aos poderes ocultos. Terás o teu amado depois que castigado ele for...

**INVÍDIA** - É meu e todas querem a quem amo. Eu vi como falava a Rosamonde e de amor só podia ser por certo. Mas ele é meu e não será de quem não vejo porque possa merecê-lo. Antes morto eu o quero do que entregue a carícias e beijos dessas outras. Também tenho beleza a oferecer-lhe e amor, tudo que pode uma mulher lhe darei que ele é meu: não dessas todas.

**GÊNIOS DO MAL** – Ele é teu apenas e deves prendê-lo a ti ou destruí-lo se não souber amar-te. E só merecem ódio as que roubar procuram o que é teu: Malamado.

**GÊNIOS DO BEM** – Invidia, Invidia, sabes o mal que te preparas? E contra ti ó louca que os castigos virão.

**INVÍDIA** - Eis que ele vem! Aquele que possui o poder das obscuras, misteriosas, sombrias coisas. Dono das ocultas encantações. (*dirigindo-se ao feiticeiro*)

Senhor, senhor ouvi-me!

**FEITICEIRO** - O que me pedes tu?

**INVÍDIA** - Que me socorras num mal de amor que é quase sem remédio.

**FEITICEIRO** - Onde está o que fuja ao meu poder se com os santos tenho intimidade e as coisas me obedecem mansamente como cães a seu dono? Se me pedes que em mal de amor te ajude eu o farei para que não duvides dos maiores mistérios de Oxalá. Fala!

**INVÍDIA** - Senhor, Malamado, a quem amo, não escuta a voz do coração que nunca cessa de chamá-lo. sem paz e sem sossego enquanto não puder. chamá-lo seu. Só vós com vossa força e vossa reza podeis trazê-lo a mim e separá-lo daquelas que tomaram meu amor.

**FEITICEIRO** - Mulher eu sei a dor que causam essas amarguras de amor. Tenho vivida longa vida e meus olhos já gravaram os seus mistérios. Muitos são os casos como o teu, parecendo sem remédio, por mim remediados. Se confiares nos santos como deves, te darei o que pedes.

**INVÍDIA** - Senhor, disse-me como?

**FEITICEIRO** - Sobre ele abater-se-ão tais desavenças, seu corpo sofrerá tão grandes dores, sua alma será tão perseguida, que por fim há de ver o que não vê e teu será sem dúvida.

**INVÍDIA** - Mas quando essa alegria me virá? A espera já tem meu coração desesperado.

**FEITICEIRO** – Será na sexta-feira, em que profecias estão as coisas para tais milagres, quando sobem ao céu as nossas rezas. Pouco tempo será até que teu apenas ele seja. Confia.

**INVÍDIA** - Por fim terei o amado que desejo!

**GÊNIOS DO BEM** - Infeliz, infeliz, de ti! A cólera dos deuses sobre ti virá e o mal que desejaste sobre ti se abaterá e soltarás gemidos de dor e de tristeza, ó infeliz, que assim o inferno desafias. Pobre de ti, ó cega que nem vêes que, por mal, nunca o bem foi conseguido.

**INVÍDIA** - Será só meu! Só meu! Só meu! Só meu!

(2ª Cena — Ainda no terceiro. Noite fechada. Alguns fachos ardendo e criando sombras misteriosas. Quando os dançadores saem fica apenas um facho tombado no chão. Quase

*obscuridade, efetua-se a dança misteriosa)*

*(subitamente)*

**INVÍDIA** – Parai! Parai! que é morta, que ela é morta! e sua vida eu destruí! Parai! Louca fui, só agora vejo claro o erro cometido, mas é tarde e já a maldição sobre mim desce e a cólera do deus! Se minha sina era não ter amor, melhor me fora aceitar o destino do que ver-me em tal miséria súbita lançada.

*(os dançadores vão deixando a cena)*

Tu, que morreste por salvá-lo, embora piedade de ninguém eu já mereça, tem piedade de mim se tal puderem, que só tu a terás. Ó má inveja que em má hora minha alma povoaste de sombrios desígnios, pois sequer ante os imerecidos sofrimentos do amado me detive. E não amava pois quem ama se entrega a suas lágrimas e rasga sua alma em desespero para que o amado tenha segurança e vida livre e coração tranquilo. Inveja me lançou por maus caminhos e, sem saída, neles estou presa. Pois a matei, meu deus! e merecia, ela sim, puro amor e tantos graças que só vós poderíeis conceder-lhes.

A ninguém pedirei que me perdoe o crime sem perdão que hei cometido. Fugirei, fugirei por esse mundo até que minha dor seja tão grande que de novo mulher possa chamar-me e levantar do chão os olhos, que hoje presos ao chão se encontram de vergonha.

Maldita a hora, mãe, em que nascida fui de ti pois melhor me fora que nunca existisse a ver-me como vejo em tais extremos de miséria posta que, animal repelente, apenas devo esperar que desgraças e abandono, desprezo, maldições sobre mim caiam sem defesa que possa comover os desígnios sagrados do Destino.

Antes morta, antes morta que vivendo neste suplício, neste inferno vivo que me queima as entranhas. Infeliz de quem contra o Destino se levanta! Se errar é de quem vivo, minha vida às demais sobrepõe-se pois não creio que haja no mundo quem igual a mim seja em desgraça. Eis que só me resta ir suportando a dor e sem queixar-me e males que me venham merecidos. Senhor, Senhor!

*(apenas uma sombra)*

**O DESTINO** - Mulher, que nada eu posso fazer por ti. Me chamam de destino, mas só existo em vosso pensamento. Vós mesmos me criais à vossa imagem: incerto, injusto, duvidoso, vário e mal distribuindo aqueles males criados pelos homens. Pois que posso?

Antigo vício é esse, de quem erra, e a deuses os seus erros atribui como se deuses venham misturar-se com esta humana imperfeição que fere seus minuciosos olhos sem defeito. Povo dos homens, como te amesquinhas com esse gesto vão de desculpar-te das culpas que te ferem de remorsos!

Cada um tem aquilo que merece e a justiça demora, mas vem sempre para quem esperá-la sabe. Tu, mulher que desejaste sem limite e nada te deteve pois querias avaramente para ti tesouros que são de quem tiver de merecê-los; tu, infeliz, que poderei eu dar-te?

A vida te virá que mereceres e não por loucas ambições fatais.

Mulher, mulher, assim te condenaste, tu mesma lutarás para salvar-te das cóleras e pragas que te espreitam. *(desaparece a sombra)*

**AS CÓLERAS** - Ah! Ah! Ah! Ah! Tu, miserável! Filha dos negros e obscuros pensamentos do mal, agora és nossa. Quem te livra das cóleras a que és acorrentada?

Teus dias contarás pelas desgraças, teu pão terá um gosto de veneno. Ah! Ah! Ah! Ah! Tu, miserável...

**O LOUCO** - Invidia eu sei, eu sei a dor de que padeces. Eu vi quando tramaste a perdição para ti mesma e vi que ela, cordeiro de doçura levado ao matadouro, nas águas lentamente se perdia. Pobre de ti!, quem pode perdoar-te se maior cólera e miséria chamas sobre teu povo Invidia.

**INVÍDIA** - Fugirei, fugirei! Sofrerei longe dos meus aqueles males que só eu mereço.

**O LOUCO** - Não, não te vás! Já vem chegando o tempo em que acontecerão misteriosos milagres quando a rosa deste mundo matar o encantamento e, já cessada a cólera do Touro, enfim vejamos a clara madrugada. Espera o tempo, que já é próximo, quando a clara Virgem nos salvará a todos: Rosamonde!

**INVÍDIA** - Rosa do Mundo, salva-me senhora!

*(3ª Cena — Novamente na praia como no primeiro ato. Anoitecer. Efeito de luz do pôr de sol. O sacrifício)*

**ROSAMONDE** - Não chores! Porque choras?

**ROSAFALSA** - Se soubesse...Sou a mais infeliz das criaturas... Pobre de mim! Pobre de mim! Perdida estou e de mal que é sem remédio. Matei a minha irmã...

**ROSAMONDE** - Como mataste?! Pois sabem todos que morreu no mar: e se matou de amor...

**ROSAFALSA** - Não foi seu corpo, mas sua alma, essa eu matei!

**ROSAMONDE** - Oh louca! que dizes?

**ROSAFALSA** - A verdade apenas digo. Era eu quem castigo merecia, a que ofendi meu pai, porém coragem me faltou para lhe dizer a falta e lhe pedir perdão. Maria Amor sobre si recolheu a minha culpa para morrer de mágoa e sofrimento coberta de injustiça e eu,

sem coragem de confessar minha desgraça.

**ROSAMONDE** - Posso crer no que dizes? como permitiste que tamanha injustiça se cumprisse contra Maria Amor, como pudeste em silêncio sofrer que se acusasse quem estava inocente?

**ROSAFALSA** - Sei, amiga, que mais nada mereço; tudo quanto havia em mim, perdido está. nunca conseguirei perdão. Segui as falsas e lisonjeiras falas e perdida por ele fui, mas sem deixar de amá-lo. Ofendi quem honrado sempre fora e traí o seu amor: pobre meu pai que tanta desventura por mim teve.

**ROSAMONDE** - Porque ouviste, insensata, as enganosas palavras de estrangeiro, em nossa terra, que sequer conhecias?

**ROSAFALSA** - Me tentaram suas promessas de mais bela vida, cansada desta sina desgraçada que vem de avós e pais e jamais cessa de ferir nossa vida.

**ROSAMONDE** - Assim esqueces o sofrimento de teu povo e sua nunca morta coragem? Assim trais teu povo a quem deveras tudo dar pois preso a ele estás: a suas glórias e alegrias e dores e esperanças? Não sentes que pertences a esta raça de deserdados, mas jamais vencidos?

**ROSAFALSA** - Eu sei, bem sei: meu mal não tem remédio pois sou a mais indigna das mulheres. Vou partir, que meu povo não mereço e riem quero atrair sobre ele mais desgraça do que sofre. Se castigo alguém tem de sofrer, seja eu apenas quem sofra pelo mal de meus pecados. Irei correr no mundo minha sina que já prevejo semeada de dores e de castigos merecidos.

Oh Ledo Engano, por te amar e crer em quanta coisa falsa me dizias assim me vejo reduzida a esta amargura final. Fique o exemplo àqueles que se fiam de promessas...

Adeus, amiga, tu que assim mereces por esse coração imaculado fica-te com os teus, que meus não são pois os perdi e, abandonada parto.

**ROSAMONDE** - E teu pai? Deixarás que no seu peito fique a dor de perder-te misturada com o sentimento da perdida filha, Maria Amor, a que não merecia a injustiça sofrida?

**ROSAFALSA** - A ele irei confessar o que fiz; pois mais não posso, que ao menos redimida na memória a imagem da irmã oferecida por mim em sacrifício fique pura tanto quanto merece. Adeus! Adeus... *(parte Rosafalsa)*

**ROSAMONDE** - Adeus, melhores dias tu encontres. *(ajoelhada)*

Senhor, senhor a compaixão vos mova e não justiça e cólera. Coitada da que nas vossas mãos não piedade, mas rigor encontrar. Misericórdia para ela vos peço. Que seu erro foi grande, mas sofreu. E será mãe! Pelo menos, senhor, esse menino, gerado na desgraça, vos

comova...

**O LOUCO** - Choras? Rezas?

**ROSAMONDE** - Pedia por aquela que o destino feriu tão fortemente que perdeu lar e pátria...

**O LOUCO** - Rosa falsa que o vento da desgraça desfolhou e era bela e por muitos tida como a que nos salvaria! Assim enganam as vaidades do mundo: aquele amigo que tu consideravas verdadeiro espera apenas a hora desgraçada para insultar-te; aquele que, pensavas, sobre todos se erguia, rocha forte isento de qualquer defeito humano, vês amanhã que os vermes da luxúria o devoravam; a mulher amada por quem até a vida entregarias a outros dá seu corpo... Assim a vida nossa vem sendo e sempre foi. Quem pode na humanidade confiar? De louco me chamam porque digo apenas duras realidades verdadeiras.

Conheço o mundo, Rosamonde, e amargas coisas eu tenho visto, mas agora meus olhos estão frios, por que vejo eu ainda? Que nunca, porém vira tão sublime milagre neste mundo e muito tenho andado, muito visto misérias assombrosas, alegrias de o coração pararem! porém nunca um caso assim de amor e sacrifício. Eu a vi, eu a vi como cordeiro que balando é levado ao matadouro eu a vi que marchava ao sacrifício se perdendo nas ondas para que o amado fosse salvo das horrendas citadas que lhe foram preparadas. Ela soube que estavam celebrando rezas negras e foi, como Cordeiro levado ao matadouro, oferecer-se para que os deuses nela lacrados poupassem o que amava, Malamado.

**ROSAMONDE** - Malamado dizeis? Pois tal assombro entre nós foi passado?

**O LOUCO** - Sim, aqui neste cabo-de-mundo, vim achar, eu, que por tantas terras viajei e viva vida vi, este maior milagre este portento! Maria Amor chamava-se essa mulher suprema que, de amor, se imolou!

**ROSAMONDE** - Pois Maria Amor?!

**O LOUCO** - Sim, ela a que o Pai maldissera e deserdera de seu amor! Ó confusão do mundo que assim maltratas! O segredo oculto das coisas e dos homens: cada um diverso do que mostra sua imagem!

Meu povo, tu, que tal filha tiveste para maiores signos és fadado! Agora vejo como és grande, terra onde nasci e vejo os sinais claros da madrugada há tanto prometida. E não o mar, o mundo, Rosamonde eu vejo na esperança do Mistério.

**ROSAMONDE** - Mistério!?

**O LOUCO** - ...que vem ressuscitar-nos.

## ATO IV - ANUNCIAÇÃO

*(Ainda na praia. Antemanhã. Amanhece lentamente até uma luz viva e deslumbrante.  
Tirar o máximo efeito da luz do arco-/ris da cena final, dar um toque sobrenatural)*

### 1ª Cena

**O ESTRANHO** - Alva praia dos lençóis, silêncio da madrugada, espuma de mar e lenda e atitude inesperada, corpo de mulher despida: despida de desejada. Em clara manha te vejo de súbito embandeirada de sol e de velas brancas e sinfonia das águas, roçada por asas negras de gaivotas desvairadas. Praia de súbito medo, misteriosa e sagrada! Face de cigana antiga, palma da mão desvendada, som dos ventos incontidos rugindo à noite assustada.

Alva praia longa e densa ferida de agoiro e medo, lençol onde a noiva espera o noivado de segredo em noites densas e longas feitas de sal e mistério.

Em ti os rostos se fecham e os olhos, pássaros tontos, fogem das ondas noturnas onde o segredo jaz torvo: sinal das ondas raivando, troar soturno de touro!

Ai do olhar incontido que se demora surpreso na estrela que entre pontas guarda poderes de inferno e cintila sobre as ondas seu duro poder supremo!

O touro Sebastião refugiado no mar, mágico da morte isento dono da praia exemplar, amargo senhor imerso na forma a desencantar.

Touro sagrado na testa por alva estrela sagrada. Que madrugada suprema te tocará a intocada carne ferida sem toque de morte de fria espada?

Ó rei desaparecido na derrota imerecida, claro senhor protegido das frias fadas da vida, que morte, sem ter morrido, vos matou naquele dia?

Sei que, sendo ainda rei, o és de reino diverso, tão amplo como teu sonho que não chegou a ser reino, touro do mar sem limite no encantamento sem termo!

Sem termo até quando claro poder de carne sagrada de virgem, pelo destino a desencantar fadada, beijar a estrela, entre cornos, de encantamento marcada.

Mas, onde tal virgindade em came de virgem alva que o destino acumulasse de tais poderes na alma que, beijando-o, despertasse o príncipe rei da praia?

Pois se pretensa donzela sem a pureza bastante tentar romper o mistério do touro senhor infante será convertida em pedra de contorno degradante.

Que olhar, ainda o de velho marinheiro às águas feito e dado, como se fora delas o filho perfeito, ousou demorar na estrela seu duro olhar verdadeiro?

Qual, que não fosse ferido por invisível espada e, pelo gesto incontido tão rudemente pagara que à beira do mar perdido se achara e ninguém o achara.

Seu corpo que mal olhara jamais olhado seria. Incógnito se afundara na obscura maresia e para sempre se fora com a maré que partia.

Ninguém sabe qual a hora do touro desencantar, apenas se ouve que chora nos vastos campos do mar e chama a virgem senhora que será para o amar.

Talvez nem ela conheça o mistério a que se prende: mas por ser tão preciosa bem o destino a defende até quando escute ela o touro geme.

Tempo será quando em dia flutuando sobre as águas came nua e fria de menina bem-fadada irá ser oferecida com os poderes que guarda

Tocada a came do touro no prodígio de seus dedos tombarão ao ser beijados os poderosos segredos com sonoro Som amargo de vento, mar e mistério o touro virá dás águas claro príncipe supremo. *(para considerando algum tempo)*

Assim grandes verdades descobertas sempre viveram em misteriosas imagens belas nunca destruídas. *(como acordamos do alheamento)*

Vós que passais!

**ROSAMONDE** - Chamavas-me senhor?

**O ESTRANHO** - Sim, te chamava, bela criatura; teu nome?

**ROSAMONDE** - Rosamonde.

**O ESTRANHO** - Rosamonde, um belo nome é esse minha filha. Rosa do mundo sejas. Mas, pergunto: é longe o povo?

**ROSAMONDE** - Não, pouca distância: em passo firme dez ave-marias.

**O ESTRANHO** - E vós o que aqui fazeis, bela menina a estas horas, só, nesta deserta praia?

**ROSAMONDE** - Rezo pela que é morta Maria Amor que se perdeu nas águas.

**O ESTRANHO** - Esse o destino é de pescadores!

**ROSAMONDE** - E vós, quem sois?

**O ESTRANHO** - Meu nome nem eu sei de tantos que me deram pelo mundo: uns filho me chamaram, outros pai, outros irmão e muitos inimigo.

**ROSAMONDE** - De onde sois vindo?

**O ESTRANHO** - De correr o mundo.

**ROSAMONDE** - Onde nascido?

**O ESTRANHO** - Em vossos corações. Em nossos corações? Misterioso é tudo o que dizeis. Mas se vos vejo...

**O ESTRANHO** - Talvez eu seja apenas mensageiro de alguém desconhecido, um sentimento puro, enviado na desesperação ou na próxima hora de esperanças. Talvez eu nem exista e seja apenas uma sombra passando pela vida.

**ROSAMONDE** - E a que viestes?

**O ESTRANHO** - Anunciar o tempo das maravilhas tão anunciadas e em vossos corações sempre guardadas sem desânimo em horas as mais tristes. Ainda não chegou o prometido reino que nascerá ao ser quebrado pela intata virgem prometida o encanto do Touro; mas vem vindo a manhã de ventura e segurança longamente esperada. Quando os homens despindo o coração da vã cobiça e as mãos de gestos enganosos, mortas para sempre as palavras venenosas, a inveja mortal e o ódio verde; quando banhada de fecundas águas a terra se vestir de leite e mel e os rebanhos forem multiplicados e cheias a romper as vossas redes!

**ROSAMONDE** - Senhor, vejo que sois homem sincero e não mentis, mas tais palavras vossas me comovem e deixam perturbada.

**O ESTRANHO** - Em verdade te digo que dos simples e amargurados são os novos dias que agora te anuncio.

**ROSAMONDE** - Mas, senhor, agora quando o povo é perturbado por dolorosos acontecimentos e o mar ingrato e os dias de castigo parecem se abater sobre meu povo, agora me dizeis que são chegados os prometidos tempos!

**O ESTRANHO** - Pois não sabes que a tempestade vem antes do claro céu onde o arco-íris se desenha, e as dores da mulher lhe vêm antes da alegria do filho: assim o tempo de graça e de fartura é precedido e preparado pelas mais extremas horas do desamparo. Quando o povo está maduro pelo sofrimento se não perdeu a confiança nas promessas em seu peito conservadas então, purificado, ele está próximo a receber aquilo em que confia.

*(o Louco que ouvia tudo escondido, aproxima-se)*

**O LOUCO** - Não vejo o mar e vejo o mundo. Vejo as cores que terá a madrugada e vejo, Rosamonde, em tuas mãos o poder de salvar-nos...

**ROSAMONDE** - Pois estavas ouvindo o que falávamos?

**O LOUCO** - Não vejo o mar, o mundo vejo por fim salvo desta miséria que corrói e mata.

**ROSAMONDE** - Mas quem sou eu para que tais milagres por minhas pobres mãos vos aconteçam?

**O ESTRANHO** - Rosamonde, tu és a que sonhada sempre esteve nos corações mais puros por isso te cercaram de pureza nossos desejos. Para além do corpo que vemos, nós sentimos o oculto teu ser nascido em nós os que sofremos carne viva do mundo. E tu resumos o que é melhor em todos nós, por isso Rosa do mundo te chamamos, bela menina que de amor foi concebida e gerada na dor e esperança!

**ROSAMONDE** - Mas, senhor, tantas houve mais perfeitas do que eu e nenhuma teve forças para vencer o Touro que da morte por seu poder chamamos!

**O ESTRANHO** - Rosamonde as terras só se cobrem de seus frutos quando é chegado o tempo. Não te assuste esse touro da morte. Tua força não é apenas tua mas de todos os que esperam a redenção. Os homens sempre amaram falar-se por parábolas assim o bem que os fados lhe roubaram e dorme envolto pelo Mal chamaram de Touro e o colocarem sob as ondas desta perdida praia.

**O LOUCO** - Não o mar, o mundo eu vejo!

**O ESTRANHO** - Sigo meu caminho e vou anunciar ao povo esta próxima clara madrugada.

**ROSAMONDE** - Pois assim quis o destino, que se cumpra em mim vossa palavra.

**O LOUCO** - Salve, Rosa do Mundo que nos Salvas!

*2ª Cena*

*(Ainda na praia. Rosamonde olha o nascimento da manhã. O louco está maravilhado).*

**MÃE DA PRAIA** - *(chegando)* Enfim, Senhor, meus olhos se edificam ante a contemplação dos vossos dias! Já no leite materno me foi dada a sina do mistério prometido; minha mãe me embalou como se fora eu a que os fados tinham destinada para a consumação da profecia. Hoje meus olhos, já cansados, veem afinal que se cumpre a prometida maravilha.

Ó touro sem limites que, há séculos, na dor do encantamento sobre nós desatavas furioso a cólera dos ventos e das águas, tua hora de amor já vem chegando e com ela virá a merecida alegria de um povo que, perdido em dores e misérias e desgraças numa jamais logrou gozar sossego ou paz. Bendita sejas esperança que sempre os corações fortificavas por entre o horror dos dias desolados!

Bendito sejas tu meu povo amado que tamanha alegria, merecida tens pois os deuses sempre se recusar a dar o que não seja merecido. Sei que não serão meus esses futuros tempos, este corpo, já cansado contados tem seus dias; porém minha é a alegria de que

deus me desse vida para saber próximo o tempo que tanto desejei. Meu coração não sei se mereceras esta graça de ver as cores do milagre vindo na cor da madrugada!

*(amanhece mais nitidamente)*

**CORO DA ALEGRIA** – Ó prometidos tempos amados feitos da cor da manhã clara! Corpo de lírios e deslumbrados campos de trigo! Rumor das águas dos novos rios da madrugada!

*(vem chegando todo o povo)*

**TODOS** - Ele nos disse que a hora é chegada e vemos que amanhece!

**MÃE DA PRAIA** - Ó tempo, ó tempo...Eis-me junto de ti que me chamavas. Eis que chegado sou e inumeráveis caminhos percorri. Vede a poeira nas sandálias, a face envelhecida, o vulto castigado de intempéries!

Doem meus olhos pelo mundo que tenho visto rodar, há quantos séculos! Em mim, nesse meu corpo que é sem corno e está além das formas transitórias, se acolheram as ondas desse mar de marés vivas que é a vida humana.

**O LOUCO** - Não vejo o mar e vejo o mundo. Vejo...

**O TEMPO** - E doem estes olhos pelo muito de sofrimento e angústia e desespero que fere a raça humana. Tenho visto tanta esperança transformada em morte, a justiça vestida de injustiça, o bem sempre vencido e subjugado! Mas hoje sou chegado para vós os simples e de puro coração, onde a vida resiste, os que jamais perderam confiança no sonhado mundo. E venho anunciar-vos que amanhece e, maduro, tomba o fruto em nossa mão: à luz da profecia!

**CORO DA ALEGRIA** - Bem esperada manhã da vida em muitas lágrimas gerada e merecida, Rosa do mundo e da alegria sorriso puro que se anuncia! Clara manha oferecida de amor e graça e harmonia.

*(Todos estão deslumbrados. As luzes do dia aumentam. Até ao final quando o arco-íris deslumbra)*

**TODOS** - Rosa do Mundo que nos salvas! *(com intensidade)*

**CORO DA ALEGRIA** - Águas do mundo, levantai-vos e chorar de alegria!

Ventos do mundo, cantai vossa alegria!

Fogo do mundo, ergue tua chama de alegria! Terra oferece ao homem teus frutos de alegrias, que esta é a hora sagrada.

**O TEMPO** - Vede, já nasce a madrugada viva! Ide ver o mistério prometido.

**TODOS** - Caminhamos ao encontro do milagre!

*(O coro da alegria continua ouvindo-se em surdina durante estes diálogos. Inicia-se a marcha em ritmo sagrado)*

**CAI O PANO.**



**ABRAÃO E SARA (1968)**

JOÃO MOHANA

# ABRAÃO E SARA

1968

## JOÃO MOHANA

### PERSONAGENS

**ABRAÃO**, aos 50 anos de idade, segundo o calendário hodierno.

**SARA**, aos 45 anos.

**AGAR**, aos 23 anos.

**ISMAEL**, aos 8 anos.

**ISAC**, aos 5 anos.

**RAQUEL**, aos 20 anos.

**O PRIMEIRO HOMEM**, aos 30 anos.

**A PRIMEIRA MULHER**, aos 25 anos.

**O MESSIAS**, aos 33 anos.

**O TENTADOR.**

**DEUS.**

**CÔRO DOS SÉCULOS**, homens e mulheres.

### PRIMEIRO ATO

*(Dentro da noite alastra-se na direção dos quatro ventos do mundo um clamor quase inaudível, lentíssimo, exausto. Clamor coletivo, não individual. Voz da Humanidade de todos os séculos, em coro.)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - A - - - bra - - - ão - -

*(Silêncio e trevas. - Novamente o apelo, menos arrastado, mais nítido, pedindo resposta)*

A - - - bra - - - ão - -

(E logo depois, com a mesma angústia, insistente.)

Sa - - - ra - - -

*(Silêncio e trevas. – Só então o pano vai se abrindo, enquanto se ouve outro apelo)*

Pai --- A --- bra --- ão ---

*(Três planos de níveis diferentes, comunicando-se entre si por degraus ou rampas, tomam de conta de todo o palco. O Coro dos Séculos movimenta-se no plano superior e no plano médio, nunca ocupando o plano inferior, destinado aos personagens.)*

*(Abraão está de pé, calado, rígido como a mulher de seu sobrinho Lot, depois de ter olhado Sodoma. Longe dele crescem reflexos de uma dourada luminosidade.*

*O coro dos séculos solta o último apelo, desolado)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Pai --- A --- bra --- ão ---

**ABRAÃO** - *(Imóvel, sussurrante.) Por que me chamais de pai?*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Um sorriso de encontro, no rosto e na voz.) Pai Abraão...*

*(Abraão cai de novo em profundo mutismo, feições anuviadas. O coro insiste agora)*

Pai Abraão...

*(Abraão não reage. Silêncio de todos, de tudo. Então o coro dos séculos, possuído de um pavor generalizado, solta o mais vibrante clamor, tentando despedaçar a petrificação de Abraão.)*

Pai Abraão!

**ABRAÃO** - *(Dolorosamente calmo.)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(De novo sorrindo, as vozes transbordando de esperança) Ó Pai Abraão... Abraão. Por que me chamais de pai, se filhos não tenho, se pai não serei?*

**CÔRO DOS SÉCULOS**- Pai Abraão...

**ABRAÃO** - *(Revelando Progressivamente todo o seu drama.) Dizei-me de vez!*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Ainda não, ainda não, Pai Abraão.

**ABRAÃO** - Chamais me de pai...Não vos apiedais? Chamais me de pai, zombais desta dor?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Sorrindo, de felicidade)*

**ABRAÃO** - Que quereis afinal? Quereis gracejar, gozar meu opróbrio?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Não mais sorrindo, rindo francamente, transparecendo toda a esperança, entremeando, ritmadamente, risos e apelos.)*

Pai Abraão, nosso pai...

Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah...

Pai Abraão, nosso pai...

Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah...

**ABRAÃO** - Por que zombais? Por quê?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Não zombamos pai Abraão. Não zombamos, não zombamos.

**ABRAÃO** - Não zombais? Que fazeis?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - (*Profundo.*) Sorrimos da tua ignorância...

**ABRAÃO** - Da minha ignorância?

Mas quem sois, por favor?

Onde estais?

Quem sois vós que zombais?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - (*Num lamento arrastado, como se fosse terminar chorando.*)

Pobre Pai Abraão...

**ABRAÃO** - Sou isto mesmo; Isto mesmo. Mas quem sois? Quem sois, vozes ocultas?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - (*Com novo alento.*) Feliz Pai Abraão...

(*Rindo como antes.*)

Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah...

Feliz Pai Abraão...

**ABRAÃO** - Não quero vos ouvir!

Calai-vos, por favor.

Calai-vos, por piedade.

Por piedade!

Calai-vos, não sei quem sois.

Calai-vos que não sei, não sei o que pretendeis.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - (*Baixinho, como se receasse revelar o segredo a alguém além de Abraão.*) Somos teus filhos, Pai Abraão.

(*Abraão, confuso, escuta atento a estranha afirmativa.*)

Somos teus filhos na procissão dos séculos...

**ABRAÃO** - *(Quase irado, mas com dignidade.)* Sois demônios.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Somos teus filhos, Pai Abraão.

**ABRAÃO** - Sois demônios perseguidores.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Somos teus filhos, Pai Abraão.

**ABRAÃO** - Sois demônios, demônios desalmados.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Não, não somos demônios, Pai Abraão. Somos teus filhos.

**ABRAÃO** - Se pretendeis zombar de mim, perdeis vosso tempo. Demônios!

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Paciente)* Somos teus filhos, Pai Abraão.

**ABRAÃO** - *(Exaltado)* – Filhos meus não sois. Sois demônios. Demônios. Não filhos meus. Não sofreis comigo. Não sois meus filhos, – estais a rir da minha vergonha. Não sois meus filhos, – estais a fingir que chorais minha dor. Não sois meus filhos – bem sabeis que não tenho filhos. Sabeis que morrerei sem filhos, e estais a rir, vendo minha casa vazia. Estais a me chamar de pai, mofando do ventre vazio de minha mulher *(Implorando companhia.)* – Sara! Sara! Sara! *(Calmamente a luminosidade se espraia até o primeiro plano. E a Primeira Mulher sentada, emerge à flor da terra. Seminua, longos cabelos caindo às costas, sorri para Abraão)*

**A PRIMEIRA MULHER** - Não sou sara mas vim. *(Abraão volta-se, surpreso)* – A terra inteira escutou a tua dor.

**O PRIMEIRO HOMEM** - *(Aparecendo como a Primeira Mulher)* – Tua dor acordou nossa carne.

**ABRAÃO** - *(Extasiado, porém não feliz.)* – Quem sois? Quem sois vós?

**O PRIMEIRO HOMEM** - Somos aqueles que primeiro provaram a felicidade na terra.

**ABRAÃO** - Mas tu foste pais e tu foste mãe...

**O PRIMEIRO HOMEM** - A felicidade não consiste necessariamente em ter filhos.

**ABRAÃO** - Como? – Como pode ser feliz quem se vê casado entre casados, sendo estéril entre fecundos? Como pode ser feliz quem se sente homem entre homens, mas solitário entre acompanhados? Como pode ser feliz quem já se sente velho entre os velhos, vendo a hora de morrer chegar sem descendência?

**A PRIMEIRA MULHER** - Nós tivemos filhos, e nem todos foram uma benção. Nós vivemos acompanhados, e quantas vezes nos sentimos sozinhos...

**ABRAÃO** - Mas partistes deixando vossa posteridade!

**O PRIMEIRO HOMEM** - Pouco adianta. Pode-se partir infeliz deixando uma legião.

**ABRAÃO** - Não pareceis sinceros, falando assim.

**O PRIMEIRO HOMEM** - Ser feliz é não se sentir sozinho dentro de si.

**ABRAÃO** - Dizeis que viestes me consolar, e me amargurais. Já provei toda espécie de companhia e toda espécie de solidão. E continuo infeliz por que me falta provar a companhia de um filho. Continuo sozinho, sendo marido sem poder ser pai.

**A PRIMEIRA MULHER** - Fomos pais e não fomos felizes.

**ABRAÃO** - Então não tivestes tudo.

**O PRIMEIRO HOMEM** - Tivemos tudo.

**A PRIMEIRA MULHER** - Tudo.

**ABRAÃO** - Então não quisestes viver vossa vida como pai e mãe, como homem e mulher.

**A PRIMEIRA MULHER** - (*Amargurada, mas contida.*) – Adivinhaste.

**O PRIMEIRO HOMEM** - (*Aludindo a um mistério, sem o revelar.*) – Quisemos ser o impossível.

**ABRAÃO** - Eu quero ser o possível. (*Abatendo-se com a vitória da reflexão*) – Quero ser o que posso ser. (*Intuindo uma ilusão, incisivo*) – Trazeis-me a bênção de ser pai? Trazeis-me essa benção que tem me atormentado a vida, vós que sois os pais dos fecundos e dos estéreis? (*O Primeiro Homem e a Primeira Mulher silenciam. Abraão insiste.*) – Viestes trazer o remédio para esta maldição?

**O PRIMEIRO HOMEM** - Não soubemos ser felizes nem soubemos ser infelizes. Na terra, Abraão, é necessário saber ser feliz e infeliz.

**ABRAÃO** - Saberei ser infeliz, sendo pai. Dai-me a graça de ser pai.

**A PRIMEIRA MULHER** - (*Ninguém sabe se ingênua ou se irônica.*) – Não tens mulher?

**ABRAÃO** - Tenho. Tenho mulher. (*Romântico e torturado como amante prisioneiro.*) – É bela como a madrugada, fiel como o sol, acolhedora como a brisa, preciosa como a água. Por ela, passei vexames, sofri perseguição, humilhações. Por ela sou ainda capaz de tudo suportar, de tudo sofrer. Para ela eu entreguei minha vida. E está entregue até o fim. Para mim ela tem dado a luz de sua beleza e as lágrimas de sua esterilidade. Por ela e por mim tenho atravessado a vida a chorar porque este coração não aceita outro.

**O PRIMEIRO HOMEM** - (*Compreendendo.*) – Ela é única para ti.

**ABRAÃO** - *(Arrasado.)* – Ela é única.

**A PRIMEIRA MULHER** - *(Reflexiva.)* – Bela e estéril. Não conheci esta dor.

**ABRAÃO** - Não vos disse que desconheceis o tamanho de minha dor?

**A PRIMEIRA MULHER** - *(Reflexiva.)* – Bela e estéril para sempre...

**ABRAÃO** - *(Sem conter o pranto)* Não vos disse? Nada podeis resolver. Não podeis me ajudar.

**O PRIMEIRO HOMEM** - Sim. Podemos chorar contigo.

**ABRAÃO** - Podeis chorar, mas vossas lágrimas não são sementes. Não fecundarão o meu amor. *(Entendendo tais palavras, o Primeiro Homem e a Primeira Mulher retornam ao seio da terra, decepcionados com os soluços de Abraão.)* Chorarei sozinho *(nisto um sussurrante riso invade a cena, fundindo-se com o pranto de Abraão e crescendo até abafá-lo, é o Coro dos Séculos, agora inexplicavelmente agressivo, gargalhando como um tropel de feras que gargalhassem.)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Abraão... *(gargalhando.)* – Abraão... *(gargalhando.)* – Abraão, esquecido dos homens... *(Sempre gargalhando.)* – Esquecido dos homens... Esquecido dos homens... Esquecido... dos homens. Dos homens e de Deus. Esquecido dos homens e esquecido de Deus. Esquecido de Deus... Esquecido... de Deus. Esquecido de Deus! *(Avolumando-se sempre mais, ensurdecedor, asfixiante.)* – Esquecido. Esquecido. Esquecido. Esquecido de Deus... Pobre Abraão! *(Gargalhar satânico.)* – Pobre velho... *(Gargalhar ondulante e crespo, como um tufão sonoro em torno de Abraão, enquanto ele, em pranto, chama outra vez por Sara, aos gritos.)*

**ABRAÃO** - Sara! Sara! *(Como cão perdido.)* – Sara!

**SARA** - *(Chegando sobressaltada, dá ideia de ter deixado o leito)* – O que foi? Que fazes aqui? O que houve? Estas banhado de suro. O que aconteceu Abraão?

**ABRAÃO** - Um pesadelo. Um pesadelo demorado como séculos.

**SARA** - Pesadelo? *(Enxugando a testa de Abraão.)* – Pesadelo de quê?

**ABRAÃO** - *(Abraçando-a.)* Ó Sara.... Ó minha Sara, tu sabes... Tu sabes sobre o que pode ter sido... *(Sara continua a acaricia-lo. No rosto dela, porém, há uma sombria imobilidade)* – Sara, perdoa-me... *(Ela lhe retribui o beijo e levanta-se calada, como quem vai buscar a solução. Abraão, suspeitando, opõe-se.)* – Aonde vais? Que vai fazer? *(Enlaçando-a.)* – Não, não concordo, não quero. Já não te disse mil vezes que não quero. Nunca. Não me maltrates meu bem. Tira essa ideia do pensamento. Se queres me ajudar, não me prives de dar só a ti o meu amor. De nenhum modo concordo. De nenhum modo.

**SARA** - Se desejas me ver feliz, deixa-me fazer o que quero.

**ABRAÃO** - Tu não queres. Tu não queres, eu sei.

**SARA** - Quero. Deus sabe que quero.

**ABRAÃO** - Não queres. Sou eu quem te tem feito pensar em querer.

**SARA** - Solta-me, meu amor.

**ABRAÃO** - Mas não seria um filho teu; não seria um filho nosso.

**SARA** - Mas será um filho.

**ABRAÃO** - Não basta um filho. Meu coração só transbordaria com um filho do nosso amor.

**SARA** - Deus não pensa assim.

**ABRAÃO** - *(Encarando a realidade)* Deus não pensa assim... *(De repente Sara evade-se dos braços dele e desaparece correndo, ao tempo em que o Coro dos Séculos acentua.)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Deus não pensa assim.

*(Absorto, Abraão senta-se no chão, lembrando Jó na terrível prova. O Coro dos Séculos repete, quase fúnebre:)*

Deus não pensa assim.

**ABRAÃO** - *(Suplicante)* Tende pena, tende dó. Sei, sei que um homem sem filhos é um deserto de carne. Quando chora, soluça sem ouvir o eco de seus soluços em outros soluços. Quando se alegra, ri sem escutar o eco de seu riso em outros risos. Quando morre, parte sem contemplar o eco de sua face em outras faces. Tende pena. Eu sei que um homem sem filhos é um deserto de pó.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Triste)* Abraão sem filhos é um deserto de pó.

**UM HOMEM DO CÔRO** - ...Um deserto de carne.

**UMA MULHER DO CÔRO** - Por isso Abraão sem filhos vai aceitar a carne de Agar...

**ABRAÃO** - *(Violento)* Não!

**CÔRO DOS SÉCULOS** Sim!

**ABRAÃO** - Não, não, não...

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Simultaneamente, sensual:)* Sim, sim, sim, sim... Lá vem Sara, pobre Sara, trazendo a escrava na mão...

**UMA MULHER DO CÔRO** - Lá vem Sara, bela Sara, trazendo a escrava bela; lá vem Sara,

a estéril Sara, trazendo carne para o deserto;lá vem Sara, a mulher-deserto,avançando para o deserto;lá, vem Sara, idosa Sara,transportando o ventre vazio, (*Sara entra, seguida de Agar, que vem descalça, vestindo longa túnica de alcova, alva como leite, não parecendo escrava. Parecendo noiva em noite de núpcias.*)

**SARA** - (*Contemplando Agar.*) Agar, há anos vives em nossa casa; vieste conosco do Egito. Não ignoras minha dor, a minha vergonha. Agar, tu vais conhecer meu marido, Quero que dê a ele um filho.

**AGAR** - (*Sentindo a magnitude da hora.*) Meu senhor deseja isso, senhora? **SARA** - Hoje consegui que meu marido me permitisse aliviar essa dor, diminuir essa vergonha.

**AGAR** - E vós também quereis isso, minha senhora?

**SARA** - Quero. É preciso que eu queira. É por ele que eu quero.

**AGAR** - (*Enigmática.*) Mas minha senhora, por que dentre vossas escravas fui eu a escolhida?

**SARA** - Porque tu és bela e boa. Bela para o agradares. Boa para me tranquilizares. (*Pungente.*) Para que o herdeiro que eu não lhe pude dar, seja belo e bom como a mãe e o pai.

**AGAR** - Sois muito nobre, minha senhora.

**SARA** - Eu simplesmente amo. (*intimamente humilhada, exteriormente digna.*) Ou será que vês em mim receio em vez de amor?

**AGAR** - Se me permitis ser sincera, senhora, vejo amor e vejo receio.

**SARA** - Uma coisa te peço. Não uses a beleza que o Senhor Deus te deu, para amargurares mais minha vida; para aniquilares minha velhice. Porque és boa, sei que saberás respeitar minha humilhação quando ele estiver em teus braços. Não esqueças que essa túnica é minha. São sem conta as noites que caminhei dentro dela em meu quarto, chorando, prisioneira. Está banha da com minhas lágrimas e com meus perfumes. Meu marido sabe disso. Ilusória maneira de eu não estar distante na geração desse filho que não pode sair do meu corpo.

(*Ditas estas últimas palavras, Sara se aproxima de Abraão. Com gestos infinitamente ternos envolve o marido. Sem nada dizer, vai levantando-o... até ficarem os dois de pé, quando então se abraçam em silêncio, e em silêncio se unem num ósculo sublime. Agar contempla-os. Nesse momento o silêncio é invadido:*)

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Ó tu, bela Sara, Ó tu, sublime Sara, Ó tu, Sara sem par,

**UM HOMEM DO CÔRO** - Nós conhecemos o tamanho da tua dor, Deus conhece o

tamanho do teu amor;

**UMA MULHER DO CÔRO** - Nós olhamos teu rosto humilhado, Deus enxerga teu coração esmagado;

**TUDO O CÔRO** - Ó tu, heroica Sara,

Ó tu, Sara sem par,

de quem será teu Abraão?

será ele ainda teu?

de quem será seu amor?

de quem esse filho será?

*(Simultaneamente à participação do Coro, Abraão tenta falar, mas Sara o impede com um gesto. E ele obedece. Então ela retira o xale-manta dos ombros dele. Estende-o a seus pés, como peça de leito. Abraão está hirto, petrificado como no início, porém agora com o olhar preso ao xale-manta, Em seguida Sara se aproxima de Agar, estende-lhe delicadamente a mão, e a conduz até O marido. Coloca os braços de Agar nos ombros de Abraão, e os de Abraão na cintura de Agar. Por fim, já não podendo reprimir as lágrimas, deixa-os sozinhos. Depois de alguma hesitação, ambos se ajoelham frente a frente, face à face. Agar toma a iniciativa de desabotoar a túnica de Abraão e desabotoa a sua própria túnica... Quando vai envolvendo-o nos braços, o Core dos Séculos desce e esconde a cena, recitando, sombrio, uma balada de amor.)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Quem sabe o que é o amor?

Quem sabe o que é o amor...

Esses beijos são desejo?

São de mel esses abraços?

De onde nasce essa volúpia?

Porventura, Abraão, tu sabes?

Não estás semeando na terra,

Não semeias no deserto...

**UM HOMEM DO CORO** - Esses beijos são desejo?

São de mel Esses abraços?

**UMA MULHER DO CÔRO** - São de fogo ou são de gelo?

De onde nasce essa volúpia?

**OS HOMENS DO CÔRO** - Agar, bela Agar nesta hora

é o doce ocaso de um homem;

calma, calma, Abraão,

não estás semeando na terra...

**UMA MULHER DO CÔRO** - Onde está Sara, meu Deus?

**OUTRA MULHER DO CORO** - Foste esconder teus soluços?

**OUTRA MULHER DO CÔRO** - Sara, Sara, vem cá!

**Ag MULHERES DO CÔRO** - Sara, Sara, vem cá!

**OUTRA MULHER DO CORO** - Vem ver, Sara, vem ver!

**As MULHERES DO CÔRO** - Vem ver, Sara, vem ver!

*(O Coro dos Séculos fecha o círculo, ocultando completamente Abraão e Agar. Sara entra, misteriosamente atraída pelas vozes.)*

**SARA** - Meu nome partiu daqui?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Bela Sara, infeliz Sara,

adivinha o que fizeste.

**UMA MULHER DO CÔRO** - O que fizeste, o que fizeste!

**SARA** - Eu sei, bem sei o que fiz!

**OUTRA MULHER DO CORO** - Não foste mulher sensata!

**SARA** - Acaso o coração é sensato?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Não bastava ser estéril?

Precisavas ser insensata?

**SARA** - O deserto suspira por flores

e são pedras que atirais.

Eu sei, bem sei o que fiz.

**OS HOMENS DO CORO** - Não verás o que fizeste;

morrerias se olhasses.

**SARA** - Eu sei, bem sei o que fiz!

Conheço o coração de Abraão.

**UMA MULHER DO CÔRO**

Um coração não se arrisca.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - É perigoso arriscar.

**SARA** - Ó noite, ó noite de monstros!

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Não há monstros, tola estéril,

isto é a noite que fizeste!

**SARA** - Fiz a noite para mim

com a aurora de Abraão...

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Sara, é noite,

*(Tudo se torna em trevas.)*

é noite, Sara,

eis a noite que fizeste,

Sara, é noite no deserto...

**SARA** - Fiz a noite para mim...

**CÔRO DOS SÉCULOS** - A noite só para ti, a aurora para Abraão.

*(A luz vai ressurgindo. O Coro retorna a seu lugar recitando a balada.)*

Quem sabe o que é o amor?

Quem sabe o que é o amor...

Foram beijos de desejo?

Foram de mel os abraços?

*(Vê-se agora Abraão deitado. Agar terminando de abotoar lhe a túnica, lança um olhar à Sara, levanta-se e sai. E o Coro continua:)*

Não semeaste na terra,

semeaste hoje na carne...

**AS MULHERES DO CÔRO** - Mas não na carne de Sara

**Os HOMENS DO CORO** - Que carne Sara não tem.

**UMA MULHER DO CORO** - Pobre Sara, olha teu homem,  
sabes tu o que fizeste?

(Sara caminha para Abraão, toda ternura e tortura.)

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Quem sabe o que é o amor?  
Quem sabe o que é o amor. .

## PANO

## SEGUNDO ATO

*(Mesmo cenário. Abraão está sentado com Ismael. Sara nada- faz senão observá-los.)*

**ABRAÃO** - Meu filho quer ir?

**ISMAEL** - Quero ir para onde mamãe for.

**ABRAÃO** - Meu filho não quer ficar com seu pai?

**ISMAEL** - Quero ficar só se mamãe ficar.

**ABRAÃO** - Mas tua mãe não quer ficar.

**ISMAEL** - Então eu quero ir com ela.

**ABRAÃO** - Vai chamar tua mãe. Vai. *(Ismael vai Abraão pergunta a Sara)* Será mesmo que o Senhor Deus está desejando que eu liberte Agar?

**SARA** - Ela não se atreveria a mentir em nome de Deus

**ABRAÃO** - Então o Senhor Deus não me teria dado este filho

**SARA** - *(Intencional.)* Esse filho fui eu que te dei, meu marido, não o Senhor nosso Deus.

**ABRAÃO** - Tu...

**SARA** - (*Interrompendo-o.*) Sim, Eu, antes dele. Quis dar-te outros, não quiseste. Quantas vezes insisti para que conhecesses outras escravas e tu te opuseste.

**ABRAÃO** - Teria sido pior. Não teríamos agora só um espinho. Teríamos vários.

**SARA** - Vários. Agora vejo.

**ABRAÃO** - Sara... (*Tentando ser leal, mas receoso.*) Sara, quero ter à honestidade de te confessar o que não tenho tido coragem de aceitar. Ismael não foi solução. Ismael não foi solução porque não foi solução para nós ambos.

**SARA** - Eu já tinha compreendido isto desde o dia que notei o ventre de Agar crescendo; desde a hora em que o vagido dele encheu esta casa. Ele chorava alto. Eu chorava dentro de mim.

**ABRAÃO** - Tu não me dizias, tu ocultavas tuas lágrimas, teus soluços, eu porém ouvia, eu via, eu adivinhava.

**SARA** - Mas era teu sonho, Nosso sonho...

**ABRAÃO** - (*Tateando dentro do mistério.*) Seria por isso que o Senhor Deus terá discordado? Por não ter sido o meu filho gerado de minha semente e de tua carne? Será este o motivo, minha Sara? Será esta a razão de o Senhor nosso Deus querer me privar deste filho? Por ser meu sem ser nosso?

**SARA** - Não ponhamos o olhar nos segredos de

Deus, meu velho. Façamos um ato de suprema confiança.

**ABRAÃO** - A mim me parece suprema tolice. (*Nostálgico, arrependido da observação.*) Meu coração pede um filho, minha Sara, Ao menos um. - Por que este não, Senhor? Porventura não o gerei em minha casa?

**SARA** - Não tentes devassar o coração de Deus, Dá a liberdade dela. Ela afirma que o Senhor nosso Deus mandou, deixa-a ir.

**ABRAÃO** - Mas se ao menos Ismael ficasse...

**SARA** - Não disseste há pouco que ele é um espinho? Entre um espinho e nada, é preferível nada.

**ABRAÃO** - Ó Sara, não quero magoar-te. Não quero magoar-te, minha velha, mas ainda assim prefiro o espinho.

**SARA** - Eu te compreendo. Eu te compreendo. Mas desconfio que Deus veio à tempo de salvar nosso amor.

**ABRAÃO** - Deus se interessaria em salvar o nosso amor vazio, minha Sara? (*Beijando-a,*

*para se calar, para não ofendê-la)* Sara, tu serás para sempre O amor que Deus me deu. Para sempre.

**SARA** - Agar está querendo levar O menino para ver se assume à posição de esposa e predileta. Julga que pode tomar o meu lugar em teu coração. Agar mudou, Abraão. Agar mudou muito. Agar não é mais a mesma.

**ABRAÃO** - Mas eu não mudei. Eu não mudei, Sara.

Mudei? Diz. Não sou mais o mesmo? Diz. *(Sara faz o gesto que ele deseja ver e beija-o.)* Eu hei de ser para sempre o amor que o Senhor Deus te deu. Para sempre. *(Ouvem a voz de Ismael chegando em companhia de Agar.)*

**ISMAEL** - Papai, está aqui mamãe.

**ABRAÃO** - Agar, queres mesmo ir embora?

**AGAR** - O Senhor Deus me ordenou que partisse.

**ABRAÃO** - Qual a prova que trazes de que foi mesmo o Senhor Deus quem te falou?

**AGAR** - Eu também pedi a ele um sinal. Ele disse que no tempo oportuno vos daria um sinal.

**ABRAÃO** - Que sinal?

**AGAR** - Não me revelou. Ordenou que eu fosse levando comigo nosso filho e que não nos impedísseis.

**ABRAÃO** - O Senhor Deus te mandou mesmo levar o menino?

**AGAR** - Duvidais? Por que quereis opor-vos à ordem do Senhor nosso Deus?

**ABRAÃO** - Ele não mandaria para longe de mim a carne da minha carne.

**AGAR** - Que também é da minha...

**SARA** - *(Discreta mas clara.)* Já que ela quer, deixemo-la partir.

**AGAR** - É o Senhor Deus quem quer, senhora.

**ABRAÃO** - Mas para onde o Senhor Deus te conduzirá?

**AGAR** - Ele prometeu que me mostraria o destino

logo que eu me pusesse a caminho.

**ABRAÃO** - E tu nada queres, nada desejas? O que te falta? De que precisas? Levarás víveres, dinheiro, roupa...

**AGAR** - *(Interrompendo-o.)* O Senhor Deus me disse que nada recebesse.

**ABRAÃO** - E o deserto? Poderás ter pela frente o deserto. A travessia é penosa, demorada, dura.

**AGAR** - O Senhor Deus prometeu-me água, prometeu-me pão, prometeu-me pouso. *(Pequena pausa.)* Estou livre, meu senhor?

*(Calam-se, Pelas costas de Agar chega uma inesperada aragem. Avoluma-se durante o silêncio de Abraão, tornando-se ventania, Soprando as vestes de Agar, os cabelos, impelindo-a a fazer o que devia ser feito. O Coro dos Séculos passa a emitir, com boca fechada, ondulações sonoras, de tal modo sincronizados com a ventania, que Abraão tem à vaga suspeita de uma possível interferência divina. Agar, pergunta de novo:)* Estou livre, meu senhor?

**ABRAÃO** - Estás livre, Agar.

**AGAR**

*(Ao filho.)* Vai pedir a bênção a teu pai. *(Ismael vem. Abraão genuflete e o abraça, osculando-o demoradamente. Agar percebe o que tem a fazer. Instigada pela ventania, lança-se sobre o filho e arrebatá-o dos braços do pai, sumindo sem dizer adeus. Abraão ainda se ergue, querendo acompanhá-los, mas Sara o detém:)*

**SARA** - Não corramos contra a vontade de Deus.

**ABRAÃO** - Não é a vontade de Deus. Não pode ser.

*(Entrega-se aos braços de Sara, como um pássaro ferido. A ventania vai serenando, volta a ser aragem, enquanto o Coro dos Séculos, contagiando-se de um lírico embalo corporal, metamorfoseia as ondulações “em ventania” por ondulações lamentosas; acompanhando agora o embalo de Sara para o suplício de Abraão.)*

Ficamos de novo com nossa dor, minha Sara. Ficamos de novo com nossa dor...

**SARA** - Nosso amor é maior do que nossa dor.

*(Gradualmente silencia o Coro e cessa a aragem.)*

**ABRAÃO** - Sara, minha velha, não quero sucumbir, mas sinto que estou sucumbindo.

**SARA** - Deus não permitirá. Embora sem me ter dado um filho, sinto que ele não permitirá.

**ABRAÃO** - Mas meu coração precisa de um filho. De um, ao menos.

**SARA** - Eu sei. Eu sei que é noite dentro do teu coração.

**ABRAÃO** - Ai de mim se não fosse o teu amo.

**SARA** - Meu amor é vazio. Nosso amor não é maior do que o nosso vazio. Por isso O teu coração é uma noite sem estrelas.

**ABRAÃO** - *(Reagindo contra a evidência.)* Não, Sara, não, não. Deus sabe que não é.

**SARA** - Só ele, o Senhor nosso Deus, só ele pode semear estrelas na noite.

**ABRAÃO** - Só ele pode semear estrelas na noite...

*(Pensativo, aliviando-se.)* Sara, a solução humana falhou. Forcemos a solução divina. Forcemos o Senhor nosso Deus. Ele não pode ficar insensível. Ele não é surdo.

**SARA** - Pretendes o impossível.

**ABRAÃO** - O impossível, não. Pretendo um filho de nós dois. Um filho meu e teu. Um filho nosso.

**SARA** - Não me vêes? Não te vêes? Não és mais aquele que saiu de Ur. Não sou mais aquela que esteve no Egito.

**ABRAÃO** - Sara, estou velho? Me achas velho, minha Sara?

**SARA** - Não é velhice. É cansaço. Sofrimento.

**ABRAÃO** - Não, Sara, escondes a verdade. Estou cansado. E estou velho. Sinto cansaço e velhice dentro de mim.

**SARA** - Não fales assim. Morrerei primeiro que tu.

Verás.

**ABRAÃO** - *(Crescendo de novo em angústia.)* Não quero, Sara. Não quero morrer primeiro, para não ficares sozinha. Nem quero que morras primeiro para não me deixares sozinho. Sara, quem de nós vai morrer primeiro? Quem, minha Sara? Eu ou tu?

**SARA** - Estás cansado. Vou buscar um pouco de vinho para ti.

**ABRAÃO** - Não, Sara, não quero.

Fica aqui, fica comigo

Não quero ficar só.

Não me deixes só.

Um velho não deve ficar só.

**SARA** - Está bem. Então vem comigo. Vem.

**ABRAÃO** - Não. Não estou querendo bebida.

**SARA** - Eu aqueço. Um pouco de vinho quente reanimará teu coração.

**ABRAÃO** - Sara, estás mesmo enxergando o meu coração?

**SARA** - Há quantos anos eu o enxergo?

**ABRAÃO** - Mas hoje? Hoje estás?

**SARA** - *(Beijando-o com ternura.)* Vou preparar a bebida.

*(Escapa-lhe dos braços. A luminosidade vai diminuindo. Até cessar por completo, ocultando todas as faces. Em torno de Abraão há penumbra, distinguindo-se apenas o vulto e a voz dele, não as feições.)*

**ABRAÃO** - *(Arrasado até o âmago de si, inteiramente possuído pelo desânimo, todo ele é uma aniquilada oração.)* Senhor meu Deus. Ó Senhor meu Deus. Estais escutando? Escutais o pobre Abraão, o velho Abraão, o Abraão sozinho? Escutais o Abraão maldito? Vosso Abraão, Senhor, vosso Abraão é um réu no pó. Destes-me um filho, que não foi filho de vossa vontade. Hoje o levastes, já não o tenho. Hoje o levastes, amanhã ninguém o terá. Mesmo temendo perdê-lo, mesmo olhando-o estendido no deserto, mesmo não aceitando para ele nenhum destino longe do meu teto, fiz o que julguei que me quisésseis ver fazer. Fiz o que não queria, só porque vós, Senhor, quisestes. Fiz sem prova, sem sinal, só para não teimar convosco. Senhor agora eu vos peço, Levai-me, levai-me logo! Antes que eu me arrependa de ter pedido. Levai-me, Senhor, eu e minha Sara. Levai-nos já, antes que ela chegue e pergunte o que estou pedindo. Que podeis fazer com nossa desolação? Que podeis fazer com a esterilidade dela e com o meu vazio? *(Na noite horrível um fio de luz desenha, uma hóstia sobre a cabeça de Abraão. A hóstia se dilata invencivelmente, independente do que ele diz e do que não diz.)* Que podeis fazer com o nosso desespero? Não sei disfarçar, meu Deus, Vós sabeis que o velho Abraão não sabe disfarçar.

**DEUS** - *(A voz)* Abraão... *(Abraão se cala, abeirando-se da voz.)* Abraão... *(A essa altura o jato é tão claro e a voz tão nítida, que é impossível a Abraão alhear-se. Ergue o rosto. Surpreso, apreensivo, misterioso. E mergulha os olhos na luz.)* Abraão...

**ABRAÃO** - Senhor, sois vós, meu Senhor?

**DEUS** - Eu sou aquele que é. Aquele q que fez do Nada a terra e na terra “pôs Abraão.

*(O Coro dos séculos prostra-se por terra, todos profundamente inclinados, lembrando querubins perante a majestade divina.)*

**ABRAÃO** - Senhor, eis-me aqui; falai que vosso servo Abraão está escutando.

**DEUS** - Abraão, tens algo a me dizer?

**ABRAÃO** - Não, meu senhor. Quando vos ouço, tudo me basta.

**DEUS** - Não estás querendo esconder de mim algo em teu coração?

**ABRAÃO** - Não, Senhor. Meu coração está vazio.

**DEUS** - Não estás escondendo de mim o vazio do teu coração?

**ABRAÃO** - Ouvindo vossa voz, Senhor, meu coração vazio já não me maltrata.

**DEUS** - Mas não ouvirás sempre minha voz, Abraão. Por que teu coração está vazio?

**ABRAÃO** - Porque me falta um filho, Senhor.

**DEUS** - Já não tiveste um filho, Abraão?

**ABRAÃO** - Mas eu queria um filho que enchesse o meu coração e o coração de minha mulher.

**DEUS** - O coração dela também está vazio, Abraão?

**ABRAÃO** - O coração dela também está vazio, Senhor. Por isso o meu sempre estará, se um filho meu não for também filho dela.

**DEUS** - Queres um filho para o vosso amor, Abraão?

**ABRAÃO** - Para o nosso amor, Senhor; e do nosso amor.

**DEUS** - Para o vosso amor e do vosso amor...

**ABRAÃO** - Senhor, posso perguntar-vos uma coisa?

**DEUS** - Pergunta o que desejas saber,

**ABRAÃO** - Por que fizestes assim o nosso coração?

**DEUS** - Um dia saberás,

**ABRAÃO** - Errei em ter perguntado, Senhor?

**DEUS** - Não, Abraão. Eu te amo e amo Sara.

**ABRAÃO** - *(Inebriado)* Ó Senhor meu...

**DEUS** - Levanta-te.

**ABRAÃO** - Ó Senhor meu...

**DEUS** - Levanta-te, Abraão.

**ABRAÃO** - Que quereis, Senhor?

**DEUS** - Levanta-te. *(Abraão levanta-se.)* Vem até a porta. *(Abraão caminha na direção do fundo da cena.)* Abre a porta. *(Abraão faz o gesto)* Chega fora. *(Abraão dá mais alguns passos.)* Olha o céu e conta as estrelas.

**ABRAÃO** - É impossível, Senhor.

**DEUS** - Desejas um filho?

**ABRAÃO** - Senhor, não mereço, mas sabeis que desejo; desejo por tudo.

**DEUS** - Um filho teu e de Sara?

**ABRAÃO** - Dar-me-eis um filho do meu matrimônio, Senhor? Dar-me-eis esse filho? Um filho meu e de Sara? Ó meu Senhor, não tendes receio de arreentar meu coração, enchendo-o com tanta felicidade?

**DEUS** - Toma esta promessa como justiça minha para contigo, não como favor.

**ABRAÃO** - Ó meu Senhor, haveria favor maior?

**DEUS** - Abraão, conta as estrelas.

**ABRAÃO** - Senhor, só para vós as estrelas têm número. Somente vós sabeis quantas são.

**DEUS** - Pois bem, Abraão. Assim será tua descendência.

**ABRAÃO** - Minha descendência? (*Prostrando-se, possuído de incontável emoção*) Sustentai-me, Senhor, sustentai-me para que eu não morra. Minha descendência será tão numerosa como as estrelas, Senhor? Então O amor meu e de Sara não será desterrado conosco? Deixaremos filhos atrás de nós, Senhor?

**DEUS** - Levanta-te, Abraão.

(*Abraão se levanta.*)

Olha para, o Norte. (*Abraão vai obedecendo*) Olha para o Sul, Olha para o Oriente. Olha para o Ocidente. - Teus descendentes cobrirão a face da terra, como as estrelas cobrem a face do céu. Teus descendentes formarão o meu povo, como as estrelas formam o meu firmamento. Todos os povos da terra serão abençoados em ti e em Sara, pois serás pai e ela será mãe de todos os povos. Do meu Povo. (*Sara entra trazendo o vinho, mas logo estanca, ao perceber o marido na presença de Deus.*)

**ABRAÃO** - Ó meu Senhor, nosso amor será menor, por ser feliz? Não, não, Senhor meu. Sei que não. Vós sois a suprema felicidade, e vosso amor não tem limite.

**DEUS** - Ouve, Abraão. Vês aquela estrela? A estrela diferente das outras? Vês? Entre teus descendentes haverá uma estrela diferente.

**ABRAÃO** - E por que essa estrela é diferente, Senhor?

**DEUS** - É a estrela libertadora...

**ABRAÃO** - Essa estrela também fará parte da minha descendência, Senhor meu? Brilhará no firmamento do vosso povo?

**DEUS** - Não duvides. Vai agora até Sara. Ela está a olhar-nos e ouvir-nos, esperando-te. *(Abraão volta-se, avança para Sara e os dois se atiram nos braços um do outro. No Coro todos exultam, embalando-se agora pelo destino de ambos.)*

**ABRAÃO** - O senhor nosso Deus não se esqueceu de nós, minha Sara. O Senhor Deus não se tinha esquecido. Nosso amor continuará em nossos filhos.

**SARA** - *(Lutando para acreditar.)* Como há de ser possível a estéril Sara tornar-se uma Sara fecunda?

**ABRAÃO** - O Senhor nosso Deus prometeu. Ele prometeu. Ainda prometeu adotar nossa descendência como seu povo, minha Sara.

**SARA** - Promessa do Senhor Deus?

**ABRAÃO** - E prometeu mais, minha Sara. Prometeu que de nós dois sairá uma estrela de-brilho eterno.

**SARA** - Uma estrela de brilho eterno? Da minha carne e da tua?

**ABRAÃO** - *(Reparando no chão a taça, agarra-a, inspirado.)* O homem bebe o vinho na tristeza e na alegria. Bebamo-lo na alegria. *(Sorve um gole e faz Sara sorver outro.)* Nossa vergonha desaparecerá, minha Sara. *(Conduzindo-a ao local da revelação. Parece um noivo.)* Nossa vergonha desaparecerá. Do nosso opróbrio o Senhor Deus vai fazer nosso júbilo, Sara. Ele prometeu, vês as estrelas, Sara? És capaz de contar as estrelas, Sara? És capaz? *(Sorvendo com ela o restante do vinho.)* Nosso coração, minha Sara, nosso coração será um céu cheio de estrelas.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Repousemos na esperança...

*(A voz e a esperança criam um momento de profunda paz, que leva todos a se sentarem, erguendo invisíveis taças na direção de Abraão e Sara. Ainda escutam outra vez a mesma voz na esperança...)*

**PANO**

**TERCEIRO ATO**

*(Mesmo cenário. Sara com Isac, inebriada)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Quem supunha, quem supunha que Sara amamentaria um filho para Abraão!

**SARA** - Deus me livrou da vergonha que ao túmulo comigo iria; dia e noite, noite dia minha alma louva Deus.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Responde agora, Mãe Sara: qual das duas alegre mais: a beleza ou a fecundidade?

**SARA** - Que tola pergunta, essa, parece pergunta infantil, quem pode, meu Deus, responder?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Responde, responde, Mãe Sara, nós todos queremos saber: és mais feliz sendo mãe ou mais feliz sendo bela?

**SARA** - (Dissolve o diálogo, absorvendo-se no filho) Meu bem..

**ISAC** - Mamãe, quero brincar.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - (Pueril, sorrindo.) Vamos brincar, mamãe Sara, tua carne deseja brincar.

*(Sara senta-se no chão, Isac retira o véu dos ombros dela, e venda-lhe os olhos. O Coro também se senta.)*

Mamãe Sara vira criança

porque ama essa criança;

mamãe Sara está brincando

porque Isac quer brincar.

**ISAC** - *(Terminando de amarrar o véu no rosto da mãe, põe-se a correr, feliz, do redor, aproximando-se e afastando-se, para que ela tente pegá-lo.)*

Me pegue, me pegue, mamãe.

*(Em vão Sara tenta pegá-lo.)*

Me pegue, mamãe, me pegue...Eia, mamãe não me pega!

**CÔRO DOS SÉCULOS** - (Acompanhando o brinquedo, mistura suas vozes à do garoto.)

Agarra, Sara, teu filho,

segura, prende teu filho,

agarra teu filho brincando,

prende teu filho crescendo...

**SARA** - Onde estás? Onde estás?

Corre perto, longe não!

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Levanta-te, Raquel, levanta-te,

desce, avança em silêncio,

avança, vai ajudar

Sara a pegar Isac.

*(Raquel desce do Coro e permanece apreciando o jogo. Dois outros personagens do Coro descem e retiram dela a túnica, à moda de uma capa desabotoável no decote, que eles deixam cair ali mesmo. O vestido de Raquel realça famosa beleza que deslumbrou Jacó.)*

**ISAC** - (Zombeteiro, inocente.)

Me pegue, me pegue, mamãe,

eia, mamãe não me pega...

**CÔRO DOS SÉCULOS**

Avança, Raquel, avança,

avança, por que esperas?

tempo e ajuda?

Mãe Sara a pegar o filho.

*(Raquel tenta pegar Isac. Consegue, mas quando vai leva-lo à mãe. Sara já desvendara os olhos)*

**SARA** - Quem és tu, linda criatura?

**RAQUEL** - Não me conheces, Mãe Sara.

**SARA** - E tu conheces Mãe Sara?

**RAQUEL** - Quem não conhece Mãe Sara?

**SARA** -Mãe Sara a envergonhada,

ou Mãe Sara a fecundada?

**RAQUEL** -Quem não conhece as duas?

**SARA** -As duas que hoje são uma, uma toda feliz, mãe desta joia de amor?

*(Como se, de repente, descobrisse Raquel:)*

Quem és mesmo, criatura linda, quem és tu que não conheço, quem és tu que me conheces?

**RAQUEL** - Sou aquela que sofrerá, que sofrerá em silêncio catorze anos de amor...

**SARA** - Teu amor, esse amor teu, pode ser assim tão grande, tão grande, profundo e belo, belo e imenso como o meu?

**RAQUEL** - Imenso e belo o amor meu, sim, Mãe Sara, será, Porque por mim, em silêncio, meu amado também sofrerá.

**SARA** - O corpo do teu amado será forte como o do meu? O coração do teu amado será bom como o do meu?

**RAQUEL** - Ó sim, Mãe Sara, será! Não tereis esta visão: no corpo trará ele o sangue e o coração de Abraão.

**SARA** - Mas como? Serás minha filha? Serás mulher de meu filho?

**RAQUEL** - -Filha tua, sim, hei de ser: do filho deste teu filho, mulher. *(De repente beijando Isac, foge para o lugar de onde saiu.)*

**SARA** - *(Conseguindo detê-la no degrau.)* Não vás assim desse modo, espera, espera Abraão.

*(Os dois personagens descem, recolocam a túnica em Raquel e sobem como antes.)*

**RAQUEL** - Conheço meu pai Abraão, não posso por ele esperar; do seio do tempo do tempo... preciso depressa voltar. Avo dos Séculos.

*(Beija-a e retorna ao Côro dos Séculos)*

**SARA** - *(Absorta em Isac)* Foi visão, meu filho, foi? Não estávamos brincando?

**ISAC** - Estávamos, mamãe.

**SARA** - Tu viste essa mulher?

**ISAC** - Que mulher, mamãe, que mulher?

*(Abraão entra, concentrado em si mesmo sem poder deter-se parado)*

**SARA** - *(Sem percebê-lo.)*

Não viste uma mulher?

**ISAC** - Que mulher, mamãe, que mulher?

**SARA** - *(Meditativa.)* É estranha a felicidade... *(Percebendo o marido.)* Olha teu pai.

*(Isac corre para o pai. O Coro dos Séculos se põe de pé, atento. Abraão agarra O filho, sôfrego. A tormenta dentro dele é visível. E Sara logo percebe.)*

O que se passa contigo?

*(Abraão não consegue ficar parado, Sara, atrás dele, querendo saber.)*

O que se passa contigo, Abraão? Me diz, Abraão, o que aconteceu contigo!

**OS HOMENS DO CÔRO** - Deixa Abraão em paz, Mãe Sara.

**SARA** - (Persistente como à sombra de Abraão.) Não te deixo. Quero saber. Não estás em paz.

**OS HOMENS DO CÔRO** - Mãe Sara, deixa Abraão em paz.

**SARA** - Não, não. És meu marido. Quero saber. Tu tens de me dizer o que se passa contigo.

**ABRAÃO** - Ó Sara, abraça-me, abraça-me.

**SARA** - Mas o que há contigo? O que aconteceu, por amor de Deus!

**ABRAÃO** - Sara, abraça-me, abraça-me.

**SARA** - Tu estás sofrendo, tu sofres demais. O que aconteceu? O que houve? Diz-me antes que me faça mal.

**ABRAÃO** - O Senhor nosso Deus Sara... *(não contendo o pranto)*

**SARA** - *(Lívida como a morte.)* O que fez o Senhor nosso Deus?

**ABRAÃO** - Ó Sara, o Senhor nosso Deus quer tornar-nos desgraçados.

**SARA** - Por quê? Por que motivo? O que fizemos?

**ABRAÃO** - Não sei o que fizemos. O que fizemos, Sara? O que fizemos, para o Senhor nosso Deus querer tornar-nos mais infelizes do que antes?

**SARA** - Mas o que vai fazer ele?

**ABRAÃO** - Não vai fazer. Não fará. Quer que eu faça. *(Beijando Isac sem se fartar.)* Quer que eu faça com minhas próprias mãos.

**SARA** - Quer que tu faças O quê?

**ABRAÃO** - *(Com a mão e o rosto evita que o filho ouça o que diz.)* O Senhor nosso Deus quer que eu sacrifique nosso filho.

**SARA** - O Senhor nosso Deus quer isso? O Senhor nosso Deus mandou-te fazer isso? Tu ouviste? Tu ouviste, Abraão?

**ABRAÃO** - Ele me falou há pouco.

**SARA** - Onde, Abraão?

**ABRAÃO** - Debaixo do carvalho.

**SARA** - Não foi sonho? Não estavas dormindo?

**ABRAÃO** - Não foi sonho. Não foi sonho, Sara. Estava tão acordado como no dia em que ele me prometeu este mesmo filho.

**SARA** - Estás certo de que não foi sonho?

**ABRAÃO** - Não foi, não foi, não foi sonho

**SARA** - (*Chorando.*) Por que o Senhor nosso Deus quer fazer isto?

**ABRAÃO** - Não sei. Perguntei mas ele não respondeu, e me calei.

**SARA** - Por que, meu Senhor? Por que quereis tomar-nos o nosso único filho? Por quê? Que fizemos nós? Que fez ele? (A Abraão.) E tu não falaste a ele na minha dor? Não disseste que eu não suportaria?

**ABRAÃO** - Falei. Ele disse que suportarias.

**SARA** - Não suporto. Sei que não suporto. Sei que morrerei. (*Num relâmpago interior.*) Eu me oferecerei para ir no lugar de meu filho, Abraão. Vai dizer isto ao Senhor nosso Deus. Vai esperá-lo debaixo do carvalho e diz isto a ele.

**ABRAÃO** - Não adianta, minha Sara, Eu também me ofereci para ir no lugar de nosso filho, mas o

Senhor Deus respondeu que queria era o nosso filho.

**SARA** - (*Arranca Isac dos braços de Abraão, andando descontrolada, como se quisesse esconder de um furto o filho.*) Ele quer meu filho? Ele quer meu filho? (*Cuidando que o filho não ouça, como fez Abraão.*)

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Ele quer teu filho!

**SARA** - Ele quer meu único filho?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Ele quer teu único filho!

**ABRAÃO** - (*Contendo-a com um abraço, desejoso de aliviá-la.*) Faremos o que o Senhor nosso Deus está querendo, minha Sara.

**SARA** - (*Inconformada*) Não, não, não... É demais! É demais! (*Chorando muito, muito.*) É demais, meu amor, É demais, meu Senhor. Piedade, Senhor Deus. Piedade! Piedade...

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Piedade, piedade! Piedade, Senhor Deus!

**ABRAÃO** - (*Buscando força para si e bálsamo para Sara*) Faremos o que o Senhor Deus

quer. Ele nos deu este filho, não deu?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Ele vos deu este filho.

**ABRAÃO** - Ele não nos deu este filho na velhice, minha Sara?

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Ele vos deu esse filho na velhice.

**ABRAÃO** - Ele tem direito de nos pedir.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Ele tem direito de vos pedir.

**ABRAÃO** - (*Ajudando Sara a se sentar com o filho ao colo.*) Espera aqui. Vou buscar os instrumentos. (*Sai*)

**ISAC** - Mamãe está chorando? Por que mamãe está chorando? Mamãe não quer brincar?

**SARA** - Meu filho...

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Mãe Sara está chorando,

Mãe Sara não quer brincar...

**ISAC** - Por que mamãe está chorando?

**SARA** - Porque o coração de mamãe morreu, meu filho.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Mãe Sara está chorando porque o coração de Mãe Sara morreu.

**ISAC** - Morreu o coração de mamãe?

**AS MULHERES DO CÔRO** - (*Lamentando, penalizadas.*) Morreu. O coração de Mãe Sara, o coração de Mãe Sara morreu.

**UMA MULHER DO CÔRO** - De que valeu, Mãe Sara, o leite que tu lhe deste?

**OUTRA MULHER DO CÔRO** - De que valeram, Mãe Sara, os beijos que tu lhe deste?

**OUTRA MULHER DO CÔRO** - De que valeu, hem, Mãe Sara, o pão que tu lhe deste?

**OUTRA MULHER DO CÔRO** - De que valeu, Mãe Sara, a carne que tu lhe deste?

**AS MULHERES DO CORO** - Morreu. O coração de Mãe Sara, o coração de Mãe Sara morreu.

**ABRAÃO** - (*Trazendo o punhal e a corda à cintura. Na mão, o feixe de lenha. Mostra-se indeciso, sem coragem. Depois, consciente do que fez, levanta a mulher e o filho.*) Rumemos ao monte.

**ISAC** - Fazer o que no monte, papai?

**SARA** - (*Fazendo da fraqueza a força, adianta-se em responder*) Vamos ao monte por que

o meu coração morreu, meu filho.

**ISAC** - Foi no monte que ele morreu?

**SARA** - Foi no monte que ele morreu, filho.

*(Põem-se a caminho do sacrificio. Abraão carrega o filho. Sara carrega @ lenha, Caminham bem devagar, descrevendo sucessivos SS, que abrangem toda a largura da cena, porém de pequena fundura. Assim vão avançando sempre mais para O fundo, subindo de plano, até alcançarem o último, O monte.)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** – (dá-se início a caminhada)

Lá vai, lá vai Pai Abraão.

carregando o seu coração;

lá vai, lá vai Pai Abraão 4

carregando a corda e O punhal;

lá vai, lá vai mamãe Sara

levando à lenha, a lenha...

Ninguém supõe como vai,

ninguém, ninguém, ninguém sabe;

monte do horror está longe,

ah se mais longe estivesse!

La vai, vai Pai Abraão

pedindo que o monte se afaste,

pedindo que sempre Se afaste...

Quem é, Senhor Deus, quem é? É.

quem é aquela mulher?

É mãe? é escrava? é ré?

Seu coração já está morto,

seu ventre, de novo vazio;

lá vai a pobre, a bela,

a estéril, a fecunda, a sem par,

pedindo que o monte se afaste,  
se afaste, se afaste, se afaste...

## **O TENTADOR**

*(Metido em veste talar, aparece atirando palavras contra Abraão e Sara.)*

Abraão! Abraão, levanta a cabeça, Abraão! *(Abraão e Sara não reagem.)*

Sara, levanta a cabeça de teu marido. *(Sardônico.)*

Levanta a cabeça, Abraão, conta as estrelas... *(Macio)*

Conta as estrelas... Uma, duas, mil, milhões bilhões... Conta, Abraão! Conta, Sara! Preparai a corda, preparai o laço. O laço, não. O nó, Preparai a lenha, preparai o fogo. O fogo não. À morte, Que vos prometeu Deus? Não vos prometeu descendentes aos milhões, aos bilhões? Ele mentiu. É um mentiroso, Zomba de vossa desgraça. Não prometeu que vossa descendência se estenderia a todos os povos? Não prometeu fazer de vossa descendência o povo dele? Não prometeu uma estrela diferente entre as estrelas de vossa descendência?

Deus entulhou o vosso coração com um bilhão de mentiras, não com um bilhão de estrelas. *(furioso.)*

Abraão, corta a corda! Sara, pega o punhal, corta essa corda em bilhões de pedaços e atira na cara de Deus! Abraão, queima essa corda e guarda teu filho. Esse será o sacrifício do teu desespero, se não queres perder tua única esperança!

## **CÔRO DOS SÉCULOS –**

*(Num gesto coletivo de império:)*

Afasta-te, tentador,

Afasta-te, anjo mau!

*(O tentador recua, até desaparecer, E o Coro, com dignidade:)*

Deixa Abraão com sua dor, deixa Abraão com seu Deus.

**UM HOMEM DO CÔRO** - Tua única esperança quem te deu, Pai Abraão?

quem te deu? diz quem deu.

O Senhor Deus, Pai Abraão.

Ele sabe, ele bem sabe porque dá e porque tira uma única esperança.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Apiedado.)* Desolado Pai Abraão...

*(Braços erguidos, clamantes, pretendendo comover Deus:)*

Senhor Deus, ó Senhor Deus,

Pai Abraão vai desolado!

*(Chamando:)*

Mãe Sara!

**UMA MULHER DO CÔRO** - *(Veemente.)* Mãe Sara!

*(Sara, alheia a tudo, entrega a lenha a Abraão e recebe o filho. Nem nessa hora falam)*

Não enxergas, Mãe Sara,

a desolação de Pai Abraão?

Senhor Deus, também Mãe Sara,

também ela vai desolada...

Até o monte, Senhor Deus?

vão sozinhos até o monte?

quem consolará Pai Abraão?

e Mãe Sara, Senhor Deus?

**ISAC** - Isac, não enxergas?

Não percebes, não escutas

o coração de teu pai?

não sentes, não estás ouvindo

o coração de tua mãe?

Isac! escuta, Isac!

ele vai ainda pulsando,

morto ainda não está.

Isac é uma criança,

pode ele alguém consolar?

**UM HOMEM DO CÔRO** - Vinde então, filhos dos séculos,

trazei aqui vossa voz;

sois filhos de Abraão e Sara,

dizei, ao menos, que sois;

dizei nesta hora cruel,

pois ambos sofrem demais.

*(Em tom solene começa a convocar os descendentes de Abraão e Sara.)*

Jacó!

Onde estão teus filhos, Jacó?

*(Destacando)*

Rubem! Simeão! Levi! Judá!

Dan! Neftáli! Gad! Aser

Isacar! Zabulon! Dina! José!

Respondei, respondei quem sois.

**OS FILHOS DE JACÓ** - *(Presentes nas vozes de membros do Coro:)* Somos filhos de Sara e Abraão.

**UMA MULHER DO CÔRO** - E tu, tu, Ó pujante Moisés, dize-nos aqui quem és.

**MOISÉS** - *(Do Coro parte uma voz granítica como a do Sinai)* Sou filho de Sara e Abraão.

*(Continua a convocação, partindo dos membros do Coro e por eles respondida em número sempre correspondente ao dos personagens convocados.)*

**CÔRO DOS SÉCULOS** - E tu, Ó boa Débora,

tu, amiga dos oprimidos

**DÉBORA** - Sou filha de Sara e Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Samuel, tu juiz fulgurante.

**SAMUEL** - Sou filho de Sara e Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Davi, tu agora, tu, grande rei camponês.

**DAVI** - Sou filho de Sara e Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS**

E tu, ínclito poeta, tu ó sábio Salomão.

**SALOMÃO** - Sou filho de Sara e Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Judite, tu que és nossa honra, tu, alegria do povo.

**JUDITE** - Sou filha de Sara e Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Isaias, também tu, tu, ó profeta amado.

**ISAIAS** - Sou filho de Sara e Abraão.

**UMA MULHER DO CÔRO** - E vós, heróis Macabeus, respondei vós: quem sois vós?

**OS SETE MACABEUS** - Somos filhos de Sara e Abraão.

**UM HOMEM DO CÔRO** - E vossa mãe, belos jovens, vossa mãe admirável?

**A MÃE DOS MACABEUS** - Sou filha de Sara e Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - José, José! fala tu, fala, operário forte.

**JOSÉ** - Sou filho de Sara e Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Tu, Maria, tu à única sem pecado, tu, bendita até pelos anjos.

**MARIA** - Sou filha de Sara e Abraão.

**UM HOMEM DO CÔRO** - Pedro!

*(Repetindo com ênfase o nome do primeiro Apóstolo.)*

Pedro!

André! Tiago! João!

Filipe! Bartolomeu!

Tomé! Mateus! Simão!

Matias! Tiago, de Alfeu!

Judas, irmão de Tiago!

*(Omite Judas Iscariotes, aquele cuja lembrança não conforta ninguém.)*

**OS APÓSTOLOS** - Somos filhos de Sara e Abraão.

**MARIA** - Olhai, olhai!

A estrela diferente!

**CÔRO DOS SÉCULOS** - *(Olhos fitos na direção do auditório. Deslumbrados)* A estrela diferente...

*(O Messias surge no fundo do auditório, avançando pela passarela central. Vestindo a ampla túnica alva, descalço, cabeleira de nazareno, é uma visão de Tabor. Atravessa a cena sem se deter. Todos se prostram, alguém tenta inutilmente roçar-lhe a túnica, Abraão e Sara*

*continuam dentro do seu próprio drama. E o Messias Prossegue até desaparecer no horizonte, além do espaço e do tempo.)*

**UM HOMEM DO CÔRO** - Maria, ele é teu filho;

**UMA MULHER DO CÔRO** - Ele é teu filho, Davi:

**UM HOMEM DO CÔRO** - Sara Sara! também é teu:

*(Chegados ao Local do sacrifício, Abraão é uma chama em agonia, Sara é uma estátua de pedra.)*

**PEDRO** - soframos com Sara,

soframos com Abraão,

**ABRAÃO** - Eis-me aqui, meu Senhor.

**DEUS** - (O místico jato de luz incide sobre Abraão.)

Abraão, diz a Sara que volte.

**ABRAÃO** - Sozinha, Senhor?

**DEUS** - Sozinha.

**ABRAÃO** - (A Sara) O Senhor está mandando tu voltares. *(Sara entrega Isac à Abraão)*

**DEUS** - Abraão, diz a ela que faça o que pensou fazer.

**ABRAÃO** - Sara, o Senhor Deus está dizendo para fazeres o que pensaste fazer. *(Sara retira o véu do ombro e venda os olhos do filho.)*

**ISAC** - Mamãe vai brincar comigo?

**ABRAÃO** - Mamãe vai procurar o coração morto no monte. Só pode achar o coração se meu filho não olhar. Meu filho não quer que mamãe ache o coração?

**ISAC** - Quero.

*(Sara regressa à mesma sonâmbula pelo mesmo cominho.)*

**ABRAÃO** - Então meu filho vai se sentar aqui (sentando-o ao chão) e esperar mamãe voltar.

*(Abraão prostra-se por terra, buscando força.)*

**AS MULHERES DO CÔRO** - (Pretendendo sentir com Sara:) Sara, Sara! Volta, volta!

**UMA MULHER DO CÔRO** - Volta, Mãe Sara, volta,

detém o braço de Abraão; volta e pergunta a ele, pergunta que espécie de fogo crepita

naquele peito; volta e pergunta a ele se ele fará estrelas com as cinzas de teu filho; volta e toma O punhal, e traz teu filho, e leva um cordeiro, um cordeiro, não teu Isac, herdeiro de tuas entranhas; volta e diz ao Senhor que o dado nunca se toma.

Volta, Mãe Sara, volta, teu marido não está em si, volta e abraça-te a ele, e cobre-o de beijos; se ele não te atender, agarra-o pela túnica, agarra-o pelos braços, agarra-o pelos cabelos e arrasta-o do monte abaixo. Volta, Mãe Sara!

*(Concluindo que ela não ouve, todas tentam despertá-la.)*

**AS MULHERES DO CÔRO** - Mãe Sara, volta!

**MARIA** - Que terá acontecido convosco?

Reparai no que estais à dizer!

**AS MULHERES DO CÔRO** - *(Reflexivas.)*

Que terá acontecido conosco?

Que estamos nós a dizer?

Perdoai, Senhor Deus, perdoai a fraqueza de nossa coragem, a inconstância de nossa fé.

*(Concentram-se, com os homens, em Abraão, que agora ouve Deus outra vez.)*

**DEUS**

Abraão.

**CORO DOS SÉCULOS** - *(Como um eco envolvente.)*

**ABRAÃO** - Eis-me aqui, Senhor.

**DEUS** - Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Abraão.

**ABRAÃO** - *(Arrasado, porém lutando por ser fiel.)* Falai, Senhor. Vosso servo escuta.

**DEUS** - Prepara o altar, Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Prepara o altar, Abraão.

*(Abraão levanta-se. Desata o feixe de lenha. Arruma os achas, formando um pequeno leito)*

**DEUS** - Toma o menino, Abraão.

**CÔRO DOS SÉCULOS** - Toma o menino, Abraão.

**ABRAÃO** - *(Contemplando, sem coragem, o filho, e desejando ainda falar com Deus, mas receando)*

Senhor, aqui está o menino. Aqui está ele.

*(Decidindo falar com Deus, dirige-se antes ao filho, embora saiba que ele de nada suspeitará. Afrouxa um pouco a venda, para Isac ouvi-lo, e depois reajusta-a.)*

Meu filho, papai vai se queixar ao Senhor Deus. Meu filho não se assuste enquanto papai estiver se queixando porque o Senhor Deus fez morrer o coração de mamãe.

**ISAC** - E o Senhor Deus pode fazer o coração de mamãe viver de novo?

**ABRAÃO** - Pode.

**ISAC** - Então se queixe, papai.

**ABRAÃO** - Meu filho fica então quieto.

**ISAC** - Fico.

**ABRAÃO** - *(Tentando impedir O inevitável.)* Senhor, eu vivia amargurado, é certo. Mas não vivia iludido. Aqui dentro já havia morrido a esperança. Não precisava mais me iludir. Porém viestes. Vós viestes até mim e mexestes na minha angústia. Sacudistes meu coração vazio. Prometestes o que eu suspirava. Prometestes-me mais do que eu queria, mais do que eu precisava, mais do que eu merecia, mais do que eu pediria. Confiei em vossa promessa, Senhor. Confiei sem discutir, sem perguntar, sem indagar. Confiei sem desconfiar! Vós me destes vossa promessa como um direito meu, não como um favor vosso. Assim dissestes, assim pensei. Embalastes meu coração, Senhor. Embalastes todo o meu ser, toda a minha vida, e a vida de minha mulher. Mas agora... agora é vossa voz que ouço. Vossa própria voz. Não outra. A mesma voz da promessa. Custa a acreditar, mas não há engano: Luto para acreditar. A mesma voz da promessa... *(Irrompendo em pranto, profuso.)* À voz daquela promessa... Perdão, meu Senhor, perdoai-me que eu vos diga... *(Debatendo-se entre à vontade e a inconveniência de dizer.)* Não. Não digo, meu Senhor, não tenho coragem. *(Num gesto parecido com o de Sara quando desejou Ismael, tira dos ombros o xale-manta, dobra-o sobre a lenha, tentando obter um leito macio. Retira o turbante pastoral e faz o mesmo. Ao terminar, é dominado pelo impacto da situação)* Não tenho coragem de vos dizer, meu Senhor, que a promessa foi traída. Perdoai-me, Senhor, que eu vos recorde isto. Não quero, mas estou dizendo. Digo não tanto por mim; estou dizendo por Sara, por meu Filho. Não fui capaz de contar as estrelas. Não sou. Mas sou capaz de fazer o que vou fazer, meu Senhor. Relutando, reclamando, chorando, implorando, mas sou. Aqui tendes minha confiança. Estou pronto para cumprir vossa ordem. Terei a justiça que me prometestes, meu Senhor? *(Retira a corda do sacrifício, mostrando-a a Deus)* – Sacrifico a carne da minha carne, o sangue do meu sangue. Sacrifico porque quereis. Porque ordenais. Sacrifico porque foi de vós que recebi. Mas por que me destes? Por que viestes enganar o coração do pobre Abraão?

**ISAC** - *(Demonstrando um pouco de impaciência)* Papai, mamãe ainda não veio?

**ABRAÃO** - *(Num esforço sobre-humano para obedecer a Deus sem aturdir o filho)* Meu filho, tua mãe ainda não achou o coração. *(Tomando-o nos braços)*

**ISAC** - Ainda não?

**ABRAÃO** - *(Preparando-o)* – Meu filho sabe onde estão as estrelas?

**ISAC** - Agora?

**ABRAÃO** - Agora?

**ISAC** - Detrás do véu de mamãe.

**ABRAÃO** - Pois meu filho vai ganhar todas as estrelas...

**ISAC** - Todas as estrelas, papai?

**ABRAÃO** - Todas, meu filho. As estrelas vão descer do céu até aqui. Virão brincar com meu filho.

**ISAC** - E eu posso tirar o véu?

**ABRAÃO** - Quando elas chegarem eu tirarei o véu.

**ISAC** - E mamãe vai chegar antes delas?

**ABRAÃO** - Tua mãe chegará com elas.

**ISAC** - Elas vão chegar agora, papai?

**ABRAÃO** - Agora. Mas ninguém pode tocar nas estrelas, senão elas queimam. Por isso eu vou prender as mãos de meu filho, para meu filho não se queimar, *(Pondo Isac no chão, amarra as mãos dele.)*

**ISAC** - Eu não posso correr atrás delas, papai?

**ABRAÃO** - Não. As estrelas a gente só pode olhar. Ninguém pode correr atrás das estrelas, senão elas se aborrecem e levam os filhos para longe dos pais.

**ISAC**

Não, eu não corro atrás das estrelas. Elas são bonitas mas não são mais bonitas do que papai e mamãe.

**ABRAÃO** - *(Impotente para reprimir as lágrimas.)* Para que nenhuma estrela queira levar meu filho, deixando seu pai e sua mãe sozinhos...



**UMA MEIA PARA UM PAR DE HOMEM (1970)**

TÁCITO FREIRE BORRALHO

# UMA MEIA PARA UM PAR DE HOMENS

1970

## TÁCITO FREIRE BORRALHO

*No meio do palco, um quadrado branco parcamente iluminado. Ouve-se ruído de luta, gritos abafados etc. A luz fica intensa, o ruído cresce. O último grito (de como quem se liberta violentamente) e uma jovem se projeta para o centro do palco. Cai em soluço nervoso. Pelos flancos do quadrado, os perseguidores vão projetar-se na busca da jovem, mas esbarram violentamente ao se chocarem contra a luz forte, deixando aparecer apenas algumas partes do corpo nu. A luz decresce até mostrar apenas três figuras.*

Sai a luz e entram slides mostrando o nome da peça, elenco, etc... A música tema, acompanha a projeção. Sai a música, a projeção, monólogo da jovem:

**MOÇA** – (*Violenta*): Não estampem na cara a máscara de pena. Guardem suas piedades para suas próprias misérias. Tampouco sorriam do meu estado. Mirem-se num espelho. O flagelo de vocês está sendo pior que o meu. Lá dentro! (*mais profundo*) – O meu nome é... Maria... não, Kátia... Sheila... Regina... Marli... Sônia... Sandra... sei lá. Prefiro Maria que é mais comum e se pode ouvir por todas as classes. /Tenho nome comum, cara comum, corpo comum, (*gritando*), vida comum também. / Sou fêmea, de minha raça, e fêmea é o mais comum! / E vocês? – Quem são vocês? – Dra. Inês, Srta. Carla, Madame Z... Sra. fulano de tal. Pobre, rica, séria, vadia, honrada, prostituta, alegre, triste, boa, má correta, lésbica!

Mas todas mulheres! Todas fêmeas! / Embora prefiram ser diferentes. Diferentes! Iguais em tudo, preferem parecer diferentes. Iguais no leito, no peito, na rua, no corpo, na fala, no chão, nos vermes! Mas preferem ser diferentes! Desiguais, desunidas! Olham-se com desdém. A vaidade as cega. Para que sua máscara seja melhor ressaltada, recorrem a tudo: - à roupa, cobrem o corpo para diferenciar, à peruca, mudando o cabelo, escondem outro defeito. À maquiagem, aos metais, às meias. Mostram-se pela metade! /Não tem coragem de mostrar o todo por que está podre e dará muito trabalho limpá-lo. Por isso preferem esconder a metade. É cruel ver a outra metade. E a preguiça, o luxo, o prazer, a vaidade não permitem que tenham tempo de limpar o resto. Para mostrar o todo. São. Limpo. É preferível que se vistam, adornem, a obter coragem de mostrar-se nuas. Puras. / (*noutro tom*) E é a essa raça hipócrita que eu pertencço. Também sou reduzida a meia – por que sou sozinha. Não tenho apoio. A minha classe é cega! É surda! Afoga-se no charco da podridão conscientemente, passivamente. Por que lutar? Dá trabalho. Exige sacrifícios! Preferem afogar-se a transformar-se. / Até quando aos pares os homens buscarão solução para tudo? E por que aos pares? Será que descobrem que sozinhos são imperfeitos? Que precisam completar-se? (*grito*): Até quando terei que ser meia?!

*(A luz decresce, ouve-se gritos de vultos que surgem de todos os lados e vão paulatinamente se aproximando.)*

**VULTOS** – Maria! Maria! Maria! ...

**UMA VELHA** – Arre, égua! Toda rasgada. ‘Tavas de novo com a cambada da maconha,

né cadela!?

**UM VELHO** – Te agarrastes com o cavalo novo, ôh!

**UMA MULHER** – Taí o que dá dormir com homem pobre!

**UM JOVEM** – quem te fez isso? Vai, conta!

**MARIA** – Arre! Chega! *(Com o grito de Maria, num rápido movimento, um grupo se forma e afronta a plateia)*

**GRUPO A** – *(Luzes iluminam as mãos do elenco)* Nossas mãos são inúteis. Incapacitadas de criar. De apertar botões. De transformar.

**GRUPO B** – *(Luzes nas faces)* Nossas faces se enrugaram de ver o orvalho. De ver o progresso sem dele participar.

**GRUPO A** – Nossas mãos se crisparam e foram arrancadas. Se abriram e foram fechadas. Levantaram-se e foram quedadas.

**GRUPO B** – Nossas faces sorriram e foram caladas. Nossas bocas se abriram e foram tapadas.

**GRUPO A/B** – *(Todos)* Nossas vozes ficaram abafadas! *(Movimento do amontoamento – ruído de máquinas e projeção das mesmas que simbolizam o progresso industrial do século XX)*

## I CENA

(O grupo volta. Primeiro somente os dois rapazes)

**Roberto** – Amor, flor, paz... Isso é que é filosofia!

**Márcio** – Onde pescaste tudo isso?

**Roberto** – Ora siô! Já consegui chegar à faculdade. Só que o dinheiro acabou antes do segundo mês.

**Márcio** – Abaixooooo!!! ... Ah, Ah, Ah... Não levaste também umas cacetadas?

**Roberto** – Qual nada! Não tive sorte nem de ver os resultados das primeiras assembleias!

**Márcio** – Pô! Mas como é mesmo? E o carro do ano?

**Roberto** – Tu engoliste isso também? Já sei que quando mais rico se for, mais burro se é.

**Márcio** – Deixa de bronca e bate logo tua caixinha.

**Roberto** – Que onda é essa Irmão? Sou plebe.

**Márcio** – O quê? E o comércio do velho? Faliu?

**Roberto** – Ah! Que comércio? A caixa de engraxate?

**Márcio** – Te manca! E essa roupa? E o “tutu p’ras coisas”?

**Roberto** – Manera, ô meu! Ainda tem muito qualira e muita coroa por aí fazendo “caridade”.

**Márcio** – É... Eu ainda estou na barra mansinha.

**Roberto** – Lá em casa que tá assim é o velho. Em cada virada que a velha faz, o caldo é grosso. Dá pra umas boas doses de “Whisky of Mandioca”. O velho toma cada lombada! (*noutro tom*) – Parece que estão em separação de corpos há um bom tempo.

**Márcio** – Ah, é? Tem pouca diferença dos meus.

**Roberto** – Não diz! Eu já desconfiava que ser corno honrado não era luxo só de pobre.

**Márcio** – Não é, pois o lá de casa sabe se honrar muito bem. Não tolera sociedade. Reparte o capital e o negócio se desemparelha.

**Roberto** – Mas qual é o apito dele?

**Márcio** – Tem anel de “adevogado”, mas é dono de uma industriazinha.

**Roberto** – Pentes!!?

**Márcio** – Acertou. Mas o material é outro. É borracha.

**Lia** – (*Chegando*) – Oi gente. Cadê o resto?

**Márcio** – Sei lá, tão por aí...

**Lia** – E porque vocês dois estão mofando aqui?

**Roberto** – É que nossa fossa é pesada. E tirar onda de sério deu melhor.

**Lia** – Ih. Hoje o “anjo” passou alto e o “bagulho da alegria” tava um pouco “salgado”. O “salário” tá no fim. Veio pouco.

**Márcio** – (*Examinando*) mas dá pra chegar em Vênus.

**Lia** – “Cês tavam” descobrindo alguma “magia” nova?

**Roberto** – Seria melhor. Mas não. Apenas um retrato das nossas “belas” famílias.

**Lia** – Imagino! Hoje a minha vó insistiu tanto para me levar para a Igreja, que rebentei! ... O nosso ópio aqui é o melhor. Ah, não tolero mais aquilo que chamo de casa. Tudo às avessas! Me dá sempre a impressão de que nunca chego. Volto e não chego ali. Cada vez que chego, tenho a impressão de estar sempre saindo. É podre nunca sentir que se chega. É o que sinto em família, sabe? Parece que as nossas pontes é que são minha casa. Aqui sempre sinto que chego mesmo. E sair, cada vez me faz infeliz.

**Roberto** – Não tem mais sentido viver olhando tudo isso. Em cada velho há um véu que mascara tudo.

**Márcio** – Uma hipocrisia de lascar! Vê só que educação! Tudo para ludibriar os bestas. Não fossem as “espaçonaves”. Acho que o suicídio era pouco ainda.

**Lia** – São mesmo de dar vexame! Não tem vergonha de mentir. São verdadeiros cientistas da aparência.

**Roberto** – Falam de amor como quem o pratica. E o que dá está aí. Nós. O que é que vê em casa?

**Lia** – Ih! Vamos ligar as turbinas que eu quero voar logo! Não saí de casa pra me continuar a me sentir nela.

**Márcio** – É. Cada um de nós precisa de remédio para esquecer o podre. O aroma social sufoca qualquer verme.

**Roberto** – Então vamos ao sonho! Ao colorido! Ao amor!

**Lia** – Vamos desencarnar logo!

**Márcio** – Por onde começamos?

**Roberto** – Por elas! (*desanimado*) – são poucas.

**Márcio** – Mas tem da outra! Ué. Mas já veio pronto! Olha lá! É da legítima mesmo?

**Lia** – O “Anjo” lá garantiu que é... Bem que um pico seria mais eficaz.

**Roberto** – Dava melhor mesmo. Eu ainda estou em jejum.

**Márcio** – Acho que sou o mais previdente. O diabo é que a reserva já acabou.

**Lia** – Vamos lá. Primeiro “elas” depois umas nuvenzinhas tá?

(*Aqui uma rápida coreografia*)

**Roberto** – Atenção Lua! Cérebros humanos pilotando LSD! Gozarão agora do teu defloramento!

(*O fundo musical agora deixa ouvir uma contagem decrescente para a o lançamento da Apolo 11. Após ingerida a droga, a música é de sonho*).

**Márcio** – Tou pensando é como o pessoal desta cidade é tão quadrado que nos obriga a “buscar a paz” às escondidas.

**Roberto** – É melhor aqui que o “ponto” é seguro.

**Lia** – Pelo menos até enquanto os zeladores da moral pública, motorizados não nos descobrem.

**Márcio** – Não brinca, que o velho só fala em cadeia pra correção.

(*Aqui acendem um cigarro*)

**Lia** – Eles só ameaçam com isso. Se essa merda prestasse para corrigir. Correção! Vai ver que eles é que se julgam com direito de apontar nossos erros.

**Roberto** – Certo! Nos fazem errados. Erram pra gente ver. Continuam errados ao ponto de nos expulsar de casa pelos seus erros. E a justiça é quem vai nos corrigir! Boa piada!

**Márcio** – (*À Lia*) Tua mãe não dá por tua falta?

**Lia** – Pela minha? A velha quase sempre janta fora enquanto que o velho fica na biblioteca em altos “loves” com Cleópatra, a Rainha de Sabá, Messalina...

**Roberto** – Harém grande, ê?!

**Márcio** – Pelo menos não atrapalham tua vida.

**Roberto** – E o colégio? Não dá bronca das faltas?

**Lia** – Se dá? Mas não ligo. Os velhos também não. Quero ver a cara das freiras quando conhecerem nossa honradíssima família!

**Márcio** – O que farão?

**Lia** – Será bem interessante: Uma família cristã que não pode educar bem suas filhas. Logo, uma filha sem educação, pode-se tornar uma viciada. Daí, uma filha viciada, contamina as colegas, prejudica a moral da turma, o bom conceito do colégio, etc, etc... Uma ferida pode transformar-se em câncer, antes disso ela deverá ser arrancada, pois é incurável! Pronto! É só!

**Roberto** – E tu és expulsa!

**Márcio** – Exato!

**Lia** – Mas ninguém foge do Colégio, de casa, para bancar saudosista desses lugares no “ponto” sagrado. Pensemos na paz que buscamos. No amor que fazemos, na esperança da flor!

**Roberto** – Na esperança do caos!

**Márcio** – Fala outra vez.

**Roberto** – Na esperança do caos. Da flor. Enquanto houver perfume, sol haste, raiz, a flor vive. Assim a gente. Passada a família, nada significando o nome, os “enfeitados”, descobrindo-se este ponto, acabando o perfume – da fumaça, nós murchamos. É o caos.

**Lia** – E o nosso caos afetará os velhos, os moralistas, os cientistas – Eles constroem o mundo.

**Márcio** – Para eles não passamos de débeis marginais.

**Roberto** – Marginal! Eu deste modo também construo o mundo. Construo o caos construindo o mundo.

**Lia** – É bem verdade. Eles constroem o mundo com dinheiro com guerras, com máquinas, com ciências, com prisões, com astronautas... Mas nós construímos o mundo com amor. Com colorido. Da paz da fuga. Do caos do espírito.

**Márcio** – Mas nós construímos o mundo. O mundo do amor.

**Roberto** – É nestes tóxicos que encontramos amor. Não no mundo. O mundo nos negou o amor. E ele é profundo!

**Lia** – Foi preciso fugir do mundo e criar outro mundo irreal, de ilusões para sobreviver. Um mundo de sonhos, mas nosso! Nosso! Diferente, concreto para nós.

**Roberto** – Olha os festivais!

**Márcio** – Este é o nosso festival!

**Lia** – Sem vedetes, sem valores.

**Márcio** – O nosso festival de cores.

**Roberto** – O nosso festival de vaias.

**Lia** – Sem aplausos. Em tudo em nós, nada há para aplaudir. Talvez o caos.

(Aqui a música vai se intensificando com a alteração da voz)

**Roberto** – É melhor viver o sexo sem complexo, antes do caos.

**Lia** – Protestemos contra as guerras antes do caos.

**Márcio** – Imitemos os hippies, antes do caos.

**Roberto** – Onde está nossa esperança? Na flor?

**Márcio** – Depois de murchada? Depois do caos, depois.

**Roberto** – Rebentemos os pulmões, antes do caos?

**Lia** – Cuspamos os medalhões do pudor hipócrita!

**Márcio** – Rasguemos as máscaras!

**Lia** – Reguemos as flores!

**Roberto** – Calemos nossas próprias dores!

(Começam a despir-se – farão um falso “desnudar-se”)

**Lia** – Adiemos o caos!

**Márcio** – Evitemos o caos!

**Roberto** – Façamos o amor!

**Lia** – Vivamos o amor!

**Márcio** – Amor sim! Caos não!

**Lia** – Amor! Flor! Paz!

(Aqui uma coreografia que culmina com caracterização de um ato de amor e sexo a 3. As luzes decaem. A música também. Dão lugar à projeção de pombos em idílio e ouve-se o arrulho dos mesmos.)

## II Quadro

### I Cena:

*(A mesa está sendo decomposta. O velho está sentado à mesa, fumando, apático. A velha recolhendo os pratos, leva-os para dentro. Arruma outros que cobre com um canto da toalha.)*

**Joana** – *(retirando os pratos)* – Tudo que tu disse, Maneco, eu bem que compreendo. Mas de que adianta se aporrinhar? A tua fábrica fechou depois da minha. Foi sorte até.

**Manoel** – Sorte! ... Eles bem que podiam pagar, fechar assim sem mais nem menos, dispensar os operários... É tudo muito fácil pra eles. E dizer que nem o vidão que se estragou lá dentro eles contam! Vi toda uma família de patrões. Era só os filhos ficar doutor, e pronto. Gerente, mandão disso ou aquilo, diretor no lugar dos velhos. Vi todos. Avós filhos e netos. E os meus “filho”? Nós sabemos com que sacrifício foram desemburrado. Para quê? Um pra ser pescador.

**Joana** – *(Voltando)* – Que aliás, hoje é bem mais honroso que ser operário de fábrica.

**Manoel** – A outra até que graças a Deus não acabou na “Maroca” ou na “Sonho Azul”. Pela maior sorte pôde entrar na “faculdade” – que às vezes fico pensando se não é mais pior ainda.

**Manoel** – É... Liga o rádio que já deve tá na hora da novela.

**Joana** – Ah! Quase esqueci. (Liga o rádio) (Ouve-se o capítulo ainda com som baixo).

**Manoel** – Não disse? Já começou.

**Joana** – Xii!! ... Não atrapalha! *(Os dois aproximam-se mais do transistor. Ouve-se “sua” novela que é interrompida por uma edição extraordinária do jornal falado da emissora, notificando um incêndio no Goiabal. Quando é anunciado o jornal, os dois fazem gestos e ruídos de descontentamento. À medida em que o locutor vai anunciando o ocorrido, o casal assume atitude de atenção).*

**Manoel** – Puta merda! Não é tão longe! Pode-se ver daqui.

**Joana** – *(Levantando-se primeiro)* – Poxa – venha ver! Quanta casinha...

**Manoel** – São giraus como o nosso.

**Joana** – Oh, meu Deus, o que se pode fazer?

**Manoel** – O quê? ... Olhar, rezar... Apagar o fogo é que não.

**Joana** – O vento está a favor. Daqui há pouco tudo será carvão! ...

**Manoel** – A maré está seca...

**Joana** – Inda bem. Poderão salvar alguma coisa.

**Manoel** – *(desalentado)* São giraus como o nosso! ...

**Joana** – De operários, como nós.

**Manoel** – Que miséria, meu Deus!

**Joana** – Oh, Maneco. Fico tremendo, podia ser o nosso ou aqui mais perto. A gente está com a mesma aflição. Os troços pra tirar. – Não! Não quero nem pensar.

**Manoel** – Deixa de agouro, mulher! ... Olha! Mais uma fumaça preta...

**Joana** – Mais um bocado de casas! E numa hora dessas não chove! Parece que nem os bombeiros chegaram.

**Manoel** – Bombeiros! – O que é que meia dúzia de cabra frouxo trepado numa esculhambação de carro que mais parece carroça sem-burro, e que só vive na seca e no prego, pode fazer?

**Joana** – Isso é uma esculhambação! ... *(Tomada de súbito pela lembrança)* – Meu Deus! E o Pedro que não chega em casa. Com certeza está por lá, vendo de perto.

**Manoel** – É quando chegar vai contar melhor pra nós. Tomara que tenha vendido todo o peixe.

**Joana** – Eu preferiria que ele voltasse, mesmo que não tivesse nada pra contar. Estou me preocupando. Pode ser perigoso. Pedro é muito afoito.

**Manoel** – Eita! Parece que caiu um bocado de casa agora... - Mas se o Pedro estiver lá ajudando o pessoal não é nada ruim. Ele não é mais criança, sabe o que está fazendo. Deixa de pensar besteira.

**Joana** – Ora, Maneco, não é besteira, é meu filho que está em perigo.

**Manoel** – Deixa de ser ranzinza! Pensa nos outros! Pensa em quantas mães já perderam os filhos, ou mesmo tão se queimando pra salvar eles. Por favor, mulher. Tu só pensa em ti, no nosso filho. E sem saber ao menos se o cara tá lá. Não... Ora merda! *(Aqui há um barulho de incêndio que atrapalha o impropério. Apagam-se as luzes da cena).*

## CENA II: (Luzes como na 1ª cena)

**Cristina** – *(Entrando com um pacote e uma lata)* – Mãe Joana, Seu Maneco, vocês –

**Cristina** – Soube de tudo pelo caminho. Não dava pra ver bem. Só o fumaceiro. E o Pedro? Ele tá lá dentro?

**Manoel** – Ainda não veio.

**Cristina** – Oh, e tá p'ráquêles lados...

**Joana** – Não te preocupa, minha filha. Nada há de acontecer com ele. Não deve demorar a riscar por aqui. Cuida de jantar.

**Cristina** – Não, não precisa. Já jantei na casa da Patroa. Trouxe um resto de comida para o Pedro. Tá aí nessa lata.

**Joana** – Mas tem até comer bastante hoje. Come mais um pouquinho.

**Cristina** – Não. Não tou com fome. Deixe pra Glorinha. Eu quero ver o fogo. Daqui dá pra se ver bem?

**Manoel** – Vem p'rá cá p'rá fora que se vê melhor. *(Cristina vai acompanhada pela sogra).*

**Joana** – Fico incuida com a demora de Pedro.

**Manoel** – HUM. HUM!!...

**Cristina** – Parece que o fogo aumenta mais. Olhem. A fumaça está ficando mais escura!... Ave-Maria, Mãe Joana! Numa hora dessas não se deve nem se atrevê a pensar besteira... Mas puxa! É terrível! Pai do céu. Aquilo está um inferno de fogo! Pobre do povo da lama! Falam tanta coisa por aí... Mas ninguém sabe como começo né?!

*(Entra Pedro)*

**Pedro** – Pai, mãe... Cadê o povo!?

**Manoel** – Tamos aqui.

**Pedro** – Ah! Vocês estão vendo!... Que espetáculo medonho, hein?!

**Joana** – Você viu de perto, Pedro? Como é que está sendo?

**Manoel** – Que é isso, mulher? Deixa o rapaz descansar pelo menos.

**Joana** – É... Vem jantar logo, meu filho.

**Cristina** – Pedro... Trouxe um pouco de comida pra ti.

**Pedro** – Bota aí, enquanto eu lavo a cara – se me der coragem, eu como.

(Manoel fica sentado um pouco de lado, fumando, esperando que o filho conte os acontecimentos. As duas mulheres fazem os pratos.)

**Cristina** – Este é o da Glorinha.

**Pedro** – (*Voltando*) – Ainda tenho a cara quente!

**Joana** – Não devia ter lavado, pode estuporar!

**Cristina** – Senta, meu bem, come alguma coisa.

**Pedro** – Vou fazer força... Pai, o Sr. sabe onde é?

**Manoel** – O fogo? – Não é no “Come-Fedendo”?

**Pedro** – É isso mesmo.

**Cristina** – E como começou?

**Pedro** – Foi tanta estória, que eu mesmo não sei.

**Manoel** – E quais são as estórias?

**Pedro** – Uns dizem que foi um cara que estava festejando S. Benedito e, muito cheio de pau, foi soltar um foguete – e o fez pegar fogo.

**Joana** – E outros?

**Pedro** – Que foi o governo.

**Cristina** – Ah, essa estória não tá me cheirando bem.

**Joana** – Isso é um absurdo! Não acredito!

**Manoel** – Que confusão dos diabos! Não tão vendo que isso é conversa fiada! Se não tem casa pronta ainda.

**Joana** – E depois as primeiras casas vão ser pro pessoal da Tabatinga.

**Pedro** – Também não acho que um governo faça isso com seus eleitores.

**Manoel** – Também não. Mas dizem que no Rio fizeram com algumas favelas.

**Joana** – Mas não estamos no Rio.

**Cristina** – Bem, verdade que não se quer sair daqui. A gente aqui tá na lama, mas mais perto do serviço, pode ir até andando. Do outro lado vai ficar mais caro.

**Pedro** – Bem, acho que amanhã o jornal vai dizer direitinho como foi.

**Joana** – Ih! Jornal! Quando é que o jornal diz as coisas como são? Falta sempre um pedacinho de verdade, então enfeita a estória.

**Cristina** – É. Pra vender jornal se faz tudo.



**Manoel** – Tu vendeste o teu peixe?

**Pedro** – Vendi, tudo, pai. Tava pesando o último quilo quando ouvi a zoadada. A fumaça subiu rápido. O pessoal danou-se a correr para lá e eu fui também.

**Joana** – E ainda tá queimando... Agora menos.

**Pedro** – Mãe, eu nunca vi gente mais humana, gente mais unida nestas horas, do que a gente da lama.

**Cristina** – É, meu bem. Pobre sabe ter coração.

**Pedro** – E é mesmo.

**Manoel** – Mas também tem aqueles que se aproveitam.

**Pedro** – Duvido, não. Mas hoje ninguém se aproveitou. Tudo queria ajudar. Até criança ajudou. No escuro mesmo, só o clarão do fogo, o pessoal arrastava bagulho de dentro do girau. Que cenas desesperadas. Que cara faziam os que estavam queimados! E uma mulher, gente. Essa eu vi. Já tava fora quando lembrou que tinha um cordão de ouro que tinha guardado e voltou para pegar. Não conseguiu mais sair de lá. A pontezinha do girau quebrou e ela despencou dentro da lama. Não olhei mais o rosto. Os gritos me cegaram.

**Cristina** – Por que que só acontece com os pobres essas coisas? (*Silêncio*)

**Pedro** – Quando eu já vinha de volta, estavam tratando de abrigar o povo. No antigo cortume. Levaram colchões, roupa, cobertor... Estavam falando que ia ter televisão.

**Manoel** – Que pensam que vai ser um bom purgante pro pessoal escorrer as tripas e esquecer a dor que tá no couro!

**Pedro** – Mas vão dar casas também.

**Alfredo** – Casa! Aonde? Vão aterrar a lama dali e levantar casas de tijolos para eles?

**Pedro** – Isso não. Vão aterrar ali, mas é pra fazer uma avenida... As casas vão ser no Anjo-da-Guarda

**Cristina** – Boa troca.

(*Entra Glorinha*)

**Glorinha** – Oi gente

**Cristina** – Oi Glorinha

**Joana** – Minha filha, já é bem tarde e...

**Glorinha** – Já sei. Mas mãe, não repita a mesma estória de preocupação. Sua mania já está me enchendo.

**Pedro** – Que é isso Glorinha?

**Cristina** – Vem comer, Glorinha, teu prato está feito.

**Manoel** – Pode-se saber onde a “doutora” andava?

**Glorinha** – Por aí, pai. Fui ver o lugar do fogo com uma colega minha que tem carro.

**Joana** – E... Só voltou agora?

**Glorinha** – Claro! Ué, mamãe? Que comida horrível.

**Pedro** – Já deve tá de rabo cheio, hein?

**Glorinha** – Acertou, senhor peixeiro. Fui comer no Palhoça com minha amiga e o noivo.

**Manoel** – Comendo no Palhoça, depois de ver aquilo?

**Glorinha** – O que o senhor queria que eu fizesse? Que me queimasse também? Quem for podre que se quebre.

**Cristina** – Glorinha, tu também é gente igual a eles!

**Glorinha** – Infelizmente. Mas até muito breve... IH! Mamãe, a senhora quer saber de uma coisa? Já estou fara dessa miséria. Morar nessa espelunca, comer essa porcaria, ter que esconder aos colegas da faculdade onde moro, não poder arrumar um namorado por não ter casa digna de trazê-lo. Estou cansada de ter vergonha do que sou. Que me importa que se queimem todos os giraus. Acho pouco.

**Pedro** – Que Assistente Social tu vai ser, puxa!

**Glorinha** – Ora cala boca, Pedro. O que é que pescador entende de estudo?

**Pedro** – Tens razão maninha, pescador só entende de pescar pra ganhar dinheiro pra ti poder estudar.

**Glorinha** – Passas na minha cara? É? Pois bem. Não vais poder latir sempre assim. Eu dou um jeito nisso muito em breve. Mas nesse chiqueiro é que eu não vou ficar.

**Pedro** – Cuidado, menina! Todos queremos sair disso, melhorar, mas pode ser dessa maneira muito fácil assim. Não vai pensando que com toalhinha, sabonete e bacia se pode fazer um pé de meia.

**Glorinha** – Pé-de-meia! Quem deve se cuidar és tu daqui a pouco terás que te arranjar é com os parezinhos de meia de lã! E vê se não me insulta mais. Que direito tu pensa que tens?

**Cristina** – Tem calma gente! Cada um tem que fazer seu pé-de-meia, sim. Tu está pensando em trabalhar para ajudar nos estudos, não é isso Glória.

**Glorinha** – Tu é bem sabida, logo se vê. Pega o besta, casa logo, toma conta da casa e pronto! A caçula é que se dane! Que trabalhe! Agora está sendo peso para a bolsa da família...

**Joana** – Minha filha...

**Cristina** – Glorinha...

**Glorinha** – Eu não aguento mais. Todas as minhas colegas tem casa bonita, no chão! Não moram trepadas como galinhas nem sentem o cheiro de lama. E muitas são mais burras do que eu. Por que é que só eu tenho que ficar nessa miséria? Elas são melhores do que eu?

**Pedro** – E tu é culpada disso, sua besta?

**Glorinha** – Eu bem sei que não sou a culpada.

**Manoel** – Não está querendo nos culpar também, está?

Seria o cúmulo. O maior agradecimento. Gastamos tudo que tínhamos de saúde dentro de uma fábrica pra juntar nosso pé-de-meia, fizemos um, muito roto, mas fizemos. Podíamos ter mudado de bairro, ter casa melhor. E tu seria uma burra! Uma burrona, entendeu? Mas não! Teu irmão foi logo cedo fazer a vida, tu nós botamos para se educar. Quisemos fazer de ti diferente das outras meninas daqui. E acho que conseguimos. Você está diferente de todas. Sabida, mas diferente.

**Joana** – Diferente da gente até. Nós te criamos diferente demais. Criamos uma filha que não nos quer bem. Que odeia o nosso tipo de gente.

**Glorinha** – Ah! Vocês pensam que me fizeram um favor? Vocês tinham obrigação. Eu tenho o direito de saber ler, de estudar. Todo homem tem o direito de ser instruído.

**Pedro** – Mas isso é modo de reconhecer o que os pais fizeram, minha irmã?

**Glorinha** – Eu não estou desconhecendo nada seu burro! Estou assegurando meus diretos.

**Manoel** – Mas dessa maneira eu te proíbo!!!

**Glorinha** – Está bem. Não encherei mais o saco de ninguém. Eu vou começar a fazer também o meu pé-de-meia. Mas mostrarei que será de Nylon, e bem comprido!

**Cristina** – Deus queira que não acabe mal.

**Glorinha** – O que pode ser pior do que isso??

**Joana** – Ah, minha filha, dá graças a Deus tu não ter que pedir esmolas pra comer.

**Pedro** – Pedir esmola até que é decente!

**Glorinha** – Chega, Pedro! É muito decente pedir esmola, se entregar a um macho por Cr\$ 500,00. Toda miséria pra ti é decente. Mas pra mim não é. É bastante decente ficar nas calçadas estendendo a mão ou fazendo lista, pra implorar por auxílio por não achar emprego. É decente passar por um lixo de homem e jogar uma moeda em sua lata. Assim se ajuda também a fazer o seu pé-de-meia. Mas com um pé-de-meia desses eu limpo o rabo! E esfrego depois na cara dos que jogam as moedas. Dependo do pé-de-meia que eu calçar.

**Pedro** – Glorinha, tu já estás ficando nervosa demais.

**Glorinha** – Nervosa? Nervos existem para ricos! Minhas tripas é que já estão virando de tantas imundície. *(chora)* Não aguento mais! Vou dormir. – *(Sai)*.

### CENA III

**Cristina** – *(A Pedro)* Ela está cada vez mais descontente. Vai acabar ficando doida.

**Pedro** – Nada! Quando casar, passa.

**Cristina** – Quer dizer que eu não corro mais esse risco?

**Pedro** – Ora, meu bem, tu já provaste que tens raça

**Manoel** – (*À parte*) Pobre da minha filha!... É mesmo. Anel de ouro não senta em focinho de porco.

**Joana** – Não é isso não Maneco. Eu gostei quando ela disse que nós temos direito de não morrer burro.

**Joana** – Tu tem razão. Mas ela é nova, o Pedro é novo, Cristina é nova. Eles têm que brigar por esse direito.

**Manoel** – Ah, isso é. O pé-de-meia que a gente fez não pode ser desfiado à toa. Pelo menos nossos netos vão ter que ser feliz.

**Pedro** – Não pai, não se é só feliz quando se tem dinheiro, ou sabe leitura.

**Joana** – Tou contigo, Pedro. A felicidade é a gente que tempera.

**Cristina** – (*De fora*) O fogo parece que está apagando.

**Joana** – Sim, o fogo. Quase que a gente esquece.

**Manoel** – E foi esse fogo que nos fez falar de tanta coisa...

**Joana** – É, sempre precisa que alguma coisa de muito grande aconteça pra gente sentir coragem de se lembrar que é gente e dizer o que pensa.

**Manoel** – Minha velha, vamo dormir. Amanhã a gente pode ir olhar de mais perto. Até amanhã, essas criança.

**Joana** – (*Acende uma lamparina que carrega consigo*) Até amanhã, Deus abençoe vocês.

**Pedro e Cristina** – Até amanhã.

**Pedro** – Minha filha, as vezes acho até que a Glorinha tem razão. Eu trabalho contente mas não acho boa essa vida que a gente leva.

**Cristina** – Não Pedro, tá tudo bem.

**Pedro** – Eu sei que tu não tá arrependida, mas eu não posso me acomodar assim. Nós temos que lutar.

**Cristina** – Juntos, não é? Nós casamos pra isso, não foi? Pra tem mais força de enfrentar a vida.

**Pedro** – É meu bem, quando a gente gosta mesmo faz qualquer doidice e ela dá certo.

**Cristina** – Não acho que foi doidice.

**Pedro** – Então me dá um beijo pra provar que não foi. (*Beijam-se*).

**Cristina** – (*Um pouco séria*) Será que faz mal a gente ficar assim se beijando enquanto um bocado de gente tá chorando por causa do fogo?

**Pedro** – Mal, por quê?

**Cristina** – Sei lá! Acho que é desumano até.

**Pedro** – Besteira, minha filha. Quando é que querer bem é desumano?

**Cristina** – Acho que é quando se esquece dos outros.

**Pedro** – Ora Cristina, a gente não está esquecendo dos outros. Resolve, se ficar aqui de pé a noite toda, olhando para o lugar do fogo? Que sabe se lá onde eles estão arranjados, os que não estão queimados não tão procurando a mulher deles - mesmo entre um e outro soluço dos que estão perto?

**Cristina** – Acho que tu tens razão. Chorar morto, não ressuscita, mas consola a família. O importante mesmo é cuidar do enterro.

**Pedro** – E quando o caso é só doença, é melhor operar logo. Dá chazinho não cura. Remédio não adianta. Pra sarar tem que haver mudança e só muda mesmo é com operação.

**Cristina** – A gente pode mesmo amar sem esquecer dos outros, tu me convence.

**Pedro** – Mas tá na cara meu bem. A vida não é pra se estragar.

**Cristina** – (Meio sorrindo) O fogo parece que acendeu aqui. Vamos dormir que tu deve estar cansado. (*BLACKOUT*)

**FIM**



**JOÃO PANEIRO (1975)**

TÁCITO FREIRE BORRALHO  
&  
JOSIAS SOBRINHO

JOÃO PANEIRO

1975

**TÁCITO BORRALHO E JOSIAS SOBRINHO**

*(Peça para Atores e Bonecos)*

**PERSONAGENS HUMANOS:**

**João**

**Dona Mundica**

**PERSONAGENS BONECOS:**

*(Todos os outros)*

**CANTO 1**

**I – ATORES**

“Boa noite aqui chegamos  
Para lhes apresentar  
Com esse jeito de lorota  
Para das coisas falar”

**II – BONECOS**

*(Bis)*

**ATOR DA DIREITA**

- O meu nome ninguém sabe.

**ATOR DA ESQUERDA**

- O meu ninguém saberá

**ATORES**

E do meu? quem é que sabe?

**Bonecos da esquerda e da Direita**

“Ninguém, pois não vou contar”

**Todos**

“velhos, grandes e pequenos,  
Desta plateia geral  
Muita atenção nós pedimos  
Pro nosso caso real  
Contado sem mais nem menos  
Coisa muito natural  
Nesses tempos que nós temos,

Sem contar estória fraca  
Não esquecemos a faca  
Que corta o que nós não lemos

**VI** - Todos repetem. Os dois atores (e bonecos) das pontas, repetem o canto **V**, enquanto os atores do centro falam a letra do mesmo.

**VII** – Os atores do centro recuam e os das pontas avançam e continuam o canto alternando a coreografia, montando o palco para bonecos, trazendo-os dependurados na armação.

- “Um caboclo muito forte,  
Muito moço,  
Muita sorte,  
Curioso, até zeloso,  
Que faz cofo, não faz pote  
- Nascido aqui pressas bandas não tem medo do invisível.  
- Mas crê no tempo e nos vivos  
- Duvida até da sua sombra  
- Sabe ler rastro em caminho  
- Distingue sinal no vento  
- Nunca é contente com pouco  
- Não dorme em “rede do avesso”  
- Mora em uma casa de esteira  
- Mexe farinha de boa  
- Bota roça, pesca e caça  
- Brinca boi, dança tambor,  
- Reza pouco e muito faz”

**VIII** – O palco já armado, os atores apresentam *João Paneiro*:

- “Todo mundo já conhece o homem de quem falamos.  
- Deixemos de muita prosa  
- Que ele mesmo já aponta  
- Por detrás de meaçaba  
- Que bem ali ‘maginamos  
- Ser a porta desta casa que nós agora montamos.

**IX** – **Todos**

“Todo mundo já conhece o homem de que falamos” (*BIS*)

**X** – **JOÃO** (*entrando*)

- Sou João de Simpliscio  
Torrei farinha inda pouco  
Como o caso é empaneirar  
Começo a fazer meu cofo.”

*CENA 1 – João está fazendo cofo. Vão passando, pelo Palco, dois bonecos e alguns personagens do povoado. Cumprimentam João e desaparecem. João demonstra sentir dores nas costas.*

**FRANCISQUINHO** – Seu João, Dona Mundica tá chegando! (Sai)

**JOÃO** – tá certo.

**DONA MUNDICA** – De casa

**JOÃO** – Teje dentro.

**DONA MUNDICA** – Como tá passando?

**JOÃO** – Aperreado.

**DONA MUNDICA** - O que foi?

**JOÃO** – Coido que é carne-aberta.

**DONA MUNDICA** – Não será nervo torto?

**JOÃO** – Coido que não.

**LOURIVAL** – (chegando-se) “coido que não”!

**JOÃO** – Passa, louro!

**LOURIVAL** – “Passa, louro”! Currupaco!

**JOÃO** – Veja aí, Dona Mundica.

**DONA MUNDICA** – (espia) – Chega mais perto.

**JOÃO** – Não dá.

**DONA MUNDICA** – caminha, siô!

**JOÃO** – Pera aí, siora!

**DONA MUNDICA** – Tira a camisa.

**LOURIVAL** – “Tira a camisa. Tira a camisa” Tira... óia!...

**JOÃO** – Sai daí louro!

**DONA MUNDICA** – Vigie só o colombo! É carne-aberta! Só cuzendo! Chegue pra cá.

**JOÃO** – Ei! É mais em cima!

**DONA MUNDICA** –Tú te avexa, corno! Bom!... Que é que eu Côso?

**JOÃO** – Carne-aberta.

**LOURIVAL**- “Carne-aberta”

**DONA MUNDICA** – Xô! Praga!... (rezando): Carne-aberta, nervo-torto, osso-rendido.

**LOURIVAL** – “osso-rendido” – “Currupaco”!

**JOÃO** – Não atrapalha, Lourival!

**DONA MUNDICA** – Que que eu côso?

**LOURIVAL** – “que é que eu côso?”

**DONA MUNDICA** – Sai de cima Traste!

**LOURIVAL** – (sai aos gritos)

**DONA MUNDICA** – (Balucia mais alguma coisa)

- Arre! Que eu não acabo!

Bom. Bota sentido em não dormir com o pé pro lado do vento.

Amanhã eu volto.

**JOÃO** – (espreguiçando-se) – Carece mais não! Já tou podendo mexer bem melhor. Espie!

**DONA MUNDICA** – Mas é teimoso!

**LOURIVAL** – (entrando de costas) – “Tô dentro! Tô dentro! Currupaco”!

**MANUEL** – Arre diabo de bicho chato! Vou te trocar o pescoço!

**JOÃO** – Não faça isso!

**MANUEL** – mas gente! Dona Mundica por aqui? quem tá com “mauhlado”?

**JOÃO** – Não foi “mauhlado”, não. Foi Carne-aberta.

**MANUEL** – Que carne-aberta. Foi bem mau jeito!

**DONA MUNDICA** – Lá vem contrário!

**MANUEL** – Mas quem vai botar fé nisso? Se fosse causo sério, só médico dava jeito.

**DONA MUNDICA** – diabo de médico! Óia aqui. Tô com essa idade e nunca cristão algum botou defeito nas minha reza, viu?

**JOÃO** – Ora Dona Mundica, não se embaraça. Manuel tá com conversa. O doente não era eu? Pois já tô bom.

**DONA MUNDICA** – Que nada. Não é conversa;

É o tempo que tem virado a cabeça de muita gente.

Ninguém quer mais botar fé nos antigos, não.

**MANUEL** –Coisa de antigo! Antigo é antigo. A gente é agora.

**DONA MUNDICA** – Vocês são uns descrentes. Por causa disso é que as coisas tão tudo mudando pra pior.

**JOÃO** –não sei não, Dona Mundica.

**MANUEL** –Que pra pior, siora! Hoje em dia já se tem poste de luz elétrica por todo lugar. Não se vai mais de canoa ou de cavalo, ou de pés,pras partes. Tem carro. Tem bicicleta. Tem avião.

**DONA MUNDICA** – Sim sinhô! Mas não se respeita mais as coisas de Deus. O que falado pelos antigos, tá tudo acontecendo.

**JOÃO** – O quê? Dona Mundica.

**DONA MUNDICA** – Ora o que, siô! Tu não bota sentido nessas sem-vergonheza dessas roupas, dessas tinta na cara! Dessas músicas numas fala que ninguém entende... Filho não respeita pai. Barulho por todo lado. Siô! Isso não já é o fim do mundo? Até as chuvas tão mudando de tempo! Vez por outra o rádio tá dizendo coisa! Falta de Reza! As mulher não respeita mais os marido. É uma dança se esfregando um-nos-outros! (faz com Manuel).

**MANUEL** – Se aquete, Dona Dica.

**DONA MUNDICA** –Tá mudando. Mas tá acontecendo tudinho como tava previsto.

**MANUEL** – Conversa...

**DONA MUNDICA** –Vim-Vim tem cantado muito nos últimos tempos. Tá vindo coisa. Alma de gato tem arrematado. Não pode ser coisa boa. Tão mexendo muito com as coisas do Fundo. Botando bomba aqui acolá. Escrafuxando os mistérios.

**MANUEL** – O progresso! Dona Mundica. Não é coisa pra velho mais, não.

**JOÃO** –Mas tão mexendo muito mesmo!

**DONA MUNDICA** –Se tão! Meu avô, o falecido Antão de Farias, sempre contava que aqui por baixo dessas terras tem coisa. Coisa de Ciência!

**JOÃO** –Que Coisa, Dona Mundica?

**DONA MUNDICA** –Bote sentido. Debaixo da Coroa grande, tem uma cabeça de serpente encantada por muitos tempos. O corpo dela, dá a volta na ilha toda, e, a pontinha do rabo, tá aí no Boqueirão. Ela tá quentinha..., mas tá escrito que no dia que ela se infezá (não gosto nem de dizer)! Vai tudo se acabá. Vai estremecer tudo e a ilha toda vai pra o fundo.

**MANUEL** – Isso era estória de enganar Criança.

**DONA MUNDICA** –Não brinque com os mistérios de Deus. Maneco. Olhe que meu avô já ouvia contar “derna” do avô dele.

**MANUEL** – Mais ninguém hoje liga mais pra isso!

**JOÃO** –Eu não sei não. Mas quando eu era pequeno, ouvia falar muito disso. Dessa serpente (Desliga-se dos dois). Ela era tão comprida, dorminhoca, bonita, vaidosa... Parecia de sonho. Toda dourada...

(Aparece a serpente nº 1)

**João** –(Canta):

Olhos graúdos

Asas de borboleta...

Era uma rica princesa, a minha serpente.

Não tinha nada de cobra

Saía voando, por sobre a baía.

Rodeava a Ilha,

Voltava e dormia

Eu só não me lembro o que ela comia.

**DONA MUNDICA** – (Cantando): Comia os sumidos dentro da baía.

**MANUEL** – (Cantando): Só comia vento pois não existia.

**JOÃO** – (Cantando): Não comia gente, não comia peixe, comia as estrelas da praia e bebia as espumas das ondas. Eu a via voando.

**SERPENTE 1** – ... Voando

**JOÃO** – Sorria comigo,

**SERPENTE 1** – Comigo,

**JOÃO** – Comigo brincava,

**SERPENTE 1** – ... Brincava

**JOÃO** – E voltava a dormir. Uma vez sua Coroa Caiu... (Ao mesmo tempo a Serpente deixa a coroa cair e João para atônito. A serpente some)

**MANUEL** – João! Té “cumpôca mais”.

**DONA MUNDICA** – Coida dos teus cofo. Amanhã eu passo pra Benzê. Té amanhã João.

**JOÃO** – (Refeito):Hum.hum...Té mais. (Ao papagaio que se aproxima) – Lourival quer café?

**LOURIVAL** – Lourival quer café? Ôba... ôba... Lourival quer Café? Currupaco! (João dá café ao louro e volta a fazer Cofo. De fora, o papagaio vem anunciando)

**LOURIVAL** – João tem gente! João tem gente! Currupaco!

**FRANCISQUINHO**– Ei seu João! Óia quem tem aqui. Sou Zé-da-Luz.

**JOÃO** – Oi, seu Zezinho, como se vai? Vá se chegando. Vai vê um mocho, menino.

**FRANCISCO** – Vou já.

**JOÃO** - Tá vindo de casa?

**ZÉ-DA-LUZ** –Não. Da cidade... Siô, as coisas tão um rebuliço medonho!

**JOÃO** –De vera? (Chamando o menino) Chega um mocho, Francisquinho.

**FRANCISCO** –Já tá aqui.

**ZÉ-DA-LUZ** –Dê cá pra eu vê.

**FRANCISCO** – Taqui.

**ZÉ-DA-LUZ** –Donde? Trás cá!

**FRANCISCO** –Aqui!

**ZÉ-DA-LUZ** –Bom.

**FRANCISCO** –Tá caindo manga, seu João?

**JOÃO** –Vai juntar uma pra tí mas não mexe com minhas cabras.

**FRANCISCO** –Ô, Siô!

**JOÃO** –Comé, seu Zezinho? As coisas tão aperriada, né siô?

**ZÉ-DA-LUZ** –Um bocado! Vigie só que hoje não interei nem dez conto!

**JOÃO** –Tá ruim.

**ZÉ-DA-LUZ** –Tá fazendo cofo?

**JOÃO** – É. Mexendo uma farinha pra vê se dou um pulo no interior esses dois dias, e levo umas coisas pros compadres pra parentada toda. Siôtômaginando na viagem de Barco. É puxada. Leva tempo.

**ZÉ-DA-LUZ** –Ora, siô – Vai de expresso.

**JOÃO** – Cuá, siô. É mais caro.

**ZÉ-DA-LUZ** –Sim sinhô! Tem isso. Mas é mais depressa.

**JOÃO** – Só mesmo pra quem tem pressa.

**ZÉ-DA-LUZ** –É, hoje em dia é coisa que todo mundo tem, siô!

**JOÃO** – É, o mundo tem rodado ligeiro.

**ZÉ-DA-LUZ** –O que meus avô falava, tá tudo dando certinho.

**JOÃO** – É mesmo!...

**ZÉ-DA-LUZ** –O cão soltou os enxofre, siô.

**JOÃO** –Os mato tudo já tem dono. Tão sendo derrubado pra fazer estrada de ferro, de rodage... Cumpôca mais, não tem mais uma beirinha de terra pra se plantá. Intéuns coquinho pra quebrar e ir se defendendo de quando em vez, já tá rareando. Não sei onde isso vai parar.

**ZÉ-DA-LUZ** – O rádio é só dizer coisa! Tem confusão por todo esse mundo! Os jorná tão falando de mudança. A televisão tá agora com umas notícias coloridas, assustando Deus e o mundo. Isso é coisa do Cão!

**JOÃO** –Minha tia Ciprinana, quando era assinzinho, dava de fala muito que os dias iam se acabá por esses tempos. Eu não botva fé nisso.

**ZÉ-DA-LUZ** –É mas tá tudo caminhando pra isso. As profecias tão se ajuntando todo num caminho só. O cão soltou os enxofre.

**JOÃO** –A serpente começa a se estremecer.

**ZÉ-DA-LUZ** –A corte encantada de Queluz começa a se encarnar. Breve essa ilha vai pro fundo...

Lençol vai se abrir de palácio. João, é ele que tá chegando pra livrar o povo dele.

**JOÃO** –Mexeram com a serpente...

**ZÉ-DA-LUZ** –O grande dragão tá fervendo e começa a desvencilhar as asas preta.

**JOÃO** –É. Vai ser o vim disso aqui.

**ZÉ-DA-LUZ** –É o começo da dominação no novo reino.

**JOÃO** –Tô começando a ver as coisas são. O santo guerreiro levanta a espada. O senhor acreditou seu Zezinho?

**ZÉ-DA-LUZ** –Ah, meu filho. Os tempos me ensinaram a ver as coisas longe. A corte estrangeiravai dominar tudo isso. As promessas estão se cumprindo.

**JOÃO** –Eu custei a entender tudo o que me contavam. Os sinais dos tempos eram estranhos pra mim. Mas como o senhor tem certeza? O senhor nem lê jornais!

**ZÉ-DA-LUZ** –Eu leio mais adiante. Eu leio na boca dos homens, no assobio dos ventos. Quem tem os óio fechado pro mundo, tem os ouvido aberto pro tempo, o nariz arregalado pro vento. Eu divulgo muita coisa, João.

É sério!... Eu acredito

Óia aqui. Vou contar pra ti as estória que aprendi nesta vida. Elas tão acontecendo tudo direitinho.

(pega a viola e canta)

Presta atenção:

**(Canto)**

*“já dizia a santa Bíblia  
Nos livros da sagração  
Que o mudaréu de pecado  
Se acabava em perdição  
Que os tempos da Besta-fera  
Só clamor consumirão  
Nos tempos do Deus-menino  
Muita criança morreu  
Muito velho padeceu  
Em grande perseguição  
O domínio dos romanos  
Sobre a terra de Davi  
Só trouxe a devastação.  
As escrituras sagradas  
Prediziam essa estória  
De cobra engolindo cobra  
E das trombetas douradas  
Eu aqui penso comigo  
Que os anjos da predição  
Não tocaram as ditas cujas  
Para as pragas anunciadas*

*Já começa a se notar.  
Desde os tempos de antanho  
Que trombeta não reboa  
Viola é que mais ecoa  
Nesse perdido rebanho  
Fui menino, já sou home  
Fui moço, já tô velhinho  
Tive luz nesses dois olhos  
Mas hoje vejo o caminho  
As profecias se cumprem  
Em todo canto do mundo  
Como não tem mais profeta  
Eu falo as vozes dos anjos  
Pois tá claro como o dia  
Que às estórias sagradas  
Se ajuntaram as profecias*

*Dos sábios de antigamente  
Que contavam as estórias  
Dos encantados do fundo  
Que subiram pra terra  
Em forma de uma serpente  
**(A serpente nº 2 aparece com um ruído especial)**  
“Montado em lombo de fera  
Por esses campos afora  
Galopa veloz nos tempos  
O senhor dessa estória  
Com os dentes regendo em fúria  
E os olhos queimando em brasa  
O monstro do fundo sobe  
Vem mostrar as brutas garras  
Pra prestar conta com o povo  
Que pecou contra os ditames*

*Das leis que conservava o mundo  
Acaso em todo seu lume  
Esturrando a cada erro  
Que descobre pelos cantos  
E cobra a preço de sangue  
O tempo do seu encanto  
Essa serpente danada  
Dragão-Cavalo do homem  
Vai varrer todo esse tempo  
Dessa batalha travada  
Entre a cruz e o santanás,  
Onde os maus venceram os bons  
E o sangue foi enxurrada*

*Levando a terra a baía,  
Transformando em maresia*

*De dor e morte penanda  
Vai ver daí o guerreiro  
O nosso santo esperado  
Chegar coberto de glória,  
Ajustar conta com o resto,*

*Espalhar seu manto púrpuro  
E dominar toda a estória.*

*Que o mundo vai ter seu dono  
Seus reis, sua espada santa,  
Quem tiver olhos, que veja,  
Tiver ouvidos, que ouça  
Pois já se quebrou a louça  
Dessa tremenda matança.*

(A serpente nº 2 desaparece, João repete a última quadra dançando perplexo)

**ZÉ-DA-LUZ-** Chega aqui, Francisquinho, caça meu bastão e vamos chegando mais, té mais, João.

**JOÃO-** (Não liga pro cego, continua absorto e repetindo as últimas palavras do canto. Fica sozinho, refaz-se da visão e fala). Eu não posso me conformar com essa estória. Dom Sebastião vem dormir a gente. Vem salvar a gente. De quê? Se ele vem dominar? De onde é que ele vem? Dos encantados? Se ele não é daqui, é estrangeiro. Porque ele não vem de frente? Porque ele manda uma serpente destruir tudo antes? Eu não me conformo! Não pode ser certo!

**MANUEL-** Oi João. Chegue de novo!

**LOURIVAL-** (Gritando) de novo! Currupaco!

**MANUEL-** Essa besta-fera me beliscou outra vez. Agora eu te depeno, curisco!

**JOÃO-** Te aguenta, Manuel. Desça o pé, Lourival. Vamos pro puleiro (João sai e volta breve)

**MANUEL-** Papagaio das queimadas! Se eu te agarro sem teu dono ver! Vai virar torresmo!

**JOÃO-** Tá resmungando o quê Manuel?

**MANUEL-** Nada não! É essa besta-fera solta dentro de casa!

**JOÃO-** É. Ela anda solta, já por duas vezes eu vi. Vivinha essa serpente. Só que cada vez é diferente.

**MANUEL-** Tá falando de quê?

**JOÃO-** Não sabe? Da serpente. Ela já começou a esturrar. Já se estremeceu. Daqui a pouco isso não vai tá florido, não.

Zé-da-Luz teve aqui ainda gorinha. Ele diz que já tá perto do fim do mundo.

**MANUEL-** Zé-da-Luz tá é caduco!

**JOÃO-** Poder ser. Pode tá caduco. As coisas vão acontecer de outro jeito. Mas o fim é o mesmo. Dom Sebastião pode ter até outro nome, essa ilha pode não ir pra debaixo das éguas, mas pode ser coberta de outra cidade. Tô entendendo, Manuel.

**MANUEL-** João, tu tá com tifo? Tu tá delirando?! Eu vou chegando.

**JOÃO** – Ninguém tá percebendo, mas eu tô! A serpente vem chegando sim!

Vem diferente. Eu adivinho suas escamas!

Vocês tão vendo essa terra bonita?

- “**CADÊ MEU POVO?**”

(**Inicia-se uma opereta com os personagens**)

**CORO** – “Tamo trabalhando”

**JOÃO** –Trabalhando em quê?

**CORO** – Na terra do meu amo.

**JOÃO** – Seu amor é quem?

**CORO** – Deus nosso senhor.

**JOÃO** – Semeando o que?

**CORO** – Vida e suor.

**JOÃO** – pra nascer o que?

**CORO** – Feijão, farinha, arroz, batata, leite, carne, peixe, gente, casa, roupa e remédio pra curar mulher doente.

**JOÃO** – Eia, meu povo, trabalha contente, a terra que se planta, é a cama da gente.

**URUBUS** – (voando e cantando):

Xengo, xengo, o fato é meu

Tá chegando a nossa hora

Quem quiser ficar com vida

Arrume a trouxa e vá se embora

**JOÃO** – O céu tá virando roxo. O que foi que aconteceu? Em vez de xexeu cantando já se ouve o “fato é meu!”

**CORO** – Corre João, te manda João. A terra tremeu... volta pro SERTÃO QUE LÁ TU NASCEU.

**JOÃO**-Não corro. Seu cura, pronde o senhor vai?

**CURA**- Caçar outro emprego. Aqui não dá mais.

**JOÃO**- Ô seu delegado, não largue a cadeia.

**DELEGADO**-Não fico mais lá, pois ela tá cheia!

**JOÃO**-Dona mariquinha, não deixe sua casa.

**MARIQUINHA**- Se eu não me arretiro, mia fia não casa.

**JOÃO**-Pra que tanta pressa, pra que tanto horror?

**CORO** – Te cuida João! Que o bicho esturrou!

**URUBUS** – Xengo, xengo, nossa hora tá chegada

Já se vê daqui de cima a derrubada

Carniça boa, pendurada no telhado

Ninguém é dono, terminou a arribada.

(saem os Urubus e João fica só)

**JOÃO** –(Canta)

*Não fujo, não corro  
Pois não sou cachorro  
Que se estala o dedo,  
Rosna e mexe o rabo,  
E mete entre as pernas.*

*Eu fico, eu brigo  
Pois minha farinha  
Qualquer serpentina  
Não vai me tomar*

*Todo mundo corre  
Eu fico sozinho,  
Com as coisas que ocorre,  
Como vou brigar?  
Meu cofo mia mala  
Meu cofo-paneiro  
Meu cofo-miaeiro  
Como vai ficar?*

*Mia casa, mia roça,  
Cercado, esperança  
Meus dias melhores  
Meu comer pra pança  
Donde vou tirar?*

**(A Serpente nº 3 aparece)**

*A terra tremeu...  
O povo correu...  
Já vejo seu rabo...  
As asas... os costados...  
As ventas rangindo!  
Seu diabo ladrão!  
Que fede a latão!  
Puxe-se daqui!  
...De que adianta gritar?!...  
Se faca não corta  
Bala não invade*

*Palavra não basta, como te enfrentar?  
Não sei; mas não arredo o pé do batente,  
Enquanto eu for gente, vou te arrepiar  
- Que jeito? – sentou -se com banca de dona  
Arrevirou a terra,  
Armou seu trono  
E vai manobrar*

*(aqui a serpente some. João se cala. Segura os cofos pelas bordas, pára um pouco –  
escurece, sai)*

**FIM**



**ANA DO MARANHÃO (1980)**

LENITA ESTRELA DE SÁ

# ANA DO MARANHÃO

1980

## LENITA ESTRELA DE SÁ

*(Texto registrado no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional)*

*(Uma velha mucama arruma a sala de uma casa modesta. Tira uns jornais de sobre um móvel)*

**RITOCA-** Esta menina não arranja casório, metida a ler jornal e com mania de mandar em tudo. Xangô ilumine.

**ROMENA-** (Mucama jovem) Só porque ela manda nela mesma, Ritoca?

**RITOCA-** Inda acha pouco, negrinha? Homem nenhum se pega com isto.

**ROMENA-** Tenho como certo não.

**RITOCA-** Tão fica sem, ó: *(Gesto obsceno)* pra ver se é bom. *(Afonso entra a tempo de surpreendê- Ia)*

**AFONSO-** Que é isto, Ritoca? Lembrando dos tempos quentes? Onde está Ana? Quero mostrar-lhe o jornal, eles sempre avançando.

**RITOCA-** Ana? No sobrado dos Almeida, Seu Afonso.

**AFONSO-** Vou até lá. Esses portugueses não se satisfazem com o que já levaram, continuam avançando, tomando.

**ROMENA-** De que é que o moço fala?

**RITOCA-** Coisa de branco, não interessa pra negro, maranhense ou português mandando dá tudo no mesmo pra gente, que não sai de baixo. *(Afonso e Ana Jansen, jovens, entram correndo)*

**AFONSO-** Ia ter contigo no sobrado de Cândida.

**ANA JANSEN-** Voltei mais cedo. A conversa me aborrecia.

**AFONSO-** Mas por que, Ana, não te sentes bem entre as moças?

**ANA JANSEN-** Só falam asneiras, Afonso Não se interessam pelos assuntos da Província, pelo que os Conservadores estão fazendo, vivem porque nasceram.

**AFONSO-** *(Insatisfeito)* Mas gostas das mesmas festas ou me engano?

**ANA JANSEN-** Engano nenhum. Não deixo de ser mulher porque não aceito que me governem. Se não é de teu agrado, a porta da rua é fácil de se abrir. **AFONSO-** Perdoa- me, não pretendi que tomasses como ofensa.

**ANA JANSEN-** Não, mas ofendeu.

**AFONSO-** Vê, um artigo de João Lisboa: “A Terra invadida”. Ana, política não é assunto de moça.

ANA JANSEN- Deixa de ser besta!

AFONSO- Ana, Ana, não seja agressiva.

ANA JANSEN- É a minha maneira.

AFONSO- Que admiro, até certo ponto.

ANA JANSEN- “Certo ponto”?

AFONSO- Uma dama deve...

ANA JANSEN- Ser uma jumenta, é? Ora, Afonso, vai te servir num estábulo.

AFONSO- Dona Ana Joaquina Jansen, não fale neste tom, nem deste modo, do contrário, deixarei de visita-la.

ANA JANSEN- Iche, mas tem coragem!

AFONSO- Vamos, lê o artigo.

ANA JANSEN- De noite, papai pode ver.

AFONSO- E a tua coragem?

ANA JANSEN- Um dia terás a prova. Ainda entro na política, pra dirigir.

AFONSO- Política? Zombas de mim.

ANA JANSEN- Não acredita?

AFONSO- Acredito que serás uma mãe zelosa para os filhos do teu marido.

ANA JANSEN- Não é mentira que eu desejo isso, mas é pouco para meu contento. Vou ser da política, pra dirigir.

AFONSO- Não brinques. Conheces as leis?

ANA JANSEN- E é preciso? No poder, eu faço as minhas. *(Entra Romena, cansada, como se houvesse corrido)*

ROMENA- Sinh'ana ...

AFONSO- Uma carta. Confidencial?

ANAN JANSEN- Se 'tá fechada, não é pra ser vista senão pelo interessado. Vai guardar, Romena.

ROMENA- É coisa de pressa, 'nhá.

ANA JANSEN- Mandei guardar.

AFONSO- Deve ser importante.

ANA JANSEN- É, licença. *(Sai. Entra D. Rosa, sua mãe, com um bastidor às mãos)*

D. ROSA- Afonso! Como tem passado, meu filho?

AFONSO- Mal como todo pobre, D. Rosa, casaca sovada e peixe com farinha, quando os réis permitem.

D. ROSA- Reze, meu filho, reze.

AFONSO- E ajuda?

D. ROSA- Se não, faz dormir.

*(Brincalhão)* E quem sofre de insônia?

D. ROSA- Quem não dorme morre, meu filho.

AFONSO- Morre, D. Rosa, é morto. *(Admirando o ambiente)* Muito boa casa. D. ROSA-

Ana comprou com dinheirinho das costuras. Agora estamos mais descansados.

**AFONSO-** Ela é muito determinada, consegue tudo o que quer, não?

**D. ROSA-** Demais, demais até. Tenho medo de não encontrar rapaz para casar.

**AFONSO-** É, todas as moças que conheço são mais calmas.

**D. ROSA-** Imagine o que esta menina fez outro dia, meu filho, o pai ficou pelos cabelos: Marisinha Leal encomendou um vestido pra ir no sarau do Dr. Miranda, depois de pronto, mandou uma negra buscar a roupa, mas não mandou pagamento. Ana tinha saído e quando chegou, que soube do caso, foi logo no sobrado da moça, tomou o vestido da mão de uma negra, em cima da hora da festa, e foi abrindo o verbo: “ou tu me paga, ou tu fica dormindo”. Perdeu a freguesa, mas comprou esta casa. *(Entra Ana Jansen, apressada)*

**ANA JANSEN-** Vou sair, mamãe.

**D. ROSA-** A esta hora, menina? Toma cuidado com teu pai.

**ANA JANSEN-** O meni... preciso, mamãe.

**D. ROSA-** Ana, Afonso está aqui.

**ANA JANSEN-** Estou vendo. Ele fica pra janta, não vou demorar.

**AFONSO-** Não posso, prometi jantar com Mariquinha.

**ANA JANSEN-** Fica, pequeno, quero conversar contigo.

**AFONSO-** Está bem, sabes que me agrada.

**ANA JANSEN-** Então... *(Sai)*

**D. ROSA-** Deu pra esse mistério, não diz aonde vai.

**AFONSO-** É um direito dela.

**D. ROSA-** Uma mulher não sai sozinha de noite. Vicente fica danado.

**AFONSO-** Tem razão, D. Rosa, *(Entra o Cap. Vicente)*

**CAP. VICENTE-** Ana! Quero que ela pregue o botão da minha camisa.

**D. ROSA-** Saiu, Vicente.

**CAP. VICENTE-** O que, onde foi, Rosa?

**D. ROSA-** Disse não.

**CAP. VICENTE-** Tem cabimento, Afonso? Ana faz tudo o que acha que deve fazer.

**AFONSO-** A coragem é uma qualidade, Capitão.

**CAP. VICENTE-** É porque não é tua filha. *(Batem à porta, uma vizinha, D. Rosa vai abrir)*

**D. LINDALVA-** Vim só avisar que Ana saiu.

**CAP. VICENTE-** Pra que aviso, D. Lindalva, ela não saiu daqui?

**LINDALVA-** Mas tem pai que não vê as coisas, né, capitão?

**D. ROSA-** *(Abrindo a porta)* Muito agradecida, vizinha.

**D. LINDALVA-** Não foi, comadre. Amiga serve é assim. *(Sai)*

**CAP. VICENTE-** Estás vendo, Afonso? Esta menina não dá importância ao que os outros dizem.

**AFONSO-** Tem personalidade, capitão.

**CAP. VICENTE-** Mas deve se lembrar que não vive sozinha no mundo. *(Entra Romena)*

ROMENA- Sanh'ana já voltou, meu senhor?

CAP. VICENTE- Não, sabes de alguma coisa?

ROMENA- De nada não, meu senhor. Ela pediu pra eu passar uma roupa. (Sai) CAP. VICENTE- Nisto tem cochicho, neste tem cochicho.

D. ROSA- Ana disse que vinha logo, Vicente.

CAP. VICENTE- É bom que venha. *(Ana Jansen entra ofegante)*

D. ROSA- *(Chegando- se a ela)* Ana! Que cheiro é este de mijo?

ANA JANSEN- Mijo?

CAP. VICENTE- Que história é esta, menina?

ANA JANSEN- Passei junto de um mictório e o cheiro pegou.

D. ROSA- Tua saia está molhada.

ANA JANSEN- Passei no Ribeirão e molhei pra ver se o cheiro largava.

CAP. VICENTE- Eu sei é que não me cheira bem esta história de tu andares sozinha à noite.

ANA JANSEN- Quem tem medo de andar de noite é vagalume cego, papai.

CAP. VICENTE- Deixa- te de gracejos.

ANA JANSEN- Não é gracejo, papai, sou uma mulher.

CAP. VICENTE – Devias saber disto.

AFONSO- Ainda é cedo, capitão.

Para um homem, meu filho, para um homem. Vou até sair daqui pra não perder a paciência. *(Sai)*

D. ROSA- Vicente, não te zanga. *(Sai atrás dele)*

AFONSO- *(Brincalhão)* O mictório transbordou?

ANA JANSEN- Não te dou o direito de se meter na minha vida, dela cuido eu. AFONSO- Concordo, mas há certas coisas que estão erradas, Ana.

ANA JANSEN- Eu sei o que é errado ou certo pra mim, tenho tutano é pra isso.

AFONSO- Não quis ofender.

ANA JANSEN- Se meter na vida alheia nunca deixa de ser ofensa.

AFONSO- Lê o jornal, amanhã volto para buscar. Cuidado com teu pai, está brabo contigo.

ANA JANSEN- Não quer pra se falar em oposição aqui, ele vive dizendo amém pras senvergonheiras dos Conservadores.

AFONSO- Está velho, Ana. Boa noite. *(Sai. Entra Romena)*

ROMENA- E aí, 'nhá?

*(Acaricia o seio)* O bichinho 'tava esfomeado que só a peste.

ROMENA- E a caganeira, 'nhá?

ANA JANSEN- Dei um chá de canela.

ROMENA- Maria Inês tem cuidado, 'nhá?

ANA JANSEN- Com a graça de Deus e de Santa Severa. 'Tá tão pançudinho, Romena!

ROMENA- Se não fosse o defeito, 'nhá ...

**ANA JANSEN-** Não fala assim dele, Romena. Só por que é maneta? Se manda é com a esperteza e não com o braço. Minha santa querendo, faço dele doutor.

**ROMENA-** Xangô lhe atenda, 'nhá. *(Entra o Capo Vicente, flagrando a conversa)*

**CAP. VICENTE-** No cochicho, hem?

**ANA JANSEN-** Não é enredagem de namoro, papai.

**CAP. VICENTE-** Antes fosse.

**ANA JANSEN-** Não vivo pegando fogo, e fique o senhor sabendo que eu não vou ser paspalha de marido nenhum.

**CAP. VICENTE-** Morre solteira, pura como nasceu.

**ANA JANSEN-** Não lhe dou garantia. *(Ela esconde o jornal que estava lendo)*

**CAP. VICENTE-** Menina! E o que é isto? Política! Já não proibi, Ana? Me dá cá este folheto.

**ANA JANSEN-** Não, quero ler. *(Corre)*

**CAP. VICENTE-** *(Corre atrás dela)* Me dá, quem manda nesta casa sou eu.

**ANA JANSEN-** Na casa, não na minha vontade!

**D. ROSA-** *(Entra)* Parem com isto, olha os vizinhos.

**CAP. VICENTE-** Lendo jornal de oposição, Rosa!

**ANA JANSEN-** É o único que fala a verdade, mamãe.

**CAP. VICENTE-** Não quero filha minha se metendo em assunto de homem.

**ANA JANSEN-** A Província não tem só homem. É direito meu tomar conhecimento das coisas, não nasci burra nem doida.

**D. ROSA-** Não é mentira, Vicente.

**ANA JANSEN-** Ora, carrapato! Parece que faz questão de eu ser besta.

**CAP. VICENTE-** Mulher nasceu pra parir.

**ANA JANSEN-** Olhe aí, mamãe, lhe chamou de ratazana e a senhora não diz nada? **D.**

**ROSA-** Cala a boca, minha filha.

**CAP. VICENTE-** Respeita tua mãe. O galo é que canta mais alto.

**ANA JANSEN-** Mas a galinha aqui é que sustenta a casa. *(Ele sai encolerizado)*

**D. ROSA-** Não provoca, filha. *(Sai atrás dele. Ana Jansen volta ao jornal. Romena entra apreensiva.)*

**ROMENA-** Sinh'ana! Maria Inês mandou dizer pra Sinh'ana que ...

**ANA JANSEN-** Desembucha, Romena!

**ROMENA-** *(Segreda- lhe algo)* E agora, 'nhá?

**ANA JANSEN-** Não sei, não sei, minha Santa Severa!

**ROMENA-** 'Tá ruim, 'nhá, e o dono da casa botou Maria Inês pra fora, vai pra Coroatá.

**ANA JANSEN-** *(Impulsiva)* Vai buscar!

**ROMENA-** Sinh'ana...!

**ANA JANSEN-** Não hei de deixar meu filho morrer! Vai, é um mandado.

**ROMENA-** Santa Bárbara!

ANA JANSEN- Pega, leva este cesto, bota ele e mete pela janela dentro da minha rede.

ROMENA- Agora não vai poder, Sinh'ana, ela saiu e só volta na madrugada. ANA JANSEN- Saiu? E meu filho?

ROMENA- Levou junto.

ANA JANSEN- Então, amanhã de manhã. Eu quero ele. Vai deitar, papai não pode ver a gente.

ROMENA- Cedinho, eu saio, Sinh'ana. *(Ela sai. Ana Jansen chora. Entra D. Rosa)*

D. ROSA- Ana ...?

ANA JANSEN- Não é nada.

D. ROSA- Como não? Tem coisa mais difícil do que te ver assim com choro solto, menina?

ANA JANSEN- Tenho de terminar esta saia.

D. ROSA- Não disfarça. *(Fim do quadro I, Luz. Entra Afonso)*

AFONSO- Bom dia, a missa foi muito bonita. Como tem passado?

ANA JANSEN- *(Costurando)* Nem pior, nem melhor do que ruim.

D. ROSA- De repente, ficou deste jeito, Afonso.

AFONSO- O dia está quente.

ANA JANSEN- A minha cabeça também, a minha cabeça também.

D. ROSA- Menina, trata melhor as visitas.

AFONSO- Não se preocupe, D. Rosa. Já me acostumei com o gênio forte que ela tem. E o Capitão?

D. ROSA- Foi à praia grande, chega logo. *(Ana Jansen se impacienta. Entra D. Lindalva)*

D. LINDALVA- Licença, comadre?

D. ROSA- O que é, D. Lindalva?

D. LINDALVA- Vim só avisar: a negra Romena saiu se escondendo, de manhã cedo, com um cesto muito esquisito na mão, comadre.

ANA JANSEN- E é da tua conta, sirigaita?

D. LINDALVA- Iche!

ANA JANSEN- Vá cuidar da sua vida, ande. *(D. Lindalva sai indignada)*

D. ROSA- Santa Efigênia! Hoje é dia de azeite, vou cozinhar minha jaçanã. *(Sai)* AFONSO- Não passas bem, Ana.

ANA JANSEN- Pobreza afoga a gente.

AFONSO- Conforma- te.

ANA JANSEN- Pra nunca deixar de ser pobre? Cansei de alinhar pras ricas.

AFONSO- É a nossa sorte.

ANA JANSEN- A sorte se faz.

AFONSO- *(Olhando em volta)* D. Cinderela ainda acha que será rainha, rainha do Maranhão?

ANA JANSEN- Tu é que não vai passar de caixeiro de português larápio, seu amo.

AFONSO- Não me ofendas. Mandam no Brasil os que têm dinheiro, não temos, somos

mandados, acho mesmo que vou morrer empregado de armazém, não se pode brigar contra os fatos.

**ANA JANSEN-** Te ajeita, homem, te ajeita. Ganha quem é esperto.

**AFONSO-** És mulher, não vais longe, não deixam.

**ANA JANSEN-** Vou é com a cabeça, não com isto. (Indica a região pubiana, embaraçando Afonso)

**AFONSO-** Ana ...! (*Entra o Capo Vicente*)

**CAP. VICENTE-** Passado bem, Afonso?

**AFONSO-** Cumprindo o destino. Bom domingo, capitão, estava saindo.

**CAP. VICENTE-** Ora, rapaz, almoças aqui. Rosa, traz um refresco de jacama para o futuro genro! (*Afonso embaraça-se*) Como vais no trabalho, meu filho? **AFONSO-** Juntando uns réis, capitão.

**CAP. VICENTE-** Agrada- me seres honesto.

**AFONSO-** O que não é condição para fazer fortuna. (*Riem*)

**CAP. VICENTE-** Ana, chega- te para cá.

**ANA JANSEN-** Tou ocupada, papai.

**CAP. VICENTE-** Não se trabalha em dia de descanso, menina.

**ANA JANSEN-** E quando se precisa, não se descansa no trabalho.

**AFONSO-** Tem pensamento progressista, Capitão. (*Entra D. Rosa, dá-lhe a refresco*)

**D. ROSA-** Toma, Afonso, fiz agorinha. (*O Capitão chama- a de lado*)

**CAP. VICENTE-** Não dá atenção de namorada a ele. Rosa. Que é que se faz?

**D. ROSA-** Deixa, Vicente. Ela é difícil, mas vai terminar cedendo como todas as moças, ter filhos, obedecer ao marido. Que mais uma mulher pode desejar? Espera.

**CAP. VICENTE-** Deus te ouça, que esta menina é danada. Eta, cansaço grande. O, Romena, me traz uma água!

**ANA JANSEN-** Saiu, foi me comprar umas linhas.

**CAP. VICENTE-** Armazém não abre domingo.

**ANA JANSEN-** O que? Ah, sim, não abre, né? Mas ela foi buscar foi no sobrado de D. Dadá Serra Lobo, que até me convidou pra ir numa festa.

**CAP. VICENTE-** Festa onde, hem?

**ANA JANSEN-** Na fazenda do pai, em Belém do Pará, quero sua permissão. (*O Capitão olha Afonso com embaraço*)

**D. ROSA-** Deixa ela ir, é convite de D. Dadá Serra Lobo, família de nobreza. (*Entra Romena, sobressaltada*)

**CAP. VICENTE-** Cadê as linhas, Romena?

**ROMENA -** Li... linha, meu senhor?

**ANA JANSEN-** Não teve, não é, Romena? D. Dadá não estava?

**ROMENA-** Não, 'tava não, 'nhá. (*Trocam olhares cúmplices, Romena sai*)

**CAP. VICENTE-** Hum, aí tem cochicho. (*Entra D. Lindalva, exultante*)

**D. LINDALVA-** Dá licença, comadre? Ah, Capitão! Vim só dar notícia. Ela deve saber o que é.

**ANA JANSEN-** Vai cuidar da tua vida, fuxiqueira enlameada.

**D. LINDALVA-** Enlameada, é, minha donzela? Eu não, o pai dos meus meninos saiu da igreja e todo o mundo sabe quem é.

**CAP. VICENTE-** A senhora quer me explicar o que está acontecendo?

**D. LINDALVA-** É que tem muito desregramento desta saliente de que o senhor não anda a par, Capitão.

**ANA JANSEN-** Vai insultar a tua mãe, sua enxerida. *(Tenta agredi-la)*

**D. LINDALVA-** O senhor sabe o que a negra trouxe no cesto, Capitão? Uma criança. Eu vi a coisinha bulindo lá dentro. É seu neto, D. Rosa. *(Ela e Ana Jansen engalfinham-se. Afonso aparta-as)* Vocês 'tão vendo os peito dela como 'tão redondo? Deve tá dando mama. *(Ana Jansen a esbofeteia)*

**ANA JANSEN-** Agora vocês já sabem. Não vou jogar ele fora não.

**CAP. VICENTE-** Era a tragédia que nos faltava. *(Avança par abater-lhe. Afonso o impede. D. Rosa chora)*

**AFONSO-** Acalme-se, Capitão, é sua filha.

**CAP. VICENTE-** Isso eu não tenho mais. *(Luz apagada indicando transcurso do tempo. alterada a disposição dos móveis. Ana Jansen está costurando. Afonso entra)*

**AFONSO-** Dá-me licença?

**ANA JANSEN-** É tua. Por que tomou sumiço?

**AFONSO-** Refazendo-me do choque.

**ANA JANSEN-** Quem sentiu a dor de parir foi eu e tu é que vai ter choque? *(Ri)* **AFONSO-** Que pretendes fazer?

**ANA JANSEN-** Criar Manoel.

**AFONSO-** *(Pega-lhe o pulso com força)* Vou me casar contigo.

**ANA JANSEN** *(Rindo)* Iche, quem te disse que eu quero, hem?

**AFONSO-** As circunstâncias não te permitem recusar.

**ANA JANSEN-** E por que, bondoso caixeiro? O que faço só interessa pra mim. *(Ouve-se o choro do menino)* Ô, Romena, vê ele aí!

**AFONSO-** Isto é o que imaginas. Para a sociedade não passas de uma. . . *(Ela o esbofeteia)*

**ANA JANSEN-** Canalha! *(Entram D. Rosa e o Capitão)*

**D. ROSA-** O que é isto?

**ANA JANSEN-** Veio aqui me ofender.

**AFONSO-** Não foi minha intenção. Vim pedir-lhe para que se case comigo. **ANA**

**JANSEN-** Mentiroso! Veio dizer que ia casar comigo, sem pedir minha opinião, como se eu não valesse nada. Marido de favor eu não quero, nem preciso.

**D. ROSA-** Minha filha, o menino precisa de um pai.

ANA JANSEN- Se ele não tivesse pai, não podia nascer.

D. ROSA- Ana, entende.

ANA JANSEN- Izidoro quer casar comigo. Gosto dele, me quer como sou.

D. ROSA- O Coronel!?! (*Contém- se por causa de Afonso*)

ANA JANSEN- É aquele que conheci na festa de D. Dadá.

D. ROSA- Santa Efigênia! Ele ... sabe?

ANA JANSEN- E por que eu havia de esconder? Aceitou Manoel, vai ser batizado na igreja de N. Sra. da Vitória.

AFONSO- Rainha. Encontrou o molenga certo.

ANA JANSEN- Molenga, molenga é tua mãe, seu pobrezão, que nem força teve pra fazer um filho melhor do que tu.

AFONSO- Refreie a língua, futura majestade. (*Sai*)

ANA JANSEN- Fora daqui. Pois te mostro como vou mandar no Maranhão.

*(Fim do Quadro II)*

*(O tempo passa. Palco no escuro. Voz comentando: “O domínio de Dona Ana Jansen estava presente em tudo. Nada se fazia sem a palavra de ordem do sobrado. Dia e noite, ferviam ali dentro as tricas políticas e os enredos privados da terra.” Alteração no cenário: colocam- se móveis mais estilizados, ilustrativos da nova condição social adquirida por Ana Jansen, que se transforma numa rica senhora. Ela conversa com o marido.)*

CEL. IZIDORO- Não, vai me custar uma fortuna. É obrigação da Presidência da Província.

ANA JANSEN- E Presidência de Província dá bola pra obrigação, Izidoro? Ah, nem se espoletam. Pobre se entrega pros ossos e o dinheiro imperial some sem dizer “passe bem”.

CEL. IZIDORO- Não é mentira, nunca cuidam do principal.

ANA JANSEN- Hum, pra que? Principal é boi pastando no próprio curral.

CEL. IZIDORO- Não posso fazer essa doação.

ANA JANSEN- Mas eu quero. Iche, homem, que tanta sovinaria! Pois, então, vendo as jóias que tu me deu e arranjo o que é preciso.

CEL. IZIDORO- Ana, deixa de capricho.

ANA JANSEN- Capricho, uma conversa.

CEL. IZIDORO- E não é? Só porque tiveste um filho ilegítimo exposto em casa alheia queres remediar o mal passo de tudo o quanto é mulher?

ANA JANSEN- Olha aqui, Izidoro, tu me respeita, não me casei contigo pra ficar escutando deboche. Tive meu filho, mas arrependimento ainda não.

CEL. IZIDORO- Não quis te ferir.

ANA JANSEN- Nem podia, tu é faca?

CEL. IZIDORO- Uma roda de enjeitados...

ANA JANSEN- As pessoas é que enjeitam eles. Além do mais, esses meninos, daqui a uns

dez anos, podem até ser eleitor. Se a gente não cuidar deles, eles não vão ter força de cabeça nem pra dar o voto.

**CEL. IZIDORO-** Ana, Ana, pensas em tudo, hem?

**ANA JANSEN-** Tudinho da Silva- aganhá, aqui no tutano. Mas o que eu tenho mesmo é uma pena danada, Izidoro. Quando eu vejo um pequeno- magro- velho daqueles, me dá uma vontade de pegar, mudar pano, dar leite de peito pra eles, que Santa Severa até me espia. *(Aproximam- se. Entra Artemísio, o feitor, trazendo um negro amarrado)*

**ARTEMÍSIO-** Coronel, ele arrombou a cerca de Itamaracá pra tirar um bezerro. A gente pegou ele já esfolando o bicho, o que se faz?

**CEL. IZIDORO-** Espera. Como te chamas, negro?

**ESCRAVO I-** Libério, meu senhor Coronel.

**ARTEMÍSIO-** É negro, forro, Coronel, saiu faz uns dias da cadeia de Alcântara. **CEL. IZIDORO-** Por que foste preso?

**ARTEMÍSIO -** *(Desfalecendo)* Depois que eu ganhei a... liberdade... meu senhor, parece que tornou foi pior... porque eu quis ser livre e não pude, serviço não encontrei um que Deus me mostrasse. . . aí eu roubei pra comer e me prenderam ... quando eu saí daquele inferno, a fome me botou pra roubar de novo, e foi seu bezerro, meu senhor Coronel

**ANA JANSEN-** Viu, Izidoro? Sorte de negro forro é obrigação da Presidência da Província, e eles lá cuidam disso? Manda soltar o negro, 'tá esbandalhadinho.

**CEL. IZIDORO-** Manda embora, Artemísio.

**ARTEMÍSIO-** Coronel ...

**ANA JANSEN-** Anda, vai cumprir a ordem do teu patrão e quando passar na cozinha dá um prato de angu pra esse negro.

**ARTEMÍSIO-** Sim, senhora, Donana. *(Saem)*

**ANA JANSEN-** Coisa ruim, passar fome.

**CEL. IZIDORO-** Mando construir a roda de enjeitados.

**ANA JANSEN-** Fico agradecida, Izidoro.

**CEL. IZIDORO-** Vem cá, gostas de mim?

**ANA JANSEN-** Tu não é salgado, nem podre. Vou espiar meu doce de macaxeira. *(Sai. Retoma Artemísio)*

**CEL. IZIDORO-** O que aconteceu agora, Artemísio?

**ARTEMÍSIO -** Notícia preta, Coronel.

**CEL. IZIDORO-** Fala logo, homem.

**ARTEMÍSIO-** O Coronel está preparado?

**CEL. IZIDORO-** Ora, vai falando.

**ARTEMÍSIO-** Chegou um negro de Itamaracá pra dizer que deu praga no algodão.

**CEL. IZIDORO-** O que!?

**ARTEMÍSIO-** Pois é, Coronel, ele disse que tem uma porção de folha roída.

**CEL. IZIDORO-** RO- Santa Seve ... meu Deus! E os compradores do Pará, Artemísio? Estão esperando metade da safra.

**ARTEMÍSIO-** Eu acho que não tem mais jeito, Coronel. Só no ano que vem.

**CEL. IZIDORO-** Que prejuízo. Ana! Vem cá, Ana! *(Volta mexendo a massa do bolo)* O que foi, homem?

**CEL. IZIDORO-** Lavoura perdida, deu lagarta.

**ANA JANSEN-** Santa Severa! Não tem remédio, Artemísio?

**ARTEMÍSIO-** Parece que nenhum não, Donana.

**ANA JANSEN-** Iche, que rico também se aperta! Espera, Izidoro, não tem algodão estocado no Rio das Bicas?

**CEL. IZIDORO-** Tem, mas muito velho, deve estar quase tudo estragado, faz muito tempo que as sacas estão lá.

**ANA JANSEN-** Isso não tem importância, Izidoro, dinheiro não se perde, sobrou uns pés, não sobrou?

**ARTEMÍSIO-** Não foi tudo comido não.

**ANA JANSEN-** Manda colher.

**ARTEMÍSIO-** Não vai adiantar, Donana.

**CEL. IZIDORO-** Que pretendes fazer, Ana?

**ANA JANSEN-** Misturar, Izidoro, misturar.

**CEL. IZIDORO-** E se eles perceberem?

**ANA JANSEN -** Aí já foi pago e é tarde.

**CEL. IZIDORO-** Nasceu pra negócio.

Se eu tivesse te encontrado antes, meus contos de réis estariam multiplicados.

**ANA JANSEN-** Deixa com meu tutano.

**CEL. IZIDORO-** Manda colher, Artemísio. Vou olhar a fazenda, Ana. *(Saem)*

**ANA JANSEN-** É bom. Cuidado com Manoel Ribeiro.

**CEL. IZIDORO-** Aquele pamonha não vai fazer nada.

**ANA JANSEN-** Hum, pamonha é que faz safadeza segura. *(Altera a disposição dos móveis, tira uma peça do vestido, é outro dia. D. Rosa entra)*

**D. ROSA-** Minha filha, obedece a teu marido.

**ANA JANSEN-** Obedecer, cadê respeito, mamãe? Quem só obedece pega no costume e depois não sabe fazer outra coisa.

**D. ROSA-** E tu acha que isto vai melhorar?

**ANA JANSEN-** Não é só ele que tem vontades, sou gente, também tenho.

**D. ROSA-** Filha, mulher é como escravo, regala o dono e ainda trabalha de graça, sai tudo muito barato.

**ANA JANSEN-** É hora de se cobrar. Casou sabendo de meu gênio e gosta de mim, certeza eu tenho. Agora, fica se fazendo de dono da minha vida? Iche, que isto não se acaba de forma mimosa, não sou criança. Ele que não se assanhe.

**D. ROSA-** Deixa de ser doida, Ana.

**ANA JANSEN-** Chamam logo de doido quem quer ser dono de sua vida.

**D. ROSA-** És mulher dele, menina.

**ANA JANSEN-** Mulher, mulher, não cadela, minha santa Severinha que me perdoe. **D.**

**ROSA-** Anda pensando que santo esquece sem- vergonhice?

**ANA JANSEN-** E não é verdade? Mulher que não tem palavra é cadela de marido, sim senhora.

**D. ROSA-** Vens me dizer que não gosta de deitar com ele?

**ANA JANSEN-** Gosto, mas não basta.

**D. ROSA-** Não sei o que queres mais.

**ANA JANSEN-** Olhe aqui: o meu nariz, sem isso ninguém vive, estrebucha com falta de ar. *(Choro de criança)* Vê meu filho aí, Romena!

**D. ROSA-** Ainda mais este menino.

**ANA JANSEN-** Que tem ele, mamãe? Sei de urna porção de falatório com meu nome, não têm é coragem de fazer o que eu fiz. Manoel é lindo, não fico longe dele por nada no mundo, quero uma cambulhada de filho.

**D. ROSA-** Pelo menos, pra mãe tu tem vocação *(Entra Izidro)*

- O que aconteceu pra te deixar com essa cara?

**D. ROSA-** Não te mete, Ana.

**CEL. IZIDORO-** O cachorro do Ribeiro escreveu para a gente do Pará, não sei se a carta chega depois de mandarem o dinheiro.

**ANA JANSEN-** Eu te avisei. Um escândalo pode te fazer mal na política.

**CEL. IZIDORO-** O que faço?

**ANA JANSEN-** Uma surra nesse conservador de merda. *(Fim do Quadro II. A ação desloca-se para a tipografia, um dos compartimentos do plano superior)* **CÂNDIDO MENDES-** Encontrei o título do artigo, Sotero! M, M, M: mandonismo de mulher no Maranhão. Depois que o marido faleceu, pôs as unhas de fora. A paulada vai ser boa.

**SOTERO DOS REIS-** E oportuno. Os bem- te- vis se dividem e ela continua firme, mandando pelo prazer de mandar. Uma situação inadmissível, onde se acham os sensatos desta Província?

**CÂNDIDO MENDES-** De baixo da saia dela.

- Lá não me encontras. Aguardemos o efeito de teu artigo.

**SOTERO DOS REIS-** O Comendador Meireles há de gostar, os conservadores estão periclitando.

**SOTERO DOS REIS-** Ela e o Meireles estranharam- se por causa de uma quitação de contas.

**CÂNDIDO MENDES-** E tu por que brigaste? Querias mais bolo de macaxeira?

**SOTERO DOS REIS-** Não repitas o gracejo, que eu te arreberto. Sou um intelectual, um homem de letras, compromissado com a justiça e a honradez, não aceito que me façam de

boneco. Vivo, estarei em oposição àquela caninana.

**CÂNDIDO MENDES**-O meio é corrupto.

**SOTERO DOS REIS**- O meio, eu não.

**CÂNDIDO MENDES** - Muito bonito de se ouvir.

**SOTERO DOS REIS**- Eu não me deixei enlamear, saí em tempo.

**CÂNDIDO MENDES**-Proeza admirável.

**SOTERO DOS REIS**- Muitos perdem a vergonha e jogam a culpa em cima da “sobrevivência”.

**CÂNDIDO MENDES**-Nunca te sentiste tentado? Não ganhas tão bem no magistério.

**SOTERO DOS REIS**- Não admito insultos.

**CÂNDIDO**- Não estou te insultando. Nestes tempos, ser passível de corrupção parece ser uma característica humana.

**SOTERO DOS REIS**- É um raciocínio extremamente repulsivo. Aonde queres chegar?

**CÂNDIDO MENDES**- Ao fundo do teu idealismo.

**SOTERO DOS REIS**- Mereces um soco. *(Entra Cascais, a tempo de ouvi-lo)*

**CASCAIS**- Ora, o que está acontecendo? Não quero animosidades em minha tipografia.

**SOTERO DOS REIS**- Ofendeu- me a dignidade.

**CÂNDIDO MENDES**- Desculpa- me, só queria ver se eras mesmo dos nossos, desculpa-me.

**SOTERO DOS REIS**- Não tornes a fazer insinuações deste gênero.

**CASCAIS**- Acalma- te, Sotero. Soube que Ana Jansen vai enviar mais homens para Icatu.

**SOTERO DOS REIS**- É uma cobra, quer agradar ao Imperador.

**CÂNDIDO**- Este é outro, vive em Petrópolis se refestelando e nós aqui sujeitos a tudo.

**SOTERO DOS REIS** - Só a República nos salvará, acabará com os abusos que testemunhamos.

**CASCAIS**- Quem nos afiança que acabarão? Não sonhes tanto, meu caro humanista. É confortável ser poderoso, quem tem o poder não quer largar.

**CÂNDIDO MENDES**-É uma verdade que atravessa os tempos.

**SOTERO DOS REIS**- E a resistência dos Balaiois?

**CASCAIS**- Vêm perdendo terreno, já é pouca a munição.

**CÂNDIDO MENDES**-Más notícias.

**SOTERO DOS REIS**- O filhinho dela vai bem no comando?

**CASCAIS**- Izidoro? Dizem que perdeu o revólver num combate, perto de Caxias. *(Riem. Entra um escravo correndo)*

**ESCRAVO II**- Seu Cascais, meu senhor, Pedro II mandou um batalhão de reforço.

**CÂNDIDO MENDES**-Deve ter sido carta dos Jansen.

**SOTERO DOS REIS**- Quando chegarão, Ubaldo?

**ESCRAVO II**- Vi eles desembarcando no Desterro. Diz- se que eles vem comandado pelo Cel. Luís Alves de Lima e Silva.

**CASCAIS-** Alves de Lima e Silva? É o fim da Balaiada.

**SOTERO DOS REIS-** Sufocada a revolta, aumentará junto ao povo o prestígio de Ana Jansen. Vou escrever atacando- a.

**CASCAIS-** Vamos ver, Cândido. *(Saem. A ação desloca- se para o plano inferior. Casa de Ana Jansen)*

**ANA JANSEN-** *(Jornal à mão)* Cachorros de uma figa, filhos de uma... pública! Izidoro, vem cá, menino!

**IZIDORO-** *(Fardado)* O que foi, mamãe?

**ANA JANSEN-** Ainda não leu esta fedentina? Sotero dos Reis, aquele cretino.

**IZIDORO-** É uma provocação. Se Manuel estivesse aqui, não se conteria.

**ANA JANSEN-** É melhor ele ficar na Europa, longe dessa sujeira. O escrito é um desaforo, acabo com a laia dele.

**IZIDORO-** Mamãe, sei que não tenho autoridade para lhe dar conselhos, mas seja prudente, estes patifes têm um jornal circulando pela cidade.

**ANA JANSEN-** Nós também temos um. O Guajajara vai responder à altura. Dizem aqui que eu tenho mania de poder. Que uso os meios mais baixos pra conseguir o que quero e não perder a influência política. Dizem até que eu não tenho escrúpulo, o que é isso, hem?

**IZIDORO-** Coisa de oposição. Não ligue.

**ANA JANSEN-** É, mas o povo liga. Sotero dos Reis me paga, o dia dele chegar.

**IZIDORO-** Sou de opinião que deveríamos ensiná-lo a nos respeitar, uma boa sova no lombo é sempre eficaz como mordança.

**ANA JANSEN-** Não, passada a dor, ele esquece logo.

**IZIDORO-** O quê?

**ANA JANSEN-** Deixa de abelhudice, tu vai ver o negócio acontecendo.

**IZIDORO-** Os cabanos devem ter gostado.

**ANA JANSEN-** Não te preocupa, tu vai ser deputado, as eleições são de Donana Jansen, o Maranhão é de Donana Jansen. Mas precisamos dar jeito nesses bandidos de jornal que querem nos desmoralizar.

**IZIDORO-** Surra, mamãe. Não tem um que espere o pau.

**ANA JANSEN-** Aí é que está, cacete às vezes dá muito na vista, o povo se zanga não vota na gente. É preciso trazer João Antônio de Miranda para o nosso lado.

**IZIDORO-** Presidente da Província, seria o ideal.

**ANA JANSEN-** Sotero vive de quê?

**IZIDORO-** Ensina latim no Liceu.

**ANA JANSEN-** Pois então que vá latir longe de nós. Vai, vai ficar amigo de Luís Alves de Lima e Silva, quero ele pra padrinho de Anastácio, é bom ter compadre na Corte, pertinho do Imperador.

**IZIDORO-** Um título de nobreza?

**ANA JANSEN-** Qualquer precisão. *(Entra Romena, mais envelhecida)*

**ROMENA-** Sinh'ana, tem um homem com uma escrava querendo falar com Sinh'ana.

**ANA JANSEN-** Manda entrar, Romena. *(Entram o feitor e a escrava)*

**FEITOR-** Dá licença, senhora Donana. D. Rita Castanheira de Melo manda oferecer esta mulata, a senhora faz o preço. O que D. Rita deseja é vende-la a V. Sá.

**ANA JANSEN-** *(A Izidoro)* Minha fama de caninana 'tá espalhada. Vem cá, rapariga. por que o choro?

**ES CRAVA I-** Porque...vou ficar longe da minha irmã.

**ANA JANSEN-** Só por isso?

**ES CRAVA I-** É, minha senhora.

**ANA JANSEN-** Queres me servir? Tens gosto em ser minha escrava?

**ES CRAVA I-** Tenho sim... minha senhora.

**ANA JANSEN-** Está bem, minha mulata. Artemísio vem cá! *(Ele entra)*

**ARTEMÍSIO-** Pronto, Donana.

**ANA JANSEN-** Busca o escrivão Maia, aí apegado.

**IZIDORO-** Quanto custa a escrava?

**FEITOR-** Tem bons dentes, é parideira, vale uns 600\$000, mas pra Donana Jansen fica por 400\$000, ou menos. D. Rita faz questão é que ela fique aqui.

**IZIDORO-** Então, mamãe, vendê-la à senhora é um castigo.

**ANA JANSEN-** Isto se resolve já. *(Entra o escrivão)*

**ES CRIVÃO-** Bom dia, Donana.

**ANA JANSEN-** Bom dia, sente. Me passe o escrito de venda desta mulher.

**ES CRIVÃO-** Pois não, Donana. Tenho comigo os papéis necessários. Quanto ela custa?

**ANA JANSEN-** Seiscentos réis.

**ES CRIVÃO-** Aqui está.

**ANA JANSEN-** Agora passe a carta de alforria. *(Entrega o dinheiro ao feitor)* Vá e diga à sua patroa que ela é pior do que eu, ela é que é canina. Diz também que a escrava que ela queria castigar acabou de ser alforria da, é livre, escutou direito?

**FEITOR-** Sim, senhora. *(Sai)*

**ES CRAVA I-** *(Ajoelhada)* Minha senhora, Xangô lhe dê fortuna, Santa Bárbara lhe guarde.

**ANA JANSEN-** Vai, minha mulata, já tens a liberdade, e quando te disserem que Donana Jansen é má, diz que não é tanto assim. *(A escrava sai)*

**IZIDORO-** Diplomático. Mamãe, não interfiro em suas decisões, mas eu queria lhe falar ...

**ANA JANSEN-** O que é, Izidoro?

**IZIDORO-** É... é sobre Elídio.

**ANA JANSEN-** Ordem minha é pra ser cumprida.

**IZIDORO-** É apenas um menino engraçado mãe.

**ANA JANSEN-** E desobediente, o que digo é pra ser feito e respeitado.

**IZIDORO-** Mamãe, ele só quis ser agradável.

**ANA JANSEN-** Não teima, Izidoro. “Tá andando vestido como merece, pela palhaçada que fez, não tinha nada de se, manifestar na minha ausência.

**IZIDORO-** Ele quis ‘Somente fazer um discurso, mamãe. Era meu aniversário. **ANA**

**JANSEN-** Estás muito teimoso, Izidoro, vai cuidar de tuas obrigações. Diz pra Artemísio ficar de prontidão, Sotero dos Reis não pode ficar sem uma liçãozinha, ele e o cretino do Cândido Mendes.

**IZIDORO-** Está bem, perdoe- me. *(Sai)*

**ANA JANSEN-** Amélia, vem cá, menina!

*(Ela entra)* **AMÉLIA-** Pronto, titia.

**ANA JANSEN-** Conheces João Antônio de Miranda?

**AMÉLIA-** Só de conversa com minhas amigas.

**ANA JANSEN-** Deves saber que é solteiro.

**AMÉLIA-** É o assunto de todas as moças de São Luís.

**ANA JANSEN-** Dou um jeito de vocês encontrarem. *(Aspira o ar, aflige-se)* Santa Severa! Ô, Romena, vê aí o meu doce de macaxeira!

**ROMENA-** *(Lá de dentro)* Queimou não, Sinh’ana!

**ANA JANSEN-** Cadê Elídio?

**AMÉLIA-** Está brincando com os negrinhos no quintal.

**ANA JANSEN-** Chama ele aqui. *(Amélia chega-se a uma das laterais do palco)*

**AMÉLIA-** Elídio, tua avó quer falar contigo, anda depressa! *(Ouve- se o som de guizos, Ele entra correndo, metido num fofão estampado)*

**ELÍDIO -** Pronto, vovó.

**ANA JANSEN-** Tem te aplicado no estudo? Não quero saber de reclamação.

**ELÍDIO -** Tenho sim, vovó.

**ANA JANSEN-** Muito bem, porque se tu tiver outro comportamento, sujo, além do fofão, mando raspar tua cabeça.

**ELÍDIO -** Entendi, vovó.

**ANA JANSEN-** Pode ir. *(Ele sai)* Amélia, vais te casar com o Miranda.

**AMÉLIA-** Nem o conheço ainda, titia ...

**ANA JANSEN-** Tu vai conhecer quando for mulher dele, os Bem-te-vis precisam do teu casamento. *(Sai)*

**AMÉLIA-** São capazes de tudo para segurar o poder. *(Sai. Ação na tipografia. Entra Sotero dos Reis)*

**SOTERO DOS REIS-** Tem-se que viver com. a mente e a boca fechada, Cascais.

**CASCAIS-** O que aconteceu, homem?

**SOTERO DOS REIS -** O diabo do árbitro funcionando.

**CASCAIS -** Ana Jansen?

**SOTERO DOS REIS-** E quem mais poderia ser? Fui demitido do Liceu, extinguiram a

cadeira de Latim, como matéria dispensável a quem nasce no Brasil.

**CASCAIS-** É o cúmulo do mandonismo, não se tem direito a discordar?

**SOTERO DOS REIS-** É a lei dos impérios.

**CASCAIS-** Abominável.

**SOTERO DOS REIS-** A mando dela, Rafael de Carvalho apresentou o projeto de reforma do Liceu na Assembleia Provincial, depois assinado pelo Miranda, agora parente da caninana.

**CASCAIS-** Não se pode negar a astúcia que ela tem.

**SOTERO DOS REIS-** Nem que vivemos em terra de acomodados calculistas, tomam qualquer posição que lhes garanta benesses financeiras. *(Entra Cândido Mendes)*

**CÂNDIDO MENDES-** Como estão as lides oposicionistas? –

**SOTERO DOS REIS-** Oh, Cândido, meu caro, o obscurantismo quer cegar a verdade na minha boca.

**CASCAIS-** É no escuro que se deve gritar.

**CÂNDIDO MENDES-** Qual a última arbitrariedade de “Donana”?

**SOTERO DOS REIS-** Não se ensina mais Latim no Liceu Maranhense.

**CÂNDIDO MENDES-** Que absurdo!

**SOTERO DOS REIS-** Pois é, mas adianta repetir? Só pela ação, meu caro, terá fim o domínio despótico desta mulher.

**CÂNDIDO MENDES-** E o povo não acorda.

**CASCAIS-** Hum, parece ter sono infinito. Fala- se, fala- se, tudo continua no mesmo, ela sempre mandando.

**SOTERO DOS REIS-** Ouvi dizer que Raimundo Teixeira Mendes tem projetos de instalar uma companhia de águas. Duvido que isto prospere, ela há de dar um jeito de continuar abastecendo a cidade inteira com aquelas pipas.

**CÂNDIDO MENDES-** Tu não podes calar, Sotero, sob pena de endossar a ditadura jansenista. *(Entra um escravozinho)*

**ESCRAVO III-** Licença, meu branco. Quem é seu Surterro aqui?

**CASCAIS-** Ei- lo.

**SOTERO DOS REIS-** Quem é teu dono?

**ESCRAVO II-** Sou escravo de Donana Janse.

**CASCAIS-** Aguenta- te, homem.

**SOTERO DOS REIS-** Que recado trazes, moleque?

**ESCRAVO III-** Minha senhora mandou ordem pra meu branco ir lá em casa. *(Sotero o carrega, gargalhando)*

**SOTERO DOS REIS-** Ouviram, companheiro? Deve impor que eu deixe São Luís. Ordem...

**CÂNDIDO-** Comporta- te, cacete no lombo dói.

**CASCAIS-** Bolo de macaxeira tenta muitos estômagos.

**SOTERO DOS REIS**- Não o meu, o dinheiro dela não me dobra.

**CÂNDIDO MENDES**-Se não insido em equívoco, já escutei isto do insigne João Lisboa, que agora defende os Jansen pelos jornais.

**SOTERO DOS REIS**- Não atendo por tal nome. É mais político seres honesto só com os amigos, do contrário, os oportunistas espalham de imediato que tens é despeito da literatura dele.

**SOTERO DOS REIS**- Tenho consciência do meu talento de escritor. Moleque, diz à tua senhora que irei. (*Surge na platéia um grupo de negros aguadeiros, portando pipas nos ombros*)

**GRUPO**- Água, minha branca, água fresquinha, fresquinha, da fonte de Donana Jansen! Vinte réis a caneca! (*Oferecem ao público. Cândido Mendes e Cascais passam na platéia*)

**CÂNDIDO**- Ganha dinheiro de todos os jeitos. A Companhia há de ser instalada. (*Ação na Casa de Ana Jansen. Entra Izidoro. Plano inferior do palco*) **ANA JANSEN**- Mandei chamar o velhaco.

**IZIDORO**- Virá?

**ANA JANSEN**- Quem não vem a meu chamado nesta terra, Izidoro?

**IZIDORO**- Só os falecidos, mamãe.

**ANA JANSEN**- E a Balaida, o que tem feito Lima e Silva?

**IZIDORO**- Falta pouco para vencermos, o que, talvez, renda ao Coronel um título de Barão, Barão de Caxias.

**ANA JANSEN**- Corajoso como é, chega a Duque sem demora.

**IZIDORO** - Acho que também vou aproveitar a revolta para subir.

**ANA JANSEN**- Isso mesmo. Tu acha que eu não vou ter um filho deputado? Nem que a gente tenha que esburacar a terra pra tirar voto. (*Elídio passa correndo, vestido de fofão, brincando com um escravozinho*) Elídio! (*Os dois se estatficam, o escravozinho se urina*) Já parar com esta correria. Não me suja o assoalho, Maneco, pra cozinha. (*Saem*) Coitado, se mijou todo, o pretinho.

**IZIDORO**- Não é só ele que se mija na frente da senhora, todos têm medo.

**ANA JANSEN**- Mas não tenho o coração ruim, meu filho, Deus me fez com este gênio e Santa Severa me conhece. Tenho que segurar o que eu consegui, não é?

**IZIDORO**- Claro, mamãe, quem puder comer que não seja comida. O mucura está demorando.

**ANA JANSEN**- Ele vem, só quer é me danar mais, o Meireles deve estar pagando bem.

**IZIDORO**- Pode ser, mas penso que Sotero dos Reis não seja tão fácil de se subornar a dinheiro.

**ANA JANSEN**- Qual dos faladores não se sossega com uns contos de réis, Izidoro? E se não quiser, se força a pau. (*Entra Romena*) O que aconteceu com o meu bolo, Romena? Não deixa aquela negrinha nova se descuidar.

**ROMENA**- Deixo não, Sinh'ana, tá secando. Tem um homem aí, quer falar com Sinh'ana.

ANA JANSEN- Manda entrar. *(Entra Sotero dos Reis)*

SOTERO DOS REIS- O que a senhora deseja?

ANA JANSEN- Senta primeiro, não gosto de afobação.

SOTERO DOS REIS- Não disponho de muito tempo.

ANA JANSEN- Não lhe perguntei.

SOTERO DOS REIS- Então seja direta e poupe-me de seus gracejos desconsolados.

IZIDORO- Mais respeito.

SOTERO DOS REIS- Deve começar por quem pede.

ANA JANSEN- Te acalma, que saliência me deixa danada. Tu vais ou não parar de me insultar por aquele jornaleco imundo?

SOTERO DOS REIS- A verdade mudou de nome?

ANA JANSEN- Quinze contos, com pena de ti ainda.

IZIDORO- O Meireles não pagará melhor.

SOTERO DOS REIS- Comprem mais cacetistas.

ANA JANSEN- Sendo assim, te prepara, vou fazer a tua vontade. *(Ele sai)*

IZIDORO- Patife.

ANA JANSEN- E burro. Quem tem tutano lá perde chance de ficar rico? *(Entra Romena)*

ROMENA- Licença, Sinh'ana. D. Cândida Almeida está de visita.

ANA JANSEN- Diz pra entrar, Romena. Se bem que a hora não é tão mimosa. *(Cândida entra)*

CÂNDIDA- Como tens passado, Ana?

ANA JANSEN- Brigando, como sempre. Senta, preciso mesmo conversar contigo.

CÂNDIDA- Vim por motivo idêntico. E tu, Izidoro, quando voltas a combate?

IZIDORO- Na próxima semana. Tenho de ver quando partiremos. Portanto, boa tarde. *(Sai)*

ANA JANSEN- O safado não aceitou o dinheiro.

CÂNDIDA- Aplica um dos teus remédios anti-inimigos, não podes deixar arruinarem a posição que conquistastes nesta Província.

ANA JANSEN- O que é dele está guardado, Santa Severa me ilumine. E a tua casa como vai?

CÂNDIDA - Eusébio não diminui a arrogância.

ANA JANSEN- E tu aceita, criatura? *(Cândida choraminga)*

CÂNDIDA- Que posso fazer?

ANA JANSEN- Não aceitar, ora.

CÂNDIDA- Ele é muito prepotente. Outro dia, só porque pedi uma joia, saiu-se com a maior indelicadeza.

ANA JANSEN- Por isto é que toda a minha vida tive minhas próprias moedas, pra não aguentar patada.

CÂNDIDA- Eu me iludi, pensei que só o casamento me completaria. Mas que outro

caminho têm as mulheres?

**ANA JANSEN**- Elas é que não procuram outros, Cândida, vivem com medo de enfrentar a vida, os perigos que depois que se vence faz a gente se sentir forte.

**CÂNDIDA**- Tens razão. *(Chora no ombro de Ana Jansen)* Como te invejo, Ana! **ANA JANSEN**- Ah, o que é isto, siá? Hoje de noite, vocês fazem o entendimento.

**CÂNDIDA** - *(Choro convulso)* Trata- me tão mal que agora dei pra ter nojo.

**ANA JANSEN**- Nojo? Santa Severa!

**CÂNDIDA**- Às vezes, se deita ao meu lado cheirando a senzala.

**ANA JANSEN**- Minha Santa! Iche, comigo, eu capava.

**CÂNDIDA**- O pior é que gosto dele, o sofrimento aumenta.

**ANA JANSEN**- Gostas de Eusébio, correto, é teu homem. Mas e de ti mesma, não gosta não? Toma uma atitude, Cândida.

**CÂNDIDA**- Na verdade, é do que preciso, quando ele quiser vou me negar, não fui criada em estrebaria para dormir com cavalo.

**ANA JANSEN**- É só não dar alfafa até ele te respeitar como deve. *(Riem)* A gente tem de se impor em tudo.

**CÂNDIDA**- É a razão de causares despeito a tantos.

**ANA JANSEN**- Eu sei, que torçam o rabo, porque eu sou dona de mim, graças a Deus. Antônio me entende. Sei também que me casando de novo não saí das bocas maldosas desta ilha de São Luís. Mas sou mulher de topar qualquer situação.

**CÂNDIDA**- Para onde foi Antônio?

**ANA JANSEN**- Itamaracá, melhorar de saúde. ‘Tô com uma saudade do meu velho que me pelo. *(Entra Romena)*

**ROMENA**- Sinh’ana ...

**ANA JANSEN**- O que aconteceu, Romena?

**ROMENA**- Sinh’ana... juro por Santa Barbra, não foi de mal ...

**ANA JANSEN**- Vai dizer logo? Quer me ver verde raiva.

**ROMENA**- Sinh’ana, queimou ...

**ANA JANSEN**- O que, criatura?

**ROMENA**- O... bolo de macaxeira.

**ANA JANSEN**- Vou te dar um castigo. *(A escrava se assusta)* Deixa de ser besta, romena, e vai tomar um copo d’água *(Ela sai)*

**CÂNDIDA**- Está escurecendo, é hora de ir. Vou seguir o teu conselho. Ah, a “Baronesa de Grajaú” vive com inveja de ti.

**ANA JANSEN**- É porque não tem Barão que mande na minha vida. *(Cândida sai. Mudança de luz, madrugada. Ouve- se rumor de carruagem passando, surgem encapuzados na platéia)*

**ENCAPUZADO I**- Frederico, passa o ouro.

**ENCAPUZADO II**- Ninguém na rua, Piter?

**ENCAPUZADO III**- Não, pode vir. Cuidado com os diamantes, dão bom preço em Londres. Enriquecer nunca foi tão fácil.

**ANA JANSEN**- Carruagem de madrugada? Esquisito. *(Ação em outro compartimento do plano superior, casa do Comendador Meireles)*

**MEIRELES**- O Partido Conservador precisa se reabilitar!

**CONFRADE I**- O que se pode fazer?

**MEIRELES**- Ainda não tenho resposta, o essencial é que estejamos dispostos à luta, à vitória por quaisquer meios, sem correntes éticas ou morais, afinal tratamos de política.

**CONFRADE I**- Mas a ascensão dos Bem- te- vis parece irreversível.

**MEIRELES**- Irreversível é porcaria do intestino depois de saída. *(Risos)*

**CONFRADE I**- Nossa situação não é tão simples, Comendador. Correm boatos de que Franco de Sá virá para a Presidência e os dois são ligados.

**MEIRELES**- Não creio que aceitará o bolo de macaxeira, não se deixará dominar por ela.

**CONFRADE I**- O que é imprevisível. Ponderei que seria mais estratégico minar o prestígio que ela tem junto ao povo, o que já conseguimos em boa parte.

**CONFRADE I**- A fama de perversa está espalhada. Minha filha perguntou-me se Ana Jansen come gente.

**MEIRELES**- Que disseste à pequena?

**CONFRADE I**- Que era o destino das cobras.

**CONFRADE II**- E se revolvêssemos o passado dela. o caso que teve com o Desembargador Vieira de Melo, do qual lhe provieram quatro filhos naturais? **MEIRELES**- Ideia brilhante e a Baronesa de Grajaú poderia também se interessar, poupemos os trunfos maiores, o bombardeio deve ser gradual.

**CONFRADE I**- Se a Companhia de Águas for instalada, será um passo para acabar com os monopólios da matrona. *(Passa uma escrava com um penico)*

**MEIRELES**- O que é isto, negra?

**ES CRAVA II**- Mandado de minha senhora, meu senhor.

**MEIRELES**- Pois diz à tua senhora que não te mande mais atravessar minhas reumoes com penicos de mijo, penicos... penicos, companheiros!

**CONFRADE II**- Que relação tem com a nossa campanha, Meireles?

**MEIRELES**- Vou fazer a cidade inteira mijar na cara da “Raíinha do Maranhão”! *(Ação na tipografia)*

**SOTERO DOS REIS**- Quis-me fazer de palhaço.

**CASCAIS**- Macaxeira?

**SOTERO DO REIS**- Como era esperado, quinze contos por minha cumplicidade.

**CASCAIS**- Quinze!? Quando oferecem muito é porque não é mentira que se diz.

**SOTERO DOS REIS**- Enoja- me tanto desrespeito, pensam que compram a dignidade alheia. **CASCAIS**- Ela não se conformará com a tua recusa.

**SOTERO DOS REIS-** Eu sei que estou sozinho no perigo, ela manda em tudo.

**CASCAIS-** Não me ofendas, sou teu amigo, correligionário, por nada deixarei de te apoiar. As pressões, nós as sofreremos juntos.

**SOTERO DOS REIS-** Então, orgulho-me de merecer a estima de uma raridade. *(Risos)*

**CASCAIS-** Tens visto o Cândido Mendes?

**SOTERO DOS REIS-** Não, deve estar preparando os seus libelos contra o mandonismo.

**CASCAIS-** Ainda está com as costelas inteiras?

**SOTERO DOS REIS-** Suponho que sim, exposto como nós. *(Entra Ribeirinho, proprietário do sobrado onde funciona a tipografia. Arruma as cadeiras, afasta os papéis.)*

**CASCAIS-** O que é isto, Ribeirinho?

**SOTERO DOS REIS-** Não desorganiza nosso trabalho, homem.

**RIBEIRINHO-** Pode entrar, senhora. *(Entra Ana Jansen, acompanhada de Artemísio e dois homens)* Como vê, é um sobrado espaçoso, há vários quartos no segundo andar.

**ANA JANSEN-** Sem estes bagulhos deve parecer melhor.

**RIBEIRINHO-** Faço um preço razoável, senhora.

**CASCAIS-** Que estás fazendo? Nós te pagamos o aluguel no prazo certo.

**RIBEIRINHO-** Preciso viver, vocês pagam muito pouco.

**SOTERO DOS REIS-** Diz quanto queres, precisamos da sala.

**RIBEIRINHO-** Mil e trezentos réis.

**CASCAIS-** É uma exorbitância, esta ratoeira não vale a metade.

**ANA JANSEN-** Pago dois mil e seiscentos. *(Sobre Ribeirinho)* Pústula! segura ele, Artemísio.

**RIBEIRINHO-** Está alugado à senhora, Donana.

**ANA JANSEN-** Quero por seis meses, o senhor pode ficar descansando em Itamaracá, conforme lhe prometi.

**CASCAIS-** Filho da puta!

**ANA JANSEN-** Cala ele, Artemísio.

**CASCAIS-** Um dia, a sua arrogância acaba.

**ANA JANSEN-** É mais fácil tu te acabar primeiro. Tem cuidado comigo, não demoro muito pra tomar raiva de gente petulante.

**SOTERO DOS REIS-** Somos homens de vergonha, não nos dobraremos ao seu arbítrio.

**ANA JANSEN-** Disto eu duvido, a única coisa que eu não dobro é ferro.

**SOTERO DOS REIS-** E Francisco Sotero dos Reis.

**CASCAIS-** E Antônio Cascais.

**ANA JANSEN-** Vocês não aguentam uma cacetada. E vamos parar com isto, já tá me dando irritação.

**RIBEIRINHO-** Têm que deixar o sobrado.

**ANA JANSEN-** De noitinha, quero tudo vazio. *(Saem)*

**CASCAIS-** E agora?

**SOTERO DOS REIS-** Não podemos deixar de circular, mais do que nunca é hora de denúncia.

**CASCAIS-** Que estará tramando o Meireles? Anda muito quieto.

**SOTERO DOS REIS-** Penso que é chegado o momento de nos unirmos contra o inimigo comum. *(Entra Cândido Mendes)*

**CÂNDIDO MENDES-** Bom dia. O que aconteceu para tanta indignação?

**SOTERO DOS REIS-** Fomos despejados desta pocilga.

**CASCAIS-** A “Rainha” alugou o prédio, estamos sem espaço para funcionar contra ela.

**CÂNDIDO MENDES-** Mulher venenosa. Não sei quem a mandou se meter em política, deveria ter passado a vida bordando e cozinhando para não nos incomodar.

**CASCAIS-** E os Conservadores?

Sem muitas chances nas eleições, o poder da matrona talvez leve Izidoro Jansen à cadeira de deputado.

**SOTERO DOS REIS-** Não podemos nos descuidar do processo eleitoral.

**CASCAIS-** Devemos estar atentos às falcatruas, que sem dúvida ocorrerão. **CÂNDIDO MENDES-** Indubitavelmente, os jansenistas farão tudo para vencer.

**CASCAIS-** Para onde transportaremos este material, Sotero?

**SOTERO DOS REIS-** Não tenho lugar, ela sabe, não sairei, o povo será testemunha.

**CÂNDIDO MENDES-** Vão te deixar apanhando sozinho.

**SOTERO DOS REIS-** Não poderão esbagaçar minha consciência.

**CÂNDIDO MENDES-** Leiam, é o artigo de amanhã.

**SOTERO DOS REIS-** Tu a chamas de imoral, “carente de comportamento digno de uma senhora de bem, quatro filhos espúrios”.

**CASCAIS-** Vai estrebuchar de raiva.

**CÂNDIDO MENDES-** Agora ela fica mais calma, vai nos temer.

**CASCAIS-** Do jeito que é, acho muito otimismo se pensar em apavorá-la.

**CÂNDIDO MENDES-** Ora, homem, com esta eu me vou. *(Sai. Mudança de luz, anoitece)*

**CASCAIS-** Esperemos. *(Entram Artemísio e seus homens, derrubando móveis, rasgando papéis)*

**SOTERO DOS REIS-** O que significa isto?

**ARTEMÍSIO-** Donana mandou dizer que está fazendo o que o senhor aconselhou que ela fizesse com os quinze contos. *(Ação na casa de Ana Jansen Entra Izidoro)*

**IZIDORO-** Mamãe, a senhora leu a infâmia que o Cão Mendes escreveu?

**ANA JANSEN-** Ele não tinha o direito de botar o meu particular na boca do povo, mas também não é mentira que tive filhos do Desembargador.

**IZIDORO-** Perdoe-me, entretanto as senhoras da sociedade devem estar comentando.

**ANA JANSEN-** Não se pode apagar o que ele estampou no jornal, se pode?

**IZIDORO-** Já foi lido por São Luís inteira.

**ANA JANSEN-** Pois bem. Não sou mulher de me arrepender do que faço com gosto, com a cabeça no lugar, por querer meu.

**IZIDORO-** Não quis dizer que foi inconstância sua, mamãe.

**ANA JANSEN-** Parece. Tu sabe que eu não me chego com atrevimento, gostava dele e foi bom pra mim. O resto não é da conta de ninguém, só da minha.

**IZIDORO-** Estão jogando muito baixo.

**ANA JANSEN-** Surpresa não é. Acho que contigo conseguiram o intento deles. **IZIDORO-** Comigo?

**ANA JANSEN-** Fazer medo.

**IZIDORO-** Não sei.

**ANA JANSEN-** Não acredito que eu tenha parido filho burro, Izidoro.

**IZIDORO-** Estas invenções me deixaram irritado.

**ANA JANSEN-** Começa brigando por dentro de ti, não é invenção nenhuma. ‘Tão querendo que a gente se amue.

**IZIDORO-** Meus irmãos, o nome da família.

**ANA JANSEN-** Opinião de filho não me interessa, tudinho sujou a minha saia de merda e a cara de vocês não me faz vergonha. ‘Tá tudo com a vida arrumada, mas tu, que vive comigo, tem de ter a casca grossa pra aguentar a briga.

**IZIDORO-** E nossos eleitores?

**ANA JANSEN-** Vão votar na gente.

**IZIDORO-** Não sei, despejaram um balde de lama em nossa campanha.

**ANA JANSEN-** Deixa de ser besta, lama é essa moral mentirosa. A vida é minha. Não sei porque mulher é tão vigiada, vocês têm quantas querem e ninguém usa isso de perseguição.

**IZIDORO-** Homem é homem, mulher deve ter um comportamento condigno.

**ANA JANSEN-** Não fala comigo de maneira assim, quero respeito, cala a boca ou te mando um tabefe em riba da venta.

**IZIDORO-** Perdoe-me.

Manda chamar Artemísio;

**IZIDORO-** Geolindo, chama Artemísio cá dentro! *(Ele entra com um cacete)* Licença, Donana. *(Gesto violento com a arma)* É pra ...?

**ANA JANSEN-** Deixa moído. E diz bem no ouvido dele que Ana Jansen não deve satisfação pra bastardo nenhum.

**IZIDORO-** Haverá ópera no Teatro São Luís, deve ir.

**ANA JANSEN-** Então bate nele na frente de todo mundo, ninguém me faz medo.

**ARTEMÍSIO-** A gente ensina ele, Donana.

**ANA JANSEN-** Capricho na lição, pode ir.

**IZIDORO-** Não poupa o lombo dele, Artemísio, *(Artemísio sai)*

**ANA JANSEN-** E tu trata de botar um olho em cima de Franco de Sá, ‘tou meio desconfiada dessa tal de Liga Maranhense que ele vive falando.

**IZIDORO-** Estarei alerta aos acontecimentos. Com a sua licença. *(Entram senhoras para uma reunião na casa da Baronesa de Grajaú, pode-se aproveitar o cenário da casa de Ana Jansen)*

**BARONESA DE GRAJAÚ-** Não podemos interromper a novena, é um desrespeito esta demora.

**SENHORA I-** Os imorais não podem se comportar de outra maneira.

**SENHORA II-** Sabe- se lá se crê em Deus!

**BARONESA DE GRAJAÚ-** Quer neutralizar nosso repúdio com demonstrações de força, dando surras.

**SENHORA I-** Por mim, não a aceitaríamos mais entre nós.

**SENHORA II-** É, na realidade, uma afronta às nossas famílias.

**BARONESA DE GRAJAÚ-** Nunca considerarei sadio o convívio com ela.

**SENHORA II-** Os modos grosseiros com que se comporta me causam náuseas.

**SENHORA II-** Também, não teve educação, uma costureira.

**BARONESA-** Vive querendo fazer coisas de homem, para ela o ridículo não existe. *(Cândida entra a tempo de ouvi-la)*

**CÂNDIDA-** Ridículo é a pasmaceira tediosa a que nos condenaram.

**SENHORA I-** Não sei a que te referes, Cândida, não há nada de tedioso em nos comportarmos como mulheres.

**CÂNDIDA-** Como mulheres, não. Porém, nem isso fazemos, ou vocês pensam que nós só nascemos para ter filhos e vim ver embrutecidas pela ignorância? Não podemos viver experiências mais enriquecedoras como seres humanos? Ser mulher vai muito além da procriação.

**BARONESA DE GRAJAÚ-** É o fim para o qual fomos criadas.

**CÂNDIDA-** Então, Baronesa, a senhora se considera igual a uma vaca que nada faz senão parir bezerros? Não podemos nos contentar com tal destino.

**BARONESA-** Não admito esta ofensa. Se não tens alegrias conjugais a culpa não é nossa.

**CÂNDIDA-** E qual de nós as tem verdadeiramente, senhora Baronesa de Grajaú? Qual de nós nunca foi obrigada a deitar- se com um marido exalando catanga de negra? Diga- me, Ana é uma mulher admirável, dona de si mesma.

**SENHORA I-** Acho bom começarmos a rezar.

Esperemos pela Rainha do Maranhão.

**BARONESA DE GRAJAÚ-** Não exageremos.

**SENHORA II-** Concordo com a Baronesa. Para mim, Ana Jansen continua sendo uma ... *(Ana Jansen entra)*

**ANA JANSEN-** Não pude chegar mais cedo, estive resolvendo um negócio em Itamaracá. Mas, se não me engano, quando vinha entrando, ouvi meu nome por aí.

**CÂNDIDA-** É a maledicência invejosa, Ana.

Não sei do que teríamos inveja, somos todas muito bem casadas e nossas famílias honestas.

**ANA JANSEN-** Será, minha Baroa? Abra o bugalho.

**CÂNDIDA-** Os Barões, geralmente, têm muitas servas.

**BARONESA DE GRAJAÚ-** Exijo respeito.

**CÂNDIDA-** Nenhuma de nós o merece mais dó que Ana.

**BARONESA DE GRAJAÚ-** Deves dinheiro a ela?

**ANA JANSEN-** Santa Severa!

**CÂNDIDA-** Devo admiração.

**ANA JANSEN-** A Dona Baroinha anda precisando de preocupação séria, isto é, falta do que fazer.

**BARONESA-** Veja como me trata, sou a Baronesa de Grajaú.

**ANA JANSEN-** Hum, grande coisa!

**SENHORA -** Vamos... vamos começar as orações, é melhor.

**ANA JANSEN-** Cala a boca, alcoviteira.

**BARONESA-** Ninguém aqui lhe deve obediência.

**ANA JANSEN-** Não? Quem empresta dinheiro prosmarido de vocês? Não quero enxerimento na minha vida.

**BARONESA-** Não é motivo para sermos humilhadas por uma pessoa de sua espécie, *(Aplica-lhe um tapa)*, Não me irrita sirigaita. *(Deslocamento da ação para a casa de Meireles)*

**MEIRELES-** Soube da surra no Cândido Mendes.

**CONFRADE I-** O mais revoltante é que nem estes atos de vandalismo público a enfraquecem. Todos são cúmplices.

**MEIRELES-** Mandei preparar uma encomenda na Europa, é uma surpresa.

**CONFRADE I-** O importante é que a desmoralize perante os eleitores.

**MEIRELES-** O que, sem dúvida, acontecerá.

**CONFRADE I-** É inacreditável como perdemos o domínio político na Província.

**MEIRELES-** Não sejamos tão pessimistas, é só um período de hibernação. Temos de trabalhar para derrubá-la.

**CONFRADE I-** Que tal se espalharmos novamente que está se viciando escravos?

**MEIRELES-** Ora, ninguém importa com negros e da primeira vez não surtiu o efeito desejado. Aguarda a minha encomenda, deve chegara qualquer momento. A cidade rirá de Ana Jansen.

**CONFRADE I-** Ah, Comendador Ontem escutei rumor de carruagem descendo a ladeira de Santo Antônio, lá pela meia noite, e vi homens encapuzados que a conduziam. Achei estranho.

**MEIRELES-** Contrabando. Ingleses. Eu também os vi, descobriram um tesouro enterrado, ainda do tempo dos jesuítas. Aproveitam a noite para embarcar as pedras. Não os denunciarei, tenho planos melhores para nós Conservadores.

**CONFRADE I-** Planos?

**MEIRELES-** Há povo mais supersticioso do que o nosso? Pois bem, poderíamos usar'

essas cavalgadas noturnas contra a “Rainha”.

**CONFRADE I-** Como assim, Comendador? Os eleitores são pessoas instruídas, não acreditarão.

**MEIRELES-** Ora, quem não acredita em encantados nesta ilha envolta em lendas? A negralhada se amedronta, passa à gatinha e daí a pouco todos estão vendo assombração. Os cavalos também são encapuzados, de longe tem-se a impressão de que só têm corpo.

**CONFRADE I-** Inventaremos que Ana Jansen, pelas maldades que faz, incorpora, como castigo, nas noites de quinta pra sexta, o encantado da mula- sem- cabeça! **MEIRELES-** Mula! Ninguém mais sairá!

**CONFRADE I-** Muito menos nossos votos para as umas jansenistas! *(Entra a escrava- II)*

**ES CRAVA II-** Meu senhor, um homem vieram entregar esse bilhete.

**MEIRELES-** Vamos ao Portinho. Chegaram os meus penicos! Ah, matrona! *(Saem. Aproveitando o mesmo cenário, entram dois homens)*

**FRANCO DE SÁ-** Serei nomeado Presidente, por intermédio do Dias Leme, o que importa é chegar ao governo da Província.

**CHEFE DA GUARDA-** Proporás aos Jansen a Liga Maranhense?

**FRANCO DE SÁ-** Sim, preciso da coalizão entre Conservadores e Bem-te-vis, ou melhor, quero amarrar o Meireles e Ana Jansen em minhas mãos.

**CHEFE DA GUARDA-** Ana Jansen?

**FRANCO DE SÁ-** Sim, por que te espantas? Com um pouco de mestria não será difícil. Unamo-nos pelo Maranhão!

**CHEFE DA GUARDA-** Aquela mulher é uma piaba, Franco.

**FRANCO DE SÁ-** Qual nada, vencê-la-ei. Elegendo o candidato do Dias Leme, tenho garantida uma cadeira no Senado.

**CHEFE DA GUARDA-** O que? Nesse caso, Izidoro Jansen será excluído da chapa?

**FRANCO DE SÁ-** Exatamente.

**CHEFE DA GUARDA-** És muito matreiro.

**FRANCO DE SÁ-** Atributo dos bons políticos. *(Risos)*

**CHEFE DA GUARDA-** Desejo- te êxito, Donana não é de brincadeira. *(Tropel de cavalos)* O que é isto?

**FRANCO DE SÁ-** Estou desconfiado, a esta hora nem galo procura galinha. Mas tenho a impressão de ser contrabando, assim que conseguir provas, ataco a administração atual. *(Entra correndo encapuzado)* O que significa Tal invasão?

**ENCAPUZADO-** Por favor, mister.

**CHEFE DA GUARDA-** Não acoitamos bandidos.

**ENCAPUZADO-** Por favor, mister. Tem gente na rua, não posso sair agora.

**FRANCO DE SÁ-** Minha casa não é refúgio de contrabandista, sou um homem de respeito, uma autoridade.

**ENCAPUZADO-** Olhe, tome para o senhor, mister. É um dos maiores diamantes que eu

já peguei.

**FRANCO DE SÁ-** *(Ao outro)* Santa Bárbara! Deve valer uma fortuna.

**CHEFE DA GUARDA-** Cuidado, és um político, se te descobrem, te achincalham a moral pública.

**FRANCO DE SÁ-** *(Ao encapuzado)* Deixe de ser insolente.

**ENCAPUZADO-** Tenho outros, posso dar mais, mister.

**FRANCO DE SÁ-** Fora daqui. Simão, Cordulino, Zé da Munheca! *(Entram os escravos)* Ponham este homem na rua.

**ENCAPUZADO-** Tenho mais, mister. *(Confusão, deixa cair algumas pedras. Os escravos o arrastam)*

**CHEFE DA GUARDA-** Os condutores do povo têm de preservar a honradez.

**FRANCO DE SÁ-** *(Tira um diamante do bolso)* Pois é, cada imposição ridícula! *(Deslocamento de ação para a casa de Ana Jansen, uma mucana arruma os móveis. Ana Jansen entra)*

**ANA JANSEN-** Simiana, me dá aqui o jornal. Que bicho te mordeu? Anda cá, estou te chamando.

**ES CRAVA III-** Sim, Sinh'ana.

**ANA JANSEN-** Te pedi o jornal, não ouviu?

**ES CRAVA III-** Sim, Sinh'ana ...

**ANA JANSEN-** Traz, 'tá pensando que eu vou te comer?

**ES CRAVA III-** Não... não... Sinh'ana.

**ANA JANSEN-** Arre, que isto já está me dando raiva. *(Entra Izidoro)*

**IZIDORO-** o que foi, mamãe?

**ANA JANSEN-** A danada desta negra que parece 'tá com medo de mim.

**IZIDORO-** O que tens, Simiana?

**ES CRAVA III-** Nada ... nada não ... meu senhor Coronel Izidoro.

**ANA JANSEN-** Como nada? Cadê o jornal? Ô, Romena! *(Romena entra)*

**ROMENA-** Pronto, Sinh'ana.

**ANA JANSEN-** O que está acontecendo?

**ROMENA-** Fala, menina.

**ES CRAVA III-** Nada não, Sinh'ana.

**ANA JANSEN-** Santa Severa!

**IZIDORO-** Apressa logo a explicação, é para o teu bem.

**ROMENA-** Cuida, menina.

**ES CRAVA III-** 'Tão... 'tão dizendo na senzala que Sinh'ana, minha senhora, anda virando mula. *(Chora)*

**ANA JANSEN-** Mula ...!?

**ROMENA-** É maluqueira de preto, Sinh'ana.

**IZIDORO-** Aí tem dedo daqueles cachorros, mamãe.

ANA JANSEN- Só faltava essa. Quem começou dizendo?

ESCRAVA III- Foi um velho branco que se meteu no meio dos negro e convenceu até Tinoco- preto- velho.

ANA JANSEN- Filho de uma... lá da égua que pariu! coisa daquele porco Meireles, Comendador de merda.

ESCRAVA III- Disse que Sinh'ana vira mula- sem- cabeça de quinta pra sexta e sai puxando carruagem de madrugada.

ROMENA- Eu disse pra eles que era mentira, Sinh'ana.

ANA JANSEN- Santa Severa!

IZIDORO- Eu os pego.

ANA JANSEN- Reúne os homens e manda cair de pedra na casa dele. Carruagem ...

IZIDORO- É mais uma das palhaçadas. Isto só se acaba com surra.

ANA JANSEN- Que eu tenho encantado é, mas eu escutei essa tal carruagem passar, acho que é contrabando.

IZIDORO- A gente os espera no Campo de Ourique, passagem obrigatória.

ANA JANSEN- Numa noite de quinta pra sexta.

IZIDORO- Nós quebramos a cabeça da mula, *(Sai. Entra a escrava- III)* ESCRAVA III- Licença, Sinh'ana. Um moço quer falar.

ANA JANSEN- Chega perto de mim, negra maluca. Fica nesta palhaçada que mando te descer o chicote.

ESCRAVA III- Perdoe a negra, Sinh'ana minha senhora.

ANA JANSEN Anda, diz pra entrar. *(Entra Afonso, envelhecido)*

AFONSO- Com a sua licença. *(Ela não o reconhece imediatamente)*

ANA JANSEN- Quem é o senhor?

AFONSO- Ora, a sonhadora costureira não se lembra de mim?

ANA JANSEN- Não. E me respeite, se não quiser levar uns murros já, já.

AFONSO- És muito imperiosa, um dia caís.

ANA JANSEN- Cala a boca, velho besta. Artemísio, vem cá!

AFONSO- Chama os teus capangas, majestade.

ANA JANSEN- Cala a tua boca, velho. A paciência 'tá até grande! *(Entra Artemísio, segura-o)*

AFONSO- O poder desfigura tudo, mas eu não mudei como tu, Ana, eu continuo caixeiro, eu continuo Afonso.

ANA JANSEN- Afonso ...!?

AFONSO- Eu mesmo e vim te dizer que te odeio.

ANA JANSEN- O que foi que eu te fiz, leseira?

AFONSO- Eu não queria aceitar que te adorava, esse teu jeito de homem era um incômodo quando te comparava às outras moças.

ANA JANSEN- Jeito de homem quem tem é a tua mãe. Mulher só é mulher se for lesma?

Deixa de idiotice.

**AFONSO**- Sirvo aos Conservadores e tudo farei para o teu declínio.

**ANA JANSEN**- Bota na rua, Artemísio.

**AFONSO**- Teu reinado acaba, majestade. *(Saem)*

**ANA JANSEN**- Depois de ti, doido. Afonso, que mudança! E o safado tem raiva de mim! Iche! Santa Severa. *(Entra Elídio e um escravozinho)* Já parar com esta correria. Pará o teu quarto menino.

**ELÍDIO** - Perdoe- me, vovó, mas quando vou tirar o fofão?

**ANA JANSEN**- Só por causa da tua pergunta, tu vais ficar mais dois meses com ele, quando eu der uma ordem não reclama. *(Saem. Entra Romena)*

**ROMENA**- Sinh'ana, Dona Cândida tá aí.

**ANA JANSEN** Abre a porta, Romena, *(Cândida entra)*

**CÂNDIDA**- Pela tua cara, estás irritada.

**ANA JANSEN**- Hum, depois te conto, senta.

**CÂNDIDA**- Lamento ter vindo te trazer novas contrariedades.

**ANA JANSEN** - Conta, a vida me fez rija.

**CÂNDIDA**- A Baronesa ...

**ANA JANSEN**- O que essa sirigaita quer comigo agora?

**CÂNDIDA**- Doou, em auxílio, uma pequena fortuna ao cofre de N<sup>a</sup> Sra. dos Remédios e só faltou impor ao vigário a tua ausência das missas, sob pena de suspender qualquer colaboração.

**ANA JANSEN**- Ela 'tá é besta de toda.

**CÂNDIDA**- Concordo. Avisei- a de que iria apenas perder dinheiro.

**ANA JANSEN**- Quanto ela deu?

**CÂNDIDA**- Três contos de réis.

**ANA JANSEN**- Pois vou mandar seis. *(Dirige- se ao cofre)* Artemísio, anda aqui! *(Ele entra)*

**ARTEMÍSIO**- Pronto, Donana.

**ANA JANSEN**- Leva este envelope ao vigário, diz pra ele que não demoro. *(Ele sai)* Romena, presta atenção na macaxeira! Depois resolvo os outros problemas. Vamos pra matriz, Cândida, assistir à missa que acabo de mandar rezar. *(Saem. Deslocamento de ação para a tipografia. Entra Cândido Mendes, o corpo cheio de curativos)*

**CASCAIS**- Oh, Cândido, que desarranjo! Não quiseste calar a boca ...

**CÂNDIDO MENDES**-Aquela caninana, é um absurdo.

**SOTERO DOS REIS**- A violência é a única resposta que têm.

**CÂNDIDO MENDES**-Onde está a inteligência da terra, a integridade moral de um homem que compactua com tal situação?

**CASCAIS**- Integridade num tempo destes? que anda difícil!

**SOTERO DOS REIS**- Está fora de uso, Cândido.

**CASCAIS** - E a lei de salve- se quem forças tiver, ela monopoliza tudo.

**CÂNDIDO MENDES**-Vocês vão desistir?

**SOTERO**- A imprensa é imparcial e honrada. não podemos nos intimidar.

**CÂNDIDO MENDES**-Cacete dói, o jornalismo limpo está virando masoquismo. *(Risos)*

**CASCAIS**- Em breve, estarás pronto para outra.

**SOTERO DOS REIS**- E Franco de Sá o que está maquinando?

**CÂNDIDO**- Fundar a Liga Maranhense, dar o nó em todos.

**CASCAIS**- Amarrar Ana Jansen ...?

**SOTERO DOS REIS**- Será interessante acompanhar os passos dele. E o Meireles?

**CÂNDIDO MENDES**-Esse, não creio que se reabilite. A situação é dos Bem-te-vis, é da caninana.

**CASCAIS**- Mas fará qualquer coisa que abale o prestígio dela. O negro Felisberto veio me perguntar se ela se encanta na mula-sem-cabeça, deve ser invenção do Meireles.

**SOTERO DOS REIS**- Mula? Esta é engraçada. Ela deve estar fervendo.

**CÂNDIDO**- Ótimo! Vou atizar a superstição pelo jornal.

**CASCAIS**- É capaz de mandar tocar fogo em todos os terreiros negros do Maranhão.  
*(Entra um escravo)*

**ES CRAVO I**- Licença, meus branco, sou preto do Comendador Meireles.

**SOTERO DOS REIS**- Que deseja o teu senhor?

Mandou entregar encomenda pra meus branco.

**CASCAIS**- Do que se trata?

**ES CRAVO IV**- É da conta do preto não, meu branco.

**CÂNDIDO MENDES**-Deixa aí, pode voltar a teu senhor e garantir que recebemos.

**SOTERO DOS REIS** - Que pode ser, hem?

**CASCAIS**- Estou curioso, vou abrir. O que é isto?

**CÂNDIDO MENDES**-Penicos ...!?

**SOTERO DOS REIS**- Desenrola, Cascais.

**CASCAIS**- No fundo... a cara de Ana Jansen!

**CÂNDIDO MENDES**-Magnífico! Dá-me aqui um. Idéia fenomenal do Meireles!

**SOTERO DOS REIS**- Inacreditável. Porcelana, fabricação Inglesa. Ela vai estourar de raiva.

**CÂNDIDO MENDES**-Agora eu mijo na venta dela! *(Mudança de luz. Plano inferior. Entram Izidoro, Artemísio e alguns homens armados)*

**ARTEMÍSIO**- A gente espera aqui, Coronel?

**IZIDORO**- Escondam- se bem, devem passar no meio do campo.

**ARTEMÍSIO**- É pra matar, Coronel?

**IZIDORO**- Dependendo da reação, não queremos nos envolver muito, as eleições se aproximam.

**ARTEMÍSIO**- Surra-não-se-mete-mais, Coronel?

**IZIDORO**- Das caprichadas.

**ARTEMÍSIO**- Pode deixar, Coronel, o chicote tá doído na minha mão.

**IZIDORO**- Espalhem- se. *(Descem até a platéia, mexem com o público)*

**HOMEM I**- Eta, galho seco senvergonho!

**HOMEM II**- Bota atenção na traseira, cuidado com cobra assim no escuro, sô! *(Silêncio. Tropel de cavalos. Entram três encapuzados)*

**ENCAPUZADO**- Devagar, Piter, sinto coisa esquisita por aqui.

**IZIDORO**- Em cima deles!

**ARTEMÍSIO**- Tudo pegado, Coronel.

**IZIDORO**- Tira o capuz. Mula-sem-cabeça ...seus bastardos!

**ENCAPUZADO**- Não foi invenção nossa não, mister. O senhor não quer um diamantezinho?

**IZIDORO**- Deixa de imundície, cachorro.

**ENCAPUZADO**- Ora, o que tem contrabando, mister? É a coisa mais fácil de se fazer aqui. Tome um, nos deixe passar.

**IZIDORO**- Me dá. Lapada neles, Artemísio. *(Saem. Mudança de luz. Casa de Ana Jansen. Correligionários em conversa com Izidoro)*

**CORRELIGIONÁRIO I**- Nada nos afetará.

**CORRELIGIONÁRIO II**- É mais um acesso de loucura do Comendador Meireles.

**IZIDORO**- Não se brinca com Ana Joaquina Jansen Pereira.

**CORRELIGIONÁRIO II**- O senhor há de ser eleito, Coronel.

**CORRELIGIONÁRIO I**- Mas aqueles desaforados continuam nos bombardeando pelo jornaleco sórdido que editam.

**CORRELIGIONÁRIO II**- Precisamos fazê-las parar. No fundo, têm é vontade de ser chamados para o nosso lado.

**IZIDORO**- Um dinheiro graúdo e se calam, estranho é que o mucura do Sotero dos Reis não tenha aceito o que lhe oferecemos.

**CORRELIGIONÁRIO I**- Simulam honestidade para valerem mais.

**CORRELIGIONÁRIO II**- Coronel, desculpe-me, porém, essa história de mula- sem-cabeça não foi nada insignificante, a gatinha da cidade está toda amedrontada.

**IZIDORO**- Sabemos, mamãe mandou chamar o Cão Mendes a fim de propor qual, quer acordo. O ranço dessa invencionice ainda vai perdurar.

**CORRELIGIONÁRIO I**- O tempo logo o apagará, Donana é imbatível. *(Entra Ana Jansen, beijam-lhe as mãos)*

**ANA JANSEN**- Estava terminando o terço pra Santa Severa.

**CORRELIGIONÁRIO II**- Acabamos de chegar, Donana.

**CORRELIGIONÁRIO I** - Estávamos comentando o instante que vivemos.

ANA JANSEN- Iche, cruz- credo; fede mais dó que rede de preto.

IZIDORO- Mamãe, acho que devemos tratar da “Liga Maranhense”.

ANA JANSEN- “Devemos”?

IZIDORO- Perdoe- me, quero dizer: acho melhor.

ANA JANSEN- Hum.

CORRELIGIONÁRIO I- Donana, permita-me propor que não depositemos confiança demais em Franco de Sá.

CORRELIGIONÁRIO II- Pode ser que detrás desse intuito de unificação haja o plano de domínio.

ANA JANSEN- Não sou abobalhada, vamos ver o que ele faz.

IZIDORO- Concordo com mamãe, só conhecemos um possível inimigo se o trazemos ao nosso convívio.

CORRELIGIONÁRIO II- Como sempre, Donana tem razão. *(Entra Romena)*

ROMENA- Sinh'ana, o moço 'tá aí com mais uns.

IZIDORO - Mais uns?

ANA JANSEN- Mandei dizer pra vir sozinho. Faz entrar.

CÂNDIDO MENDES- *(Entra com uns homens)* Aqui estamos.

IZIDORO- O negro não lhe disse que viesse só?

CÂNDIDO MENDES- Seria um risco muito grande acreditar em segurança dentro desta casa.

ANA JANSEN- Ninguém é canibal.

CÂNDIDO MENDES- Meu corpo ainda se ressentido de um ato de vandalismo e intolerância perpetrado sob suas ordens.

ANA JANSEN- Não me arrependo, quem mandou escrever o que não era da tua conta?

CÂNDIDO MENDES- A minha consciência.

ANA JANSEN- É? E quanto é que ela vale, hem?

CÂNDIDO MENDES- Nenhum dinheiro roubado. *(Ela o esbofeteia, Artemísio entra com os homens)*

CÂNDIDO MENDES- Não te faz de rogado, que eu te conheço. Como resgatarás a dívida que tens com Antunes?

CÂNDIDO MEMDES- Meus problemas pessoais não lhe dizem respeito. Vim só para constatar aonde iria tanta sordidez.

ANA JANSEN- Deixa de ser besta, seu bastardo.

CÂNDIDO MENDES- Não tanto quanto alguns de seus filhos. *(Novamente esbofeteado)*

ANA JANSEN- Fora, cachorro.

CÂNDIDO MENDES- A sua fortuna não compra tudo.

ANA JANSEN- Isso é o que tu vai ver. *(Ela sai)*

CORRELIGIONÁRIO I- Só acabando de vez, Donana.

ANA JANSEN- A falta dele ia ser sentida, aí o povo descobria que tinha sido a gente.

**IZIDORO-** O mal é que não se pode mandar matar esses jornalistas assim, despertam muita atenção.

**CORRELIGIONÁRIO II-** A não ser que invertêssemos a situação.

**ANA JANSEN-** Como?

**CORRELIGIONÁRIO II-** Oferecendo propinas aos credores dele.

**ANA JANSEN-** Não é mal, tu te encarrega, Izidoro. Temos de cercar esse cretino. *(Entra Romena)*

**ROMENA-** Licença, Sinh'ana. Um negrinho veio deixar esse pacote pra Sinh'ana.

**IZIDORO-** De quem era ele, Romena?

**ROMENA-** Disse não, Coronel.

**ANA JANSEN-** Tá com cheiro de servergonhice. Abre.

**IZIDORO-** Tem um formato esquisito, o que pode ser... um penico ...

**ANA JANSEN-** Penico ...?

**IZIDORO-** Que absurdo, mamãe! Veja.

**ANA JANSEN-** Eu mato o filho de égua que fez isso! Tem o meu retrato bem no lugar onde a bosta cai.

**CORRELIGIONÁRIO I-** É inadmissível tanto insulto!

**CORRELIGIONÁRIO II-** Merecem uma exemplação à altura.

**ANA JANSEN-** Geodésio! *(O escravo entra)* Tu já viu algum penico desse aí pela cidade?

**ESCRAVO V--** Sim senhora, Donana.

**IZIDORO-** Onde?

**ESCRAVO V-** Na venda do Salomão, agregado do Comendador.

**ANA JANSEN-** Só podia ser coisa desse acabado.

**CORRELIGIONÁRIO I-** Não se dá conta de ser ridículo, não só erguirá aquele partidinho.

**ANA JANSEN-** Reúne os homens. Vou descansar.

**CORRELIGIONÁRIO I-** Vamos tentar traçar algum esquema. *(Saem)*

**ANA JANSEN-** Ele me paga. *(Quebra o penico. Saem. Deslocamento de ação para um dos compartimentos do plano superior. Venda de Salomão)*

**SALOMÃO-** O Comendador quer que a gente venda todos.

**VENDEDOR I-** Pode deixar, se pode fazer até um chamativo pro povo: “Cague na cara de Ana Jansen! “

**VENDEDOR II-** Mas cuidado, que o tortulho pode fugir arrepiado! *(Risos)* **SALOMÃO-** Pode gritar bem alto, depois o Comendador dá dinheiro pra tiquira. *(Entra um comprador)*

**COMPRADOR I-** O que tem de novidade aí, companheiro?

**VENDEDOR I-** Coisas muito interessantes, veja.

**COMPRADOR I-** Pra que eu vou querer penico, companheiro?

**VENDEDOR I-** Ora, amigo, pra verter líquido, pra ...

**VENDEDOR II-** É de porcelana inglesa com uma agradável surpresa no fundo.

**COMPRADOR I-** É Ana Jansen...!?

**VENDEDOR I-** Ah, e então?

**COMPRADOR I-** Levo três.

**VENDEDOR I-** É a primeira vez na história universal que pobre senta a bunda na cara de rico, aproveite, companheiro. *(Sai o comprador I)*

**VENDEDOR II-** Que saída maravilhosa, todo o mundo vem comprar.

**VENDEDOR II-** O Comendador vai explodir de alegria. *(Entra o comprador II)*

**COMPRADOR I-** Diz- se que tem uns urinol diferente aí?

**VENDEDOR II-** Diferentíssimos, amigo, como nunca se fez em lugar algum.

**COMPRADOR II-** Deixa ver... é uma senvergonhice.

**VENDEDOR I-** Por que? Ela merece.

**COMPRADOR II-** Uma senhora a gente respeita, Donana ...

**VENDEDOR II-** O senhor ... é ... é dos dela?

**COMPRADOR II-** Hem? Ah, não... sou não... acho até mesmo que é certo, me dá dez urinol.

**VENDEDOR I-** Dez? O senhor tem quantas?

**COMPRADOR II-** Deixe de gracejo, sô, ou lhe arrebento já a dentadura.

**VENDEDOR I-** Perdão, só quis perguntar quantas pessoas tinha na sua família.

**COMPRADOR I-** Hum, eu queria que não fosse. *(Sai. Entram Salomão e o Comendador)*

**SALOMÃO-** Como está a venda?

**VENDEDOR II-** De vento em popa, restam bem poucos.

**COMENDADOR-** Quero que saiam todos, abaxem o preço.

**SALOMÃO-** Mas, Comendador, é louça fina, porcelana.

**COMENDADOR-** Não importa, quero é que a cidade saiba. Ela me paga aquelas pedradas lá em casa, quebrou-me a cabeça.

**SALOMÃO-** Vai sair como água, não se preocupe. *(Entra Afonso)*

**COMENDADOR-** Sabia que virias buscar o teu, Afonso.

**AFONSO-** Quero o que tiver a melhor estampa daquela mulher.

**COMENDADOR-** Vai escolher, Salomão, vamos ajuda-lo.

**COMENDADOR-** Toma, te vingá, Afonso. *(Ele urina no penico, rindo histericamente. Mudança de luz. Ação na casa de Ana Jansen)*

**ARTEMÍSIO-** Hoje de noite, os negros vão dançar o terecô, Donana.

**ANA JANSEN-** Aí se tira a limpo, quero ver se eles ainda tão com essa história de encantamento. Mando descer o chicote.

**ARTEMÍSIO-** Não tem muito penico mais não, Donana.

**ANA JANSEN-** Ele pensa que pode comigo, 'tá é muito besta mesmo. *(Saem. Mudança de luz. Entra um grupo de negros, acendem uma vela no centro do palco, rufam os ata baques, começam a dançar)*

**TINOCO- PRETO- VELHO-** Que Oxossi nos dê luz! *(Os outras batem palmas três vezes)*

**ESCRAVO VI-** *(Cantando)* São Jorge nos ilumine,

neste terreiro ele pula, pra fastar de Nhá Jança a fera da besta mula.

*(Os outros repetem os dois últimos versos)*

**TINOCO- PRETO- VELHO-** Que Oxossi nos dê luz! *(Palmas)*

**ESCRAVO VI-** *(Cantando)* Iansã, Oxossi e Ogun no seu cavalo montado vão dar proteção à Nhá Jança da ira deste encantado. *(Repetem os dois últimos versos. Dançam. Ana Jansen e Artemísio entram, portam-se como se não estivessem sendo notados)*

**ARTEMÍSIO-** Estão na feitiçaria com o negócio da mula- sem- cabeça, Donana.

**ANA JANSEN-** Era o que me faltava. Santa Severa.

**ARTEMÍSIO-** Mando baixar orelha?

**ANA JANSEN-** Espera um bocado, os coitados nem ‘tão me desejando mal. Mas é preciso dar o exemplo, chega de tanta palhaçada. *(Aproxima-se do grupo)*

**TINOCO- PRETO- VELHO-** São Jorge nos livre da mula-sem-cab ...

**ANA JANSEN-** Que pajelança é essa, hem, seus negro doido? *(Os negros ficam estáticos)*  
Vai todo mundo pro tronco em Itamaracá. *(Choram)*

**ARTEMÍSIO-** Vocês não respeitam? Donana não tem encantado nenhum. Vocês merecem surra e salgadeira. *(Entra Romena)*

**TINOCO- PRETO- VELHO-** *(Chorando)* Tem dó dos preto, Sinh’ana, nós só queria bem de sua alma santa.

**ANA JANSEN-** Deixa de enfeitar muito, Tinoco.

**ROMENA-** Não mande bater no meu povo, Sinh’ana, por tudo de lealdade que lhe fiz no tempo de moça.

**ARTEMÍSIO-** Não vá atrás de uma negra velha, Donana.

**ANA JANSEN-** Cala a boca e mais respeito com Romena.

**ARTEMÍSIO-** Me perdoe.

**ANA JANSEN-** Não se meta a me dizer o que devo fazer. *(Os negros continuam chorando)*  
Para com este agouro, que choradeira quizilhenta!

**ROMENA-** Mande sorrir eles não, Sinh’ana.

**ANA JANSEN-** Todos não, só o negro que ‘tava cantando. Não quero escutar nunca mais zoada de tambor por aqui. Me faz danada essa invenção de mula. O resto vai dormir.

**TINOCO- PRETO- VELHO-** Oxossi lhe dê saúde, Sinh’ana. *(Saem. Casa de Ana Jansen. Entra Izidoro)*

**IZIDORO-** Foram todos comprados, mamãe.

**ANA JANSEN-** Que boa notícia, agora ele vai ver o que acontece com quem se mete a me atrapalhar.

**IZIDORO-** O plano foi perfeito. Tragam os penicos. *(Entram os compradores I e II)* É um idiota o Meireles.

**ANA JANSEN-** E o cavalo pensando que o povo era que comprava. Comigo ninguém brinca.

**IZIDORO-** Que faremos agora?

**ANA JANSEN-** Diz pros escravos fazerem o que a bunda deles quiser aí dentro desses penicos e depois manda eles pra quebrar tudo na porta do Meireles. **IZIDORO-** Ah, mamãe, eu te adoro, ninguém que te provoque.

**ANA JANSEN-** Ninguém que provoque os Jansen, meu filho. O Maranhão é desta velha tua mãe.

**IZIDORO-** Mamãe, Anastácio me parece querer casar- se com a D. Eugênia de Azevedo.

**ANA JANSEN-** O quê? Filho meu não casa com aquilo, burra que só a peste.

**IZIDORO-** Ele só quer uma esposa.

**ANA JANSEN-** Então que procure uma mulher, não uma coisa que não sabe fazer nada.

**IZIDORO-** Ela deve saber bordar, cozinhar, cuidar de criança.

**ANA JANSEN-** Pra isso existe escrava. Tu sabe que eu sempre fui contra essa pasmaceira, por isto me meti na política. Não mandei Anastácio à Europa pra depois se casar com qualquer besta só porque tem uma cara enfeitada.

**IZIDORO-** É uma moça de bem, mamãe.

**ANA JANSEN-** Com ela, ele não se casa e está acabado. *(Entra Elídio)*

**ELÍDIO -** Vovozinha, deixa eu tirar esse fofão zuadento, faz tanto calor, os negrinhos todos caçoam de mim.

**ANA JANSEN-** Está bem, fedelho da vó, pode tirar, mas tem uma coisa: não torna a me desobedecer.

- Nunca mais, vovó.

**ELÍDIO -** Vai, menino.

**IZIDORO-** E a eleição?

**IZIDORO-** Ando preocupado, Franco de Sá não me inspira confiança e este povo não sabe votar.

**ANA JANSEN-** Não sabe? Se ensina a cacete. *(Entra Cunha Santos, apressado e aflito para resolver problema comercial)*

**CUNHA SANTOS-** Com licença. Donana, já é do seu conhecimento?

**IZIDORO-** O que aconteceu, homem?

**ANA JANSEN -** Só uma novena pra Santa Severa ...!

**CUNHA SANTOS-** Ela parece que vai ser muito severa com a gente mesmo, Donana.

**ANA JANSEN-** Respeite minha santa, siô, o que foi?

**CUNHA SANTOS-** Oh, não quis ofender sua devoção, Donana!É que estão falando em instalar uma tal de Companhia de Águas do Rio Anil.

**IZIDORO-** Sendo verdade, ninguém mais comprará água de nossas pipas, mamãe

**CUNHA SANTOS-** Exatamente!

**ANA JANSEN -** Isso foi invenção de quem, prezado sócio?

**CUNHA SANTOS-** De um tal Dr. Raimundo Teixeira Mendes, engenheiro formado na Europa...!

**ANA JANSEN-** Teixeira Mendes...? Comigo ele vai ver que peixeira fende! Se avexe não,

Cunha Santos. Tentaram de um tudo pra nada me derrubar, iche! Mas continuo aqui...!

**CUNHA SANTOS-** Donana, dizem que o Imperador vai se meter também.

**ANA JANSEN-** Esse aí dá ordem é lá pra baixo, lá na Corte! Aqui mando eu. Se avexe não! São Luís vai continuar bebendo é água de pipa, tirada da minha fonte.

**IZIDORO-** O que a senhora está planejando?

**ANA JANSEN-** Nada ainda. Santa Severa sempre me ajuda, meu filho!

**CUNHA SANTOS-** Donana, não se esqueça de que a nossa sociedade corre perigo.

**ANA JANSEN-** Se avexe, não, siô, já não lhe disse?

**CUNHA SANTOS-** Desculpe- me, creio que a senhora entende a minha preocupação.

**ANA JANSEN-** Foi só por isto que te deixei de sócio no negócio de água, Cunha Santos, por causa da tua ambição. Come um pedaço de macaxeira e fica sossegado.

**CUNHA SANTOS-** Infelizmente não me é possível, Donana, tenho de fechar o armazém.  
(*Entra Romena, assustada*)

**ROMENA-** Sinh'ana, Sinh'ana, ele se foi fugido, Sinh'ana!

**IZIDORO-** Quem, Romena?

**ROMENA-** Maneco meu neto. Não quero ele longe de mim que sou vó dele, Sinh'ana.

**ANA JANSEN-** Te acalma, tu não tem mais idade de perder a paciência, Artemísio, hú, Artemísio! (*Ele entra*) Maneco fugiu, vai no rastro dele, mas traz sem um arranhão.

**ROMENA-** A Santinha Severa há de ser sempre boa com Sinh'ana.

**ANA JANSEN-** Anda, vai cuidar da comida, o moleque vai ser achado e surrado pra não fugir de novo. Não vendo ele não.

**ROMENA-** Sua alma fique sempre na luz, Sinh'ana. (*Ajoelha-se para beijar-lhe os pés*)

**ANA JANSEN-** Iche, pára com isto, Romena. (*Sai a escrava*)

**CUNHA SANTOS-** Está em minha hora, Donana. Passar bem, Coronel. (*Sai. Entra Geodésio, escravo V*)

**ESCRAVO-** Licença, Sinh'ana. Tem um velho encachaçado aí fora no maior berreiro.

**ANA JANSEN-** Algum vadio desgraçado. (*Ouve- se a voz embriagada de Afonso: "Tu vais cair, matrona! Eu te odeio caninana! Desloca- se para um dos lados do palco, como se estivesse a uma janela*) petulante. Só podia ser esse resto de gente.

**IZIDORO-** É um absurdo, mamãe!

**ESCRAVO V-** Ele apareceu faz muito tempo não na cidade, por onde arreia a cangalha é gritando contra Sinh'ana.

**IZIDORO-** Vamos dar uma liçãozinha nele, Geodésio.

**ANA JANSEN-** Não... (*Ouve- se novamente: "Eu te odeio, caninana brava!"*)

**IZIDORO-** Mamãe ...

**ANA JANSEN-** Dá só uma carreira nele, Geodésio.

**ESCRAVO V-** Sim, Sinh'ana.

**IZIDORO-** Mamãe ...

Só uma carreira. (*O escravo sai*)

**IZIDORO-** Por que tanta benevolência com um velho desbocado? Veio aqui nos insultar.

**ANA JANSEN-** É um pobre diabo.

**IZIDORO-** Considero estranho vê-la agir assim, ignorando o efeito político que pode ter tal desagravo.

**ANA JANSEN-** Não gosto de ninguém me dando conselho.

**IZIDORO-** É que achei estranho ...

**ANA JANSEN-** Deixa de insistir, menino. Coisa de mulher, te mete não. (*Mudança de luz. Tipografia. Entra Sotero dos Reis, às gargalhadas*)

**SOTERO DOS REIS-** Bom dia, companheiro. Tenho de admitir que esta mulher é, sob certos aspectos, admirável. Que espírito de luta!

**CÂNDIDO MENDES-** Que mulher, Sotero?

**SOTERO DOS REIS-** Dona Ana Joaquina Jansen Pereira.

**CASCAIS-** Estás brincando.

**CÂNDIDO MENDES-** Ou com febre espanhola.

**SOTERO DOS REIS-** Vocês não imaginam a vingança dela sobre o Meireles.

**CASCAIS-** O caso dos penicos?

**SOTERO DOS REIS-** Ela mandou os escravos encherem os penicos e quebrarem todos na porta do sobrado dele. Está uma fedentina insuportável. (*Riem*) **CASCAIS-** Espera, falaste “todos”?

**SOTERO DOS REIS-** Algumas dezenas, creio que a remessa inteira.

**CÂNDIDO MENDES-** Não!

**SOTERO DOS REIS-** Possivelmente, mandou os capangas comprarem os penicos como se fossem moradores quaisquer de São Luís (*Ri*)

**CÂNDIDO MENDES-** Inacreditável! A mulher é uma cobra.

**CASCAIS-** O que indica que temos de nos preparar bem, não é fácil brigar com ela.

**SOTERO DOS REIS-** Agora o Meireles desiste.

**CÂNDIDO MENDES-** Eu não.

A Companhia de Águas será instalada.

**SOTERO DOS REIS-** O prestígio jansenista começará a declinar, temos que espalhar a notícia antes da eleição.

**CÂNDIDO MENDES-** Deixa por minha conta. O povo deve saber que o poder do Imperador é maior que o dela. Conheço uns negros forros que se prestarão ao serviço. (*Saem. Entram alguns negros, afixam cartazes: “água encanada, abaixo a pipa”, “água de Ana Jansen dá doença”. Passam alguns transeuntes que são abordados pelos negros. Estes descem até a plateia*)

**NEGRO I-** Água de pipa tem miscróbil.

**NEGRO II-** A gente vai poder tomar água de cano.

**NEGRO I-** Companhia do Rio Anil vai chegar! (*Artemísio entra com alguns homens.*)

**ARTEMÍSIO-** Vem cá, negro. Vem cá!

**NEGRO I-** Bebe água de pipa não, meu branco.

**ARTEMÍSIO-** E por que não, hem, negro besta?

**NEGRO I-** Tem... tem... tem microbi, meu branco.

**ARTEMÍSIO-** Diz pra quem te mandou que pra Donana só se dá respeito, preto nojento. *(Aplica-lhe um soco, os demais correm atrás dos outros negros e arrancam os cartazes. Saem. Entram Ana Jansen, Izidoro, correligionários, Franco de Sá. Dia da eleição. Um mesário está a postos para recolher os votos. Espalhados pela platéia, Artemísio e seus homens.)*

**FRANCO DE SÁ-** Como tem passado, Donana? O pleito vai ser animado, não, Coronel?

**IZIDORO-** Está prometendo.

**ANA JANSEN-** É esperança nossa o povo fazer justiça.

**FRANCO DE SÁ-** Há de fazer, com licença.

**IZIDORO-** Irrita-me o ar debochado que ele tem.

**ANA JANSEN-** A oposição tem sempre um deboche na ponta da língua. *(O foco desloca-se até Artemísio e seus homens, que abordam o primeiro eleitor com cacetes à mão)*

**ARTEMÍSIO-** Chegue aqui, moço. O senhor vai votar em Franco de Sá ou no Coronel Izidoro Jansen?

**ELEITOR-** Não costumo falar a desconhecidos, entretanto devo-lhe informar que o voto é secreto.

**ARTEMÍSIO** *(Mostra-lhe a arma)* Secreto nada siô.

**ELEITOR-** Ainda... ainda não me decidi, cavalheiro.

**ARTEMÍSIO-** Não venha com essa de cavalheiro. Ninguém vem votar sem ter escolhido o candidato. *(Mostra-lhe a arma novamente)*

**ELEITOR-** É para votar, então, no Coronel?

**ARTEMÍSIO-** Do contrário, o senhor não passa do Campo de Ourique. Pode ir. *(O eleitor sobe ao palco)*

**ANA JANSEN-** A gente ganha, meu filho. *(Entra outro eleitor, Artemísio repete a ação, porém sem nada dizer: aquele sobe ao palco e vota. Entra Afonso)* **ARTEMÍSIO-** Chegue até cá. Vote no Coronel Izidoro Jansen. *(Mostra-lhe a arma)*

**AFONSO-** O quê!?! Abaixo isto, capanga infeliz.

**ARTEMÍSIO-** Tu morre, velho.

**AFONSO-** Da morte estou perto, não tenho medo de Ana Jansen. *(Corre e sobe ao palco)*

**IZIDORO-** Não! Este velho é eleitor!?

Viva Franco de Sá! *(Mudança de luz. Casa de Ana Jansen. Entra o correligionário)*

**CORRELIGIONÁRIO I-** Donana! Coronel Izidoro, o senhor é deputado, ganhamos!

**ANA JANSEN-** Muito bem, filho. Os Jansen nasceram, para mandar. Vou acender uma vela pra Santa Severa.

**IZIDORO-** Obrigado por sua ajuda, mamãe.

**ANA JANSEN-** Ô, Romena, traz uma garrafa de vinho. Senhor Izidoro é deputado! *(Entra Geodésio, apreensivo)*

**IZIDORO-** O que foi, Geodésio? Beberás também à minha vitória.

**ESCRAVO V-** É notícia ruim.

**ANA JANSEN -** O que foi?

**ESCRAVO V-** Acabei de saber que os homens terminaram uns tanques lá da Companhia e os canos vão funcionar.

**ANA JANSEN-** Era o que faltava pra estragar nossa alegria. *(Entra Artemísio)*

**ARTEMÍSIO-** Licença, Donana. Se teve de matar um homem, um velho atrevido, soube depois que se chamava Afonso.

**ANA JANSEN-** Quero ficar só. Sai todo mundo.

**IZIDORO-** Mamãe ...

**ANA JANSEN-** Sai. Depois digo o que fazer, Geodésio. *(Saem)* Mando botar um gato podre dentro do tanque. Vou continuar Rainha do Maranhão, Afonso! *(Mudança de luz. Sai. Entram os aguadeiros. Uma rua da cidade. Apregoam a mercadoria: “Água da fonte de Donana Jansen, limpinha, com gosto bom! Vinte réis!”)*

**São Luís do Maranhão 19- 08- 1980.**



**GANZOLA: A PELEJA DO PRETO FUGIDO  
CONTRA OS INIMIGOS DA LEI (1992)**

CÉSAR TEIXEIRA

GANZOLA<sup>1</sup>

A PELEJA DO PRETO FUGIDO<sup>2</sup> CONTRA OS INIMIGOS DA LEI

1992

CÉSAR TEIXEIRA

PERSONAGENS

**Virgulino** – Menino retirante que vai para a cidade junto com a família expulsa de sua terra e, já sozinho, tenta sobreviver num ambiente hostil.

**Pedro Catequista** – Avô de Virgulino.

**Das Dores** – Filha de Pedro.

**Zé Piroca** – Marido de Das Dores.

**Coronel Hilário Felicidade** – Chefe de Polícia e líder de um grupo de extermínio.

**Oficial de Justiça** – Homem do paletó xadrez que acompanha o Coronel.

**João Piaba, Olhudo e Malandrecia** – Meninos de rua.

**Político** – O demagogo, depois representado por um boneco, o Judas.

**Dominguinho** – Misto de bandido e informante da Polícia, um “X-9”, traficante de drogas e mercadorias roubadas. Vive extorquindo meninos de rua.

**Mula sem Cabeça** – Mito do folclore brasileiro.

**Boizinho** – Figura central da brincadeira do Bumba meu Boi.

**Sheik e Odalisca** – Foliões de um baile de carnaval.

**Doutor** – Um juiz, chefe da gangue ligada ao tráfico de drogas e ao crime organizado que explora menores.

**Exterminadores 1, 2 e 3** – Integrantes do Esquadrão da Morte.

## CENA 1

Já mandei buscar no mato  
cinco folhas de limão  
(Eu vou socar pilão!),  
que é pra temperar a cana  
e não derramar no chão  
(Eu vou socar pilão!).

Olho de moça bonita  
já plantei no coração  
(Eu vou socar pilão!),  
pra colher de manhã cedo  
a flor do manjericão  
(Eu vou socar pilão!).

Bem-te-vi ele só canta  
pra espantar a paixão  
(Eu vou socar pilão!),  
é que nem “preto fugido”  
enfrentando gavião  
(Eu vou socar pilão!).

**O velho Pedro Catequista, sua filha Das Dores (grávida) e seu genro Zé Piroca, cantando repentes, peejam no soca-pilão e na quebra do coco babaçu, imitando o ritmo do Tambor de Crioula<sup>13</sup>, enquanto crianças brincam de Preto Fugido, utilizando como Ganzola uma estrutura de madeira semelhante a uma forca. Virgulino, filho do casal, lidera o grupo de crianças.**

<sup>13</sup> **Tambor de Crioula** - Folguedo de origem africana dançado por mulheres que se dão umbigadas ao som de três tambores feitos de tronco.

**COSME** - Ca-ba-ci-nha foi no mar, en-cheu, va-zou. Quem pei-dou foi Seu Dou-tô! (soletra, tocando com as pontas dos dedos a cabeça de cada brincante, sendo que a última sílaba recairá sobre aquele que vai liderar a perseguição)

**Os brincantes separam-se em grupos e correm, uns tentando coroar<sup>24</sup> aos outros. (Para esconderam-se dos adversários, os fugitivos utilizam os espaços do auditório, praça, ou outro lugar em que a peça esteja sendo encenada)**

**De repente, Virgulino (já sobre o “palco”) aponta, assustado, para uma bola de fogo que surge e desaparece por cima da plateia.**

**VIRGULINO** - Azula, negrada é a Curacanga<sup>35</sup>! Tá chegando que nem urubu! (corre junto com as outras crianças para a Ganzola)

**A faina dos lavradores e a brincadeira das crianças são interrompidas com a chegada do Oficial de Justiça, em seu enorme paletó xadrez, seguido por PMs fortemente armados (puxando, inclusive, um pequeno canhão), que carregam tochas ao som de um tarol.**

**No comando do pelotão em marcha está o Coronel Hilário Felicidade, Chefe de Polícia, enfeitado com bijuterias e medalhas, além de portar facas, revólveres e granadas. Os policiais e o tarol param ao seu sinal.**

**CEL. FELICIDADE** - (com um riso entredentes) O fato é meu!

**DAS DORES** - Nossa senhora do cu apertado! (benzendo-se e apertando a barriga ) É o Coronel Hilário Felicidade, cuspidor e escarrado! (cospe)

**CEL. FELICIDADE** - (dedo em riste, encarando o posseiro mais velho) Eu não avisei, Pedro Catequista, que era pra sair das terras do Comendador? Vou ter que queimar tudo e tirar vocês daqui à pescoção. Não vai ficar nem pinto!

**PEDRO CATEQUISTA** - Mas, Seu Coronel, a gente vive aqui feito cristão há mais de dois séculos. É terra de preto<sup>46</sup> conquistada por escravos, que já têm calo até na alma de tanto forcejar neste chão de meu Deus...!

---

<sup>24</sup> **Coroar** - *Tocar ou abarcar com a mão (em forma de coroa) a cabeça dos que estão sendo perseguidos na brincadeira de Preto Fugido.*

<sup>35</sup> **Curacanga** - *Bola de fogo; cabeça da mulher-do-padre (Mula sem Cabeça) que se desgarrar do corpo nas noites de quinta para sexta, e só volta quando o galo canta.*

<sup>46</sup> **Terra de preto** - *Denominação dada às áreas onde vivem comunidades remanescentes de antigos quilombos ou mocambos.*

**OFICIAL DE JUSTIÇA** - Acontece que vocês nunca mais pagaram o foro<sup>57</sup> e o home tá tiririca...! Estão devendo mais de cinquenta linhas de arroz, feijão e mandioca. Dá pra encher trinta carros de boi! É melhor dar no pé, senão o caldo entorna...

**PEDRO CATEQUISTA** - Como pode esse grileiro, que nunca plantou nada, ficar com a nossa terra e ainda carregar as roças? Isso é coisa de cartório, de governador safado e juiz lazarento! Ninguém vai sair daqui. Não...! Nerusca<sup>68</sup>! Jesus não vai permitir!...

**OFICIAL DE JUSTIÇA** - Tá aqui a ordem do Juiz! (mostrando o papel que tira do bolso do paletó)

**PEDRO CATEQUISTA** - Não aceito ordem de ninguém! Ordem aqui só de Deus e do finado Zumbi. Que o resto...

**CEL. FELICIDADE** - (tomando o documento das mãos do Oficial de Justiça e esfregando-o no nariz de Pedro Catequista) Não sabe ler? Então come essa merda, filho da puta! (enfia a liminar na boca do lavrador, que é seguro por dois policiais)

**Das Dores e seu marido Zé Piroca tentam impedir a agressão.**

**DAS DORES** - (investindo contra o Oficial de Justiça com uma colher de pau) Solta meu pai, desgraçado! Zé Piroca, me acode!

**ZÉ PIROCA** - (puxando os fundilhos do Coronel) Não atenta o velho! Desgruda, Sargento!

**CEL. FELICIDADE** - (torcendo a orelha de Zé Piroca) Eu não sou Sargento, seu corno de uma figa! Sou o Coronel Hilário Felicidade, Secretário de Segurança do Estado, Município e Adjacências...! Hilário Felicidade, entendeu? (apontando para os penduricalhos da farda) Ex-pracinha em Monte Castelo, DOI-CODI, SNI, diploma da Escola Superior de Guerra, medalha do Mérito Timbira, sócio honorário da UDR e outros babados. Seu comunista!

**Zé Piroca e Das Dores são dominados pela Polícia. Na confusão, ouve-se um tiro. Pedro Catequista cai no chão, morto (as luzes se apagam), e os invasores com tochas vão incendiando as casas.**

(Em um telão feito de jornais sobre armação de madeira, miniaturas de casas recortadas em papelão são projetadas por uma luz vinda do fundo do “palco”).

---

<sup>57</sup> **Foro** - Aforamento; renda; dízimo sobre a utilização da terra.

<sup>68</sup> **Nerusca** - O mesmo que não; nunca; jamais.

## CENA 2

**Enterro de Pedro Catequista. (Os personagens movimentam-se por trás do telão – sombras) O morto é carregado numa rede, e sua camisa serve de estandarte aos desterrados, que passam uma garrafa de pinga de mão em mão, entoando uma ladainha:**

Seguimos juntos levando  
um companheiro na rede,  
há um hino em cada boca  
para aliviar a sede.

Em nossas mãos a bandeira  
é a camisa do morto,  
tremulando feita alma  
exilada do seu corpo.

Mas as fronteiras de arame  
entre um e outro homem  
serão cortadas agora,

que todas as ferramentas  
estão plantando na terra  
a semente das auroras!

## CENA 3

**Expulsos da terra, Zé, Das Dores e Virgulino ganham o mundo.**

**Chegam numa cidade. (Barulho de motores e buzinas)**

**DAS DORES** - Cidade grande, hein?... Zoadeira! Já tive aqui uma vez, quando papai me trouxe pra consultar o xiri<sup>79</sup> (batendo no próprio). Faz tempo!

**ZÉ PIROCA** - Meu Deus! Onde é que a gente vai ficar, Das Dores?

---

<sup>79</sup> **Xiri** - Órgão sexual feminino; vagina.

**DAS DORES** - Por enquanto, aqui debaixo dessa ponte. (segurando os quadris) Zé, ajeita o menino, que eu já tô é escangalhada!<sup>810</sup> Rumbora dormir aqui mesmo. Amanhã a gente vê...

**As tralhas são arrumadas num canto e o estandarte é fixado no chão, com a irreverência de um símbolo já inútil. (Blecaute)**

#### CENA 4

**Virgulino entra no “palco” (sob um foco de luz) com uma lata de goiabada vazia na mão, uma baladeira<sup>911</sup> enfiada no cós do calção e um livro debaixo do braço, vestido com uma camisa surrada do Flamengo. Deixa o livro em cima de um caixote e, batendo na lata, canta e dança uma embolada:**

Desde menino eu vivo perseguido,  
com uma corda no pescoço  
e uma bala no ouvido.  
Eu vivo com a Polícia  
brincando Preto Fugido.

Olha, seu moço,  
eu tenho sofrido!  
Mas sou carne de pescoço  
e não me dou por vencido:  
hoje quem me persegue  
também será perseguido.

E qualquer dia  
eu fico atrevido,  
pego a minha ferramenta  
e corro atrás do bandido.  
Quem com ferro fere,  
com ferro será ferido!

---

<sup>810</sup> **Escangalhada** – *desmantelada; descadeirada.*

<sup>911</sup> **Baladeira** - *O mesmo que estilingue.*

**Terminada a cantoria, desce e pede comida à plateia (foco de luz acompanhando).**

**Pouco depois, um político (devidamente caracterizado) sobe no “palco” e faz um discurso em cima de um caixote, anunciando que a criança e o adolescente seriam prioridade no seu Governo:**

**POLÍTICO** – “Temos de dizer basta! Não podemos continuar a ser o Brasil das carências inaceitáveis e desumanas que afetam nossas crianças. Não podemos ser o Brasil dos pixotes. Nada justifica a aceitação pacífica dessa vergonha, que não pode nem haverá de perdurar. A democracia só floresce e frutifica numa sociedade em que as virtudes cívicas são cultivadas e prevalecem na forma de interesse pelo bem comum. Ora, a que conceito de bem comum corresponderá a permanência das cenas chocantes de pobreza, sofrimento e criminalidade infantis que se multiplicam em nossas cidades? (...) Vamos enfrentar o problema com determinação, com energia. Até hoje, pouco se fez.(...) Por isso estou convocando a nação, cada brasileiro, a engajar-se de corpo e alma na luta pela criança.(...) O Brasil, enfim, tem de se conscientizar de que ou salvam-se as crianças ou perde-se o País.”<sup>1012</sup>

**Surge um grupo de meninos de rua, alvoroçados, virando carambela<sup>1113</sup> e, ao mesmo tempo, intrigados com o discurso. Ficam olhando para o político, que puxa um lenço do bolso e retira-se devagar, assoando o nariz.**

**OLHUDO** - Esse cara só pode ser doido! (dando de ombros) Bunda mole!

**Virgulino aproxima-se. Percebendo a sua presença, os integrantes da turma silenciam e entreolha-se. Curiosos, abordam o moleque:**

**OLHUDO** - Olha aí o capiau!<sup>1214</sup> Tá fugido, meu preto? Já sei... Te deram um pontapé na bunda!

**JOÃO PIABA** - Ele tá parecendo doente, Olhudo, não vê?

**OLHUDO** - Qui lá nada! Isso é papo de qualhira!<sup>1315</sup> (puxando o livro de debaixo do braço de Virgulino) Que negócio é esse aqui?

---

<sup>1012</sup> *Extraído do prefácio feito pelo ex-presidente Collor de Mello na 1ª edição do Estatuto da Criança e do Adolescente – 1989. Acusado de corrupção, Collor sofreu um processo de Impeachment em 1992.*

<sup>1113</sup> **Carambela** - Cambalhota.

<sup>1214</sup> **Capiau** - Caipira; caboclo-do-mato.

<sup>1315</sup> **Qualhira** - O mesmo que homossexual; efeminado.

**VIRGULINO** - (confuso) ...Isso é o Estatuto da Criança e do Adolescente que a “tia” lá da Pastoral deu pra mim.

**OLHUDO** - (folheando o livro) Qualhirage! Olha só, João Piaba... (entregando-o ao outro)

**Malandreca aproxima-se rebolando, faceira, matando uma “bia”.**

**MALANDRECA** - Como é teu nome, cacete, hein?

**OLHUDO** - (dando uma cacholeta<sup>1416</sup> no menino) Fala, porra!

**Com movimentos rápidos, Olhudo, Malandreca e João Piaba raspam a lata de Virgulino, que é submetido a um trote, mas continua impassível.**

**VIRGULINO** - (alto) Meu nome é Virgulino!

**MALANDRECA** - (debochada) Que nome feio...!

**VIRGULINO** – Meu pai gostava das histórias do cangaceiro Lampião, que lutou contra as tropas do Governo... Por isso eu tenho esse nome. Mas, o meu pai é Zé e minha mãe Das Dores. Não sei onde eles estão agora... (esfrega as costas das mãos nos olhos)

**O grupo resolve aquiescer e sentar-se no chão, à larga, para ouvir a história de Virgulino, que continua em pé.**

**VIRGULINO** - O Comendador, o Juiz e o Oficial de Justiça se juntaram com o Coronel Hilário pra roubar nossa terra e tocar fogo nas casas. Chegamos aqui sem nadinha e ficamos debaixo da ponte, pelejando com a sorte, até quando nasceu o Francisquinho. Então fomos pra invasão, lá pras bandas do lixão do Jaracati<sup>1518</sup>, e a Polícia nos tirou de lá também...

**MALANDRECA** - (indignada) Bonito!

**JOÃO PIABA** - É sempre assim. Cidade e interior: dois lugar de sacana. É o cu e a cueca. Não tem lei. Só delegado...

---

<sup>1416</sup> **Cacholeta** - Ato de "sovar" a orelha de outrem com o dedo indicador, utilizando-o como se fosse um chicote.

<sup>1518</sup> **Jaracati** - Bairro de São Luís onde se localizava o lixão da cidade.

**VIRGULINO** - Francisquinho morreu de fome e caganeira, roído por dentro. Papai bebia muita cachaça e batia na mãe, dizendo que ela lhe botava chifre com o quitandeiro. Deu no que deu. A briga foi feia quando o pai encontrou o quitandeiro trepando com a coroa debaixo de uma latada, onde a gente morava. Foi penico pra todo lado...! Todo mundo acabou no xadrez e o caso não se resolveu. Depois disso, cada qual seguiu o seu caminho, e eu também... Faz mais de ano.

**MALANDRECA** - Comigo foi o mesmo mané-joão<sup>1619</sup>. Só que o meu padraço queria me fuder todo dia, e eu dei no pé. Pra cima de mauá...

**TODOS** - Jamé! (levantando-se)

**JOÃO PIABA** - (dirigindo-se a Virgulino) É isso aí, cara! (entregando-lhe o livro) Pode ficar com ele. A gente não sabe ler, mesmo...

**OLHUDO** - Chega de frescura! É hora de fazer um ganho. Também já tô todo roído por dentro. Hoje não teve o sopão da FEBEM.

**JOÃO PIABA** - Eu também tô em jejum...

**OLHUDO** - (para Virgulino) Aí, caretão, vai com a gente descolar uma merreca?<sup>1720</sup> O produto tá caro! É só ficar de olho no Dominginho, que não tem erro...

**VIRGULINO** - Eu nunca roubei... Só tenho essa arma aqui, ó! (tira a baladeira da cintura e mostra aos outros)

**OLHUDO** - Olha só! Desse jeito tu vai pro céu, morto de fome, como teu irmãozinho. A vida da gente é dura, tem que suar a camisa. Matar se for preciso! (puxando da cintura um canivete e fazendo trejeitos) Hoje eu seguro um otário!

**JOÃO PIABA** - Deixa, que ele vai comigo. Vou dar uma batalhada na flanela pra segurar o grude! Ele é novato. Tem que passar por isso... (batendo no peito de Virgulino e arreganhando um sorriso) Vem, que eu te empresto minha caixa de engraxate, cara !

**MALANDRECA** - Eu tô com Olhudo! A gente tem mesmo um papo pra acertar. Né, meu bem? (passando-lhe a mão na cabeça e coçando a buceta, com molecagem)

---

<sup>1619</sup> **Mané-João** - *O de sempre; "feijão com arroz".*

<sup>1720</sup> **Merreca** - *Pequena quantia em dinheiro.*

(Saem de cena)

## CENA 5

**João Piaba, com um balde e uma flanela, aborda um veículo (representado apenas por uma porta de carro suspensa, feito móbile). Som de reggae.**

**JOÃO PIABA** - (aproximando-se da janela do “carro”) E aí, Doutor, vai uma flanelinha de responsa? Encosta o carango aqui, devagar. Um pouquinho pra frente. Aííí...! Se quiser, dou uma água legal. Tá limpo?

**João Piaba ganha a “concorrência”, e comemora girando sobre o seu próprio corpo e sacudindo-se todo, ao som do reggae.**

**JOÃO PIABA** - Isso é que é uma pedra...!<sup>1821</sup>

**Olhudo chega (entrando em cena) correndo, com uma bolsa na mão, seguido por Malandrecas, que traz um Rolex.**

**MALANDRECA** - Porra, cara, a madame caiu no meu papo e dançou...! (mostrando-lhe o relógio)

**João Piaba para de dançar e aproxima-se.**

**JOÃO PIABA** - Que qui foi? Visagem? Por que esse ouriço?

**OLHUDO** - (remexendo a bolsa) Merda! Só quinze perna, batom, camisinha... (rindo)  
Essa égua é piranha, saca?

**(Enquanto o grupo é envolto numa penumbra, a luz vai para o outro canto do “palco”, onde Virgulino, por sua vez, engraxa os sapatos do político, representado por um boneco de pano, de paletó e gravata, a quem faz várias perguntas, que ficam sem resposta)**

**VIRGULINO** - O Doutor conhece o Art. 7º da Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente? Claro. Ele diz que nós temos “direito à

<sup>1821</sup> **Pedra** - Música de reggae preferida; sucesso.

proteção, à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”.  
Sim ou não?

**Olhudo, João Piaba e Malandrecia, ouvindo o palavreado do garoto, aproximam-se, surpresos.**

**MALANDRECA** - Esse cara é mordido-de-cobra<sup>1922</sup>, gente...!

**VIRGULINO** - (olhando para a cara do boneco) Pois eu lhe digo que, no Brasil, mais de dez milhões de mulheres já foram esterilizadas pelas instituições de saúde do governo porque são pobres, e todos os anos 350 mil crianças morrem de desnutrição antes de completarem um ano de vida. No Maranhão, o Índice de Desenvolvimento Humano é pior do que o da Namíbia. Segundo a Fundação Getúlio Vargas, 63,72% da população vive na miséria, cerca de 3 milhões e 500 mil pessoas. E a educação? 20,5% das crianças e adolescentes de 7 a 14 anos estão fora da escola, perto de 250 mil. Que políticas sociais são essas? (cuspiendo na mão e passando nos sapatos). Não disfarça...!

**JOÃO PIABA** - Éééégua...!<sup>2023</sup> Botou pra descatitar!<sup>2124</sup>

**A turma em volta de Virgulino e do político de festim promove uma verdadeira algazarra.**

**OLHUDO** - Rumbora lá! Taca o pau nesse escroto! Se insultar a mãe ganha um prêmio...!

**VIRGULINO** - Pensa que eu não sei ler? (mostrando o livro para o “barão”) Aprendi letra por letra com meu avô, Pedro Catequista, naqueles almanaques Capivarol...

**JOÃO PIABA** - Capi... o quê?

**MALANDRECA** - (puxando os fundilhos de João Piaba) Varool...!

**VIRGULINO** - Não sou eu quem diz! São os jornais, as pesquisas, o IBGE. Fique sabendo que no Brasil existem 30 milhões de jovens em estado de pobreza absoluta, mesmo sendo forçados a trabalhar. São bóias-frias, escravos de fazendas e carvoarias, domésticas,

---

<sup>1922</sup> **Mordido-de-Cobra** - *Enfezado; meio doido; “invocado”.*

<sup>2023</sup> **Égua!** - *Expressão de espanto, incredulidade; o mesmo que “caramba”.*

<sup>2124</sup> **Descatitar** - *Injuriar; bagunçar; esculhambar.*

vendedores ambulantes, prostitutas, lavadores de carro e engraxates fudidos e mal pagos, como eu. Oito milhões de crianças e adolescentes já moram nas ruas, expostos à violência, roubando e até matando para sobreviver. Só aqui em São Luís, se conta mais de 3.500 nas ruas, no trampo. Quando são presos, vão pro pau. É mole, ou quer mais?

**Cuspindo mais uma vez nos sapatos do “barão”, Virgulino dá o brilho final, arremata com o pano e bate com a escova na caixa, depois guarda todo o material dentro da mesma.**

**VIRGULINO** - Pois é. (abrindo o livro) Conforme o Art. 233, quem “submeter criança ou adolescente sob sua autoridade, guarda ou vigilância à tortura” pode pegar até cinco anos de cadeia, e se o pivete morrer pega de 15 a 30 anos, parágrafo terceiro. Só que eu não vi ninguém ser preso por isso. (balançando a cabeça) É... é muito bonzinho esse livro, tá bem escrito, etcetera e tal, mas não serve pra muita coisa. Quem cumpre a lei?

**(Aplausos da galera)**

**VIRGULINO** - (abrindo os braços e levantando-se) Como é, não fala nada? Não tá nem aí, né? Quer mesmo é que a gente se foda, eu sei. Vê o problema como caso de Polícia, e nos deixa nas mãos do Esquadrão da Morte, dos bandidos e dos traficantes. Lava as mãos quando os menores são jogados nos porões da FEBEM e depois exterminados nas ruas e nas cadeias públicas. Sacana! Traindo o povo com discurso de malandro, hein? JUDAS! (grita)

**TODOS** - Judas! Judas! Judas!

**A corriola segura o boneco, enquanto Virgulino passa uma corda em volta do seu pescoço. O “barão” é içado (como ocorre no folguedo popular da malhação de Judas) e pendurado em um poste - a forca. Virgulino sobe numa escada e lê estrofes do Testamento de Judas<sup>2225</sup> arrependido.**

Arrependido eu fiquei,  
o goró tá derramado,  
só peço a Deus que pendure  
no prego mais um pecado,  
pois trai Jesus contente  
e com resto da aguardente  
embriaguei o coitado.

---

<sup>2225</sup> **Testamento de Judas** - *Texto satírico lido durante a queimação do Judas, folguedo de origem ibérica que ainda sobrevive em alguns estados do Nordeste.*

Rasurei meu Testamento  
fraudando o País inteiro,  
e para as ilhas Cayman  
desviei todo o dinheiro.  
Reeleito com requinte  
Judas do Século Vinte,  
devolvo tudo aos herdeiros.

Para descer ao Inferno  
subo a rampa do congresso  
empurrando no carrinho  
uma SUDAM de processos  
de fraude e corrupção.  
Neste shopping de ladrão,  
puta velha faz sucesso.

Já mandei no tucupi  
o pato do Banpará  
pro Senado tocar funk  
e FHC dançar.  
ACM no trombone,  
Barbalho no microfone  
e o Brasil de cu pro ar.

Tirei propina do bolso  
para um Juiz Federal  
livrar Luiz Eduardo  
e o Papa Nicolau,  
que bom futuro terão  
se construírem prisão  
no lugar de Tribunal.

Lá na bacia de Campos,

onde o Rennó se lavou,  
eu deixo a P-36  
que a Petrobrás afundou  
como um caldeirão furado  
que vaza, privatizado,  
o breu que o povo pagou.

Para o Ricardo Sérgio,  
inventor da Telemar,  
vou deixar as minhas contas  
que acabei de grampear.  
Se não quiser atrapalho,  
também deixo meu caralho  
pra ele telefonar.

Deixo uma cesta básica,  
mesmo de juros salgados,  
para os alunos famintos  
do Município e do Estado,  
pois a Merenda Escolar  
é pro Governo adoçar  
a boca do eleitorado.

Ao Congresso Nacional,  
habilmente arquitetado  
pra cagão e bunda mole,  
deixo um presente importado  
com uma piroca no meio,  
de um lado um penico cheio  
e do outro um emborcado.

Desviaram até a verba  
que botei no Testamento

para o professor Sarney  
investir no seu Convento.  
Roubaram os termos da lei  
e a pizza que eu deixei  
na CPI do Orçamento.

E pra quem sente saudade  
desse bigode careta  
vou deixar um adesivo,  
a tesoura e a caneta.  
Esse bigode, de fato,  
é o melhor candidato  
a rodapé de buceta.

Levarei um dossiê  
pra Assembléia amanhã.  
Vou fazer do Maranhão  
Paraíso, um Canaã.  
O Lobão será Van Damme,  
São Luís será Miami  
e Curupu Cayman.

Para o Comendador,  
que na terra não labuta,  
eu vou deixar as correntes  
que não cabem nesta luta.  
Minha cova eu mesmo covo,  
não quero mais ser escravo  
de nenhum filho da puta.

Para o Coronel Hilário,  
bubalino desgarrado,  
deixo a marca da UDR

no traseiro da danado.  
Pra servir de colutório  
deixo-lhe um supositório  
feito de arame farpado.

E aos grupos de extermínio  
que desfrutam Liberdade  
vou deixar a Viuvez,  
o Luto e a Orfandade.  
E, como a Justiça é cega,  
vou descosturar as pregas  
do cu da Impunidade.

Deixo pro Judiciário  
a omissão galopante,  
pois mataram o velho Pedro  
Catequista, o figurante  
que foi pra cova de vez.  
Fui espiar no xadrez,  
porém não vi o mandante.

Vou deixar minha cueca  
e o terno de marajá  
pro “X-9” Dominguinho  
poder se candidatar  
ao Governo do Estado,  
abraçando o eleitorado  
feito um tamanduá.

Não levarei pro Inferno  
este meu traje infeliz,  
porque não gosto de luxo.  
A penitência que eu fiz

é seguir nu, pelo escuro,  
no meu caixão de pau duro  
com as putas de São Luís.

Que o diabo me carregue  
ao Palácio, se quiser,  
pois lá eu sei que tem reggae,  
dinheiro, chifre e mulher.  
Pra quem de mim nada herda,  
deixo de lembrança a merda  
que escorre no meu pé.

**Os “pivetes” gritam e derrubam o Judas, debaixo de cacete.**

## CENA 6

**(Ambiente com latas de lixo e destroços. Um lugar abandonado)**

**OLHUDO** - Porra, moleque, gostei de ver! O barão sofreu mais do que peru de Natal. Ah! Ah! Ah! (dá tapinhas nas costas de Virgulino)

**VIRGULINO** - Isso não foi nada... Só imaginação. Mas é o que eu gostaria de dizer ao Presidente.

**JOÃO PIABA** - (crédulo) O filho d'uma égua merecia. Tava mesmo querendo sacanear com a gente!

**MALANDRECA** - Dei-lhe uma tabada no cu, que a língua do bruto saltou fora! Só ouvi dizê “uí”...!

**JOÃO PIABA** - Tá ficando tarde, macacada, é melhor a gente se arrumar pra dormir! Primeiro rumbora comer os restos lá do hospital. Tá no saco!

**MALANDRECA** - (abrindo o saco) Xiii! Já criou bicho (fazendo cara de nojo). Não dá pra comer, gente!

**Malandreca joga o saco fora e todos se sentam desolados. Virgulino tira um pão e uma garrafa de Coca-Cola de dentro da caixa de engraxate.**

**VIRGULINO** - Tham! Tham! Tham! Tham! (mostrando o “rango” aos outros) Foi o que eu consegui.

**OLHUDO** - Égua!

**MALANDRECA** - Massa!

**JOÃO PIABA** - Só!

**Os parceiros se sentam lado a lado e repartem o pão, bebendo o “refri” em copinhos de plástico.**

**MALANDRECA** - Porra, negada! Tá parecendo a mesa de Cristo. Só tá faltando o Judas...

**(Risos) De repente, chega Dominginho, um bandido e informante da Polícia ligado ao tráfico de drogas e ao câmbio de mercadorias roubadas.**

**OLHUDO** - Ih...! Sujou. (alertando) É Dominginho!

**DOMINGUINHO** - (chutando a “santa ceia”) Seus bando de filho d’uma égua! Cadê a muamba?... Tão querendo tirar o corpo fora, né? Agora é tarde! Trombadinha e avião num tem vida própria. A gente é que garante vocês! Não é padre nem os Direitos Humanos. Cadê o serviço?

**JOÃO PIABA** - Mas, a gente nem trabalhou hoje...

**DOMINGUINHO** - Não, hein? (revistando os menores) E isso aqui, o que é? (tomando o relógio de Malandreca) O Rolex do Espírito Santo?... Ahá! (conferindo o dinheiro dos meninos) Vocês não valem nada mesmo. E tem mais: o Doutor tá puto com vocês! Não vai ter mais lovistore, nem sopinha. Ele tá querendo é mercadoria! Ouro! Digitais! Dólar turismo!

**MALANDRECA** - Não vai sobrar nem um milhozinho pra gente? (esfregando o polegar contra o indicador)

**DOMINGUINHO** - Acabou, Malandreca! De hoje em diante tudo vai ser diferente. É a lei do Cão!

**VIRGULINO** - (interferindo) Não, é a lei 8.069! Talvez o senhor não saiba, mas, conforme o Art. 5º deste Estatuto (aponta o livro), “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”, como já havia sido previsto no Art. 227 da Constituição Federal. Não é isso?

**DOMINGUINHO** - (voltando-se para os outros, irônico) Quem é a noviça rebelde aí?

**OLHUDO** - É o Virgulino!

**Dominguinho aproxima-se de Virgulino (que se levanta), toma o seu Estatuto e segura-lhe as bochechas.**

**DOMINGUINHO** - (entredentes) Te cuida, bem-te-vi! Te cuida! Larga essa porra de Estatuto, que isso só faz é piorar o pivete! (rasga o livro) E tu Olhudo, e tu João Piaba, vocês estão fudidos! (empurrando o indicador no peito de cada um e retirando-se do “palco”) Fudidos! (grita ainda, voltando-se, antes de desaparecer)

**VIRGULINO** - Quem é esse cara?

**JOÃO PIABA** - Dominguinho é “X-9”! Dedo-duro e malandro ao mesmo tempo. Só vive roubando a gente e dando porrada. (escancara a boca e aponta para dentro) Olha só! Prejudicou meu liquidificadô! Dente e orelha não tem seguro com o peste...

**OLHUDO** - Ele já me levou pra cafua<sup>2326</sup> e botou no pau-de-arara, com o alvará do delegado. Quebraram meus dois braços com um cano de ferro fantasiado de estopa, e depois me fizeram curativo com ponta de cigarro. Parecia catapora. Tive que passar três dias comendo barata e arrotando ovo frito...

**MALANDRECA** - Ainda tô doente, desna que Dominguinho e mais cinco da gangue do Doutor me disembucetaro. Tive que chupar um por um, de joelho, e depois ficar de quatro. Acordei no Socorrão, com um enfermeiro metendo o dedo no meu cu!

**VIRGULINO** - Vocês não denunciaram isso no Juizado, no Ministério Público, na imprensa...?

**JOÃO PIABA** - Tá doido? Esses caras enterram a gente vivo! Quem denuncia é a Igreja, a Unicef e as zong que já têm dedo queimado. O Juiz, o delegado e os canas só quer mesmo é zuretar<sup>2427</sup> pivete. A imprensa só gosta é de IML, depois que se tá morto.

---

<sup>2326</sup> **Cafua** - Prisão; cela forte; xilindró.

<sup>2427</sup> **Zuretar** - Eliminar com arma de fogo; balear.

**OLHUDO** - Chega de papo micho. Isso não tem jeito!

**Olhudo pega no lixo pedaços de papelão.**

**OLHUDO** - (bocejando) Tô um caco. Vou arriar... (deita-se e cobre-se com os papelões)

**MALANDRECA** - Eu também.

**JOÃO PIABA** - Alto lá! A noite não vai terminar assim, sem uma lombra. Também tenho uma surpresa pra vocês! (mete o braço dentro de uma lata de lixo e tira uma latinha de cola de sapateiro) Tham! Tham! Tham! Tham!

**A turma se anima novamente e João Piaba distribui a cola em saquinhos plásticos também tirados do lixo.**

**JOÃO PIABA** - (oferecendo a Virgulino) Vai nessa, xará?

**VIRGULINO** - Vou.

**OLHUDO** - Aí, cara, se liga! Valeu.

**Sentados em semicírculo, todos se concentram para cheirar a cola.**

**MALANDRECA** - (tirando a cara do saquinho) Porra, esse barunfo<sup>2528</sup> tá massa! Essa é que é a hora de ouvir história pra boi dormir. (voltando-se para Virgulino) E então, preto fugido, qual é a lombra da tua terrinha?

**VIRGULINO** - (tossindo) Ah! Lá tem muitas histórias... Vou contar uma pra vocês!

**As crianças se ajeitam para ouvir a história, sem tirar os saquinhos do nariz, ansiosos.**

**VIRGULINO** - Não é lenda, foi caso dado. Rosinha Tetéia era uma mulher bonita, casada de anel e renda. Um dia foi no confessório da igreja e não voltou pra casa. O vigário, nessa de curar seus pecados, passou-lhe o pau no rabo e ela virou sua amásia, esquecendo o marido. Depois de sete anos de coito, como castigo pelo seu erro, a mulher se transformou na cavala-canga, a Mula sem Cabeça. E todas as noites de quinta pra sexta ela fica penando, e corre sete freguesias, estropiada, cuspiendo fogo pelo buraco do pescoço. A gente só ouve o rinchado feio e os cascos batendo no lajeiro, lá pras bandas do cemitério: troc, troc, troc!

<sup>2528</sup> **Barunfo** - Cola de sapateiro.

Pinoteando e assombrando os caboclos. Já vi valente que ficou zoró<sup>2629</sup>, falando sozinho, tanso<sup>2730</sup>, cagando no chamató<sup>2831</sup> e de olho arregalado o tempo todo, sem poder dormir...

**MALANDRECA** - (beijando os indicadores em cruz) Desconjuro!

**OLHUDO** - Virge Maria! (benzendo-se) E pra quebrar o encanto?

**VIRGULINO** - Só quando alguém tiver culhão pra lhe arrancar o freio de ferro, ou então sangrar a bicha, mesmo que seja com um alfinete. Aí a mulher reaparece nua, chorando arrependida, e nunca mais vira mula.

**JOÃO OLHUDO** - Diacho! Só não entendo uma coisa. Que fim levou a cabeça dela?

**VIRGULINO** - A cabeça é a Curacanga<sup>2932</sup>, a bola de fogo que gira voando pelo mato e some de repente. É porque ela se desprega do corpo da mula, a mulher do padre. A cabeça não fala, não grita. Só faz um zumbido, assim: zuuum! Dizem que a sétima filha da concubina também vira mula, e a cabeça voa... Só volta quando o galo canta.

**MALANDRECA** - Santa Vergênita dos pentelho arrupiado! Essa noite eu não durmo, nem morta.

**JOÃO PIABA** - E eu? Olha só! (aponta os pelos do braço) Tu perdeu a fala, Olhudo?

**OLHUDO** - Tô tremendo por dentro. Fiquei ligado e acho que vou tropeçar no pesadelo...

**Sonolentos, e sob o efeito da cola, os quatro se arriam no chão, cobrindo-se com os papelões e sacos de aniagem. Dormem profundamente, e uma bola de fogo passa pelo fundo do “palco”. Sonham.**

**(Fumaça)**

## CENA 7

**A Mula sem Cabeça surge no sonho, grunhindo e fazendo volteios. De repente chega o**

<sup>2629</sup> **Zoró** - Doido; tresloucado.

<sup>2730</sup> **Tanso** - Lerdo; apalermado.

<sup>2831</sup> **Chamató** - Calçado de madeira e couro; o mesmo que tamanco.

<sup>2932</sup> **Curacanga** - Bola de fogo; cabeça da mulher-do-padre (Mula sem Cabeça) que se desgarrar do corpo nas noites de quinta para sexta, e só volta quando o galo canta.

**Boizinho, que não havia entrado na história (ambos caracterizados por fantasias).**

**BOIZINHO** - Êpa! A senhora está no sonho errado! (estacando)

**MULA SEM CABEÇA** - Eeeeu!? Você é que está fora de época. Estamos no carnaval. Aqui não é viveiro de Bumba meu Boi!

**BOIZINHO** - E quem é a senhora, ou a senhorita? Não sei se é casada, viúva ou puta...

**MULA SEM CABEÇA** - (empavonando-se) Eu sou a Mula sem Cabeça, a terrível!

**BOIZINHO** - Desculpe (irônico), eu pensei que era a Burrinha...!<sup>3033</sup>

**MULA SEM CABEÇA** - Ora, seu...! (correndo atrás do Boizinho em círculos) Argh! Sou eu que mando neste sonho!

**(Entra Virgulino com um jornal na mão)**

**VIRGULINO** - Sem essa, minha preta! Não vê que o sonho é um direito adquirido, mesmo que a gente durma em cima do lixo e com muita pedra na cabeça, pra esquecer a fome?

**MULA SEM CABEÇA** - Vocês só pensam em comida, comida!

**VIRGULINO** - Aí é que você se engana! A vantagem do sonho é que só precisa fingir que está comendo. Isso, de certa forma, engana as lombrigas, que não estão dormindo. É, digamos, o jeitinho brasileiro para a crise. No mais, o sonho é igual à realidade. Olha só o que está no jornal (mostrando): “Todos os dias quatro pivetes são assassinados no País”. Só não diz quem são os culpados... É sempre a mesma coisa! A violência e a impunidade jogam no mesmo time e estão sempre invadindo os sonhos da gente. Por isso, fica aqui o meu protesto!

**BOIZINHO** - Apoiado! Essa cangapara<sup>3134</sup> tava precisando mesmo ouvir umas poucas e boas. Merecia também uns puxões de orelha... Êpa! (corrigindo-se) Ela não tem orelha...

**João Piaba entra carregando sacolas de compras e cruzetas com três smokings, além de**

<sup>3033</sup> **Burrinha** - Personagem do Bumba meu Boi; armação com alças imitando a alimária e conduzida à altura da cintura por um brincante.

<sup>3134</sup> **Cangapara** - Alimária velha ou esquelética; diz-se também da armação mal feita de um Boi (personagem central do Bumba meu Boi).

**chapéus, um bolero e um xale. Deixa tudo sobre um caixote e vai ver o que é que tem no jornal.**

**MULA SEM CABEÇA** - Caralho de padre! Só pode ser um motim. Vou mandar chamar o Esquadrão da Morte. Coronel Hilário, socorro...! (grita como se o estivesse procurando) Tragam granadas, gás lacrimogêneo, depressa... Oh! Isso tá virando um pesadelo!

**BOIZINHO** - A senhora perdeu mesmo a cabeça! (recriminando-a) Só quer mesmo é botar fogo, abanar e dar o pinote, né? Já esqueceu que a senhora também é indigente, não tem INPS e pode ser a primeira a entrar no cacete?...

**JOÃO PIABA** - O Boizinho tem razão. É melhor a gente aproveitar, enquanto não acorda, fazer uma grande festa (abrindo os braços com alegria) e curtir!

**VIRGULINO** - É isso mesmo! Vamos dar fazer uma grande festa! Mas, primeiro é preciso dar uma geral nisso aqui...

**João Piaba e Virgulino varrem rapidamente o “palco” e colocam uma toalha de mesa (bandeira nacional) sobre o caixote, onde colocam os quitutes, as bebidas e os charutos tirados das sacolas de compras. Enquanto isso, o Boizinho corre atrás da Mula sem Cabeça, tentando enrabá-la, até que consegue montar no seu traseiro, e estão nessa posição quando são interrompidos...**

**VIRGULINO** - (surpreso) Que diabo é isso?

**BOIZINHO** - É que eu tô tentando desencantar a bicha!

**JOÃO PIABA** - Mas, não tinha era que enfiar um alfinete no couro dela?

**BOIZINHO** - Já tá todinho enfiado.

**MULA SEM CABEÇA** - Aaaai! (grita)

**Seguem-se trovões e relâmpagos. Uma nuvem de fumaça envolve o casal (as fantasias são retiradas de cena). Quando a fumaça se dissipa, sob uma luz incidente, surgem Malandrecas e Olhudo na mesma posição de coito. Malandrecas chora, arrependida, e Olhudo traz na cabeça um par de chifres. Os outros morrem de rir, mas estão alegres com a aparição dos dois, que se aproximam de mãos dadas. Abraçam-se todos.**

**JOÃO PIABA** - Porra, disgranha<sup>3235</sup>, a gente já estava preocupado com vocês! Finalmente desencantaram...

<sup>3235</sup> **Disgranha** - *Desgraça; desgraçado (a).*

**VIRGULINO** - Pensei até que vocês já tinham sido desovados pelo Esquadrão.

**MALANDRECA** - (rindo) A gente tava desovando outra coisa. Curtindo uma lua de mel. (passando a mão no queixo de Olhudo) Né, bem?

**OLHUDO** - Ficamo na maior lombra, e acabamo durmindo no mocó<sup>3336</sup> do padre! Aí foi só cheiro no cangote e escovação de urubu... Jóia!

**JOÃO PIABA** - (advertindo) Jóia é que o padre vai acabar te botando chifre. Te lembra da história, não?

**VIRGULINO** - (chamando atenção com palmas) Bem, gente, rumbora começar a festa, que já está na hora...!

**João Piaba, Virgulino e Olhudo vestem os smokings por cima dos trapos e Malandrecas põe o bolero e o xale. Colocam os chapéus, dançam e cantam, depois se sentam na “mesa”, servindo-se de uísque e champanhe em taças de cristal. Fumam charutos e conversam animadamente sobre os últimos acontecimentos. Para o azar de todos, entretanto, Dominginho entra de supetão em cena.**

**DOMINGUINHO** - Ahá! Flagrei vocês na boca larga. (manipulando as garrafas) Ballantines, Fernet, Champanhe francês e charutos cubanos. Tão querendo esconder o jogo, hein? Vou ter que prender vocês...!

**Tenta puxar a arma, mas é impedido por Olhudo, que lhe aponta uma 765, enquanto Malandrecas e João Piaba o cercam com canivetes, tirando-lhe o revólver e o escoltando para fora do palco.**

**VIRGULINO** - (sacudindo o chapéu) Desgraçado! Não conhece a lei...?

**MALANDRECA** - (regressando perturbada) Gente, o caldo vai engrossar!

**JOÃO PIABA** - Eles vão nos fritar com piolho e tudo! (confuso) O que é que a gente vai fazer agora? (coloca a arma de Dominginho na mesa)

**VIRGULINO** - Não sei! Mas, vamos precisar de dinheiro pra sair dessa. Eu tinha pensado num mutirão, com caixa de sapateiro, flanela, balde...

**OLHUDO** - (interrompendo-o) Tá doido, cara! Não podemos ficar na rua de bobeira. A

<sup>3336</sup> Mocó - Casa de padre.

gente tem de sair é na “mão grande”. Os home tão endurecendo a parada. Temos que partir pra cima, senão a gente dança feio... O Doutor tá uma arara!

**VIRGULINO** - Doutor? (intrigado)

**OLHUDO** - É um bunda mole. Vive à custa de pivete, e tem cobertura do Juiz e do Coronel. Tem vagabundo da PM e da Civil envolvido até o pescoço com a contravenção, junto com bandido e traficante. A gente sabe quem é, mas não pode falar senão come formiga... O jeito é sair pra guerra na rua. Ganhar ou perder!

**VIRGULINO** - Vamos nessa! (exaltado) Eu topo fazer um assalto!

**MALANDRECA** - (alto) Tem que arreganhar!

**JOÃO PIABA** - Sabe de uma coisa? (preocupado) Isso tá indo longe demais. Viram aquele retrato no jornal? (pega o jornal e mostra aos outros) É a cara da gente, comido de formiga. Acho melhor acordar...

**VIRGULINO** - Acordar? Agora que a gente já tem duas turbinas?<sup>3437</sup> Nada disso. O nosso bloco vai sair! (apanha a arma de Dominginho na mesa) Peguem os instrumentos!...

**Carregam as garrafas e latas vazias, fazendo uma batucada e cantando um samba (nesse momento poderiam entrar figurantes, meninos de rua, com caixas de engraxate, baldes e flanela para a evolução). Olhudo é o Mestre-sala e Malandrecas a porta-bandeira, empunhando uma vassoura com a toalha de mesa pendurada.**

Nosso bloco vai sair,  
nem que chova canivete!  
Ninguém pode proibir  
o sonho dos “pivetes”,  
djangos<sup>3538</sup>, moleques...

Nossa Porta-bandeira,  
que não tem INPS,  
hoje desce a Avenida.  
E o nosso enredo  
é a própria vida

---

<sup>3437</sup> **Turbina** - Revólver.

<sup>3538</sup> **Django** - Corajoso; valente.

embrulhada nos jornais,  
tarjas pretas,  
botas de policiais.

O Mestre-sala  
já está acostumado  
a viver trancafiado  
e, aporrinhado  
com a Censura,  
escreveu com letras  
encarnadas  
nos muros da madrugada:  
Abaixo a Ditadura!

Para a glória nacional,  
qualquer dia o nosso bloco  
ganha o Carnaval...!

**Dão algumas voltas pelo “palco”, descem pelo auditório e procuram envolver a plateia, retornando para sair de cena. (Blecaute)**

## CENA 8

**Os quatro espreitam um Sheik tentando seduzir uma Odalisca, saídos de um baile. (Marchinha de carnaval ao fundo)**

**MALANDRECA** - (esticando o pescoço) É o Dominginho!

**OLHUDO** - Não pode ser...!

**JOÃO PIABA** - Mas, é!

**VIRGULINO** - Vou zuretar esse cara! (põe a mão no revólver em sua cintura)

**O Sheik e a Odalisca confabulam.**

**SHEIK** - Eu tô afim de ti, sabia? Não dá pra segurar. Desde que eu te vi no baile só penso em te comer (segurando as nádegas, os seios da Odalisca, tentando beijá-la e tirar sua máscara)... Minha filha!

**ODALISCA** - (querendo livrar-se) Não, tesão! Não, agora não...!

**SHEIK** - Só um pouquinho...

**ODALISCA** - Me larga, porra! (arranhando-lhe a cara)

**SHEIK** - Sua égua! (dá-lhe um tapa) Por acaso tu tens o xiri de ouro? Dá logo essa merda, sacana! (tira peças da roupa dela)

**ODALISCA** - Socorro! (grita, debatendo-se)

**Os “pivetes” aproximam-se, sorrateiros.**

**VIRGULINO** - (tocando com os dedos o ombro de Dominginho) Tem cigarro aí, xará?

**DOMINGUINHO** - (irritado) Não amola, porra! Não vê que eu tô ocupado?

**VIRGULINO** - Baixa a guarda (puxando o revólver), tu vai morrer, cara! Passa a grana pra cá...! Hoje é tu quem vai pedir o penico...

**O casal é cercado pelos meninos. Dominginho tenta reagir e é baleado à queima-roupa.**

**DOMINGUINHO** - (com as mãos na barriga) Filhos da puta...!

**A mulher grita e desmaia. Dominginho consegue fugir, depois que o grupo limpa seus bolsos.**

**OLHUDO** - Vamos sartá, curriola, a ROTAM<sup>3639</sup> tá por aí!

**Olhudo, Malandrecia e João Piaba saem do local às pressas, deixando para trás Virgulino, que se acerca da Odalisca (sob um foco de luz azul em penumbra), acariciando-a e tirando o resto de sua roupa. Ela acorda e ele põe o canivete em seu pescoço, abrindo suas pernas e iniciando o coito, ao mesmo tempo em que tira sua máscara.**

<sup>3639</sup> ROTAM - Rota Tático Móvel da Polícia Militar do Maranhão.

**VIRGULINO** - Nãããooo! (grita horrorizado ao ver o rosto da mulher, e levanta-se rápido, puxando as calças)

(Blecaute)

## CENA 9

Sentado quase de costas para a plateia, e com os pés em cima da mesa do seu escritório, o Doutor bebe uísque e conta dólares. Está iluminado por um abajur, mas o seu rosto permanece na penumbra, como um mistério. Dominginho entra cambaleando, ainda fantasiado, e apertando o ventre ensangüentado.

**DOMINGUINHO** - Doutor... Eu tô ferrado! Me ajuda.

**DOUTOR** - (incomodado) Que significa isso? Como é que você entra aqui vestido desse jeito?

**DOMINGUINHO** - Saí da Gruta do Satã<sup>3740</sup> pra jantar uma xana e caí no pedágio dos pivetes. Um tal de Virgulino me zerou...<sup>3841</sup> (tossindo)

**DOUTOR** - Bem feito! (recriminando) Em vez de fazer o seu serviço, estava com as putas do baile, não é? Malandro! Porra, tu nunca mais trouxe os bagulhos e é só na farra! Com que dinheiro? (batendo na mesa) O mee eu...! Quiz me passar pra traz e agora está pagando. Muito bem, quem é esse Virgulino?

**DOMINGUINHO** - (ajoelhando-se) Perdão, Doutor! Perdão...!

**DOUTOR** - Deixa de frescura. Quem é esse cangaceiro?

**DOMINGUINHO** - É novo no grupo de Olhudo. Só fala em lei... É pirado!

**DOUTOR** - Tanto faz. Não estão entregando mais a muamba, por quê?

**DOMINGUINHO** - Não sei... (tosse)

**DOUTOR** - (irônico) Não sabe?

<sup>3740</sup> **Gruta do Satã** - Baile carnavalesco de São Luís, já extinto.

<sup>3841</sup> **Zerou** - Acertou; atingiu; matou.

**DOMINGUINHO** - Eles estão armados até os dentes, segurando o trampo no “rophi” e na maldita. Ninguém encosta...

**DOUTOR** - Ah! Ah! Ah! Não caio nessa. (gozando-o) Quer dizer que três ou quatro pelados, dissidentes da FEBEM, estão fazendo essa zorra toda diante de uma cambada de marmanjos estudados no colégio do crime. (levantando-se e andando de um lado para o outro) Onde é que está o Dominginho que eu conheço? Cadê Jurista, Pesão, Rabo de Galo...? Eu morro de rir... (parando em frente a Dominginho, ainda de joelhos) Por que, então, vocês não vão torturar velhinhas, pra não ficar coçando o saco?... Canalha! (empurrando Dominginho com pé) Tu vai lamber o chão sozinho!

**DOMINGUINHO** - (balbuciando) Estou morrendo, Doutor... Doutor! Aaaaah!

**Dominginho estatela-se no chão, agonizando, enquanto o Doutor, acomodado novamente em sua cadeira, acende o isqueiro e aquece uma colher com cocaína. Afina o pó com uma lâmina sobre um pedaço de vidro e aspira lentamente as “carreiras” com um canudo de guaraná. Depois liga o telefone e põe novamente os pés sobre a mesa, aguardando.**

**DOUTOR** - Alô, Coronel?... Sim, é o Doutor. Vou precisar de um favorzinho seu...

(Blecaute)

## CENA 10

Surge a Mula sem Cabeça fazendo munganga<sup>3942</sup>. Saracoteia e dá pinotes, tentando impressionar. Vira-se para todos os lados como se esperasse estar sendo vista por alguém, no entanto sente que está sozinha. Então, desolada, canta e dança tristemente uma valsa de pastoril.

Uma Mula sem Cabeça  
só pode cantar assim:

Ai, de mim! Ai, de mim!

Já não trago em meus cabelos  
o cheiro do alecrim.

---

<sup>3942</sup> **Munganga** - Caretas, mímicas e trejeitos cômicos para impressionar outrem.

Ai, de mim! Ai, de mim!

Não posso mais na capela  
beijar o meu serafim.

Ai, de mim! Ai, de mim!

**Entram outros seres da floresta (currupira, boiúna<sup>4043</sup> etc), curumins e animais, como o sapo, a preguiça e o papa-vento<sup>4144</sup>, fazendo o coro e dançando em sua volta (os figurantes podem ser meninos de rua que queiram participar da peça). A Mula continua sua cantiga:**

Quando eu passo na floresta  
ninguém vê meu alfenim.

Ai, de mim! Ai, de mim!

Mesmo se desencantada  
por um belo curumim...

Ai, de mim! Ai, de mim!

Não posso apagar o fogo  
que sai de dentro de mim.

**A Mula sem Cabeça para o seu canto e o bailado soluçando, encolhida, sendo consolada pelos outros personagens, que a cercam e tentam fazê-la sorrir. De súbito, pressente alguma coisa no ar. A Mula começa a pinotear, rinchando, como se estivesse possuída pelo Demônio. Os seres da floresta fogem apavorados. Entram os integrantes do Esquadrão da Morte, com suas máscaras e fortemente armados.**

**MULA SEM CABEÇA** - Ôôôôpa! (tomando posição de defesa)

**EXTERMINADOR 1** - (abrindo os braços e detendo a tropa) Chiba<sup>4245</sup>, égua!

---

<sup>4043</sup> **Boiúna** - "Cobra preta" da Amazônia, que seria uma bela jovem encantada; mãe-d'água; cobra-grande.

<sup>4144</sup> **Papa-Vento** - O avô do camaleão.

<sup>4245</sup> **Chiba!** - Expressão usada para intimidar, exotar ou acalmar éguas.

**MULA SEM CABEÇA** - (encarando o grupo, com raiva) Como se atrevem entrar aqui, sem mandado ou intimação? Estão invadindo o sonho alheio...! (estendendo a pata) Cadê o papel?

**EXTERMINADOR 1** - Porra nenhuma! Isso não é mais sonho, é pesadelo. (encostando o cano da escopeta em seu pescoço) Cadê os pivetes, cagueta, hein? Onde é que eles estão dormindo?

**MULA SEM CABEÇA** - (dissimulada) Dormindo? Eles devem estar é na folia. É Carnaval! Ninguém acha ninguém...!

**EXTERMINADOR 1** - Quer me ganhar no grito, né? (puxa o cassetete) Pois, tu vai logo pegar umas lapadas<sup>4346</sup>, que é pra não mentir!

**MULA SEM CABEÇA** - (correndo no meio da plateia) Sai da frente, que a mula é cega e o home é doido!

**O Esquadrão da Morte retoma a sua busca, em marcha, tendo à frente o Exterminador 1, com as suas conhecidas medalhas e comendas, seguido por um homem de paletó xadrez. O Coronel Hilário Felicidade é inconfundível, mesmo com a sua ridícula máscara de meia.**

## CENA 11

Os “pivetes” continuam dormindo debaixo dos seus papelões e sacos de aniagem, entre latas de lixo e velhos trastes, quando o Esquadrão da Morte chega, envolto numa nuvem de fumaça, acordando-os com pontapés e fustigando-lhes com as armas.

**CEL. FELICIDADE** - Levanta, bando de filho da puta! Acabou a mordomia... Agora vocês vão entrar no pau! (agarra Olhudo pelos braços, algemando-o por trás)

**OLHUDO** - (resistindo) Me solta, desgraçado!

**CEL. FELICIDADE** - (derrubando-o com uma coronhada) Respeita, ladrão fedorento!

**JOÃO PIABA** - (aproximando-se, ainda zozzo) Pera aí, tio, o sinhô tá equivocado! Nessa selva de bandido só quem perde é a gente...

**EXTERMINADOR 2** - (aplicando-lhe uma gravata) Te cala, caralho!

<sup>4346</sup> **Lapada** - Chibatada; ato de bater em outrem com qualquer objeto que sirva de açoite; lanhada.

JOÃO PIABA - (engasgado) Ai, tio...!

EXTERMINADOR 2 - Que tio, lá nada, porra! Eu não sou tio de defunto! (jogando-o no chão)

EXTERMINADOR 3 - (arrancando as roupas de Malandrecia) Vou te estrompar, sua puta escrota! (monta em cima dela) Abre o cu, coração!

MALANDRECA - (gritando) Corno! Sacana! Vai fuder tua mãe, filho da puta!

EXTERMINADOR 3 - (puxando-lhe os cabelos) Ah, ah, ah! Rebola égua!

VIRGULINO - (seguro pela camisa, reage contra o Coronel) O senhor sabia que está ferindo o nosso direito à liberdade, ao respeito e à dignidade, garantido pelo Art. 15 do Estatuto da Criança e do Adolescente?

CEL. FELICIDADE - (colocando o revólver em sua cabeça) Que direito, seu viado? Eu cago todo dia na Constituição, imagine no Estatuto! (dando uma ordem) Tragam o aparelho!

**Dois dos exterminadores trazem o “pau-de-arara”, onde Virgulino é amarrado de cabeça para baixo e passa por uma série de torturas.**

VIRGULINO - (gritando com dificuldade) Vocês vão pagar por isso, Coronel...!

CEL. FELICIDADE - Cala a boca, bem-te-vi! (fazendo-o desmaiar com um golpe) Eu tô te fazendo é um favor!...

**Os exterminadores afastam-se alguns passos para trás e, formando um círculo, apontam as armas para as crianças. Voltando-se para a plateia, o Coronel discursa.**

CEL. FELICIDADE - (em posição de sentido) Estamos aqui defendendo a integridade e a tradição da família brasileira, e, dando um exemplo de patriotismo, iremos fazer justiça, na tentativa de combater essa praga social. (repetindo as palavras do ex-presidente) “Ou salvam-se as crianças, ou perde-se o País”. (faz continência e dá meia volta, apontando também sua arma para os pivetes) Fogo!

**As crianças são fuziladas (luz vermelha). Os homens do Esquadrão retiram-se às pressas, depois de limparem os bolsos dos cadáveres e cuspirem sobre eles. O Coronel Felicidade contempla a sua obra, rindo.**

**CEL. FELICIDADE** - Não tem mais Ganzola, acabou. Pena que só eles vão virar notícia...  
Mas, estou feliz! (retira-se)

**(Blecaute, seguido de flashes de máquinas fotográficas sobre os corpos, e novamente blecaute)**

**(Luz)** Os rostos dos meninos, com os olhos cobertos por uma tarja preta, aparecem em quatro aberturas feitas no telão de jornais, no fundo do “palco”, como se fossem retratos numa página policial. Permanecem assim durante alguns segundos, ao som dos acordes de um violão, depois rasgam o telão e aproximam-se devagar, com os braços caídos, em direção à plateia. Na frente do “palco” cantam:

Esta nova oração  
é uma canção de vida  
pelo sangue da ferida  
no chão,  
que não cicatrizará  
nem tampouco deixará  
de abrir a rosa  
em nosso coração.

E diga “sim”  
a quem nos quer abraçar.  
Mas, se for pra enganar,  
diga “não”!

Eh, êia!  
Com as bandeiras na rua  
ninguém pode nos calar!

E quem nos ajudará,  
a não ser a própria gente,  
pois hoje não se consente  
esperar.  
Somente a rosa e o punhal,  
somente o punhal e a rosa  
poderão fazer  
a luz do sol brilhar.

E diga “sim”  
a quem nos quer acolher.  
Mas, se for pra nos prender,  
diga “não”!

Eh, êia!  
Ninguém vai ser torturado  
com vontade de lutar!

**(Blecaute – Fim)**



**O SÓTÃO (1997)**

IVAN SARNEY

# O SÓTÃO

1997

IVAN SARNEY

ATO ÚNICO

CENA ÚNICA

*(Um sótão de residência antiga: uma janela, livros velhos empilhados; dois grandes e velhos baús; móveis jogados pelo aposento: cadeiras, guarda-roupas; teias-de-aranhas; aspecto de abandono total. Grandes aranhas pretas coladas nas paredes, nas portas e dispersas pelo aposento; grandes baratas nas paredes, ao lado de imagens religiosas; ratos habitam o aposento. Um projetor de imagens, um notebook sobre uma escrivaninha).*

*(Régis, um estudante de Belas-Artes, está amarrado a uma cadeira, onde se encontra sentado; veste roupas surradas e descontraídas. Barah, um aparente doente mental, usa roupa de manicômio e está dentro de um dos baús).*

*(Abre-se o pano. Escuridão total).*

**RÉGIS-** *(gritando)* Socorro! Socorro! Tirem-me daqui! Tirem-me daqui!

**BARAH-** *(ouve-se apenas a voz)* Pare de gritar, seu idiota!

**RÉGIS-** *(medroso)* Quem é você? Quem é você?

**BARAH-** Não importa, agora! Não adianta saber!

**RÉGIS-** *(gritando)* Tire-me daqui! Tire-me daqui!

**BARAH-** *(raivoso)* Pare de gritar! Isso piora tudo!

**RÉGIS-** *(o mesmo)* Quem me amarrou aqui?

**BARAH-** *(o mesmo)* O diabo, ora essa!

**RÉGIS-** *(o mesmo)* Onde estou? Onde estou?

**BARAH-** *(o mesmo)* Você pergunta demais! *(irônico, imita)* Quem é você? Quem me amarrou aqui? Onde estou? *(conclui)* Parece uma menina medrosa!

**RÉGIS-** (*medroso*) A escuridão! A escuridão! Socorro! Socorro!

**BARAH-** Você está perdido!

**RÉGIS-** Eu estou preso!

**BARAH-** Está perdido! Perdido! Mil vezes perdido!

**RÉGIS-** (*gritando*) Eu quero sair daqui! Eu quero sair daqui! (*chora*) Eu quero sair daqui!

(*A luz do palco vai-se acendendo, lentamente, até mostrar o ambiente e os dois personagens. Barah se levantando do baú aberto. Pouca luz.*)

**RÉGIS-** (*medroso*) Quem é você? Quem é você?

**BARAH-** É o que sempre me pergunto! Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Você pode me responder?

**RÉGIS-** Claro que não! Não posso não. Não sei!

**BARAH-** Eu também não sei, e esse é um problema fundamental: fun-da-men-tal!

**RÉGIS-** Fundamental, por quê?

**BARAH-** Exatamente, porque eu não sei. Entendeu?

**RÉGIS-** Há quanto tempo estou aqui?

**BARAH-** (*raivoso*) Faça os cálculos! Faça os cálculos!

**RÉGIS-** Cálculos? Como posso fazer?

**BARAH-** Use a sua inteligência, meu caro. Use sempre ela ou estará perdido.

**RÉGIS-** Você tem ideia?

**BARAH-** Talvez um dia; um ano; cem anos! Que importa saber?

**RÉGIS-** Eu preciso saber!

**BARAH-** É difícil dizer, com certeza! Mas, acho que já faz muito tempo.

**RÉGIS-** Tem algum motivo justo?

**BARAH-** Creio que sim! Creio que sim! Sempre tem! Sempre tem! Motivos é o que não faltam!

**RÉGIS-** Qual motivo?

**BARAH-** A própria vida! O fato de viver! (*conclusivo*) Talvez seja esse o motivo! Pode ser um dos principais motivos. Esse pode ser, também, o motivo principal.

**RÉGIS-** (*indignado*) O fato de existir? Eu não me conformo!

**BARAH-** (*sarcástico*) Isso é muito bom! Não é desejável se conformar!

**RÉGIS-** (*gritando*) Eu quero sair daqui! Eu quero sair daqui!

**BARAH-** Não adianta gritar! Isso só agrava a situação e impede qualquer resposta!

**RÉGIS-** Você está aqui há quanto tempo?

**BARAH-** Há muito tempo, meu rapaz! Há muito mais tempo! Há centenas de anos, certamente!

**RÉGIS-** Como conseguiu sobreviver?

**BARAH-** Através da transformação!

**RÉGIS-** Você acha que eu posso conseguir, também?

**BARAH-** Depende de você, rapaz. Só depende de você!

**RÉGIS-** (*eufórico*) Acho que conseguirei. Sou jovem! Tenho sonhos, ideais, tenho revoltas e forças para vencer.

**BARAH-** Faça votos! Faça votos!

**RÉGIS-** É horrível está nesta situação!

**BARAH-** Coisas piores estão por acontecer!

**RÉGIS-** Eu não quero estar aqui quando acontecer!

**BARAH-** Esteja onde estiver, você será atingido, rapaz. Não se iluda!

**RÉGIS-** Há algum modo de impedir que aconteçam?

**BARAH-** Tenho impressão de que está sendo tentado, sem muita possibilidade de êxito. Mas, sempre há esperanças!

**RÉGIS-** Posso fazer alguma coisa?

**BARAH-** Para que não aconteçam?

**RÉGIS-** Sim! Quero ajudar para que não aconteçam!

**BARAH-** É tarefa de grandes, de lutadores, de imprescindíveis!

**RÉGIS-** Como?

**BARAH-** Exatamente, assim!

**RÉGIS-** Será minha, se eu tomar a decisão.

**BARAH-** A decisão não é sua, não lhe pertence.

**RÉGIS-** Eu quero sair daqui! Eu preciso sair! Eu quero estar livre, quando a luta começar!

**BARAH-** A luta já começou, meu rapaz!

**RÉGIS-** Preciso lutar, então!

**BARAH-** Precisa vencer, para não ser aniquilado!

**RÉGIS-** Não me esquecerei disso!

*(Barah interrompe-o)*

**BARAH-** Quietos! Quietos! *(aponta para o chão)* Uma aranha! Uma aranha!

**RÉGIS-** Mate-a! Mate-a, pelo amor de Deus!

**BARAH-** Por amor de quem?

**RÉGIS-** Por amor de Deus!

**BARAH-** *(enfurecido)* Por amor de mim! Diga seu idiota! Por amor de mim! Diga! Diga!  
*(a aranha se move).*

**RÉGIS-** *(medroso)* Por amor de mim! Por amor de mim! Mate-a! Mate-a!

**BARAH-** *(sarcástico, gargalha)* Ah, ah, ah, ah, ah, ah *(pausa e amedronta)* Veja as patas, o corpo de veludo, a nobreza do andar, o veneno, a morte. Não é fantástico?

**RÉGIS-** Mate-a! Mate-a, por favor!

**BARAH-** Não é fantástico?

**RÉGIS-** *(o mesmo)* Sim! É fantástico! É fantástico!

**BARAH-** *(filosófico)* Como tudo de belo ou feio, de bem ou mal, sempre conteve a morte! É, fantasticamente, maravilhoso! O instrumento da defesa: belo, inconsciente, nas presas, nas garras, no odor, na cor, no silêncio, nos outros animais. A terrível crueldade dos homens, conscientemente praticada, pelas costas, pela frente, incrivelmente destruidora. *(sentenciando)* Amanhã haverá morte! É preciso destruir o sonho, o sorriso do outro. *(pausa)* Nada acontece por acaso entre os homens. Todo acontecimento é planejado!

**RÉGIS-** Eu só gostaria...

**BARAH-** *(interrompe-o enfurecido)* Cale a boca, seu imbecil! Você não entende nada. Não vê que estou pensando? Você não compreende o atual momento que estamos vivendo?

**RÉGIS-** Que momento? Não estou em condições de entender!

**BARAH-** Este momento presente! Nossa realidade, dentro deste sótão, à mercê das

baratas, dos ratos, das aranhas e de toda essa velharia que é preciso destruir. Ou você não sabe que não estamos aqui por acaso?

**RÉGIS-** Não! Eu não sei nada do que você está falando. De repente, acordei e me vi aqui, preso a esta cadeira e neste lugar apavorante. E você, diabolicamente, me torturando, com o medo.

**BARAH-** Você acha que está aqui por acaso?

**RÉGIS-** Acho que estou aqui por erro, por engano de alguém.

**BARAH-** Qual é o seu nome? *(tira uma caderneta do bolso e um lápis para anotar)*

**RÉGIS-** Pode me chamar de Régis.

**BARAH-** *(anotando)* Profissão?

**RÉGIS-** Sou estudante de Belas-Artes.

**BARAH-** *(surpreso)* Estudante de quê?

**RÉGIS-** De Belas-Artes. Estudo a história e as técnicas da pintura, da escultura, do teatro, da dança, da literatura, do cinema. Mas, meu interesse maior é pela pintura e a escultura.

**BARAH-** Entendo isso! Como chegou aqui?

**Régis** - Não sei como vim parar aqui, em seu meio! Estava na faculdade, mas faltava qualquer coisa em mim! Estava angustiado, como agora, longe de lá! *(Barah apanha um caderno de notas, caneta, e começa anotar)*

**BARAH-** Tem mais alguma coisa a dizer?

**RÉGIS-** Sim, mas não sei se devo!

**BARAH-** Por quê?

**RÉGIS-** Não é fácil!

**BARAH-** Mas diga!

**RÉGIS-** O quê? Que não é fácil dizer?

**BARAH-** Talvez não seja só isso o que você tem a dizer!

**RÉGIS-** É melhor não falar, então!

**BARAH-** *(anotando)* Isso será usado contra você, no dia do juízo final!

**RÉGIS-** Como? Por quê?

**BARAH-** A juízo de quem julgar.

**RÉGIS-** Tenho esperança de que esse dia não chegue.

**BARAH-** Tudo o que teve um princípio terá um fim, e todo o verdor perecerá. Está escrito!

**RÉGIS-** O fato de estar escrito não significa tudo!

**BARAH-** Pode não significar tudo. Mas, significa muita coisa. Pode ter certeza disso!

**RÉGIS-** Por que você está anotando tudo, agora?

**BARAH-** Cada um deve realizar o que lhe compete! Você fala! Eu anoto! Não me cabe discutir, agora. Quando chegar o momento exato, eu discutirei o que me for permitido discutir. É muito importante não esquecer isso!

**RÉGIS-** (*raivoso*) Anote, então, que eu quero sair daqui. Diga a seus mandantes que eu não me conformo de estar nesta situação.

**BARAH-** Assim será transmitido, de boca em boca, de geração a geração, para que todos saibam que alguém não se conforma de estar nessa situação. (*pondo as mãos em torno da boca, brada alto*) Senhores, habitantes deste Mundo, escutai, escutai! Aqui está outro alguém que não se conforma em estar nessa situação!

**RÉGIS-** Você sabe me dizer quem me amarrou aqui?

**BARAH-** Não faço a menor ideia!

**RÉGIS-** Seja quem foi não tinha o direito de fazer isso comigo!

**BARAH-** Quase todos estão na mesma situação!

**RÉGIS-** Você está me enganando!

**BARAH-** Quem não está assim, está pior!

**RÉGIS-** Como, pior?

**BARAH-** Internado, perdendo o juízo, matando outros, se matando (*pausa*) é uma coisa muito triste.

**RÉGIS-** Eu não acredito! Eu não acredito! (*desesperado*) Eu quero sair daqui! Eu quero sair daqui!

**BARAH-** Tente! Tente! É isso mesmo! Um dia, na vida de alguém, há de acontecer o milagre dessa esperança, que não é só sua.

**RÉGIS-** Qual esperança?

**BARAH-** Sair dessa condição, dessa prisão que parece absurda.

**RÉGIS-** Tem que acontecer alguma coisa, que leve a essa libertação!

**BARAH-** Meu nome é Barah, e eu não sei quem sou! Mas, sei que me importo com as pessoas acomodadas, inertes, diante da vida opressora. É preciso pensar, debater, e resistir à tentação de ser um a mais; um ser bem comportado, em um ambiente dinâmico, de movimento inverso. É preciso ter força e saber usar sua força!

**RÉGIS-** Resistir à tentação de não lutar, de ficar acomodado, como se fosse um objeto: uma porta, uma cadeira, esse baú? Resistirei sempre! Não me intimidarei diante de meus opressores. Pode ter certeza disso!

**BARAH-** Muito bem! Então, resista! Resista sempre! Resista não ser qualquer coisa estática, sem função própria, sem capacidade de autodeterminação. Você entende?

**RÉGIS-** Sim! Devo ser contra tudo estabelecido.

**BARAH-** Não! Contra seu Eu estabelecido; contra você mesmo, começando de dentro, das coisas que entraram sem você perceber!

**RÉGIS-** É por isso que estou aqui?

**BARAH-** Sei lá! Talvez seja por isso! Talvez seja por causa do frio intenso que está fazendo nas ruas, e obriga todas as pessoas a se confinarem nos apartamentos, nas casas, nos albergues, nos bares, dentro de si mesmas!

**RÉGIS-** Até quando continuará esse frio? Você tem ideia? (*pausa*) Isso me apavora!

**BARAH-** Não sei! Não tenho a menor ideia! Talvez, eternamente, enquanto houver agasalho! Enquanto houver conforto, e a luta por conquistas materiais, haverá frio nas ruas. E o homem estará, cada vez mais, confinado em seus abrigos, morrendo de angústia, de tédio, de medo, de solidão e de morte provocada.

**RÉGIS-** Isso eu posso entender muito bem! O que eu não entendo é esta corda me envolvendo o corpo, e eu preso a esta cadeira, como um condenado.

**BARAH-** Eu, também, não compreendo como se pode viver assim!

**RÉGIS-** Faça alguma coisa por mim!

**BARAH-** Não adianta! Estamos na mesma situação!

**RÉGIS-** Na mesma situação?

**BARAH-** Sim! Na mesma situação; no mesmo ambiente; sob as mesmas circunstâncias e as mesmas normas!

**RÉGIS-** Mas você está solto, e pode sair quando quiser!

**BARAH-** É o que você pensa! Estou tão preso quanto você, rapaz! Estamos vivendo sob ameaças! Não podemos sair!

**RÉGIS-** Por que não podemos?

**BARAH-** Porque não adiantaria! (*pausa*) Para quê sair? Para enfrentar o frio? Para ser aniquilado? Para morrer de desgosto?

**RÉGIS-** Quer dizer, então, que somos presos, condenados a uma eterna prisão?

**BARAH-** Não! Não! Nada de eterna prisão! Aqui, estamos confinados!

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Porque aqui é mais seguro! Não adiantaria estar lá fora.

**RÉGIS-** Por que, não adiantaria?

**BARAH-** Para morrer de frio? Para sentir sua própria inutilidade?

**RÉGIS-** Não! Pelo prazer de estar livre, de rever as pessoas!

**BARAH-** As ruas estão desertas! As pessoas, também! Há um frio de gelo nas ruas e nas pessoas, também. De que adiantaria a liberdade?

**RÉGIS-** Mas, eu quero sair, nem que seja para morrer de frio, como você acha que as pessoas estão morrendo. Solte-me! O homem não nasceu para viver na prisão; nasceu para ser livre!

**BARAH-** Não posso!

**RÉGIS-** Por que, não? Eu quero sair!

**BARAH-** É contra a ordem estabelecida! Quando você for ser solto, quando tiver que sair, se for possível, não serei eu que irei soltá-lo. Você será libertado, automaticamente, como em um passe de mágica.

**RÉGIS-** Como, assim? Isso está parecendo engodo, seu.

**BARAH-** Fui eu que lhe amarrei, aqui? Você tem memória disso?

**RÉGIS-** Não sei quem me amarrou aqui. Mas, acho que não foi você.

**BARAH-** Pois, então! Assim será, quando for libertado, se resistir até lá.

**RÉGIS-** Quem me prendeu, então?

**BARAH-** Foi a ordem estabelecida. Você se prendeu! Você poderá se libertar. Acredite! Pode acreditar!

**RÉGIS-** (*raivoso*) Que ordem estabelecida, coisa nenhuma! (*grita*) Eu quero sair daqui! Eu quero sair daqui!

**BARAH-** (*calmo*) Gritar é pior! O melhor que você faz é ficar calado, para não chamar a

atenção das aranhas e dos ratos, que não podem ouvir reclamações.

**RÉGIS-** Eu não tenho medo! (*Barah interrompe-o*).

**BARAH-** Psiu! Psiu! Cale a boca! Cale a boca!

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Olhe, ali, para o chão! (*aponta mostrando*)

**RÉGIS-** (*espantado e medroso*) Uma aranha! Socorro! Socorro! Eu tenho medo! Eu tenho medo! Socorro! (*Barah segura a aranha, e a coloca sobre o colo de Régis*)

**RÉGIS-** (*gritando*) Pelo amor de Deus! Tire essa aranha de cima de mim! Você vai me matar! Socorro! Socorro! Vou morrer! Meu Deus!

**BARAH-** Você acha que a ordem estabelecida não tem importância?

**RÉGIS-** Não! Não! Mas, tire essa aranha daqui. Tire depressa!

**BARAH-** Eu quero ouvir mais a sua fala, sua voz! Diga que reconhece que a ordem vigente não pode ser desacatada.

**RÉGIS-** (*medroso*) Sim! Sim! É isso mesmo! É isso mesmo!

**BARAH-** Eu quero ouvir você dizer, entendeu? Repetir com sua própria boca.

**RÉGIS-** (*o mesmo*) Pelo amor de Deus! Pelo amor de Deus! A ordem vigente não pode ser desacatada! Estou de pleno acordo com isso!

**BARAH-** (*apanha aranha e a coloca no chão*) É assim que se fala, meu rapaz! É assim que se fala!

**RÉGIS-** Você me forçou! Eu tenho pavor desse bicho, que é venenoso!

**BARAH-** Você foi o culpado! Você se mostrou revoltado!

**RÉGIS-** Quando eu puder, me vingarei!

**BARAH-** Olhe de novo, para o chão!

**RÉGIS-** A aranha está vindo em minha direção (*grita*). Socorro! Socorro! Ela vem me atacar!

**BARAH-** Fique quieto! Não dê uma palavra! Faça silêncio e não será atacado.

**RÉGIS-** (*baixinho*) Que mais devo fazer?

**BARAH-** Para sair do apuro? Para salvar sua vida?

**RÉGIS-** É claro! Para isso mesmo! Diga depressa!

**BARAH-** Não lhe ensinaram, quando era criança?

**RÉGIS-** A rezar?

**BARAH-** Sim! Talvez dê certo!

**RÉGIS-** (*reza*) Pai nosso que estais no céu/ Santificado seja o Vosso nome/ Venha a nós o vosso reino... (*Barah interrompe-o*)

**BARAH-** Chega! Chega, seu covarde! Não vê que ela deu meia-volta?

**RÉGIS-** Foi minha reza, então?

**BARAH-** O que você acha? Foi sua reza ou foi você? (*pausa*) Ou foi a conveniência de não atacar, de esperar o momento oportuno para silenciar essa boca faladora?

**RÉGIS-** Acho que fui eu! Acho que foi o meu medo que a apavorou!

**BARAH-** Pode ter sido, sim! O medo, às vezes, motiva reações estranhas em quem o sente e em quem o provoca.

**RÉGIS-** Foi isso, sim! Sinto, em mim, que foi isso!

**BARAH-** Você começa a parecer gente!

**RÉGIS-** Por sentir medo?

**BARAH-** Não! Por perceber que o sente! Por poder refletir a respeito de determinados fatos.

**RÉGIS-** É mais importante agir! Você sabe disso!

**BARAH-** É mais importante quando se sabe o porquê!

**RÉGIS-** (*desolado*) É difícil pensar agora!

**BARAH-** Por que é difícil? Você está perdendo a oportunidade de pensar! Você está desperdiçando o momento, está complicando tudo!

**RÉGIS-** Desculpe! Desculpe! Tenho fome e estou confuso. Preciso comer alguma coisa!

**BARAH-** Por enquanto, isso é permitido!

**RÉGIS-** Por favor! Consiga alguma coisa que eu possa comer. Sinto-me muito fraco!

**BARAH-** (*apanhando um pedaço de pão, no outro baú*) Tome! (*coloca-o no chão*)

**RÉGIS-** Não posso pegá-lo. Não está a meu alcance!

**BARAH-** Esforce-se! É preciso se esforçar!

**RÉGIS-** (*tentando alcançar com os pés*) É difícil! Não consigo! Meus pés! Não consigo

movê-los! Ajude-me! Estou perdido!

**BARAH-** Use sua inteligência! Pense!

**RÉGIS-** De que adianta pensar? Estou preso!

**BARAH-** Instrua-me! Vamos! Instrua-me! Que devo fazer para lhe entregar a comida?

**RÉGIS-** Você sabe o que fazer!

**BARAH-** Faça a sua parte! Tome a iniciativa. Mande!

**RÉGIS-** (*espantado*) Venha até aqui e junte o pão (*Barah obedece-o*) Agora coloque aqui em minha boca. (*Barah continua obedecendo-o*)

**BARAH-** Pronto! Coma, rapaz! (*Régis começa a comer apressadamente*) Você acha mesmo que não adianta pensar?

**RÉGIS-** (*engolindo*) Não! Não! Não acho não! O pensamento é o mais sublime e poderoso recurso do homem!

**BARAH-** Como um fim?

**RÉGIS-** Como um meio! Como um meio de destruir, de criar, de produzir, de realizar!

**BARAH-** O homem é um animal que pensa ou que vive para pensar?

**RÉGIS-** (*resoluto*) Depende! Um filósofo, por exemplo, vive para pensar!

**BARAH-** Então, não vive!

**RÉGIS-** Por que não? Viver não é pensar?

**BARAH-** Pensar é viver, sim! Mas, sem plenitude! Viver é sentir, desfrutar, realizar, usufruir, fazer! Viver é poder destruir, também!

**RÉGIS-** Quer saber de uma coisa? Você me provoca, me amedronta e me angustia. O tempo todo, só tenta me confundir!

**BARAH-** Como?

**RÉGIS-** Com suas perguntas! Com suas ironias! Com suas deduções, e com esse seu cheiro de coisa mofada!

**BARAH-** Você não me compreende!

**RÉGIS-** Não quero compreender suas loucuras! Você quer se impor para mim, como uma necessidade incontestável. E eu acho que é preciso dialogar!

**BARAH-** (*raivoso*) Não aceito diálogos fora dos meus termos! Além do mais, eu estou lhe fazendo um favor! Não fosse eu, talvez você já estivesse morto, até mesmo de fome ou

desespero!

**RÉGIS-** Poderia ter sido, assim mesmo! Mas, talvez não! Talvez eu já estivesse solto, bem distante daqui!

**BARAH-** Com a ajuda de quem?

**RÉGIS-** De ninguém! De mim mesmo! De minha própria vontade e ação!

**BARAH-** De sua própria vontade e ação! Como?

**RÉGIS-** Talvez tivesse feito alguma coisa, e saído dessa dependência em que me encontro!

**BARAH-** Pois então faça! Faça, agora, sozinho! Vou voltar para o meu lugar não vou interferir mais!

**RÉGIS-** Vá para o inferno, com sua zanga e suas ideias!

**BARAH-** Você é um mal-agradecido, um covarde, medroso e arrogante. *(avança para ele)* Peça perdão, seu idiota! Peça perdão!

**RÉGIS-** *(medroso)* Mas, eu não quis lhe ofender! Eu só quis desabafar! Ainda não entendo porque estou aqui!

**BARAH-** Mas, não foi isso que entendi! *(insiste irritado)* Peça perdão! Peça perdão!

**RÉGIS-** Como queira, então! Perdão! Perdão!

**BARAH-** *(satisfeito)* Decido! Você está perdoado. Está perdoado. Porém, vamos ver se você é corajoso, mesmo!

**RÉGIS-** Não me torture mais!

*(Barah caminha e apaga a luz)*

**RÉGIS-** *(medroso)* A escuridão! A escuridão! Tenho medo! Por favor, acenda a luz! Acenda a luz! Estou cego. Estou cego!

**BARAH-** Quero ver sua arrogância, agora, seu ingrato, idiota! Reclame! Fale!

**RÉGIS-** Pelo amor de Deus! Não estou enxergando nada! Onde estou? Onde estou? *(soluça, chorando)* Acenda a luz! Acenda a luz!

**BARAH-** Fique sabendo de uma coisa: sua arrogância não vai adiantar nada aqui!

**RÉGIS-** *(o mesmo)* Por favor, acenda a luz! Ficarei como você achar conveniente!

**BARAH-** Ficar sem arrogância?

**RÉGIS-** Sim! Sim! Sem arrogância!

**BARAH-** Muito bem! Vou repetir: sua arrogância não vai adiantar nada aqui! Repita essa frase, bem alto!

**RÉGIS-** (*confuso*) Sua arrogância não vai adiantar nada aqui!

**BARAH-** (*irritado*) Sua arrogância, não, seu idiota! Diga: minha arrogância não vai adiantar nada aqui!

**RÉGIS-** (*o mesmo*) Desculpe! Desculpe! Minha arrogância não vai adiantar nada aqui.

**BARAH-** (*contentado*) Você acha que adiantaria?

**RÉGIS-** Acender a luz?

**BARAH-** Não! Sua arrogância, seu verme!

**RÉGIS-** Não! Não adiantaria nada! Eu já afirmei! Acenda a luz, pelo amor de Deus!

**BARAH-** Você precisa aprender a respeitar!

**RÉGIS-** Estou respeitando tudo, você sabe! Eu tenho medo! Acenda a luz!

**BARAH-** Você promete aprender a respeitar?

**RÉGIS-** Sim! Sim! Prometo! Prometo!

**BARAH-** Você vai permanecer assim?

**RÉGIS-** Vou sim! Juro que vou (*implora*). Por favor, acenda a luz! Tenho medo, desde criança. Esse era um castigo, lá em casa: ficar no quarto, escuro.

(*Barah movimenta objetos no escuro, trocando-os de posição*).

**BARAH-** Você está percebendo alguma coisa?

**RÉGIS-** Que tipo de coisa?

**BARAH-** Qualquer coisa!

**RÉGIS-** Não! Não estou percebendo nada! Não consigo perceber.

**BARAH-** Eu estou modificando coisas, em seu redor.

**BARAH-** Seus olhos estão abertos?

**RÉGIS-** Bem abertos! Bem abertos!

**BARAH-** E você não está percebendo nada?

**RÉGIS-** Nada! Nada! Pareço estar cego!

**BARAH-** Como é terrível viver na escuridão!

**RÉGIS-** Não dá para viver!

**BARAH-** Milhares de pessoas estão vivendo na escuridão!

**RÉGIS-** Pode ser verdade, isso. Mas, não estou entre elas! Se você acender a luz, eu poderei enxergar, novamente!

**BARAH-** Não estou falando desse tipo de escuridão, rapaz!

**RÉGIS-** De qual escuridão você está falando?

**BARAH-** Estou falando de escuridão do conhecimento, de saber. Esse é o pior e mais grave tipo de escuridão!

**RÉGIS-** Acho que estou entre os que não veem, então!

**BARAH-** Todos, de algum modo, estamos entre os que não veem, meu rapaz! Cegueira, temporária, às vezes. Cegueira, casual, formal, que pode ser resolvida, sanada, com o tempo, com uma decisão de nossa vontade, de nossos objetivos.

**RÉGIS-** Perdão! Perdão! Perdão!

**BARAH-** Basta! Desta vez, você está perdoado!

**RÉGIS-** Para sempre?

**BARAH-** Por agora! Falei: desta vez!

**RÉGIS-** (*ameaçando*) Eu vou sair daqui! Você vai ver! Quando eu sair daqui tudo vai se modificar a meu redor, ao meu modo!

**BARAH-** Como, a seu modo?

**RÉGIS-** Ao meu modo, ora bolas! Como eu quero! Toda pessoa não tem o seu modo, o seu jeito de ver e entender as coisas?

**BARAH-** Quando podem ter!

**RÉGIS-** Pois então, farei se eu puder ter! Eu tenho minhas maneiras e vou transformar esse espaço, do jeito que eu entender!

**BARAH-** Faça votos que esse dia chegue logo, e você modifique tudo! Eu também não estou satisfeito!

**RÉGIS-** Então! Você vai me ajudar?

**BARAH-** Depende!

**RÉGIS-** De quê?

**BARAH-** Do que você pretende fazer, é claro!

**RÉGIS-** (*ansioso*) Você acha que há coisas que não se pode fazer?

**BARAH-** Não! Acho que há coisas que não se deve fazer! Há muita diferença nisso!

**RÉGIS-** Nisso, o quê?

**BARAH-** Entre o que não se pode e o que não se deve fazer! Não está claro?

**RÉGIS-** Por exemplo!

**BARAH-** Nada contra a ordem estabelecida!

**RÉGIS-** Desse modo, como vamos sair daqui? Eu estou preso, amarrado! E você aí, sem fazer nada e sem querer fazer nadinha! Preso, em outra espécie de prisão, sem corda.

**BARAH-** É preciso esperar!

**RÉGIS-** Não concordo! É preciso agir, reagir!

**BARAH-** (*subitamente*) Espere um momento! Espere um momento! (*corre até o baú, onde dormia, e volta tocando uma flauta de Pan, com notas soltas. Toca e dança pelo palco e depois, fala como se declamasse*):

- É preciso esperar, sem morrer, a praga do frio passar, pelo corpo frágil que carregamos. Que sol brilhará amanhã? Que luz iluminará a mais profunda solidão, a mais profunda miséria? Eu não quero estar vivo, para a desolação que virá! Os homens estarão na floresta e, de novo, inventarão a música, como um Pan, renascido! Eu serei flor e viverei um só dia, sem consciência de nada; nem mesmo do aroma, que ficará nos pés esmagadores! (*cala e recomeça a tocar, agora, uma melodia dolente*)

**RÉGIS-** (*quando Barah silencia, finalmente, a flauta*) Às vezes, eu também sinto, como você: essa solidão, esse receio, e faço indagações, como as suas, sobre o destino do homem, como espécie animal.

**BARAH-** (*abatido*) Há uma crise muito grande dentro do homem!

**RÉGIS-** Você também está angustiado?

**BARAH-** (*o mesmo*) Quem não está, meu rapaz? Quem não está?

**RÉGIS-** (*irônico*) Ainda há pouco, você demonstrava um espírito imbatível e pregava lições filosóficas. Agora, você me decepiona com esse jeito de vencido, derrotado.

**BARAH-** Um dia, você vai compreender melhor!

**RÉGIS-** Compreender melhor o quê?

**BARAH-** Esses estados de espírito, que nos permitem viver!

**RÉGIS-** Compreendo, sim. Compreendo que, às vezes, é preciso fugir, ter medo, porque tudo isso nos fortalece.

*(Barah, apressado, caminha até o outro baú de onde saiu e volta trazendo uma Bíblia na mão)*

**BARAH-** Espere um pouco! Deixe-me encontrar! *(folheia-a enquanto caminha)* Está aqui! *(para)* Escute! *(lê o texto do Eclesiastes, em voz alta, e professoral):*

- Para tudo há um tempo na Terra, e para todo propósito há um tempo determinado por Deus! Há tempo de amar e tempo de odiar! Tempo de rir e tempo de chorar! Tempo de semear e tempo de colher o que se plantou! Tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar! Tempo de juntar pedras, e tempo de espalhar pedras! Tempo de falar e tempo de calar! *(para e permanece como se meditando, o que acabou de ler)*

**RÉGIS-** Há muito ensinamento nesse texto!

**BARAH-** Há muito ensinamento, sim! Mas, há um que é o maior de todos, para mim!

**RÉGIS-** Talvez seja o mesmo que eu aprendi, agora!

**BARAH-** Qual ensinamento?

**RÉGIS-** O tempo é o senhor de todas as coisas! É ele quem determina as mudanças nas coisas, o confronto do ser e não ser, de ter e perder, do ser e do ter.

**BARAH-** *(batendo palmas)* Muito bem, meu rapaz! Você está progredindo!

**RÉGIS-** *(agradecido)* Sinto isso dentro de mim, no meu espírito!

**BARAH-** O espírito deve ser cultivado, como a flor! É a única coisa que há, realmente, grande no homem!

**RÉGIS-** Creio que você tem razão!

**BARAH-** *(lamentando)* Mas já não há tempo!

**RÉGIS-** Para quê?

**BARAH-** Para esse tipo de ocupação! Esse é um trabalho demorado, cansativo. Ninguém mais se interessa por coisas que não sejam materiais!

**RÉGIS-** Você tem certeza?

**BARAH-** *(raivoso)* Absoluta! Absoluta! Absoluta! Tenho observado! Além disso, tenho informações!

**RÉGIS-** A miséria impõe condições, tolhe alternativas! Talvez seja isso!

**BARAH-** Isso o quê?

**RÉGIS-** O espírito não resiste a fome na carne! A carne é frágil: precisa de comida, para sustentar o corpo. O corpo precisa de vida para ser habitado pelo espírito!

**BARAH-** É o preço de muita gente viver!

**RÉGIS-** É o preço do ser humano viver!

**BARAH-** Talvez seja assim! Talvez seja!

**RÉGIS-** Falando nisso, como vão as coisas lá fora?

**BARAH-** Continuam as mesmas!

**RÉGIS-** Você tem certeza?

**BARAH-** Absoluta! Tenho observado! Além disso, tenho informações!

**RÉGIS-** Talvez não seja certeza!

**BARAH-** (*raivoso*) Absoluta! Absoluta! Absoluta!

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** (*enfurecido*) Eu sou o tempo! Não passarei, jamais! Por mim, passarão todas as coisas, todas as pessoas! Por mim, todas as pessoas! Por mim, a vida de tudo e de todos vai passar!

**RÉGIS-** (*amedrontado*) Eu concordo com você! A miséria impõe condições, tolhe alternativas! Talvez seja isso!

**BARAH-** (*desolado*) Sei lá! Não tenho notícias! Até quero saber!

**RÉGIS-** Será que o frio passou?

**BARAH-** As últimas notícias são todas negativas!

**RÉGIS-** (*dando conta de sua realidade*) Poxa! Como estão doendo meus pulsos e minhas costelas! Quando será que vou sair daqui heim?

**BARAH-** Preciso lhe ensinar uma coisa!

**RÉGIS-** Ensine, por favor!

**BARAH-** Enquanto resistir à ideia de ficar desse jeito, você não conseguirá sair! Depois, tudo vai ser mais fácil! É uma questão de mudança de atitude! Entendeu?

**RÉGIS-** Mudança de atitude, em relação a quê?

**BARAH-** Em relação às coisas e a você mesmo! Não há outra maneira!

**RÉGIS-** Quero tentar, mas não sei como!

**BARAH-** É simples! Tudo o que você precisa fazer é sentir-se feliz e não reclamar nada!

**RÉGIS-** Você acha correto esse comportamento?

**BARAH-** Qual comportamento?

**RÉGIS-** Esse aí que você falou. Essa estória de achar errado, não reclamar nada e esperar sentir-se feliz!

**BARAH-** Depende! Quando você muda, em relação às pessoas ou, mesmo, a coisas, as pessoas e as coisas mudam, em relação a você. É a lei de causas e efeitos.

**RÉGIS-** É preciso estar, sempre, maleável.

**BARAH-** Depende, disso! Depende, daquilo! Sempre, depende!

**RÉGIS-** (*insiste*) Depende de quê?

**BARAH-** De seus objetivos, meu jovem!

**RÉGIS-** Como assim?

**BARAH-** É uma questão de eleger prioridades! Quando você, realmente, quer determinada coisa, invariavelmente, tem que abrir mão de outras, ainda que seja por um tempo determinado.

**RÉGIS-** Mas, há coisas fundamentais que você não pode abrir mão!

**BARAH-** Quais?

**RÉGIS-** A liberdade, por exemplo!

**BARAH-** Como eu disse, é uma questão de eleger prioridades! Tudo o que você quer, exige alguma coisa em troca! O ruim é quando você não está em situação de querer. Há pessoas morrendo pelos ideais de outras. Mas, a vida é o que há de mais fundamental no homem!

**RÉGIS-** (*ansioso*) Liberdade! (*pausa*) Se você pudesse compreender!

**BARAH-** Compreender o quê?

**RÉGIS-** Eu tenho muitas coisas a realizar! Sinto, e preciso transmitir todas essas coisas. Preciso fazer! Você entende?

**BARAH-** Estou começando a entender! Mas, então, comece a fazer agora, porque logo será tarde demais!

**RÉGIS-** (*olhando para seu corpo*) É impossível, nesta situação!

**BARAH-** Aproveite a situação!

**RÉGIS-** Como?

**BARAH-** Da melhor forma possível, ora bolas!

**RÉGIS-** Você está me gozando!

**BARAH-** Não! Não estou! Estou tentando colaborar!

**RÉGIS-** Então me desamarre! Eu preciso sair daqui!

**BARAH-** Espere! Espere! Há de chegar o momento!

**RÉGIS-** (*desesperando-se*) Eu preciso sair daqui! Eu preciso sair daqui!

**BARAH-** Calma, meu rapaz! É preciso lutar contra isso!

**RÉGIS-** Lutar, como?

**BARAH-** Como puder!

**RÉGIS-** Você é um malvado!

**BARAH-** (*raivoso*) Olhe para cima! (*Régis obedece*) Você consegue ver alguma coisa lhe ameaçando?

**RÉGIS-** Não! Não consigo!

**BARAH-** Olhe para os lados, então! (*o mesmo*) Você consegue ver alguma coisa lhe cercando?

**RÉGIS-** Também não! Não consigo!

**BARAH-** Pois essas coisas existem a seu redor e, enquanto você não as perceber não poderá livrar-se delas! Você precisa entender isso!

**RÉGIS-** É muito difícil perceber, lutar contra adversários invisíveis!

**BARAH-** Lutar não é tão difícil, assim! O difícil é perceber, ter compreensão para agir, para lutar, enfim.

**RÉGIS-** Como devo fazer, então, para vencer esses adversários que não se mostram? Adversários que nos ameaçam?

**BARAH-** Use os seus sentidos, meu rapaz. Use os seus sentidos!

**RÉGIS-** Que tipos de coisas podem representar ameaças?

**BARAH-** Todo tipo de coisas!

**RÉGIS-** Seria melhor se você dissesse!

**BARAH-** Posso lhe garantir que não é nada de outro mundo! É deste mundo mesmo!

**RÉGIS-** Mas, sem ter conhecimento, como posso me livrar delas!

**BARAH-** É, meu amigo! Não é fácil viver na ignorância!

**RÉGIS-** O que você quer dizer com isso?

**BARAH-** Que não gostaria de estar no seu lugar!

**RÉGIS-** (*desolado*) Você pode tocar mais um pouco?

**BARAH-** Talvez possa!

**RÉGIS-** Então toque, por favor! Umas notas suaves. Assim, eu esqueço que estou aqui!

**BARAH-** (*raivoso*) Cale a boca, seu idiota! Você sempre estragando tudo! Você não percebeu que tínhamos condições?

**RÉGIS-** De quê?

**BARAH-** (*o mesmo*) De chegar a uma conclusão, seu estúpido! Não adianta pensar sem chegar a conclusões. E você interrompeu o melhor momento!

**RÉGIS-** Desculpe! Desculpe! Eu não tinha atentado para isso!

**BARAH-** Agora, é preciso esperar! Esperar, que um novo momento aconteça!

**RÉGIS-** Eu não aguento mais esperar! As cordas estão me fazendo mal, eu creio!

**BARAH-** Talvez não sejam as cordas, rapaz!

**RÉGIS-** Tenho certeza que são elas! São elas que determinam esta prisão!

**BARAH-** Apesar da aparência, não creio que sejam elas!

**RÉGIS-** São elas, sim!

**BARAH-** Não são elas que determinam essa prisão, como você afirmou há pouco! Elas até podem representar o simbolismo dessa prisão. Mas, com certeza, não a determinam!

**RÉGIS-** No final, significa a mesma coisa! Determinar ou simbolizar é o mesmo. Estou preso, e é isso que importa, não é um ou o outro verbo.

**BARAH-** Você está confundindo tudo, rapaz! Quem determina é a ordem estabelecida. É ela que estabelece sua prisão! (*conclusivo*) Determina a nossa prisão: a sua e a minha! As cordas são apenas o meio, o veículo, o símbolo dessa prisão!

**RÉGIS-** Se não é a mesma coisa, é pior!

**BARAH-** O pior não é isso!

**RÉGIS-** *(se antecipando)* Talvez seja o medo! Eu sei é que estou com medo!

**BARAH-** Do pior?

**RÉGIS-** Do que possa acontecer!

**BARAH-** O pior é o medo! Você pragueja contra as cordas. Elas podem ser suas amigas, não reconhecidas! Sem elas em seus punhos, lhe mantendo aqui, talvez você já estivesse morto! É, simplesmente, uma questão de ver e sentir as coisas. Nem tudo o que, aparentemente, é malvisto por nós, representa um mal, em si mesmo. Os momentos da mais intensa angústia, do mais grave revés, pode ser o grande momento de nossa ressurreição, de nosso crescimento pessoal! Pense nisso, meu rapaz! Pense nisso! A vida vai dando lições aos poucos, a todos nós, em suas aparentes contradições.

**RÉGIS-** Você pode estar com a razão! Vou pensar o melhor, por agora!

**BARAH-** *(repete)* Pense nisso, meu rapaz! Pense nisso!

*(As luzes se apagam, lentamente, até uma completa escuridão no palco. Ouvem-se, apenas, as vozes dos personagens)*

**RÉGIS-** Quando será que vai amanhecer? Quero ver o sol entrar por essa janela, esse telhado, e ver que tudo não passou de um pesadelo!

**BARAH-** Acho que você está melhorando, crescendo! *(bate palmas)*

**RÉGIS-** Você não respondeu a minha pergunta!

**BARAH-** Você não perguntou o porquê de minhas palmas!

**RÉGIS-** *(concordante)* Tudo bem! Por que você bateu palmas?

**BARAH-** Você não percebeu! Mas, estamos no escuro total e você não gritou de desespero, de medo da escuridão, como fez anteriormente! Não é maravilhoso?

**RÉGIS-** Você tem razão! Nem percebi que não me apavorei desta vez! Agradeço a você por festejar, e por ter-me incentivado a conviver com a escuridão.

**BARAH-** Mérito seu, meu rapaz! Mérito seu!

**RÉGIS-** Agora me responda, por favor!

**BARAH-** Quando será que vai amanhecer?

**RÉGIS-** Sim, quando será?

**BARAH-** Verdadeiramente, não sei! É possível que aconteça amanhã ou depois. Mas, talvez você não esteja vivo!

**RÉGIS-** Por quê? Você sabe de alguma coisa, algum acontecimento, sobre mim, sobre meu destino?

**BARAH-** Não sei de nada! Nada sei! É por isso que eu temo!

**RÉGIS-** Você teme por minha vida?

**BARAH-** Temo pela vida de nós dois, rapaz! Temo pela vida de muitos outros, como você! Temo pela vida de tantos, que nem sei onde estão, em quais prisões: físicas, psicológicas, emocionais, mentais, sociais, culturais. Pessoas que possam não ter como resistir, e superar esses momentos de seus abismos!

**RÉGIS-** Você, às vezes, parece uma pessoa boa!

**BARAH-** Às vezes? Obrigado! Obrigado! Já é alguma coisa, ser bom, às vezes.

**RÉGIS-** Sim! Talvez esteja, apenas, se fingindo de mau, cumprindo uma missão que lhe foi imposta!

*(A luz do palco vai se acendendo, lentamente, e volta à sua naturalidade)*

**BARAH-** (sem dar ouvidos) Mas, não se esqueça das aranhas. Elas estão aí! (aponta para onde Régis está) Estão aqui! (aponta para onde está) Não faça muito barulho e tudo correrá bem, como agora!

**RÉGIS-** (*medroso*) Você sabe que estou me comportando direito, não é mesmo?

**BARAH-** Certas horas! Certas horas! Mas, eu não dou testemunho disso. Negarei tudo, se for perguntado!

**RÉGIS-** Por medo?

**BARAH-** Por precaução! Não tenho nenhum interesse em livrar sua pele! Cada um por si! É a única maneira de não me envolver.

**RÉGIS-** Não se esqueça de que essa situação pode mudar!

**BARAH-** Estou preparado para tudo!

**RÉGIS-** Mas eu não estava preparado, quando me trouxeram para cá. Eu não tinha condições de sentir na pele.

**BARAH-** É sempre assim, meu rapaz! Você tem razão! Quando sentimos na pele, a coisa é outra!

**RÉGIS-** Eu não provoquei essa situação!

**BARAH-** Isso é o que você pensa!

**RÉGIS-** Sinto que é uma grande injustiça, o que estão fazendo comigo! O pior é que eu não posso reagir, e me defender!

**BARAH-** Você terá sua oportunidade, meu rapaz!

**RÉGIS-** De me defender?

**BARAH-** Não! Não! Oportunidade de se redimir!

**RÉGIS-** Redimir de quê?

**BARAH-** De seus atos, de suas omissões, de suas bravatas!

**RÉGIS-** Mas, eu não fiz nada!

**BARAH-** Então, vai poder fazer! Sempre, vamos poder fazer alguma coisa. Alguma coisa que não gostaríamos de fazer, que não deveríamos fazer. Coisa que temos que fazer! É assim que caminhamos na vida!

**RÉGIS-** (*revoltado*) Vou fazer sim! Vou matá-lo, esquartejá-lo e espalhar seus pedaços às aranhas e aos ratos famintos. Assim, estarei redimido!

**BARAH-** (*gargalha, ironicamente*) Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah! (pula e corre gargalhando pelo sótão) Imbecil! Imbecil! Vai matar-me? (*aproxima-se de Régis, fita-lhe os olhos e agarra-o pelo pescoço*) Vai matar-me, seu imbecil? Vai matar-me? Pois escute! Vou destruí-lo antes! Vou reduzi-lo a pó, para aprender a não falar demais! (*o solta*) Mas, não vou matá-lo com minhas mãos! Tenho outros meios de conseguir sua morte, sem me sujar, seu idiota! Vou deixá-lo aí, sozinho, com fome, sede, e entregue às aranhas e aos ratos, contra os quais você tem que se revoltar.

**RÉGIS-** (*chorando*) Não faça isso! Eu não sei o que disse! Estou sem condições de avaliar, de refletir sobre o que digo. Estou desesperado! Você é meu único amigo! (*Barah senta-se e permanece olhando fixo para o alto*) Não sei o que teria sido de mim, sem você! Você meu deu comida. Ensinou-me como livrar-me das aranhas. Reconheço que lhe devo a vida! (*cala-se e, por um momento, espera ouvir Barah*). Por favor, diga que você não está mais zangado comigo. Eu preciso de você e não tenho nenhuma intenção de lhe fazer mal!

(*Barah, levantando-se, dá alguns passos diante de Régis, que o olha apreensivo*)

**BARAH-** Eu não tenho nada a ver com seus problemas (*sentencia*). Que seja cada um por si! Desse modo, talvez consigamos sobreviver, quando as coisas piorarem!

**RÉGIS-** Não faça isso! Só unidos conseguiremos sobreviver!

**BARAH-** A união requer concordância, e eu não vejo isso em nós!

**RÉGIS-** Não consegue ver porque você quer, sempre, impor suas vontades, suas opiniões.

**BARAH-** Quem tem condições de impor, impõe!

**RÉGIS-** Mas, eu posso decidir cumprir ou não cumprir. Essa decisão de impor tem dois lados.

**BARAH-** Dois lados? Você tem certeza?

**RÉGIS-** Sim! Tenho certeza, sim! Eu posso não cumprir!

**BARAH-** Se não cumprir, eu lhe aniquilo! Essa será a sua punição.

**RÉGIS-** Aí está o problema! Você pode me aniquilar, agora, se quiser. Mas não o faz porque, no fundo, você tem medo. Você precisa de mim!

**BARAH-** Eu, medo? Medo de quê?

**RÉGIS-** De ficar sozinho, porque aí você não teria em quem mandar; não teria a quem amedrontar; a quem torturar; não teria com quem se divertir. É isso! Você tem medo!

**BARAH-** Tenho medo, sim, mas não é disso! Tenho certeza de que isso não aconteceria.

**RÉGIS-** O que é que você teme, então?

**BARAH-** Temo que outros Régis apareçam; que você se multiplique em dezenas, centenas e me sufoque!

**RÉGIS-** (*satisfeito*) Eu sabia que você tinha medo!

**BARAH-** Não é bem medo. É um receio! Há uma grande diferença!

**RÉGIS-** É outra forma de temor!

**BARAH-** Todos tememos alguma coisa, em algum momento, em alguma circunstância, em algum tempo! Faz parte da jornada da vida!

**RÉGIS-** Já que esse temor existe, por que não nos unimos, então?

**BARAH-** Não, não! Não me convém!

**RÉGIS-** Por que não lhe convém?

**BARAH-** É preciso haver discordância, para haver um equilíbrio de forças!

**RÉGIS-** Mas, eu não tenho condições de reagir! (*pausa*) Você precisa compreender. Eu saindo daqui, será tudo diferente. Posso ajudá-lo, também.

**BARAH-** Você, me ajudar? Como? É muita pretensão sua!

**RÉGIS-** Não sei, precisamente, como. Mas, eu sei pintar! Isso talvez modifique, muito, as

coisas.

**BARAH-** (*zombando*) Você acha que sua pintura pode modificar nossa realidade?

**RÉGIS-** Claro que pode! A força da arte é imensa! A arte atinge o coração, a alma das pessoas. Pode ter certeza disso!

**BARAH-** Eu acho sua convicção discutível. Dependendo daqueles para quem a arte é feita, é exposta, ela pode ou não, ser útil. Já vi muita arte, em minha vida, ser jogada no lixo. Este sótão, por exemplo, retrata bem o que quero dizer.

**RÉGIS-** Como? Posso saber?

**BARAH-** Quem, aqui, apreciaria sua arte e faria dela um instrumento de mudança? Eu? As aranhas? Os ratos?

**RÉGIS-** Sim. Por que não?

**BARAH-** Eu não, porque não estou precisando ser convencido de nada. Mas, por princípio, não devo agir e prefiro ignorar. As aranhas e os ratos também não, porque, entre eles, não há interesse. Logo, não há ressonância!

**RÉGIS-** Se você está convencido, por que não aceita, então?

**BARAH-** É muita ingenuidade sua! Aqui, dentro de minhas limitações físicas, eu tenho tudo, e creio não desejar mais nada. Tenho sossego, prazer, e acho que não devo arriscar a perder isso. Ficou mais claro, assim?

**RÉGIS-** Ficou mais claro, sim. Mas, não admito que seu egoísmo ponha em perigo a existência de outros!

**BARAH-** Não é egoísmo! É um estado de necessidade!

**RÉGIS-** Um estado deplorável, cidadão!

**BARAH-** Como queira! Mas, é um estado de fato, e você não pode contestar.

**RÉGIS-** Não posso contestar, por falta de meios. Mas, me recuso a admitir suas ideias.

**BARAH-** Aqui, há normas. Há uma ordem estabelecida e você não pode, simplesmente, dizer que se recusa. Isso aqui não é um jogo de amarelinhas, que lhe permite escolher onde pisar.

*(começa a pular, como se estivesse jogando amarelinhas, sobre um traçado imaginário. Em cada pulo, fala)*

- Proibido! Permitido! Proibido! Proibido! Proibido! Permitido! Proibido! Proibido! Proibido! (*grita*) Permitido!

*(recomeça a pular, enquanto fala)*

- A Amarelinha é um jogo maravilhoso! Ele nos permite aprender muita coisa sobre a vida. Nossa maneira de agir e fazer as coisas *(alterna pulos, enquanto fala)* aqui é o céu! Aqui é o inferno! É preciso escolher e saber pular! Aqui, para frente! Aqui, para poder se adiantar! Um passo à frente! Não há passos para trás! *(repete)* Não há passos para trás! Vence quem chega primeiro, tendo escolhido e executado o que escolheu, correta e seguramente.

*(para, de repente, e fala de forma professoral)*

- Tal como na Amarelinha, a vida não admite erros! É preciso saber onde pisar. Não é um jogo de sorte. É um jogo de inteligência! Você entendeu, meu rapaz?

**RÉGIS-** Aprendi a lição da Amarelinha. Mas, na vida, muitas vezes, é preciso dar um passo atrás, para seguir em frente e vencer.

**BARAH-** A vida é um jogo real, cotidiano, muito mais rico e estimulante que a Amarelinha. Ainda bem que você aprendeu essa lição!

**RÉGIS-** Aprendi, sim. Aprendi mais! Aprendi que as normas são feitas para garantirem o direito, não a força! Eu tenho meus direitos, como cidadão! Tenho direito à vida, à liberdade, a expressar meus pensamentos e, nem você, nem ninguém, pode negar isso. *(desesperado)* Ou me mate logo, de vez!

**BARAH-** Você é muito trágico, meu rapaz! Do jeito que você está, vai acabar se matando. Eu não quero ser responsabilizado por isso! Eu quero é que você se recupere; se adapte às nossas circunstâncias.

**RÉGIS-** *(cansado)* Desculpe! Desculpe! Estou com os nervos esgotados e não consigo controlar minhas reações, às vezes. Sinto que você não é má pessoa!

**BARAH-** *(exultante)* Eu não disse? Eu não disse? Sabia que você ia acabar compreendendo minhas atitudes.

**RÉGIS-** A gente acaba compreendendo, quando há necessidade! Esta é a verdade, meu senhor!

**BARAH-** A necessidade é que nos transforma, meu rapaz!

**RÉGIS-** Há momentos em que você não tem alternativa, e agarra aquilo que se impõe a você, como uma tábua de salvação. Não importa se essa tábua seja boa ou má. Você não está em condições de escolher! É pegar e sobreviver ou largar e se extinguir.

**BARAH-** Você disse bem! Fica faltando a condição de escolher. Física ou psicologicamente, é um momento de arraso para o homem.

**RÉGIS-** *(monologa, alto)* Você quer pensar? Pense, mas desde que seja em mim. Você quer

falar? Fale, mas desde que seja bem. Você quer andar? Ande, mas desde que não saia deste recinto. (*para Barah*) Você compreende isso muito bem, não é mesmo? É uma forma de aniquilar!

**BARAH-** Não posso compreender!

**RÉGIS-** Já, eu posso compreender, mas não posso agir. Sob esse aspecto, isso chega a ser um paradoxo.

**BARAH-** (*admirado*) Vejo que você progrediu muito, na maneira de reagir e, até mesmo, de conceber as coisas.

**RÉGIS-** Uma atitude positiva é sempre melhor, para suportar as desventuras.

**BARAH-** Você está suportando, apenas?

**RÉGIS-** Não sei, não! Talvez esteja me adaptando à sua realidade. Mas, isso seria contra meu gosto!

**BARAH-** Não se incomode! Deixe que as coisas aconteçam! Amanhã, tudo poderá transformar-se, como num passe de mágica, e nossa realidade será outra. Mas, não se esqueça de que poderá ser pior, também, e nós lamentaremos, então, o tempo de agora.

**RÉGIS-** Mas, está dentro de mim. Enquanto houver uma possibilidade, eu estarei me transformando; lutando contra mim; contra as coisas que possam me negar.

**BARAH-** Mas, há coisas mais poderosas do que você, muito mais sólidas!

**RÉGIS-** Há sim: a morte!

**BARAH-** (*irônico*) Essas cordas não são mais poderosas do que você?

**RÉGIS-** Não! Não poderão ser nunca!

**BARAH-** (*o mesmo*) Ah, muito bem! Então, saia! Venha até aqui! Vamos caminhar, um pouco.

**RÉGIS-** A força está no cérebro, você sabe disso! Daqui, onde estou amarrado, posso destruir, utilizando apenas o pensamento. Os grandes destroem assim.

**BARAH-** Assim, como?

**RÉGIS-** Mandando! Simplesmente, mandando!

**BARAH-** Foi preciso que eu provasse, para que você aprendesse isso?

**RÉGIS-** Talvez, sim! Eu estava desesperado, não tinha condições de pensar!

**BARAH-** Mas, tenha cuidado! Pensar, muito, pode ser perigoso! Já vi homens que

explodiram pensando. (*imita*) Assim, oh: Bummmm! E não sobrou nada deles! Outros, simplesmente, evaporaram, sumiram. (assobia) Fiiuuuuu.

**RÉGIS-** (*medroso*) Começo a compreender os perigos que estou correndo!

**BARAH-** É bom que você compreenda mesmo! A compreensão é fundamental, para o entendimento. Já lhe ensinei isso, meu rapaz!

**RÉGIS-** Você parece um rei, interpretando tudo, como se fosse um Luís XIV, que disse: “O estado sou eu”! Mas, eu sou um cidadão, em outro tempo. Eu posso interpretar as ordens, as leis.

**BARAH-** Você não interpreta nada. O estado interpreta a ordem estabelecida!

**RÉGIS-** (*irônico*) O estado? O estado? Você é sempre servil a esse estado a que se refere!

**BARAH-** Fiel! Fiel! Fiel ao estado de coisas que nos regem e rodeiam!

**RÉGIS-** Você foi enviado por esse seu estado, para me torturar?

**BARAH-** Nada de enviado! O estado sou eu. Exatamente, como você reconheceu (*gargalha*): “O estado sou eu”! “O estado sou eu”!

(*Barah busca e traz do baúum pequeno machado ou uma foice, uma máscara de meia, preta, e volta como um torturador, fazendo inquisições*)

**RÉGIS-** Eu não acredito nesse seu estado, nesse poder. Eu acredito no homem!

**BARAH-** (*raivoso*) Você disse que não acreditava no poder?

**RÉGIS-** Eu disse que acredito no homem!

**BARAH-** Homem e poder são forças antagônicas?

**RÉGIS-** Acredito que sim!

**BARAH-** O poder tem que ser abolido, então?

**RÉGIS-** O homem deve ser preservado e engrandecido!

**BARAH-** Homem e poder são forças inconciliáveis!

**RÉGIS-** Sim! Sim! Admito que sim!

**BARAH-** (*acusador*) Então você admite a destruição do poder!

**RÉGIS-** Sou contra a destruição de qualquer coisa!

**BARAH-** (*o mesmo*) Mas, está pregando a desordem!

**RÉGIS-** Não! Não! Eu apenas pertenço a um grupo...

**BARAH-** (*interrompendo*) Sim! Pertence sim! Pertence ao grupo daqueles que querem o caos. E a ordem social?

**RÉGIS-** A ordem está na consciência!

**BARAH-** A ordem fica no poder. Não é ele quem faz as leis?

**RÉGIS-** Não! São os homens! O poder faz o arbítrio!

**BARAH-** Você prega a sociedade sem estado?

**RÉGIS-** Prego a sociedade mais justa para todos!

**BARAH-** Sem a presença do estado?

**RÉGIS-** Talvez, com a presença do estado. Mas, outro estado!

**BARAH-** Só há um estado, rapaz: o estado que ordena e impõe!

**RÉGIS-** (*conclusivo*) Sem o estado, então!

**BARAH-** Utopia! Utopia! Acuso você de tentar subverter a ordem e os conceitos políticos vigentes!

**RÉGIS-** Não sou contra todos os conceitos!

**BARAH-** Mas, é contra o estado. Dá no mesmo!

**RÉGIS-** Contra o estado forte e arbitrário, que anula o homem.

**BARAH-** Isso não é professar contra o estado?

**RÉGIS-** Não! É professar a favor da justiça!

**BARAH-** Você está subvertendo os conceitos!

**RÉGIS-** Eu interpreto dessa forma, esse conflito!

**BARAH-** Já disse que você não interpreta nada, aqui! Você está sendo julgado. Melhor: está em julgamento! O estado interpreta!

**RÉGIS-** Mas eu sou cidadão! Serei um artista! Um artista da forma!

**BARAH-** Artista! Artista! (*gargalha*) Ah, ah, ah. Um artista! Os artistas estão, sempre, questionando, denunciando, criticando. Sem pressão muito incômodos. Saiba disso! Saiba disso!

**RÉGIS-** O estado não vê minhas necessidades!

**BARAH-** Necessidades de quê?

**RÉGIS-** Necessidade de falar, de escrever, de pregar, de viver com liberdade, indo e vindo

aonde eu quiser!

**BARAH-** Isso é necessidade de todos! Quem protege o seu direito?

**RÉGIS-** Deveria ser o estado, pela lei e pela ordem!

**BARAH-** Então! Será sempre assim! O estado existirá sempre! É ele que lhe garante! Você não acredita?

**RÉGIS-** É ele que me aniquila, também.

**BARAH-** Você não acredita? Responda!

**RÉGIS-** Sou forçado a acreditar! Isso também dá medo!

**BARAH-** Isso dá medo por quê?

**RÉGIS-** Porque pensar, também, dá medo! Dá medo resistir!

**BARAH-** Está claro que você subverte a ordem das ideias!

**RÉGIS-** Talvez subverta meus próprios pensamentos.

**BARAH-** O estado existirá sempre! Cai um poder, logo vem outro. Qualquer que seja a ideologia: marxismo, leninismo, socialismo, democracia. Haverá estado e poder, por uma necessidade do homem!

**RÉGIS-** Não sou contra o poder! Sou contra o arbítrio!

**BARAH-** O que você define por arbítrio?

**RÉGIS-** Eu estar aqui, por exemplo!

**BARAH-** Há uma lei que autoriza o estado a prendê-lo!

**RÉGIS-** Um instrumento de força!

**BARAH-** Na ordem estabelecida, existe uma lei e pronto!

**RÉGIS-** Existe uma lei! Mas, eu sou um cidadão!

**BARAH-** Por isso você está aqui! Confessa!

**RÉGIS-** Confesso que sim!

**BARAH-** Que subverteu conceitos políticos e agitou cidadãos. Você acaba de confessar!

**RÉGIS-** Não confessei isso!

**BARAH-** Confessou mais! Confessou ser contra a ordem estabelecida, e ser a favor da anarquia!

**RÉGIS-** Sou contra o arbítrio que impede a liberdade de viver!

**BARAH-** Você escreveu e propagou artigos sobre a liberdade!

**RÉGIS-** Pelo meu direito, pelo meu direito de pensar livremente.

*(Barah buscando seu caderno de anotações, de lado)*

**BARAH-** Acho que você já está ou será condenado, meu rapaz!

**RÉGIS-** Como o cordeiro pelo lobo, na fábula de Esopo!

**BARAH-** Pode ser! Pode ser! Não me cabe fazer considerações sobre isso. Qual é mesmo a moral da fábula?

**RÉGIS-** “Contra a força não há argumento”. Essa é a moral.

**BARAH-** Pode ser verdade, meu rapaz. Pode ser verdade! Mas, acho que você pode se livrar dessa, aparente, condenação, usando sua inteligência.

*(Barah vai abrandando sua forma de falar, como inquisidor, e voltando à sua condição natural, ambivalente)*

**RÉGIS-** Estou cansado! Mas, mesmo nas condições em que estou aqui, ainda tenho algumas satisfações.

**BARAH-** Também acho! Você está progredindo! Isso será relevante para sua libertação!

**RÉGIS-** Espero que você esteja certo!

**BARAH-** Pode ser, meu rapaz! Pode ser!

**RÉGIS-** Eu não sei se você já percebeu uma coisa?

**BARAH-** O quê?

**RÉGIS-** As aranhas e os ratos! Não vi mais nenhum deles por aqui. Talvez tenham decidido não mais nos incomodar, e acho que isso está contribuindo para minha desinibição.

**BARAH-** Mas, não se iluda, meu rapaz!

**RÉGIS-** Por que iria me iludir?

**BARAH-** Eles querem é que você fale, mesmo! E quando você menos esperar, eles lhe agarrarão pela palavra, e aí começará sua destruição.

**RÉGIS-** Você fala como se eu estivesse sendo julgado.

**BARAH-** Sempre estamos sendo julgados! Sempre, sempre! Tenha a certeza disso! Será, sempre, assim! Haverá alguém a nos julgar, o tempo inteiro, meu rapaz!

**RÉGIS-** Julgados, como criminosos?

**BARAH-** Nem sempre, como criminosos!

**RÉGIS-** Julgados como o quê, então?

**BARAH-** Julgados, sempre, como ignorantes que somos ante tudo o que não podemos compreender! Julgados como sabichões! Julgados como pernósticos, como prepotentes, como fracos, como fortes, como mentirosos. Enfim, o que não faltará, sempre, será um motivo para sermos julgados. Faz parte do jogo da vida!

**RÉGIS-** (*abatido*) Acho que você tem razão. Eu quero lhe confessar uma coisa!

**BARAH-** (*correndo ao seu baú*) Espere um momento! Espere um momento!

(*Apanha uma capa preta e veste-a. Retira um caderno de anotações e uma canetado outro baú e volta*)

**BARAH-** Pode falar, meu jovem! Pode falar! Fale como uma confissão de última vontade!

**RÉGIS-** (*medroso*) Você vai me executar?

**BARAH-** Ainda não! Ainda não! Talvez não! Não recebi nenhuma ordem para isso!

**RÉGIS-** (*aliviado*) Então baixe esse machado, por favor!

**BARAH-** Não posso! O machado permanecerá levantado, enquanto houver homens na sua condição! Pode ter certeza disso!

**RÉGIS-** Qual condição?

**BARAH-** Condição de risco, com certeza! Risco iminente! Risco permanente! Risco, risco, simplesmente, risco!

**RÉGIS-** Mas, eu não estou condenado! Só estou preso, ainda, sem saber o porquê!

**BARAH-** Ainda não! Ainda não! Mas isso depende muito de suas próximas palavras!

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Porque foi sempre assim! As palavras que você diz podem lhe mandar para o inferno.

**RÉGIS-** Tenho medo! O pior veneno é aquele que sai da boca do ser humano! No entanto, precisamos falar: expor nossas ideias!

**BARAH-** Isso mesmo! É preciso ter coragem de falar e agir, sem pensar na condenação.

**RÉGIS-** Ela virá, de qualquer maneira?

**BARAH-** Nunca se sabe! Os maiores, os mais fortes, já foram julgados por uma minoria,

e condenados por quase nada!

**RÉGIS-** (*desanimado*) É um jogo de sorte, então!

**BARAH-** Mais ou menos! Mais ou menos, dependendo das conveniências!

**RÉGIS-** É melhor não participar.

**BARAH-** É impossível não participar! É a vida que nos impõe essas regras.

**RÉGIS-** Estou receoso! Não sei o que fazer!

**BARAH-** (*ainda com o machado erguido*) Vamos, confesse! Confesse!

**RÉGIS-** Eu queria estar fora daqui, e aproveitar o tempo que me resta. Sinto-me angustiado e gostaria de apertar as mãos das pessoas; de construir, de plantar, e tornar tudo mais bonito sobre a Terra; de não permitir que ninguém ficasse preso a nada, que não lhe desse prazer.

**BARAH-** (*abaixando o machado*) Você está pensando, realmente, assim?

**RÉGIS-** Claro que estou! Há muito tempo, estou sentindo isso! Por favor, interfira por mim!

**BARAH-** Não! Não! Não posso interferir! Não estou autorizado a fazer isso! Portanto, seu pedido está indeferido.

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** É contra a ordem estabelecida! Você está pensando coisas que jamais irá fazer!

**RÉGIS-** (*desolado*) É uma pena! Estou com necessidade de fazer!

**BARAH-** Acho que vou deixar você sozinho.

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Falta de afinidades; absoluta falta de afinidades!

**RÉGIS-** Você não pode fazer isso comigo. Eu tenho necessidade de você.

**BARAH-** (*sarcástico*) Não se complique! Não se complique, meu rapaz! Necessidade de mim?

**RÉGIS-** Sim, necessidade de você! Você indo embora, com quem vou conversar? Quem me ajudará em minha libertação? Quem me dará conforto, nas horas de angústia? Eu não sei quanto tempo vou ficar aqui! Mas sei que vou precisar de você, o tempo todo.

**BARAH-** Você deve confiar mais em si próprio, e não se deixar depender tanto dos outros!

**RÉGIS-** Agora, mais do que nunca, isso é impossível! Sozinho, a morte é certa: de medo,

de fome, de solidão, de angústia. Morre-se, até, por inutilidade!

**BARAH-** De qualquer modo, a morte é certa!

**RÉGIS-** Sim! A morte é certa, como um processo natural do ciclo da vida, de toda pessoa!

**BARAH-** (*filosófico*) Sim. Morte por processo natural! Morte por processo acidental! Morte provocada em si mesma! Morte por encomenda de inimigo! Há muitas formas de se morrer! (*cala-se por um momento e retoma a fala*) Em todo caso, a morte é uma realidade que ninguém aceita.

**RÉGIS-** A razão humana não aceita aquilo que não tem explicação.

**BARAH-** Mas, a morte tem explicação, sob um certo aspecto!

**RÉGIS-** Tem sim! Sob o aspecto físico, tem!

**BARAH-** É transformação de matéria.

**RÉGIS-** Mas não faz sentido, no contexto da vida. Eu não sei se você entende!

**BARAH-** Talvez você tenha razão! (*conclusivo*) Aliás, nada faz sentido no contexto da vida!

**RÉGIS-** Não falei que nada faz sentido no contexto da vida! Falei que a morte não faz sentido. Há uma grande diferença!

**BARAH-** Pode ser que sim! Pode ser que sim! É uma questão de como você se coloca em relação à determinada coisa, que dá ou não dá sentido a essa mesma coisa.

**RÉGIS-** Você pode explicar sua reflexão?

**BARAH-** É muito simples, meu caro! Aquilo que me beneficia e eu posso compreender, tem sentido para mim. Aquilo que eu não compreendo e não me traz proveito, não faz sentido para mim. Foi sempre assim com o homem! (*professoral*) Não se esqueça disso! Não se esqueça disso!

**RÉGIS-** (*pensativo*) Faz algum sentido! Como você justifica isso?

**BARAH-** É a troca, a inversão de valores sociais, econômicos, em uma sociedade organizada para progredir, financeiramente.

**RÉGIS-** E está dando certo?

**BARAH-** Eu não sei responder, porque, no fundo, as pessoas estão insatisfeitas. O que há de mais sublime no ser humano está sendo prejudicado, que é o arbítrio que ele tem de querer, de criar, de poder ser, de poder encontrar-se, muito além dos valores materiais.

**RÉGIS-** Acho que você está exagerando, um pouco, a realidade do ser humano. A

insatisfação que você descreve talvez exista, em casos isolados.

**BARAH-** Não é não! Se você quiser olhar por aquela janela, certamente, comprovará o que estou falando. Coisas terríveis estão acontecendo lá fora!

**RÉGIS-** Gostaria de ver!

*(Barah abre a janela, vira a cadeira de Régis para a janela aberta. As luzes quase se apagam. Projeção de slides no fundo do cenário. Cenas de miséria, destruição, fome, ruínas, destroços de guerra. Multidões em protestos, violências, loucuras, o ser humano poderoso e destruído).*

**RÉGIS-** *(espantado)* Isso está realmente acontecendo? Quase não consigo acreditar no que estou vendo!

**BARAH-** Mas, você está vendo, meu jovem.

**RÉGIS-** Não quero acreditar!

**BARAH-** Isso é outro problema!

**RÉGIS-** Por favor! Vire-me de volta, para onde eu estava! *(Barah atende-o. As luzes vão-se acendendo)*

**BARAH-** É muito bom que você medite sobre o que viu.

**RÉGIS-** Você pode ver o caos, nas atitudes, nos comportamentos?

**BARAH-** Sim! Posso ver tudo o que você viu, e muito mais! Mas, creio que eles ainda podem pensar sobre o que está acontecendo! Se não estão satisfeitos, deveriam lutar e alterar esse estado de coisas.

**RÉGIS-** A acomodação sempre foi uma tendência social!

**BARAH-** Mas, não humana!

**RÉGIS-** Mas, o social anula o individual, anula o homem, e aí você tem esse quadro resultante.

**BARAH-** Você acha, então, que não há jeito para isso?

**RÉGIS-** Do modo que as coisas andam, não vejo como! As pessoas, como você falou, estão confinadas nos seus aposentos, esperando o frio passar. Desse modo, o frio não passará nunca, enquanto houver duas pessoas sobre a Terra.

**BARAH-** Estou gostando muito da sua maneira de pensar; do seu jeito de dizer as coisas *(pausa)*. Parece que você amadureceu um pouco. Deixe-me anotar essa conquista. *(vai até à escrivaninha, apanha seu caderno de anotações e escreve)*

**RÉGIS-** É possível que você esteja falando sério, sentindo minha verdade!

**BARAH-** (*irônico*) Estou sentindo a sua verdade! A sua verdade ou a sua mentira?

Régis - A minha verdade! Sabe de uma coisa? Estou me sentindo bem, agora, depois de tanta luta. Já não sinto as cordas nos meus braços. O corpo e o espírito estão leves, e eu me sinto transformado!

**BARAH-** Isso é muito bom! É muito bom! Se você percebeu essa transformação, eu começo a me interessar por você.

**RÉGIS-** Pode crer no que eu falei. É verdade que ainda pensamos diferentes, mas acho que podemos chegar a conclusões conciliatórias.

**BARAH-** Claro que podemos! O importante é que você pense que podemos; que você sinta a sensação de que somos adversários, mas podemos dialogar. A verdade é que, no fundo, já existem opiniões predeterminadas sobre todas as coisas. Mas, podemos dialogar, sim!

**RÉGIS-** Será mesmo, assim?

**BARAH-** Penso que sim! Quase sempre adotamos uma opinião, como se fosse nossa, e passamos a expressá-la, dessa forma. No entanto, essa pretensa opinião nossa já foi adotada por centenas de pessoas, antes de nós. Nós apenas a adotamos, como nossa!

**RÉGIS-** Eu quero ajudar, de algum modo! Desejo fazer algo, em proveito de nós dois.

**BARAH-** Mas, lembre-se de que o seu proveito, nem o meu, podem ou devem ir contra a ordem estabelecida.

**RÉGIS-** Talvez, com jeito, consigamos uma nova ordem que venha a satisfazer a todos.

**BARAH-** Nenhuma ordem satisfará a todos! Haverá, sempre, alguém insatisfeito, tentando provar a inutilidade daquela que estiver vigendo. Não se esqueça disso. Sou um homem experiente!

**RÉGIS-** Mas, nós tentaremos, não é mesmo?

**BARAH-** Impor uma nova ordem?

**RÉGIS-** Encontrar uma solução!

**BARAH-** Adaptar-se à realidade, talvez seja a melhor solução. Você não acha?

**RÉGIS-** Não tenho muita certeza disso!

**BARAH-** Não tenha certeza de nada, sob a pena de se arrepender!

**RÉGIS-** Você me amedronta com esse jeito de falar!

**BARAH-** Você é feito de medo! Qualquer coisa lhe apavora!

**RÉGIS-** Tudo isso é muito espantoso para mim.

**BARAH-** Deve ser para os outros também!

**RÉGIS-** A quem se refere? Quem são os outros?

**BARAH-** Todos os que estão em sua situação!

**RÉGIS-** Confinados?

**BARAH-** Sob a ordem estabelecida! Talvez, confinados! Talvez, protegidos! Talvez, alijados!

**RÉGIS-** Posso contar com você, então?

**BARAH-** Pode sim! Mas, não confie muito em mim!

**RÉGIS-** Como assim? Por quê?

**BARAH-** Na hora de acusar, eu lhe acusarei, lhe incriminarei de qualquer maneira!

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Porque esse é o meu dever, é o meu papel.

**RÉGIS-** Não sei o que fazer, então!

**BARAH-** Seja paciente! Seja paciente; tolerante, com quem é tolerante e paciente com você! É muito simples!

**RÉGIS-** Sabe de uma coisa?

**BARAH-** Já não sei de nada!

**RÉGIS-** No fundo, eu talvez goste de você!

**BARAH-** É possível! É possível! Mas, agora, vou me deitar um pouco (*levando as mãos à cabeça*). Estou cansado! Não estou me sentindo muito bem! Depois, voltaremos a conversar!

**RÉGIS-** (*preocupado*) O que é que você tem, amigo?

**BARAH-** A cabeça! Sinto dores terríveis e a vista escura. Mas, espero que passe logo!

**RÉGIS-** Solte-me! Posso ajudá-lo!

**BARAH-** (*inconformado*) Você não compreende, mesmo! (*caminha para o baú*) Logo estarei disposto!

**RÉGIS-** (*medroso*) Não vá morrer, pelo amor de Deus! Não vá morrer!

**BARAH-** (*entrando no baú*) Não se preocupe. Não morrerei, antes da hora.

**RÉGIS-** E se eu tiver medo?

**BARAH-** *(de dentro do baú)* Não quero ser perturbado! Vire-se sozinho! E tem mais uma coisa: não grite!

*(Foco de suave luz sobre o baú de Barah. Semiescuridão. A luz se apaga. Escuridão, no palco. Gritos, algazarra, zoada permanente, indicando mudança, transformação, ruídos intensos, breves acordes musicais. As luzes vão-se acendendo lentamente: luz suave. Quando as luzes se acendem, Régis está desamarrado, mas ainda sentado sobre a cadeira. Barah permanece no baú).*

**RÉGIS-** *(descobrimo que está solto)* As cordas! As cordas! Elas sumiram. Estou solto. Estou solto! *(corre para o baú onde Barah dorme)* Barah! Barah, acorde! Estou solto! Estou solto! Venha ver! Estou solto! *(corre pelo sótão, sentindo a sensação de estar livre)*

**BARAH-** *(sonolento, levantando do baú)* Precisa fazer esse barulho todo, e perturbar meu sono?

**RÉGIS-** Desculpe! Desculpe! Você não vê que estou solto? Posso andar, correr, fugir se quiser. Não dependo mais de você! *(grita)* Estou livre! Livre! Livre!

**BARAH-** *(quase indiferente)* Você não pressentiu?

**RÉGIS-** O quê?

**BARAH-** Que seria solto, a qualquer momento?

**RÉGIS-** Não! Não! Só pressenti coisas ruins!

**BARAH-** *(saindo do baú)* Para mim, não foi surpresa. Eu já sabia que você ia ser solto! Senti, quando você percebeu que estava feliz, e não entendia o que se passava.

**RÉGIS-** *(sentando-se no chão)* Pois é, meu caro Barah! É muito bom sentir essa sensação de estar livre, para o que bem entender.

**BARAH-** Você disse bem, meu caro: a sensação de estar livre!

**RÉGIS-** *(admirado)* Não é isso que é importante?

**BARAH-** Não! O importante, mesmo, é estar livre, meu rapaz!

**RÉGIS-** Mas, eu sei que estou livre!

**BARAH-** Por que você sabe?

**RÉGIS-** Porque sinto e sei! Posso andar, falar, me omitir, fazer o que quero. Sair daqui! Isso não é estar livre?

**BARAH-** Não! Engano seu. Não é estar livre, não!

**RÉGIS-** Como? Não é estar livre? O que é isso, então? (*pula, corre, sorri, grita, para mostrar*)

**BARAH-** Isso é exatamente aquilo que você chamou de sensação de estar livre. A verdadeira liberdade vem daqui de dentro (*bate no peito*) e você só a alcança quando adquire uma clara compreensão das coisas: quando consegue se encontrar (*pausa*). Quando eu paro e aprecio o voo de uma ave, distante, e faço isso com o peito forte, e a mente aberta. Eu posso dizer que estou livre, nesse momento. Você entende? Liberdade é momento!

**RÉGIS-** Mas, o fato de eu estar solto pode ser visto, também, como estar livre!

**BARAH-** Não! Pode ser visto como estar em liberdade! E, entre ser livre e estar em liberdade, vai muita diferença.

**RÉGIS-** Não vejo distinção.

**BARAH-** Estar em liberdade é não estar preso por elos materiais. Ser livre é ter estudos, conhecimentos, ter o peito e a mente abertos; poder ter clara compreensão de todas as coisas.

**RÉGIS-** (*aceitando o argumento*) Você falou como um sábio!

**BARAH-** (*sarcástico, gargalha*) Ah, ah, ah, ah, ah, ah. Não me acredite, rapaz! Não me acredite! Não leve a sério tudo o que eu digo. Eu quero é me divertir, confundindo você. Estou satisfeito por você já estar solto (*anda, enquanto fala*). Um dia, estive na mesma situação em que você se encontrava, naquela cadeira, e tive que suportar o que você suportou.

**RÉGIS-** Há quanto tempo foi isso?

**BARAH-** Sei lá! O tempo é relativo, rapaz! Pode fazer muito tempo! Pode fazer pouco tempo, isso! Tanto faz! O que importa, agora, para mim, é saber, é lembrar que aconteceu.

**RÉGIS-** Por que acha importância somente em lembrar?

**BARAH-** Muito simples, rapaz! Porque lembrar que aconteceu nos permite lutar para que não aconteça novamente aquilo que não queremos reviver.

**RÉGIS-** Faz sentido isso!

**BARAH-** Você vai sentir na pele, que faz sentido!

**RÉGIS-** Que assim seja então!

**BARAH-** (*conclusivo*) Que assim seja!

**RÉGIS-** (*mostrando-se fraco*) Desculpe, amigo! Mas, tenho fome!

**BARAH-** Não é novidade. A fome está assolando todos, lá fora!

**RÉGIS-** E o frio?

**BARAH-** O frio também! Tanto quanto!

**RÉGIS-** Coitado deles!

**BARAH-** Coitado de todos nós! Você não vai fazer alguma coisa?

**RÉGIS-** Por nós?

**BARAH-** Por eles! Eles estão precisando mais que nós.

**RÉGIS-** Ainda não sei. Nem sei o que posso fazer!

**BARAH-** Você pode mudar muito o destino dessa gente.

**RÉGIS-** Como posso mudar o destino deles?

**BARAH-** Agindo, meu jovem, agindo!

Régis - E será que vale a pena?

**BARAH-** Depende do que vier a fazer. O tempo dirá!

**RÉGIS-** Tenho medo de me comprometer.

**BARAH-** O medo é que põe o homem a perder. Medo de fazer. Medo de não fazer. Medo de possuir. Medo de perder. Medo de ganhar. Medo de deixar de ganhar. Medo de ter medo. Medo de não ter medo. Medo de se assumir. Medo de ser quem, verdadeiramente, é.

**RÉGIS-** *(pensativo)* Você me arranja um pouco de comida? Estou sentindo fome.

**BARAH-** *(aponta para o outro baú)* Há comida naquele baú. Apanhe um pedaço de pão. Você já pode se locomover.

**RÉGIS-** *(vai ao baú, apanha um pedaço de pão e já volta mordendo-o).* Como é bom estar aqui, agora. Ter a sorte de possuir um amigo como você, sob o mesmo teto e na mesma situação.

**BARAH-** Você está esquecido de uma coisa.

**RÉGIS-** De quê estou esquecido?

**BARAH-** Você ainda tem ideias que são contra a ordem estabelecida.

**RÉGIS-** É possível! Eu não sei qual é a ordem estabelecida.

**BARAH-** Você irá sabendo aos poucos, nos momentos em que tentar opor-se a ela.

**RÉGIS-** Eu só quero é poder estar tranquilo e produzir minha arte. Trabalhar com

dificuldade é difícil. Só quem está acostumado sabe trabalhar com dificuldade. Eu não estou.

**BARAH-** Bom! Aqui, você pode ficar tranquilo. Ainda tem água, comida; tem onde dormir. E se não agir como não deve, nada lhe preocupará.

**RÉGIS-** Está bem! Está bem! Não criarei problemas. Não se preocupe.

**BARAH-** Tudo bem, então! Que assim seja!

**RÉGIS-** Que assim seja, amigo!

**BARAH-** (*curioso*) Você não disse que ia fazer e acontecer quando saísse daquela cadeira?

**RÉGIS-** Disse, sim. Mas, não sei se ainda penso daquele modo. Você entende?

**BARAH-** Estou querendo entender!

**RÉGIS-** Agora, minha situação mudou. Sou um aliado, não um adversário ou inimigo, e isso é importante. Preciso refletir, seriamente, sobre muita coisa que falei.

**BARAH-** Acho que este é o grande momento de você aproveitar a situação e se livrar dela, impondo sua capacidade e sua inteligência.

**RÉGIS-** Eu acho que seria ingratidão.

**BARAH-** Não acho, não! Acho que seria uma prova de que sua liberdade não foi um engano.

**RÉGIS-** Há outra coisa, ainda, que me impede de agir.

**BARAH-** Não vejo nada contribuindo para isso. Só depende de você.

**RÉGIS-** Não estou motivado. Não sinto a menor vontade. Simplesmente, isso.

**BARAH-** É uma negação de tudo o que você disse e queria fazer, até há bem pouco tempo.

**RÉGIS-** Acho que faz muito tempo isso! Hoje, a realidade é outra. Não quero me arriscar.

**BARAH-** Você não quer sair para enfrentar o frio?

**RÉGIS-** Para ter decepções?

**BARAH-** Que seja!

**RÉGIS-** Eu não quero! Prefiro ficar aqui! Quanto menor o contato, menor a possibilidade de contaminação.

**BARAH-** Mas, há pessoas dependendo de outras pessoas. Uma dessas pessoas, que representam a esperança, pode ser você.

**RÉGIS-** Já não estou em dificuldades. Cada um que se vire sozinho. Sabe de uma coisa? De repente, eu mudei. Comecei a me sentir bem, a me sentir melhor, a não praguejar contra as coisas. Eu sinto que estou bem. Entende? Isso é muito importante para mim.

**BARAH-** Você está correndo um risco muito grande.

**RÉGIS-** De quê?

**BARAH-** De ser responsabilizado por tudo que possa acontecer a essa gente.

**RÉGIS-** Eu não tenho nada a ver com isso!

**BARAH-** Claro que tem! Esse é um grande equívoco. Somos gregários, como seres humanos. Não nascemos, nem podemos viver sozinhos.

**RÉGIS-** Sou apenas um, um único homem!

**BARAH-** Pois é! Todos dependem de um e um depende de todos.

**RÉGIS-** Cada um que se cuide, isso sim!

**BARAH-** Tem muitas coisas esperando por você.

**RÉGIS-** Você não acha que estou muito bem, aqui?

**BARAH-** Você vai se aniquilar, desse jeito!

**RÉGIS-** Você está querendo me amedrontar. Acho que tudo está bem comigo.

**BARAH-** *(caminha e olha pela janela)* Dá uma grande tristeza olhar daqui de cima. Como tudo está desolado!

**RÉGIS-** *(indo até lá e olhando)* Deixe isso como está! Não olhe! Não se angustie!

**BARAH-** *(abre os braços e rodopia enquanto fala)* Tudo está desolado, meu jovem! Tudo está desolado! Tudo está de-so-la-do *(pausa)*. Venha cá! Venha cá!

**RÉGIS-** *(medroso)* Você está se sentindo bem?

**BARAH-** *(com raiva)* Venha cá, seu imbecil! *(ajoelha-se de quatro)* Venha cá! *(Régis obedece)*. Monte em cima de mim, vamos! *(Régis hesita)* Monte seu trouxa, monte! *(Régis monta e Barah percorre o aposento, levando-o às costas)*

**RÉGIS-** Você deve estar cansado, deixe-me descer!

**BARAH-** Aproveite, seu idiota! Aproveite de mim o máximo que puder, enquanto há tempo!

**RÉGIS-** *(incrédulo)* Por que devo me aproveitar de você?

**BARAH-** Por uma questão de sobrevivência!

**RÉGIS-** Estamos ameaçados?

**BARAH-** Muito mais do que você pensa!

**RÉGIS-** Até que ponto vai essa ameaça?

**BARAH-** Até o limite da escolha!

**RÉGIS-** Viver ou morrer?

**BARAH-** Sim! Viver ou morrer!

**RÉGIS-** Entre nós dois?

**BARAH-** Claro. Entre nós dois!

**RÉGIS-** Sendo eu ou você?

**BARAH-** Isso mesmo, sendo eu ou você. Assim será a escolha! Vai chegar o momento de decidir!

**RÉGIS-** O que podemos fazer, para impedir esse momento?

**BARAH-** Não há nada a fazer. Não podemos fazer nada! Está escrito isso!

**RÉGIS-** Se nada podemos fazer, eu quero aproveitar, então. Mas, não desse modo!

**BARAH-** Muito bem! E como pretende aproveitar, seu trouxa?

**RÉGIS-** Sei lá! Talvez fazendo alguma coisa de útil, por nós dois.

**BARAH-** Acho que você pode fazer muito por si mesmo, e quase nada por mim.

**RÉGIS-** Quando chegar o momento, eu quero estar com a consciência tranquila de haver lhe retribuído com alguma coisa. Você fez muito por mim!

**BARAH-** Fiz apenas o que tinha a fazer, o que era meu dever fazer!

**RÉGIS-** Estava preso, me sentindo inútil e você me ajudou!

**BARAH-** Isso não mudará sua consciência!

**RÉGIS-** Deve mudar, sim! Um gesto de gratidão!

**BARAH-** Você se sentirá sempre inútil, por mais que tenha realizado!

**RÉGIS-** Inútil, não! Insatisfeito, talvez sim! Eu admito!

**BARAH-** De um modo ou de outro, logo você será esquecido!

**RÉGIS-** Não importa! Talvez valha à pena! (*Barah para exausto*) Continue, vamos! Continue a caminhar! Já estou gostando dessa forma de aproveitamento.

**BARAH-** Um dia, você vai aprender a mandar! Isso é muito importante!

**RÉGIS-** Quem sabe, quando for preciso, eu talvez já tenha aprendido?

**BARAH-** (*parando*) Agora chega! Saia de cima de mim! Já estou cansado de servir de animal para você!

**RÉGIS-** (*surpreso*) Mas, foi você mesmo quem mandou!

**BARAH-** Sim! Mas, foi por algum tempo! Agora, eu não quero mais e você vai ter que sair! (*Régis levanta*) Que isso lhe sirva de lição!

**RÉGIS-** Qual lição?

**BARAH-** Você só atura aquilo que quer. O resto é acomodação!

**RÉGIS-** (*sentado no chão*) Sabe de uma coisa? Acho você um tipo estranho e, ao mesmo tempo, extraordinário!

**BARAH-** Em que sentido? Posso saber?

**RÉGIS-** Você me amedronta, me encoraja, me ajuda a pensar, me tortura, me incentiva, me humilha. Tudo em sentido antagônico.

**BARAH-** E isso é ser extraordinário?

**RÉGIS-** É sim! Eu tinha necessidade disso. Você foi e você é uma pessoa necessária, nesse sentido. Um ser composto por antagonismos.

**BARAH-** O antagonista, extraordinário! Vou anotar essa definição para a pessoa que sou!

**RÉGIS-** Não! O extraordinário, antagonista! Assim, fica mais adequado!

**BARAH-** Argumente! Argumente! Assim, poderá ser defender; exercer o seu próprio contraditório, quando sua hora chegar.

**RÉGIS-** Estarei preparado, pode ter certeza!

**BARAH-** Você ainda me acha necessário? Você ainda precisa de mim?

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Você já está liberto das cordas.

**RÉGIS-** Acho que você ainda pode me ajudar muito!

**BARAH-** Mas, não espere muito por isso. Você tem que pensar seus próprios pensamentos e tomar suas próprias atitudes.

**RÉGIS-** Espero poder fazer isso!

**BARAH-** Contanto que não fira nossos interesses!

**RÉGIS-** Nossos? Como nossos?

**BARAH-** Interesses das aranhas, dos ratos, os meus! Você não pode esquecer que não está livre, ainda! (*Régis levanta-se, caminha; apanha alguns livros jogados no chão e os observa pensativo*)

**RÉGIS-** Esses livros! Que fazem aqui jogados?

**BARAH-** Inúteis! Inúteis! Todos inúteis!

**RÉGIS-** Não compreendo! Ninguém se interessou por eles?

**BARAH-** Isso? Falta de interesse, simplesmente, isso! Falta de tempo, também! Faz parte da desolação!

**RÉGIS-** Creio que devemos fazer alguma coisa por isso.

**BARAH-** Pode ser sua salvação! Será muito bom tentar!

**RÉGIS-** Eu sempre acreditei nisso!

**BARAH-** É! Mas a falta de interesse torna tudo mais difícil. Não sei se haverá salvação.

**RÉGIS-** (*surpreso*) Para mim?

**BARAH-** Para todos! Inclusive, para mim!

**RÉGIS-** E o frio?

**BARAH-** Acho que tanto faz! Já não terá importância!

**RÉGIS-** Há alguma notícia?

**BARAH-** Sobre o frio?

**RÉGIS-** Sim, sim, sobre o frio! Que notícias há?

**BARAH-** As últimas notícias são todas negativas.

**RÉGIS-** Que pena! Mas haverá de passar um dia.

**BARAH-** As esperanças são bem poucas.

**RÉGIS-** O fato de existir esperanças, já significa alguma coisa.

**BARAH-** Significa, sim! Significa que as pessoas conhecem seus problemas, mas não ousam enfrentá-los.

**RÉGIS-** Acho que é uma questão de tomada de consciência de cada um, em relação às coisas.

**BARAH-** As pessoas estão se esquecendo de si mesmas.

**RÉGIS-** Por que você diz isso?

**BARAH-** Estou repetindo o que as notícias confirmam. A organização social à qual se entregaram; o trabalho, a ganância, as agressões ao meio ambiente. Tudo isso, junto, concorre para agravar a situação.

**RÉGIS-** Continuo achando que, se cada um fizesse algo por si, seria muito fácil resolver a questão.

**BARAH-** Você está enganado, meu rapaz! Essas atitudes individualistas não resolverão os problemas. Cada um tem que fazer por si, por outrem e pela comunidade. Esse sim me parece o raciocínio ideal!

**RÉGIS-** Talvez você tenha razão!

**BARAH-** A atitude individual é isolacionista e, portanto, prejudica a causa.

**RÉGIS-** Tem que ser um esforço muito grande, mesmo.

**BARAH-** Um esforço enorme! Por isso é necessário somar esforços. Do contrário, tudo continuará como se encontra ou pior.

**RÉGIS-** Você está com a razão, Barah. Você tem toda a razão!

**BARAH-** Foi com esforço que as famílias, sociedades, religiões, Estado, foram organizados.

**RÉGIS-** É verdade! Mas, é uma pena que tudo tenha sido feito, inutilmente.

**BARAH-** Não acho que foi inútil! É sempre inútil quando se despreza, quando se humilha, quando se esquece o homem! Não me parece que, sempre, foi assim!

**RÉGIS-** *(caminha para perto das imagens religiosas e tenta tocá-las)* Essas imagens! Eu sempre achei... *(Barah o interrompe)*

**BARAH-** Não toque nas imagens. Pare onde está! Não é permitido tocá-las.

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Não faça perguntas, rapaz! Apenas obedeça!

**RÉGIS-** Mas, eu gostaria... *(Barah o interrompe)*

**BARAH-** Não tente falar mais, coisa alguma, sobre isso. Olhe para o seu lado e veja.

**RÉGIS-** *(olhando medroso)* Uma aranha! Uma aranha! Socorro, Barah! Socorro! Ela vem em minha direção! Faça alguma coisa! Não estou conseguindo sair do lugar! Estou com medo, com pânico!

**BARAH-** Você tem que aprender a se safar sozinho.

**RÉGIS-** Eu não sei o que fazer. Que devo fazer?

**BARAH-** Faça o que for mais simples.

**RÉGIS-** Eu peço perdão?

**BARAH-** Eu acho que não é oportuno, pedir perdão!

**RÉGIS-** (*a aranha continua a mover-se*) Ela vem me pegar! Ajude-me! Pelo menos, só mais esta vez!

**BARAH-** Desista do que ia dizer sobre as imagens. Talvez dê certo! Tente!

**RÉGIS-** (*aflito*) Desisto! Desisto! Estou em paz comigo mesmo! Estou em paz com todos!

**BARAH-** Fique calmo. Não fale! Não ande! Não se mexa e esteja pronto a concordar.

**RÉGIS-** (*ainda aflito*) Já estou calmo! Estou dessa maneira!

**BARAH-** Ela parou! Está espreitando sua reação! Não olhe para o lado!

**RÉGIS-** Sim! Sim! Sou uma estátua!

**BARAH-** Você já entendeu que não pode tocar nas imagens?

**RÉGIS-** Já entendi, sim! Faz parte da ordem estabelecida?

**BARAH-** É bom não esquecer que sim.

**RÉGIS-** (*sem olhar para o local*) Ela já se foi?

**BARAH-** Está indo embora.

**RÉGIS-** Eu queria não estar sob ameaças, de espécie alguma.

**BARAH-** Mas, você não está sendo ameaçado.

**RÉGIS-** Estou sob pressão!

**BARAH-** Você está sob vigilância.

**RÉGIS-** É necessário permanecer assim?

**BARAH-** É necessário, sim. De outro modo, você se perderia.

**RÉGIS-** Como me perderia?

**BARAH-** Agindo! Contrariando interesses superiores.

**RÉGIS-** Mas, eu acho que essa não é a melhor forma de afirmarem os interesses superiores.

**BARAH-** É o poder! São os poderosos que escolhem a melhor forma.

**RÉGIS-** Para mim, certo ou errado, cada um deve fazer aquilo que quiser.

**BARAH-** (*raivoso*) Nunca! Nunca! Nunca! Seria um liberalismo inconsequente.

**RÉGIS-** Por que inconsequente?

**BARAH-** Já pensou bem? Cada um fazendo o que lhe desse na telha? Seria o caos, viver em sociedade.

**RÉGIS-** Você não acha que tirar esse privilégio das pessoas, as torna infelizes?

**BARAH-** A felicidade não consiste em se fazer o que se quer.

**RÉGIS-** Mas, compreende isso também.

**BARAH-** A ordem tem que se estabelecer, sobre as pessoas, de maneira coercitiva e constante.

**RÉGIS-** Você me amedronta, falando dessa maneira.

**BARAH-** Boca-de-forno? (*Régis fica calado*)

**BARAH-** Boca-de-forno? (*Régis permanece calado*) Responda seu idiota: forno

**RÉGIS-** (*amedrontado*) Forno.

**BARAH-** Tirando bolo? Diga: Bolo.

**RÉGIS-** Bolo.

**BARAH-** Onde eu mandar? Diga: Vou.

**RÉGIS-** Vou.

**BARAH-** Se não for? Diga: Apanho um bolo.

**RÉGIS-** Apanho um bolo.

**BARAH-** Ande para trás (*Régis obedece*). Meta-se ali, naquele baú (*aponta para o baú, onde dorme. Régis obedece*). Não faça barulho!

*(Barah demonstra uma alegria imensa, um prazer quase sádico, pelo que está se passando, e se move, o tempo todo, procurando melhor posição para comandar)*

**BARAH-** Aí dentro é bom?

**RÉGIS-** Não tenho do que me queixar!

**BARAH-** É bom que você aprenda.

**RÉGIS-** O quê?

**BARAH-** Que é melhor não se queixar.

**RÉGIS-** Mas, eu não estava me queixando.

**BARAH-** É melhor ficar calado, então! A língua é que faz o corpo explodir.

**RÉGIS-** Farei tudo o que você mandar.

**BARAH-** É assim que eu gosto. Feche os olhos!

**RÉGIS-** *(Dentro do baú)* Estou com medo!

**BARAH-** *(senta-se no chão, perto do baú)* Pense devagar e comece a falar frases que vierem à sua mente, relacionadas à sua infância.

**RÉGIS-** *(com medo)* Não! Não! Não me bata mais, minha mãe querida! *(soluça)* Juro! Eu juro! Não faço mais isso. Não me bata! Não me bata! O bicho papão é feio? A senhora disse que ele vem me pegar. Eu não quero ser levado. Tenho medo! Nunca mais vou olhar pela fechadura. Nunca mais! Eu não quero ficar de castigo. Quando a Senhora me deixa sozinho, eu tenho medo. Não faço mais! Não vou desobedecer a suas ordens! Eu vou me portar direitinho *(canta)*. Ave, Ave, Ave-Maria! Ave, Ave, Ave-Maria! Não, não! Eu não posso ir com você. Se meu pai souber, ele vai me castigar. Tenho medo! Muito medo! Você nunca me traz presentes. Não gosta de mim. O senhor me ajuda, meu pai?

**BARAH-** *(austero)* Pare! Pare! *(Régis para)* Abra os olhos, devagar!

**RÉGIS-** Já estão abertos.

**BARAH-** Levante-se daí! *(Régis obedece)* Você sofreu muito, meu rapaz! Começo a ter pena de você.

**RÉGIS-** *(chora)* Como sou infeliz! Eu sempre soube. Jamais consegui sentir felicidade.

**BARAH-** A maioria está como você, meu rapaz!

**RÉGIS-** Eu não queria que você percebesse.

**BARAH-** Todos escondem. Uns, por ignorância; outros, por medo.

**RÉGIS-** Sinto uma destruição muito grande, dentro de mim. Uma coisa angustiante, que chega a doer em meu peito.

**BARAH-** A pior destruição é essa!

**RÉGIS-** Você precisa me ajudar a me recompor!

**BARAH-** Você não já está em liberdade?

**RÉGIS-** Sim! Mas, estou me sentindo inútil. Você não percebe o meu problema?

**BARAH-** Talvez seja passageiro!

**RÉGIS-** Eu não creio!

**BARAH-** Acho que você deve fazer alguma coisa.

**RÉGIS-** Que tipo de coisa, por exemplo?

**BARAH-** Uma coisa simples, qualquer.

**RÉGIS-** Cantar?

**BARAH-** Talvez dê certo. Quem sabe?

**RÉGIS-** O que eu queria fazer mesmo era subir nessa janela e dizer algumas verdades.

**BARAH-** Para quem?

**RÉGIS-** Para essa gente que anda lá fora.

**BARAH-** Você acha que seria ouvido?

**RÉGIS-** Por que não?

**BARAH-** As pessoas estão interessadas nas verdades de si mesmas; não na verdade dos outros. Esse é um dos graves problemas dos tempos de agora, do frio que anda lá fora.

**RÉGIS-** Mas, nós temos verdades iguais. Eu sinto!

**BARAH-** Não há duas verdades iguais, meu rapaz!

**RÉGIS-** Pelo menos, na substância, há.

**BARAH-** Depende, sempre, de quem ouve, de quem vê. O ser humano é e será, sempre, assim. Outros já tentaram, sem sucesso!

**RÉGIS-** O que faltou, para o sucesso?

**BARAH-** Eco, meu rapaz! Faltou eco!

**RÉGIS-** Faltou eco?

**BARAH-** Sim! Faltou resposta! Faltou as pessoas se disporem a ouvir e reagir, de algum modo.

**RÉGIS-** Talvez eu conseguisse ser ouvido.

**BARAH-** Depende do tipo de coisas que você fosse lhes dizer.

**RÉGIS-** Nem eu mesmo sei o que lhes diria.

**BARAH-** Então, não tente!

**RÉGIS-** É isso mesmo! É mais sensato não tentar, então.

**BARAH-** Pois é! Você se desgastaria, como tantos outros.

**RÉGIS-** Então, não há jeito!

**BARAH-** Há jeito, sim! Mas, tem que partir de decisões superiores.

**RÉGIS-** Por quê? Você acha que o homem perdeu sua autodeterminação? Ele já não pode escolher o que quer?

**BARAH-** No estado em que se encontra, perdeu não! O homem está diluído, fechado, ensimesmado, e falta uma consciência coletiva, necessária às mudanças.

**RÉGIS-** Mas, a pessoa ainda pode escolher o que quer.

**BARAH-** Pode sim! Quando lhe é permitido, pode. Mas, isso pouco contribuiu para uma mudança profunda.

**RÉGIS-** Para você, a pessoa humana está anulada?

**BARAH-** Sim! Sim! Como pessoa, sim!

**RÉGIS-** E não se deve fazer nada?

**BARAH-** Acho que deve ser tentado. Talvez seja possível ser tentado.

**RÉGIS-** O que se deve tentar, então?

**BARAH-** Tudo aquilo que puder trazer benefícios.

**RÉGIS-** Como saber o que pode trazer benefícios?

**BARAH-** Só tentando! Só tentando! Talvez valha a pena tentar!

**RÉGIS-** Mas, há coisas já escritas. Talvez seja difícil mudá-las.

**BARAH-** Tudo foi reformulado, meu rapaz. Tudo está mudado!

**RÉGIS-** Então é o fim!

**BARAH-** Aí que mora o seu engano. Então, é o começo! Essa é a verdade. Viver é se adaptar.

**RÉGIS-** Vai começar tudo de novo?

**BARAH-** É o jeito! As pessoas se cansaram de criar.

**RÉGIS-** Você não acha que há muita incoerência nisso?

**BARAH-** Talvez, sim! É um círculo vicioso.

**RÉGIS-** E ninguém se preocupa?

**BARAH-** Há pessoas preocupadas, sim. As últimas notícias são todas positivas.

**RÉGIS-** Pelo menos, há uma esperança!

**BARAH-** Esperança! Esperança, de quê?

**RÉGIS-** De que as instituições sejam revistas.

**BARAH-** O que tem que ser revisto é o homem; a pessoa humana e sua supremacia sobre todas as coisas.

**RÉGIS-** Sim! Esse pode ser o ponto de partida. E hoje pode ser o dia de começar. O que você acha?

**BARAH-** O dia dessa partida já devia ter começado, há muito tempo. Talvez até já tenha começado e não soubemos. Pelo menos, não tenho notícias de que começou.

**RÉGIS-** Há falta de interesse?

**BARAH-** Há falta de iniciativa! Cada um na sua acomodação. Os outros que se danem!

**RÉGIS-** Eu não compreendo.

**BARAH-** Cada um trancado dentro de si, com suas verdades e suas mentiras. Quando há crise interior, há crise em tudo. Já lhe disse isso.

**RÉGIS-** Como crise?

**BARAH-** Há crise de confiança, crise de comportamento, crise de conceitos, crise na economia e crise no comportamento social.

**RÉGIS-** Talvez você esteja exagerando.

**BARAH-** *(exaltado)* Sente-se ali! Sente-se ali! *(aponta para um canto do aposento. Régis obedece)*. Talvez! Talvez! Talvez eu esteja exagerando, sim.

*(Barah permanece de pé; se distancia de Régis e pula sobre um pé só, até ele, no salto do Pan, Pan, Pan. Após cada diálogo, ele retorna ao ponto de início do jogo, para repetir).*

**BARAH-** *(imitando, com a mão, a batida na porta)* Pan, Pan, Pan. *(Régis permanece calado, sem entender o propósito)*

**BARAH-** *(repete)* Pan, Pan, Pan.

**RÉGIS-** *(espantado)* O que você quer que eu faça?

**BARAH-** Diga: quem bate?

**RÉGIS-** (*repete*) Quem bate?

**BARAH-** Sou eu! Diga: Eu quem?

**RÉGIS-** (*repete*) Eu quem?

**BARAH-** Um vivente; um descrente; um demente! Diga: O que quer?

**RÉGIS-** (*repete*) O que quer?

**BARAH-** Uma roupa, para vestir; um alimento, para comer; um motivo, para morrer!  
Diga: Não tem! Não tenho nada para dar!

**RÉGIS-** Não tem! Não tenho nada para dar!

**BARAH-** (*voltando ao ponto inicial, recomeça*) Pan, Pan, Pan.

**RÉGIS-** (*o mesmo*) Quem bate?

**BARAH-** Sou eu! Um imigrante!

**RÉGIS-** O que quer?

**BARAH-** Um pouco de comida!

**RÉGIS-** Não tem! Não tenho comida para dar!

**BARAH-** (*Voltando ao ponto inicial, recomeça*) Pan, Pan, Pan.

**RÉGIS-** Quem bate?

**BARAH-** Sou eu.

**RÉGIS-** Eu quem?

**BARAH-** Um sobrevivente!

**RÉGIS-** O que quer?

**BARAH-** Conversar!

**RÉGIS-** Não tem conversa! Não tenho tempo para conversar!

**BARAH-** (*voltando ao ponto inicial, recomeça*) Pan, Pan, Pan.

**RÉGIS-** Quem bate?

**BARAH-** Sou eu!

**RÉGIS-** Eu quem?

**BARAH-** Uma adolescente!

**RÉGIS-** O que você quer?

**BARAH-** Um pouco de paz.

**RÉGIS-** Não tem. Não tenho paz para dar.

**BARAH-** *(voltando ao ponto inicial, recomeça)* Pan, Pan, Pan.

**RÉGIS-** Quem bate?

**BARAH-** Sou eu!

**RÉGIS-** Eu quem?

**BARAH-** Um sonhador!

**RÉGIS-** O que quer?

**BARAH-** Um pouco de amor.

**RÉGIS-** Não tem! Não tenho amor para dar.

*(Barah senta-se no chão, distante de Régis, fita-o por alguns segundos e fala)*

**BARAH-** Você entendeu alguma coisa?

**RÉGIS-** Eu respondi, de forma mecânica, quase sem entender.

**BARAH-** Pois, é isso que está acontecendo, meu rapaz. As pessoas não estão entendendo quase nada, do que está se passando.

**RÉGIS-** Talvez estejam encontrando dificuldades em reagir ao nosso tempo. Assim, como eu estou!

**BARAH-** As reações estão sendo cômicas e trágicas. Estão sendo tragicômicas!

*(As luzes do palco vão-se apagando lentamente. Por instantes, permanecem apagadas. Quando acendem, Régis está envelhecido, com os cabelos esbranquiçados. Barah não tem modificações, permanece o mesmo).*

**RÉGIS-** Não estou entendendo nada! Parece que foi ontem, que vim parar aqui. O tempo pareceu correr e nem nos demos conta!

**BARAH-** Você não se deu conta! Eu estive, estava, estou presente, como o próprio tempo. Quem passou foi você, e não se deu conta!

**RÉGIS-** Estou envelhecido, talvez, mais maduro, mais cansado, mais descrente. Tenho menos razão para ter sonhos, para lutar!

**BARAH-** Ainda é uma opção sua, o seu comportamento!

**RÉGIS-** Quais são as últimas notícias das pessoas, lá fora?

**BARAH-** Suicídios, psicoses, doenças de pânico, estresse, diabetes, histerias, convulsões, infartos, cânceres. As últimas notícias confirmam isso!

**RÉGIS-** Eu julguei que fosse melhor estar lá fora!

**BARAH-** Tire suas próprias conclusões, então!

**RÉGIS-** Estou indeciso, ainda, sobre como devo agir.

**BARAH-** Mas, você tem que decidir logo. Ao contrário, será tarde demais.

**RÉGIS-** Eles estão correndo um perigo muito grande.

**BARAH-** Todos, estamos!

**RÉGIS-** Acho que não vou sair, não. Vou ficar aqui mesmo. Nem vou falar. Vou ficar aqui, sentado, olhando o que acontece.

**BARAH-** Mas, você prometeu fazer alguma coisa, quando fosse libertado.

**RÉGIS-** Mas, a situação mudou. Você não entende isso?

**BARAH-** Não é difícil entender.

**RÉGIS-** (*impaciente*) Quando será que vai amanhecer?

**BARAH-** É possível que não amanheça.

**RÉGIS-** Há momentos em que eu penso em abandonar tudo. Não é fácil ficar! Não é fácil partir! É melhor seguir no rumo das correntezas do que lutar contra elas. Já entendi essa verdade!

**BARAH-** Talvez você tenha razão! Mas, se eu fosse você, tentaria.

**RÉGIS-** Tentaria o quê?

**BARAH-** Enfrentar o frio!

**RÉGIS-** Sem nenhuma esperança de sobreviver?

**BARAH-** Tentaria qualquer coisa, contanto que satisfizesse a mim mesmo!

**RÉGIS-** Mas, eu já estou satisfeito.

**BARAH-** Não devia se queixar, então!

**RÉGIS-** Há momentos em que sinto raiva de você!

**BARAH-** É uma maneira de morrer!

**RÉGIS-** Vá para o inferno!

**BARAH-** Quer saber de uma coisa? Faça o que bem entender, desde que não me prejudique. Eu vou é tratar de comer. Estou com fome!

**RÉGIS-** Eu também estou com fome!

**BARAH-** A comida já é pouca. Em pouco tempo, já não dará para nós dois.

**RÉGIS-** Você não vai me deixar morrer de fome?

**BARAH-** *(enquanto apanha a comida)* Depende!

**RÉGIS-** Você não fará uma coisa dessas. Tenho esperança!

**BARAH-** Na hora de decidir, eu decidirei por mim. Esteja certo disso!

**RÉGIS-** Você está tentando me desesperar!

**BARAH-** Estou querendo que você, apenas, não se iluda. Há uma grande diferença nisso!

**RÉGIS-** Então, não há acordo?

**BARAH-** Quando houver conflito de interesses, não! Quando o seu querer e o meu querer forem incompatíveis, não! Quando os temas forem inexplicáveis, não!

**RÉGIS-** Mas, nossos interesses são iguais. Você sabe que são!

**BARAH-** Não garanto suas palavras! Já disse isso, muitas vezes.

**RÉGIS-** Eu não me sinto culpado. É uma pena!

**BARAH-** Culpado de quê?

**RÉGIS-** Por sua insegurança. Você afirma e nega; fala e cala, em seguida; assume e some. Tudo, parece planejado! Age por instinto ou impulso, sem pensar no que diz ou faz.

**BARAH-** Eu quero ver você falar, todas essas coisas, quando chegar o momento oportuno.

**RÉGIS-** Qual momento oportuno?

**BARAH-** O momento mais importante. O momento da ação, da omissão ou do medo.

**RÉGIS-** Acho que já passei por tudo isso!

**BARAH-** Ainda não! O que você passou foi, apenas, um aviso, uma pequena mostra do que virá, com certeza.

**RÉGIS-** *(apreensivo)* Quando acontecerá, isso!

**BARAH-** Eu não sei! Quando você menos esperar, pode ser. É sempre assim!

**RÉGIS-** Você acha que eu estou preparado para esse momento?

**BARAH-** Você é quem pode responder!

**RÉGIS-** (*mostrando medo*) Você não está querendo me ajudar.

**BARAH-** Você será tragado, com seus sonhos, seus planos e sua mesquinhez.

**RÉGIS-** Você fala isso com um prazer do outro mundo.

**BARAH-** Falo com uma certeza absoluta.

**RÉGIS-** Talvez eu possa reagir e sobreviver.

**BARAH-** Já não creio muito, nessa possibilidade, agora.

**RÉGIS-** É possível que, assim, aconteça!

**BARAH-** Esteja pronto, então! Da minha parte, farei, apenas, o que tiver de ser feito. Farei o que estiver escrito, na ordem estabelecida.

**RÉGIS-** Acho que estou pronto! Acho que amadureci com tudo o que passei, aqui dentro.

**BARAH-** (*bate palmas*) Muito bem! Muito bem! É assim que se fala, meu rapaz! Deixe-me anotar essa confissão! (*pega seu caderno de anotações e escreve*).

**RÉGIS-** Há muitas formas de aprendermos, na vida! Aprende-se na dificuldade, na fatura, no silêncio, na algazarra; aprende-se no prazer, aprende-se na dor. Tudo é uma questão de tempo, de espaço e de necessidade.

**BARAH-** E as aranhas? Parece que esqueceu que elas existem!

**RÉGIS-** (*apreensivo*) As aranhas? Havia me esquecido delas. Elas me metem medo! Corretamente, elas me apavoram!

**BARAH-** É, sempre, assim! Quando não estão nos incomodando, as coisas não nos interessam e esquecemos, delas. Mas, elas existem e continuam sendo ameaças.

**RÉGIS-** Você acha que eu posso enfrentá-las?

**BARAH-** (*devolvendo a pergunta*) Você acha que pode?

**RÉGIS-** Eu não sei, responder! Mas, pelo menos, agora, estou solto. Posso reagir!

**BARAH-** Se você acha que pode, está fortalecido, e deve tentar.

**RÉGIS-** (*medroso*) E se não der certo?

**BARAH-** Aguarde as consequências!

**RÉGIS-** Acho que tenho medo!

**BARAH-** Sim! Eu não sei o que pode lhe acontecer! Então, não as provoque!

**RÉGIS-** Mas, não as estou provocando!

**BARAH-** Nunca se sabe, quando as estamos provocando. Elas pertencem à ordem estabelecida.

**RÉGIS-** Seja como Deus quiser! Na hora, eu saberei como agir ou agirei por instinto.

**BARAH-** Você tem que fazer alguma coisa! Fazer algo que justifique sua vida, sua soltura, seu aprendizado!

**RÉGIS-** E você, não fará nada?

**BARAH-** Não serei atingido.

**RÉGIS-** Por que você não será atingido? Você será aliado? Será cúmplice de tudo isso?

**BARAH-** Eu conheço meu lugar, em tudo isso! Sou agente e paciente, ao mesmo tempo! Não confie tanto em mim! Mas, não desconfie tanto, também. Sou como qualquer pessoa, que parece ser amigo. A vida ensina a só confiarmos em nós mesmos.

**RÉGIS-** Eu sabia que você estava me enganando!

**BARAH-** Como lhe enganando? Até agora, só tentei lhe ajudar e, talvez, seja o responsável por sua sobrevivência.

**RÉGIS-** Foi você quem me amarrou naquela cadeira. Foi você quem me soltou, quando quis. Você me torturou o tempo todo, fingindo querer me ajudar.

**BARAH-** Você está enganado! Foi você quem se amarrou, naquela cadeira. Foi você quem se soltou, quando quis. Você se torturou o tempo todo, querendo se ajudar.

**RÉGIS-** Você está sofismando! Eu não podia ir contra mim mesmo!

**BARAH-** Você é tão ingênuo que chega a parecer, verdadeiramente, um imbecil. Além do mais, você é um ingrato!

**RÉGIS-** (*chorando*) Você estragou minha vida! Como fui tolo em confiar, em depender de você!

**BARAH-** (*admirado*) Como eu posso ter estragado sua vida? Responda! Como eu fiz isso? A vida é sua!

**RÉGIS-** Me iludindo! Fazendo com que eu acreditasse em seus propósitos. E tudo não passou de mentiras.

**BARAH-** Você me escolheu como modelo! Não me impus a você!

**RÉGIS-** Eu não tinha alternativas! Era você ou nada!

**BARAH-** Você está enganado ou, ainda, está se enganando. Não foi bem assim!

**RÉGIS-** Você foi o caminho e o precipício; a fonte e o deserto; foi a montanha e o abismo. Você foi o extremo contraste, entre a vida e o extermínio.

**BARAH-** Você está catastrófico! Não soube enxergar, distinguir, conhecer. Eu até lhe ajudei, muito: ensinei você a raciocinar sobre muitas coisas. Ensinei você a libertar-se e a poder escolher. Você teve chances de ser diferente, de escolher caminhos. Mas, preferiu se acomodar.

**RÉGIS-** Eu não tinha escolhas. Era você ou nada. Eu estava desesperado!

**BARAH-** Você teve muitas opções de se libertar, de mudar a ordem vigente. Você desistiu de lutar. Preferiu se acomodar, sem se importar com os outros.

**RÉGIS-** Quer dizer que a culpa foi minha?

**BARAH-** Você não soube escolher! Falou muito e, quando pôde agir, não quis erguer o braço.

**RÉGIS-** Você me amedrontou o tempo todo. Encheu-me de pavor! Tirou minha coragem e, até minha disposição.

**BARAH-** Você preferiu se esconder no medo. Essa é a verdade. Preferiu sua própria acomodação, permanecer em seu universo de conforto.

**RÉGIS-** (*chorando*) Eu tinha tudo para ser feliz! Sei que poderia reformular muitas coisas, modificá-las para melhor. Poderia ter feito a minha parte, nesse mundo de conflitos, de dubiedades, de futuro incerto e, talvez, comprometido.

**Barah-** (*descrente*) Eu não acredito em você. Não foi capaz de se reformular. Como pretendia reformular as coisas? Preferiu se esconder no medo. Preferiu se acomodar, achando que estava salvo, sem importar-se com ninguém.

**RÉGIS-** Você não percebeu todas as minhas reações ou fez de conta que não as percebeu. Eu não tinha como me assumir! Estava preso, confuso, sem forças para qualquer combate.

**BARAH-** Você não reagiu a nada, que pudesse ser entendido como luta. Você pareceu reagir para sobreviver, para livrar-se dos ratos, das aranhas, da fome, da solidão.

**RÉGIS-** Eu não poderia reagir de outro modo. Você sabe disso! Eu reagi da forma possível, amedrontado.

**BARAH-** Você se acomodou, e isso foi o mais grave. Não lutou!

**RÉGIS-** Como eu poderia lutar? Eu sozinho e você me torturando.

**BARAH-** Todos os meios disponíveis, você deveria ter utilizado.

**RÉGIS-** Que meios disponíveis, eu tinha? Ameaçado por você, pelas aranhas e pelos ratos.

**BARAH-** *(recolhendo seu caderno de notas, sobre a escrivadinha)* Está escrito que você preferiu se esconder no medo. Foi isso que aconteceu! Você pretendeu ajudar as pessoas lá de fora, enquanto estava preso, quando as viu, daquela janela. Mas, depois, com medo do frio, deixou-se ficar no comodismo do seu conforto.

**RÉGIS-** Eu lhe disse que não estava motivado, para tanto. Eu estava aqui, tranquilo, você podia ver. Por que deveria me arriscar, se você dizia que eu não teria êxito?

**BARAH-** O importante deveria ter sido o que você pensava e falava; não o que eu dizia.

**RÉGIS-** Por que, então, você me desencorajou? Você sempre me desencorajava! E eu tinha medo!

**BARAH-** Minha função era essa! Isso, era uma forma de lhe instigar, de lhe motivar a reagir. Atiçar sua ira, sua indignação, seu amor próprio.

**RÉGIS-** Sua função era me destruir! Foi por isso que você fingiu me ajudar; para ter mais prazer em minha destruição.

**BARAH-** Eu ajudei você a se libertar. Queria vê-lo reagir, propor, modificar as coisas, em torno de nós; nosso ambiente, nossa convivência social, a história de nossos destinos. Queria que você se impusesse, enfim.

**RÉGIS-** Tenho certeza que você jamais desejou isso. Você quis, mesmo, foi me torturar o tempo todo.

**BARAH-** Isso faz parte do jogo. A vida é um jogo, meu rapaz! Um jogo que exige muito de cada um de nós. Exige observação, exige fleuma, exige ação, exige paciência, exige resignação; exige perspicácia, exige serenidade, para aceitar as derrotas e celebrar as vitórias.

**RÉGIS-** *(chorando)* Além disso, você sabe que eu pensei fazer algumas coisas. Mas, você não me deixou agir. Todos os pensamentos fracassaram!

**BARAH-** Está escrito que faltou ideal. Faltou disposição! Faltou tenacidade!

**RÉGIS-** Faltou meios, isso sim! Absoluta falta de meios.

**BARAH-** Você não tinha objetivos; não tinha planejamentos. Logo, não podia ter meios.

*(Régis caminha alguns passos, senta-se no chão e volta a chorar)*

**RÉGIS-** *(chorando)* Você estragou minha vida. Você estragou minha vida!

**BARAH-** Você não conseguiu se adaptar a seu meio. Você sempre pareceu estranho, a tudo o que viu ou foi submetido. Você permaneceu em descompasso com a realidade que lhe foi imposta.

**RÉGIS-** A realidade que me foi imposta. Esse foi o problema!

**BARAH-** A vida impõe a realidade a você, meu caro! A você compete reagir: se acomodando; lutando para modificá-la ou fugindo dela.

**RÉGIS-** Não nasci para viver nesse meio, nem para modificá-lo.

**BARAH-** Pensar assim foi o seu grande mal. Você não percebeu que havia outros lhe cercando, e que essas pessoas podiam ter objetivos diferentes dos seus.

**RÉGIS-** (*arrependido*) Estou desesperado! Você sabe que não estou dizendo o que realmente sinto. Preocupo-me com as pessoas, como se fosse comigo mesmo.

**BARAH-** (*batendo palmas*) Muito bem! Muito bem! (*estanca as palmas*) Você sabe que eu não acredito nisso. Estou transbordando de razão!

**RÉGIS-** Por que você não acredita?

**BARAH-** Porque suas atitudes, o tempo todo, disseram ao contrário e desmentem você.

**RÉGIS-** (*desconversando*) Como vai o frio lá fora?

**BARAH-** Continua o mesmo! As últimas notícias confirmam essa realidade.

**RÉGIS-** (*lamentando*) Como me sinto inútil! Estou precisando de conforto.

**BARAH-** Você é um caso perdido, homem! Tenho certeza disso. Já vi muitos fenecerem assim!

**RÉGIS-** Faça alguma coisa por mim!

**BARAH-** Já não é permitido.

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Esgotou seu tempo. Acabou seu prazo!

**RÉGIS-** Você não me disse quanto tempo eu dispunha, para o que quer que fosse.

**BARAH-** Eu não sabia! A vida voa depressa. É necessário estar atento!

**RÉGIS-** Sinto que estou destruído.

**BARAH-** Você está conformado?

**RÉGIS-** Acho que estou sim.

**BARAH-** É o que sinto!

**RÉGIS-** Não tenho mais razões para tentar tudo aquilo que pensei. Estou destruído, aqui por dentro (*bate no peito*) nem mesmo a arte me importa, agora. Eu sei que você entende. O tédio, a angústia, a descrença. Já não acredito nas coisas. Estou desesperado!

**BARAH-** Não é só você que está nessa situação, meu rapaz. Todos estão!

**RÉGIS-** Não acredito no que você está dizendo. Mas, sinto que estou enfraquecido. Olho minhas mãos, meu corpo! Vejo que envelheci!

**BARAH-** O desespero é geral! Isso ameaça o futuro de todos nós.

**RÉGIS-** Os que estão na sua posição, não podem estar desesperados.

**BARAH-** É onde existe maior desespero.

**RÉGIS-** Posso saber como ou por quê?

**BARAH-** Porque nos sentimos responsáveis por essa gente. Mais do que isso, porque somos responsáveis por essa gente! Há uma descrença geral! É preciso que, cada um acredite que pode ser ajudado. Isso também está faltando nas relações que estabelecemos.

**RÉGIS-** O que resta, então, a fazer?

**BARAH-** Viver na ameaça e no perigo constante.

**RÉGIS-** E isso é desejável para todos?

**BARAH-** É desejável para muitos! Mas, esses muitos são poderosos, e é o poder que determina. Não esqueça isso!

**RÉGIS-** Você poderia tocar um pouco de flauta para mim? Assim, eu esqueço todo esse tormento.

**BARAH-** Agora, já não posso mais. Só quando amanhecer!

**RÉGIS-** Quando será que vai amanhecer?

**BARAH-** Não posso responder corretamente. Talvez nunca amanheça!

**RÉGIS-** Por quê?

**BARAH-** Depende do frio.

**RÉGIS-** E o frio, a quantas anda?

**BARAH-** Continua congelando tudo. Logo, logo, estaremos, todos, congelados, mudos, solitários e egoístas. Tão próximos e tão, desesperadamente, distantes.

**RÉGIS-** Quando será que vai passar?

**BARAH-** As perspectivas são as piores possíveis. Talvez não passe nunca! Essa é a minha crença!

**RÉGIS-** Ainda existe a ordem estabelecida?

**BARAH-** É ela que nos mantém aqui, sob esta pressão terrível. É ela que diz o que devemos e não devemos fazer; onde devemos caminhar; como nos comportar. É ela que rege todas as reações.

**RÉGIS-** E os homens, que é feito deles?

**BARAH-** Não há nenhuma novidade sobre os homens, sobre as mulheres, sobre as crianças, sobre as pessoas. Estou decepcionado!

**RÉGIS-** Com você falando assim, eu não sei o que dizer.

**BARAH-** É melhor, nada dizer, e ficar calado, cidadão!

**RÉGIS-** Eu posso sair, agora?

**BARAH-** Claro que não! Agora, já não é permitido. As ordens são todas negativas!

**RÉGIS-** Me arranje um pouco de comida. Sinto fome e sede. Estou tão fraco!

**BARAH-** Desculpe! Já não é permitido comer, nem beber. Você esgotou sua quota.

**RÉGIS-** Então, já não me resta nada?

**BARAH-** Nada! Mas, é possível que um milagre aconteça.

**RÉGIS-** Não acredito! Não creio em milagres, nesta vida!

**BARAH-** Como queira! A crença é um patrimônio de cada um. Pelo menos, há uma esperança!

**RÉGIS-** Sinto que tudo foi inútil!

**BARAH-** Talvez você tenha razão.

**RÉGIS-** (*chorando*) Você foi o algoz de minha vida! Destruí meus sonhos, meus projetos, minhas esperanças.

**BARAH-** Fiz, apenas, o que tinha que fazer!

**RÉGIS-** O pior de tudo fui eu mesmo! Não pinteí! Não escrevi! Não realizei nada. Quando eu sairei deste estado de inércia e inutilidade?

**BARAH-** Talvez nunca, rapaz!

**RÉGIS-** Eu queria me penitenciar de tudo. Pedir desculpas, perdão a tudo e a todos.

**BARAH-** Agora, já não é permitido!

**RÉGIS-** Talvez você não entenda, mas eu preciso mudar!

**BARAH-** Já disse que não há mais tempo, para tanto.

**RÉGIS-** (*desesperado*) Por favor! Por favor! Diga-me o que eu posso fazer.

**BARAH-** Só resta esperar!

**RÉGIS-** Esperar o quê? Esperar o imprevisível, o inesperado, o impossível?

**BARAH-** (*olhando o caderno*) Pressinto que sim.

**RÉGIS-** Estou perdido, então!

**BARAH-** Fatalmente, perdido!

**RÉGIS-** (*procurando alguma coisa nos bolsos*) Eu quero deixar alguma coisa para você. Eu quero me redimir.

**BARAH-** Se estiver ao meu alcance, pode me entregar logo. Do contrário, não haverá mais tempo.

**RÉGIS-** (*não encontrando nada, nos bolsos*) Vejo que eu não tenho nada. Eu não fiz nada. Não guardei nada! Como pode ter acontecido isso?

**BARAH-** Desperdício de tempo! O tempo foi dado a você, meu rapaz. Você o deixou passar, com lamentos, descrenças, egoísmos!

**RÉGIS-** Mas, eu não tinha motivação!

**BARAH-** Então, não podia ter êxito!

**RÉGIS-** Vejo, agora, que agi errado.

**BARAH-** Você está destruído, e só agora se dá conta disso.

**RÉGIS-** (*recuperando seu espanto e se irritando*) Tudo está destruído! Você, também, está destruído!

**BARAH-** Seu desespero me dá pena, rapaz!

**RÉGIS-** (*caindo em si*) Faça alguma coisa por mim.

**BARAH-** Já disse que não há mais tempo!

**RÉGIS-** Já não há mais nada a fazer?

**BARAH-** Sim! Só resta esperar! Está escrito, na ordem estabelecida.

**RÉGIS-** (*conformado*) Que assim seja então!

**BARAH-** *(piegas)* Que assim seja!

*(passam-se alguns minutos. Régis se dirige às imagens religiosas e está ajoelhado, rezando baixinho)*

**BARAH-** Você se acabou de vez!

**RÉGIS-** *(levantando)* Foi a última tentativa! *(Leva as mãos à cabeça)* Sinto a cabeça arder *(caminha para o baú)* Vou dormir! Como me sinto exausto! Como se sinto inútil! Sinto que vou morrer! Por favor, ajude-me a chegar até o baú. *(Barah ajuda-o. Régis mal consegue caminhar)*

**BARAH-** *(deixando Régis no baú)* Como estou cansado! Não sei como tenho aguentando esse tempo todo. Vou descansar. *(entra no baú. As luzes se apagam, lentamente, até a escuridão total)*

*(passam-se alguns momentos. Música fúnebre)*

**VOZ-** *(apavorada)* Socorro! Socorro! Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Socorro! Socorro!

*(Acendem-se as luzes, bruscamente. Um homem, aparentemente jovem, está amarrado em uma cadeira, na mesma posição em que o Régis estivera, no início da peça, e grita o tempo todo)*

**VOZ-** Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Socorro! Socorro!

**BARAH-** Pare de gritar! Pare de gritar! *(levanta do baú)* Pare de gritar, seu idiota! Não vê que isso piora tudo?

*(O homem não obedece)*

**VOZ-** Tirem-me daqui! Tirem-me daqui!

**BARAH-** Não tem jeito! Não tem jeito! Vai começar tudo, novamente! Não me conformo! Será sempre assim? Será sempre assim?

*(Barah, de novo, se deita e fecha a tampa de seu baú, para não ser incomodado. Apagam-se as luzes. A voz continua gritando)*

**VOZ-** Tirem-me daqui! Tirem-me daqui! Socorro! Socorro! *(luz branda)* Tirem-me daqui! Tirem-me daqui!

*(Cai o pano. Termina a peça).*



**TRINTA BAÚS DE ENCANTARIAS (2005)**

JOSÉ RIBAMAR ARAÚJO

# TRINTA BAÚS DE ENCANTARIAS

2005

JOSÉ RIBAMAR ARAÚJO

## PERSONAGENS:

JOÃO CLEMENTE JORGE TRINTA

MARIA AUGUSTA

REPÓRTER

OFICIAL DE JUSTIÇA

REPÓRTER

CUNHADO

HOMEM

ADOLESCENTE

ESCRITOR

MÉDICO

AUXILIAR MÉDICO

VIRIATO

## CENA 01

*(o palco em trevas. entram sons da bateria de escola de samba. cessa o som da bateria.  
entram cantorias de pretas velhas e sons fortes de tambores:um ponto de candomblé.  
refletores cruzados)*

**CORO** – (Canta) – In credo in cruz ê, ê,

Vige Maria

As pretas véias se benze

Me arrepia

Ô, ô, Xangô

As pretas véias não mete, não sinhô.

Não cantaram em vão,

O poeta e o sabiá,

Na fonte do Ribeirão,

Lendas e assombração,

Conta que um Rei Criança,

Viu um Reino de França,

No Maranhão

Das matas fez o salão

Em candelabros, coqueirais,

Da gente índia, a corte real,

Do ouro e prata um mundo irreal

Na imaginação do rei criança,

A rainha era a deusa,

Do reino encantado.

Na Praia dos lençóis,

Areia e assombração,

O touro coroadado,

É São Sebastião,

É meia noite, Nha Jança vem

Na carruagem desce do além,

Do fogo vivo, luz da nobreza,

E a escrava, que maravilha,

É a serpente de prata,

Que rodeia a ilha.

(BLACK-OUT).

**MARIA AUGUSTA**- E eu não sei como você é tihoso?

**JOÃOSINHO** – Quê?

**MARIA AUGUSTA**-Você sugeriu esse enredo para 73.

**JOÃOSINHO** – Mas você, Maria Augusta, tinha uma carta na manga: o enredo “ENEIDA, AMOR E FANTASIA”. Justa homenagem a nossa amiga jornalista paraense, Eneida, recém falecida, mereceu aquela homenagem linda.

**MARIA AUGUSTA** – Que deu um 2º lugar para o nosso Salgueiro.

**JOÃOSINHO**- E não tá bom? Dois carnavalescos assinando pela primeira vez um enredo ficar com o 2º. lugar em 73 e em 74 ficar com o primeiríssimo lugar com “UM REI DE FRANÇA NA ILHA DA ASSOMBRAÇÃO”. Fechei a boca de quem dizia que “o nordeste, da Bahia pra cima nenhum enredo ganha carnaval”.

**MARIA AUGUSTA** – No dia 24 de fevereiro de 1974, o Salgueiro foi a 4ª. Escola a desfilar na Av. Presidente Antônio Carlos. Um enredo contando as lendas de São Luís do Maranhão.

**JOÃOSINHO**- Joãosinho, foi um desfile impactante.

**MARIA AUGUSTA**-Isabel Valença de destaque representando a Rainha Maria de Médici foi sensacional.

**JOÃOSINHO** – Foi demoníaca!

**MARIA AUGUSTA**- Temos feitos bons carnavais, João Trinta: olhe, eu não esqueço daquela Iansã toda espelhada que você fez para o carnaval BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

**JOÃOSINHO** – O desfile com o sol nascendo só ajudou no efeito deslumbrante da fantasia.

**MARIA AUGUSTA** – E por mais que os repórteres-fotográficos tentassem registrar o feito do desfile não conseguiram.

**JOÃOSINHO**-Para quem viu aquele desfile ficou eternizado aquele efeito fantástico da minha Iansã toda feita de espelhos...nenhum fotógrafo por mais experiente, conseguiu registrar aquele momento: coisas do carnaval brasileiro. Os raios do sol nos espelhos impediu os registros.

*(mudança no tom de luz para indicar passagem de tempo. outro momento de joãosinho e maria augustaem conversa já iniciada)*

**MARIA AUGUSTA**- Sabe, João Trinta, eu penso como o Viriato: será que esse Cristo mendigo vai dá certo? Cristo mendigo, não sei, não! *(Outro Tom)* Afinal. Você mesmo diz que “Quem gosto de miséria é intelectual, o povo gosta mesmo é de luxo”.

**JOÃOSINHO**- *(Sério. Delirante)*. Pois eu ti digo: vai ser um carnaval impactante. DE MO NÍ A CO. De estremecer as arquibancadas e vai calar a boca do Viriato e dos que não acreditam. Sim. Quem gosta de miséria é intelectual, o povo gosta mesmo é luxo. É muito luxo. Os miseráveis existem e estão por todas as ruas e becos de todas as cidades do planeta. E o povo que vive desse outro lado da vida, tem lá as suas fantasias de um dia ser rei e se vestir luxo no desfile. O luxo que não pode sonhar nos outros dias do ano. Esse enredo, “ratos e urubús: larguem a minha fantasia” é isso: a fantasia do povo. O mendigo rei por um dia. O sonho do povo sufocado pela dor, não morre. Os sonhos do povo emergem da mais bruta miséria.

## CENA 02

*(entram os arranjos iniciais de “ratos e urubús, largem a minha fantasia”. a luz morre nesta cena e abrem dois refletores cruzados, que acompanham a entrada de um oficial de justiça na direção de joãosinho trinta)*

**OFICIAL DE JUSTIÇA** – Seu Joãosinho...

**JOÃOSINHO**- Pois não!

**OFICIAL DE JUSTIÇA** – Sou Oficial de Justiça e trago o comunicado do Sr. Juiz, resultado de uma liminar impetrada pela Arquidiocese da Cidade do Rio de Janeiro, proibindo expressamente o Cristo mendigo no desfile de amanhã (Entrega um envelope a Joãosinho) O senhor dê o seu ciente, por favor!

**JOÃOSINHO** – Eu não acredito: a menos de 24 horas antes da escola entrar na avenida? *(Tom)* E o nosso direito de nos expressar através da arte? Cadê a nossa liberdade de expressão? A Igreja não tem esse direito. Que o Cristo seja negro, loiro ou mendigo, ou de olhos azuis, não é propriedade do Arcebispo. O Cristo elitizado como a igreja apresenta, ainda assim não é propriedade nem do arcebispo nem da igreja.

**OFICIAL DE JUSTIÇA** – Só estou cumprindo minha obrigação.

**JOÃOSINHO** – Esses homens da Igreja pensam que ainda vivemos na idade média? Será que pretendem restituir a Santa Inquisição? *(Tom)* Que de santa não teve nada!

**OFICIAL DE JUSTIÇA** – Seu Joãosinho, eu sei que essa decisão do Juiz frustra seus propósitos da conquista de mais um campeonato, mas é uma decisão da justiça, que reconhece o direito da igreja de vetar o Cristo mendigo no carnaval.

**JOÃOSINHO** – A Igreja católica, senhor oficial, é um dos grandes equívocos da humanidade. Uma igreja que censura e condena, tolhe a liberdade. Censurar esse Cristo é proibir o povo da liberdade de cultuar o seu Cristo mendigo num rito de alegria. A igreja proíbe o povo de ser feliz no reino da fantasia.

*(joão assina o papel e entrega ao oficial, que sai. Joãosinho transtornado. mudança no tom da luz. varios refletores multicores cruzados. joão caminha aflito envolto na profusão de cores. num misto de confuso e altivo)*

**JOÃOSINHO** – Esses homens aprenderam muito com a ditadura. *(Tempo)* Censuraram o Cristo? *(Um rasgo de luminosidade mental)* Pois bem: o Cristo vai para a avenida com a tarja da censura.

*(no telão cenas do carnaval “ratos e urubús...” simultaneamente com a explosão do samba enredo em volume máximo)*

**JOÃOSINHO** – “mesmo censurado, olhai por nós!”

**BLACK-OUT**

### CENA 03

*(os refletores abrem imediatamente num estúdio de televisão onde João é o entrevistado. é quarta-feira de cinzas. momentos anterior ao resultado da divulgação da escola campeã do carnaval de 1989)*

**REPÓRTER** – *(Luz no REPÓRTER – APRESENTADOR)* – Caro telespectador, temos hoje em nosso estúdio uma figura carismática, muito conhecida do público carioca. O homem que reinventou o carnaval carioca. Um maranhense de pequena estatura como vocês podem vê, mas que é o próprio espírito do carnaval, da alegria do povo brasileiro. Desde ontem, quando a Beija-flor de Nilópolis fez aquele desfile deslumbrante que as atenções mais uma vez se voltam para Joãosinho Trinta. Pelas ruas o que se ouve são comentários de que a azul e branco é a campeã. *(Tom)* E aí Joãosinho, está mesmo confiante neste campeonato?

**JOÃOSINHO** – A Beija-Flor já é campeã pelo voto do povo. Mesmo que todos os votos de todos os jurados sejam para outra Escola. A Campeã é a Beija-Flor de Nilópolis. Foi um carnaval impactante como eu queria. O povo a princípio ficou estático. Nunca vira tanta beleza e realidade fantástica num desfile e em seguida aplaudiu e elegeu minha Beija-Flor campeã. Eu não tenho dúvida.

**REPÓRTER** – Realmente aquele Cristo coberto com aquela faixa causou surpresa até nos jurados. A princípio um silêncio sepulcral e em seguida aquele explosão e a arquibancada aplaudindo e cantando o samba de uma forma envolvente. Foi um grito geral. Foi emocionante. Parecia o Maracanã em dia de Fla-flu.

**JOÃOSINHO** – Exatamente. O carnaval como o futebol, artes que têm nas camadas populares seus, criadores, têm esse poder de liberar no momento certo a explosão da alegria. Esse grito incontrolável que sai da garganta e explode...explode mesmo e não tem carrasco que possa conter essa alegria coletiva. É a resposta do povo aos tiranos. A Alegria como forma de protesto. Esse grito é como se dissesse “ eu sou feliz e quero conservar o direito de ser feliz e de ser alegre e exteriorizar minha alegria”.

**REPÓRTER** – Apesar do problema da censura ao Cristo, você está satisfeito com esse carnaval?

**JOÃOSINHO** – Eu faço carnaval para o povo. Jurado não entende de carnaval. Quem entende de samba é o povo. A comunidade que sofre o ano inteiro e prepara

essa festa maravilhosa para o Brasil e para o mundo vê que brasileiro é criativo e sabe fazer das tristezas a sua alegria, Brasileiro é pra frente. Habitamos a América do Sul. O Brasil é um gigante que não está adormecido e seu povo triunfará

**REPÓRTER** – João, dentro de exatamente dez minutos começam a contagem dos votos lá no sambódromo, E aí?

**JOÃOSINHO** – A Beija Flor é campeã. O povo já votou...

**REPÓRTER** – Joãosinho, você veio do Maranhão com o propósito de se tornar um bailarino famoso. Conte-nos como um maranhense chega do Maranhão buscando formação de bailarino clássico e em pouco tempo se transforma num respeitado carnavalesco na capital do samba?

**JOÃOSINHO** - Eu sempre quis ser bailarino clássico. Mas não me tornei um carnavalesco da noite pro dia. Desembarquei no píer da Praça Mauá num domingo de carnaval de 1951. Consegui me formar bailarino, mas a minha diminuta figura não me favoreceu no ballet.

**REPÓRTER** - Daí você migrou pro Samba...mais exatamente para escola de Samba Salgueiro, pelas mãos de Arlindo Rodrigues.

**JOÃOSINHO** - Vim escondido no porão de um navio. A tripulação me descobriu no meio da viagem. O comandante ficou comovido e me deixou seguir viagem até desembarcar na Pça Mauá, em pleno domingo de carnaval. (Tom) Passei fome, dormi na rua antes de prestar concurso pro teatro Municipal, mas o fato mais marcante, aconteceu depois de três dias sem comer...sem pôr nada no estômago, só bebia água. Nesse dia, quando cheguei em frente ao Hotel Glória, senti uma espécie de vertigem: minha vista ficou turva. Tudo escureceu-naquela época não era asfaltada, era chão de piçarra -, pois bém: devido o mal está senti no meio-fio e pedi a São José de Ribamar, que me ajudasse. Veio uma vontade de vomitar e a agonia aumentou. Vomitei só uma gosma verde, neste momento um ônibus parou para alguns passageiros desembarcarem, eles desceram e quando ônibus deu partida, senti uma pancada na perna, eram pedras da piçarra. Passei a mão no dorso da batata da perna e senti algo assim como um papel, peguei e olhei, era uma cédula de maior valor que existente na época. Agradei aos deuses e com aquela cédula comprei

roupei e aluguei um quarto de pensão e comi durante uma semana...

#### CENA 04

*(sons de ondas batendo e ventos soprando. os arranjos iniciais de “mãe coragem”, de torquato neto, só instrumental pontua a cena. explode o vocal de “mãe coragem” na voz de gal costa. o final da canção funde-se com os arranjos iniciais de uma marchinha de carnaval do ano de 1951)*

**REPÓRTER** – Por que você fugiu no porão de um navio?

**JOÃOSINHO** – Eu tenho duas irmãs: Aldenora e Enelzina. O meu cunhado, marido da mais velha, veio passear no Rio de Janeiro, e os seus amigos em cuja casa ele

ficou hospedado levaram meu cunhado ao Teatro Municipal para assistir um ballet, - eram amigos de alguns bailarinos e no final do espetáculo, foram cumprimentar os artistas e meu cunhado foi junto. Não sei o que ele viu, mas quando chegou a São Luís, reuniu mamãe, minhas irmãs e a mim e disse em alto e bom som.

*(as primeiras notas de uma música classica. joão dá alguns passos de ballet, um solo. um canhão francês ilumina o cunhado de joão no centro da cena explode)*

**CUNHADO** – Eu sempre desconfiei e tenho certeza, dona Júlia, minha sogra, minha cunhada e minha esposa: essa história do Joãosinho querer ser bailarino é apenas uma desculpa para fazer frescura. Na verdade O Joãosinho é um qualira. Pois lhes digo: o Joãosinho é a vergonha do Brasil, do Maranhão e do nordeste.

**JOÃOSINHO** *(Outro Tom. Mágoa)* Eu nunca esqueci essa fala do meu cunhado. Quando tinha 17 anos fugi pro Rio de Janeiro.

**REPÓRTER**-Você queria ser bailarino. Conte dessa transição para o carnaval.

**JOÃOSINHO** – Foi em 1961 eu fui levado para a Escola de Samba Salgueiro pelo mãos do Arlindo Rodrigues e no carnaval eu me encontrei. Se no ballet, a minha compleição física não me favoreceu, mas arte tem vários caminho e, como disse: a arte tem vários caminhos e eu encontrei o meu.

*(sai. entram os arranjos iniciais de “vida de artista”, composição de sueli costa. interpretação de gal costa. Entra pierrot e canta)*

**PIERROT** – *(Canta )* – O que é uma vida de artista?

No mercado comum da vida humana

A promessa de um sonho inocente

Quem sabe eu te vejo esta semana...

*(a música vai caindo em bg e o pierrot dançarino sai, não sem antes aproximar-se de joãosinho, põe o braço sobre o ombro dele)*

**PIERROT** – Você mesmo já percebeu que arte tem vários caminhos. E você, Joãosinho Trinta, encontrou o seu.

*(o pierrot sai acenando para joão que permanece hirto a olhar na direção dele. acena um adeus e esboça um sorriso triste, mas luminoso e espontâneo)*

## **BLACK-OUT**

**JOÃOSINHO** – No Teatro Municipal eu era responsável pelo guarda-roupa dos elencos que ali se apresentavam. Um dia o Arlindo Rodrigues me procurou no camarim, Joãosinho, eu fui convidado para assumir o carnaval da Escola de Samba Salgueiro, eu aceitei com a condição de eu mesmo indicar meu assessor...Então eu disse para ele: então você vai assumir o carnaval do salgueiro? E ele me disse: e quero que você aceite ser o meu assessor! Mas eu nunca pensei em carnaval, Arlindo. Então ele me falou convicto, pois agora está na hora de você pensar em fazer carnaval, João. Você está em condições de assessorar a mim e ao Fernando Pamplona, no carnaval do Salgueiro. E acrescentou: o carnaval, Joãosinho, em certo sentido, é a montagem de uma ópera. A maior ópera popular do mundo. O Arlindo e o Fernando Pamplona me convenceram a entrar pro carnaval e aqui estou.

**REPÓRTER**-Logo você assume o lugar dos seus dois protegidos: Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues, assinando como carnavalesco...

**JOÃOSINHO** - Não! Passou em um tempo, isso veio acontecer em 1972. O Presidente do Salgueiro, o Osmar Valença me chamou na sua sala. e me falou solenemente: Estamos atrasados com o carnaval do ano que vem. Confesso que estou meio perdido com ida do Arlindo Rodrigues e do Fernando Pamplona para a Mocidade. Resumindo: estamos nessa situação e a agremiação me cobrindo a definição do enredo para 73... Daí eu resolvi que

não vou contratar nenhum desses carnavalescos que aí estão...(joãosinho trinta olha-o sem entender. osmar valença fala á queima roupa) Você assume o carnaval de 73 do Salgueiro. Já conversei com a Maria Augusta que é a figurinista. (T) Pense numa proposta de enredo para apresentar na reunião amanhã. A Maria Augusta vai apresentar sobre uma escritora e jornalista do Pará. A Eneida de Moraes. Ela escreveu um livro “ A História do Carnaval Carioca”. Era muito amiga do pessoal do samba. Dois anos que ela morreu...

**BLACK-OUT**

## CENA O5

*(refletores abrem em maria augusta rabiscando desenhos no papel em branco sobre o cavalete. entra joãosinho trinta)*

**JOÃOSINHO TRINTA** – Parabéns, Maria Augusta, o sua idéia de enredo realmente é maravilhosa. A Eneida merece essa homenagem...

**MARIA AUGUSTA** – A idéia não foi minha, João! A idéia desse enredo é da Teresa Aragão. Vou aproveitar essa viagem a Belém para pesquisar mais sobre essa mulher paraense-carioca que adorava o samba.

**JOÃOSINHO TRINTA** – Eu também vou a Belém com você.

**MARIA AUGUSTA** – Joãozinho, o quê você achou do teu enredo sobre as lendas do Maranhão ficar para o ano que vem?

**JOÃOSINHO** – Certamente terei mais tempo para a pesquisa.. Não tenho dúvida de que é um enredo para ficar na história. Enquanto fazemos “eneida amor e fantasia”, vou amadurecendo a idéia e colhendo material.

*(entra os primeiros acordes do repique da bateria num crescendo. o puxador entoia os primeiros versos do samba “ eneida, amor e fantasia”*

**BLACK-OUT**

## CENA 06

*(refletores abrem no barracão de escola de samba. João caminha com dificuldade em consequência da isquemia. corta tecidos e espalha no chão e vai chumuscando tinta spray. em seguida chamosca sobre a tinta purpurina de cores variadas. pega papel água e cobre o tecido, obtendo um efeito de luminosidade e brilho)*

**ESCRITOR** – *(Entra)* – Olá, João!

**JOÃOSINHO** – Como você me encontrou?

**ESCRITOR** – Tenho vindo muitas vezes no Barracão te procurar, mas você tá sempre viajando.

**JOÃOSINHO** – Pois é! Agora estamos ocupado com o carnaval. Próxima semana é a festa dos protótipos. Aparece.

**ESCRITOR** – Apareço, sim. E obrigado pelo convite. Mas agora eu queria te falar sobre aquela minha proposta.

**JOÃOSINHO** – Que proposta?

**ESCRITOR** – João. eu já te disse que vou escrever a tua biografia. Só preciso da tua autorização. Você é uma pessoa pública, amada e tem uma história comovente. Tem todos os ingredientes para uma boa biografia.

**JOÃOSINHO** – Ainda não é tempo. Tem muita coisa que quero esclarecer mas não é o tempo. Coisas que eu quero falar. Não posso agora. Vamos deixar para mais tarde.

**ESCRITOR** – Esperar o quê, João? Você é um homem vitorioso. Com vários campeonatos no carnaval.

**JOÃOSINHO** – Episódios que me magoam. Quando aconteceu a perseguição ao projeto Flor do Amanhã, não era ao projeto em si. O alvo era eu mesmo. Foi perseguição da igreja. Aqueles meninos foram pagos para se pronunciarem daquela forma contra minha pessoa.

*(a luz cai em resitência)*

## CENA 07

*(refletores cruzados em um homem e conversa adolescente em conversa já iniciada)*

**ADOLESCENTE I**– Quanto?

**HOMEM** – Muito dinheiro!

**ADOLESCENTE** – Mas ele disse quanto vai pagar? Ele vai pagar mesmo?

**HOMEM** – *(Entrega um maço de cédulas)* Ele mandou entregar isso aqui. Depois que o jornal publicar o depoimento de vocês é que vem uma boa bolada.

**ADOLESCENTE** – caramba!

**HOMEM** – Você e o seu amigo têm que contar tudo. Tem que inventar, criar. Dizer que aconteceu e não pode titubear. Jornalista é foda. Conhece quando o sujeito

está dando um depoimento vacilante. Vocês têm que detonar aquele veado. O jornalista vai procurar vocês. Botem pra quebrar, rapazes. Vai ser um escândalo. Depois vocês vão ficar famosos. Dando entrevistas. Todos os jornais e revistas vão estampar suas caras na primeira página. Até a televisão vai procurar vocês...

**ADOLESCENTE**- Até televisão?!?!?!?!?

**HOMEM** – Então, vocês têm que aproveitar! É a chance de vocês saírem da merda e cada um fazer o seu pé de meia.

**ADOLESCENTE** – Se preocupe, não. Vamos botar pra foder!

**HOMEM** – É isso! Detonar!

## CENA 08

*(as luzes caem em resistência num cumprimento efusivo entre o homem e o adolescente. e abre no ambiente anterior. João e o escritor)*

**JOÃOSINHO** – A igreja não engoliu aquele carnaval da que eu fiz na Beija-Flor: Ratos e Urubus. Esse enredo está até hoje atravessado na garganta da Diocese.

**ESCRITOR** – Foi nessa época que você morou no exterior?

**JOÃOSINHO** – Dois anos em Portugal. Estava sem contrato e não suportava ficar fora do carnaval. Um amigo me deu apoio e fiquei esse tempo em Portugal. Um auto-exílio, em parte, porque eu fui impedido de fazer aquilo que sei fazer melhor: o carnaval. Não tive saída. Nesse período em Portugal, não deixei de criar enredos. Enredos para nenhuma escola de samba, já que eu estava banido do mundo do samba. No período do carnaval em vinha ao Brasil e me plantava com alguns poucos amigos, ali, no Edifício Balança Mas Não Cai. completamente anônimo. completamente esquecido. Aí eu percebi que a fama efêmera, fugaz. É como uma abelha. A fama tem ferrão e voa para bem distante. Uma recepção sempre muito fria nesses dois anos em que vivi em Portugal e vinha ao Brasil no período carnavalesco. De uma pessoa festejada passei a ser um pessoa totalmente rejeitada. Pessoas que antes me faziam festa, naquele período me viram as costas como se eu fosse um leproso. Tudo por conta dessa acusação de corrupção de menores, um crime pelo qual eu nunca fui inocentado. Todavia, eu gostaria de esclarecer todas essas tremas sobre mim. Quando o Dalai Lama esteve no Brasil, ele me disse que eu tivesse cuidados porque forças negativas me rondavam...Ele viu uma nuvem escura sempre me rondando com uma força imperiosa.

**ESCRITOR** – Essa fala do Dalai Lama foi antes...

**JOÃOSINHO** - Bem antes. Eu não dei atenção. Não tomei as devidas precauções. O projeto Flor do Amanhã foi o alvo que eles encontraram para derrubarem. Era um projeto que tinha como foco cuidar de adolescente em situação de risco, adolescente e crianças de ruas e plantio de flores em áreas de lixões. Transformar esses terrenos em áreas cultiváveis. Eu viajava muito e deixava pessoas de minha confiança tomando conta do projeto, quando eu fui surpreendido com a notícias de que adolescentes denunciavam assédios sexuais na sede da ONG flor do amanhã. Esta é a razão de eu não querer uma biografia agora. Ainda não é tempo. É preciso esclarecer essas acusações que caem sobre mim...

**BLACK-OUT**

## CENA 09

*(abre em resistência na sala de cirurgia de um hospital. dois médicos e um auxiliar de enfermagem tentam reanimar o paciente de AVC – acidente vascular cerebral. fazem massagem cardíaca e outros procedimentos de praxe. entrolham-se preocupados, entra o auxiliar)*

**MÉDICO** – *(Para o auxiliar)* – Rápido...

**AUXILIAR** – *(Instalando o tubo de oxigênio)* Pronto.

*(o paciente responde ao tratamento e balbucia algumas palavras)*

**JOÃOSINHO** – *(Um delírio)* Esse Abre-Alas nas cores branco e preto representam o inferno e o paraíso. É a explosão do Universo. O branco é a luz, o escuro as trevas.

*(o médico e o auxiliar entreolham-se, agora com um sorriso de cumplicidade e alegria plena)*

**MÉDICO** – Pronto: este é o Joãosinho Trinta. Com certeza vamos Ter desfile de escola de samba no CTI. *(o médico e o auxiliar sorriem)* Já ouço o samba campeão. *(Tom)* Estou confiante no restabelecimento dele. Sequelas no caso dele é inevitável. Uma isquemia. Um AVC desse porte é para matar elefante e o nosso homem já está viajando num enredo sobre o inferno e o paraíso.

**AUXILIAR** – Tem aí fora duas senhoras: uma é irmã dele, chama-se Enelzina e a outra é Maria Augusta é amiga.

**MÉDICO** – Maria Augusto é carnavalesca. Figura muito conhecida no mundo do samba. Essa senhora, Enelsina já esteve outras vezes visitando oirmão .

**AUXILIAR** – O doutor está por dentro do mundo do samba!

**MÉDICO** - Eu sou carioca, meu caro! Não esqueça!

**AUXILIAR**-Por isso não, o mago do carnaval, aqui na nossa frente (e aponta para João) não é carioca. É maranhense!

**MÉDICO**- O que importa é que o paciente está se recuperando. Quanto às visitas você sabe que é impossível. Ele precisa de repouso absoluto. Vai ficar aqui na unidade pelo menos umas duas semanas.

## **BLACK-OUT**

### **CENA 10**

*(no barracão da viradouro, um repórter entrevista João após o resultado do desfile)*

**REPÓRTER** – Estamos aqui ao vivo do Barracão da Unidos do Viradouro, para conversar com o carnavalesco da Escola. (Para Joãozinho Trinta) Joãozinho Trinta, a que você credita esse insucesso do desfile da vermelho e branco de Niterói?

**JOÃOZINHO TRINTA** – Na verdade não se pode dizer que o desfile da Viradouro foi um fracasso. Tivemos sim, problemas com algumas alegorias. Por exemplo uma alegoria do carro-abre Alas, a Rendeira do Ceará, quebrou ao passar no viaduto. Esse é um problema sério que acaba prejudicando as escolas de um modo geral.

**REPÓRTER** – Só para o telespectador entender: Neste ano de 1996, a Viradouro foi para a Avenida com o enredo “aquarela do Brasil no 2000”, em que o carnavalesco Joãozinho Trinta fala da riqueza das várias regiões brasileira, exaltando a cultura local. E essa escultura, a Rendeira do Ceará, realmente muito bonita. Eu tive oportunidade de ver o cuidado e carinho com que os operários aqui do barracão tinham com cada alegoria. Realmente um trabalho primoroso. Quebrou o pescoço da Rendeira ao passar pelo viaduto. Logo no começo do desfile. Os jurados não perdoam. Dava para ver de longe a cabeça pendida, quase caindo na avenida. E é uma alegoria grandiosa. Um trabalho primoroso do escultor, do pintor. Uma bela alegoria.

**JOÃOZINHO TRINTA** – Um trabalho de uma ano que foi prejudicado por um problema de engenharia, o viaduto – e não por um problema da escola. É lamentável que tenhamos ficado em 13º lugar.

**REPÓRTER** – Joãozinho, pelo que me consta houve outros problemas durante o desfile da sua escola, e estes, todos de ordem técnica, organizacional, como por exemplo, harmonia e evolução. E um carro acoplado a outro carro que os jurados parece que queriam contar como 9 carros e o regulamento da Liesa – Liga das Escolas de Samba só permite 8 carros

na avenida,.

**JOÃOZINHO** – Harmonia, evolução é um problema da escola. Da diretoria da escola com o Diretor de Carnaval. Não concerne ao carnavalesco. Quanto ao carro, de fato era um grande carro alegórico...

**REPÓRTER** – *(Sorri)* Grandiosidade em carnaval não é novidade em se tratando de Joãozinho Trinta. Você tem vários enredos e prêmio no seu currículo, Joãozinho Tem algum enredo especial. Que você ama de paixão?

**JOÃOZINHO TRINTA** – Tenho vários. Posso citar “Xica da Silva”, que eu fiz com o Arlindo Rodrigues e o Fernando Pamplona, em 1963. Foi a minha estreia no carnaval e no Salgueiro. Fiquei no Salgueiro de 63 a 75. Em 1976 assumi o carnaval da Beija – Flor de Nilópolis.

**REPÓRTER** - Se não me engano o Salgueiro foi campeão com esse enredo.

**JOÃOZINHO** – Campeoníssimo. Deu Salgueiro na cabeça naquele ano. Em seguida veio o golpe de 64, aí ficou difícil porque até o carnaval passou a ser controlado.

**REPÓRTER** - Tem outro enredo seu no Salgueiro, muito famoso. Campeão também.

**JOÃOZINHO TRINTA** – Foi “ Um Rei de França na Ilha de Assombração”. Foi em 1974, quando eu assinei o enredo. Aí eu era já o carnavalesco da vermelho e branco da Tijuca. Levei para a avenida as lenda do Maranhão. O folclore da minha terra. Costurei várias lendas: a da Ana Jansen, da serpente da Fonte do Ribeiro e deu aquele enredo maravilhoso.

**REPÓRTER** – Quem viu aquele carnaval conta que foi deslumbrante. E você inovou no tamanho dos carros e também no enredo. Dizem que pela primeira vez deixou-se o foco da história do brasil e cantar o Rio de Janeiro e a Bahia para ir buscar as lendas do norte.

**JOÃOZINHO TRINTA** – Era “Um Rei de França Na Ilha de Assombração” na avenida. Naquele carnaval o Salgueiro veio com tudo, para arrebatar o campeonato. Com um samba maravilhoso. Naquele ano o puxador do samba era o Laíla. Foi demoníaco. Muitos carnavais. Esse ano “Aquarela do Brasil no ano 2000”, um enredo que passeia pelas cinco regiões brasileiras.

*(a bateria explode o samba “aquarela do brasil no ano 2000”)*

## **BLACK-OUT**

### **CENA 11**

*(os refletores abrem num telejornal. sonoplastia - o prefixo de um telejornal )*

**REPÓRTER -APRESENTADOR** – Não perca. Logo mais no seu Jornal da TV desta Segunda feira, 24 de julho de 2006 : “Vôo da TAM retira mais de 200 brasileiros do Líbano”. “Show de U2 e Pearl Jam no ”. “Corpo de Guarniere é enterrado em São Paulo”. “Joãozinho Trinta continua internado em Hospital no Rio de Janeiro”.

*(refletores abrem numa sala do hospital. o médico conversa com maria augusta.)*

**MARIA AUGUSTA** – Amiga do João desde 1969, quando fizemos “bahia de todos os deuses”, no Salgueiro. Arlindo Rodrigues, o João, o Fernando Pamplona e eu. Tenho acompanhado essa via-crucis do João...

**MÉDICO** -Ele é uma rocha. O que é muito positivo.

**MARIA AUGUSTA** - Ele tem condições de se levantar dessa?

**MÉDICO** – Já está se recuperando de forma surpreendente. O quadro de pneumonia foi controlado e a retirada do respirador artificial foi iniciado ontem com a retirada do aparelho duas vezes ao dia. O aparelho está sendo usado de “modo espontâneo”... Usamos esse termo quando o ritmo respiratório do paciente controla o aparelho até para estimular a independência respiratória

**MARIA AUGUSTA** – Ele foi operado, doutor?

**MÉDICO** – Um procedimento normal no caso dele. Uma traqueostomia...

**MARIA AUGUSTA** – Traqueostomia?!

**MÉDICO** – É umas cirurgia que consiste na abertura de um orifício na traquéia e na

colocação de uma cânula para a passagem do ar. Não se preocupe. Ele está reagindo ao tratamento como um garoto.

## **BLACK-OUT**

### **CENA 12**

*(abrem simultâneamente vários refletores cruzados no plano da memória. barracão do salgueiro, 1974. joãozinho trinta e maria augusta, esta diante de um cavalete desenhando os figurinos do enredo “ um rei de frança na ilha de assombração”)*

**MARIA AUGUSTA** – Joãozinho, é verdade essa história ?

**JOÃOZINHO TRINTA** – Que história?

**MARIA AUGUSTA** – Essa história de que a comissão de frente vai entrar na avenida coberta com um lençol branco com furinhos perto dos olhos? A Isabel de Valença está apavorada com essa história.

*(maria pára os desenhos e cai numa estrondosa gargalhada)*

**JOÃOZINHO TRINTA** – Ora, essa, quem te disse isso?

**MARIA AUGUSTA** – O povo comenta pelo barracão e fora dele também. Eu fui no Saara comprar material pra minha roupa e o cara da loja me perguntou. Eu não soube o que dizer.

**MARIA AUGUSTSA**– Eu acreditei, João! a final em se tratando de inovação, você é o rei das surpresas.

**JOÃOZINHO** – *(Agastado)* – Pois não se preocupe. Ninguém vai entrar na avenida coberta com um lençol branco com furinhos perto dos olhos. Não é você mesma quem está desenhando os figurinos, Maria Augusta?

**MARIA AUGUSTA** – Ela sabe que vai sair de Maria de Médici e já viu o figurino. *(olha*

*para João começa a rir*) O problema é que você João já tem fama de que muda até carro alegórico na Avenida.

**JOÃOZINHO TRINTA** – Quem está espalhando essa mentira pelo barracão?

**MARIA AUGUSTA** – E sei mesmo. É o Osmar Valença. Um gozador! Resolveu gozar o enredo por causa da Praia dos Lençóis. *(E desata a rir)*

**JOÃOSINHO TRINTA** – O Osmar vem gozando esse enredo desde o ano passado quando eu o apresentei.

**MARIA AUGUSTA**- Ele falou isso de brincadeira e o povo do barracão acreditou e espalhou.

**JOÃOZINHO TRINTA** – Gozação, é? *(T)* Pois vou mostrar para esses críticos que dizem que “folclore da Bahia para cima não ganha carnaval”, que eles estão enganados. Este é um enredo para ganhar campeonato. *(Sorriso)* Que bom poder contar com o teu talento nesse carnaval. *(Joãosinho se aproxima de Maria Augusta, que faz desenhos no papel sobre o cavalete .explode)* Tá vendo!? Acabei de elogiar e você faz esta merda. Você é maluca?

**JOÃOZINHO TRINTA** – Não é assim, Maria Augusta! Eu te expliquei! É um índio na visão do rei criança. Esse figurino tem que refletir a visão que o rei menino tem do índio brasileiro. Ele vê o índio como os nobres se vestem na Europa. Isso ele conhece. Então ele pensa que o índio se veste com roupas enfeitadas de rendas, porque ele não conhece o material com que o índio faz sua vestimenta. Feito de renda a parte de cima, mas tem que lembrar um índio ao mesmo tempo não perdê a visão do rei menino.

**MARIA AUGUSTA**- *(Uma alfinetada)* então entrega esses figurinos pro Elso Trindade desenhar. Ele é muito mais talentoso que eu. Mais criativo.

**JOÃOZINHO TRINTA** – *(Outra vez irritado)* Inventa essa zanga como justificativa pra abandonar o barco *(Tom)* Esse carnaval está mesmo problemático.

**MARIA AUGUSTA**- Por quê?

**JOÃOZINHO TRINTA** – Por causa dessa mudança do desfile da Presidente Vargas para a Presidente Antônio Carlos. Os presidentes das escolas estão chiando...

**MARIA AUGUSTA** – o presidente da riotur está certo, João. Aquele trecho da Presidente Antônio Carlos no sentido Praça XV é ótimo. E depois como os bicheiros podem protestar se estão vendo as obras do metrô a pleno vapor? Como as escolas vão desfilar com a Rio Branco toda esburacada? Loucura esse protesto.

**JOÃOZINHO TRINTA** – Eles querem que os jurados não julguem os quesitos cronometragem e concentração, porque acreditam que em virtude dessa mudança as escolas ficaram prejudicadas.

**MARIA AUGUSTA** – É só cada escola chegar cedo na concentração e cumprir o tempo regular do desfile. Essa gente reclama de tudo.

*(maria augusta começa a esboçar outro figurino. joão acompanha com interesse)*

**BLACK-OUT**

### CENA 13

*(abrem refletores cruzados em joão no leito do hospital. joão retira o respirador artificial. senta na cama. o auxiliar de enfermagem entra.)*

**AUXILIAR DE ENFERMAGEM** – Seu João, fique deitado. O senhor não pode fazer isso!

**JOÃOZINHO TRINTA** – *(Como num transe)* A explosão do Universo. O Big-Bang.

**AUXILIAR** – Que explosão do Universo, seu João. Deite e descanse...

**JOÃOZINHO TRINTA** – *(Eufórico)* O novo enredo. “trevas, luz - A Explosão do Universo”. Minha filha, me dê um papel e anote isso que eu vou ditar, por favor.

*(auxiliar pega caneta e papel, aproxima-se de joão. os acordes do samba “trevas, luz- a explosão do universo” num crescendo. joão gesticulando e falando. auxiliar anotando. black-out. refletores abrem em joão e um figurinista que trabalha em um cavalete, mostra os*

*desenhos para João)*

**FIGURINISTA** – Que tal, João?

**JOÃOZINHO TRINTA** – Pode deixar essa gola um pouco maior e aqui na saia um caimento de lamê bordado com strass.

**FIGURINISTA** – Os franceses vão cair no samba nos Champs-Elisées. Eles vão ferver, João! (Dança e canta) Quando meu olhar banhou Paris...

**JOÃOZINHO TRINTA** – (*Explode*) – Pára de fazer frescuras...a Copa do Mundo está acontecendo...A copa do mundo na França e o carnaval brasileiro em Paris tem que ser perfeito! Pense que vamos disputar o campeonato na Sapucaí. Por quê esse desleixo?! EU QUERO PERFEIÇÃO. Eu quero um carnaval demoníaco em terras francesas.

**FIGURINISTA** – Calma, João! O carnaval de Paris está pronto! Resta saber se a nossa seleção vai trazer o troféu.

**JOÃOZINHO** – Ganhar a copa é com os jogadores. Meu compromisso é com o carnaval.

**FIGURINISTA** – João a mulher do Prefeito de Jequié telefonou hoje à tarde. Quer falar com urgente...

**JOÃOZINHO TRINTA**- Qual é o assunto?

**FIGURINISTA** – Quer te convidar para fazer outro carnaval em Jequié...A comemoração dos 101 anos da cidade.

**JOÃOZINHO TRINTA** – Nem quero saber de carnaval para comemorar aniversário de Jequié...Ainda hoje eu tô pagando o pessoal. Um prejuízo...(Falsa Irritação) Também, criatura, tua loucura não tem limite: estamos em Paris e você voa pra Jequié...

**FIGURINISTA** – Não sou culpado de você ter levado beijo da tua amiga.

**JOÃOZINHO TRINTA** – O quê?

**FIGURINISTA** – Você entrega teu dinheiro na mão de qualquer um, ou melhor, desta vez foi na mão de uma zinha qualquer. A outra o que fez? Vou pra Paris com o bofe e o teu dinheiro pra bancar o bofe, claro! Ela está em Paris se refestelando com o amante às tuas custas. Não se pode confiar em todo mundo.

**JOÃOSINHO TRINTA** – Não devemos nos apegar às coisas materiais. Pra quê juntar dinheiro? Caixaõ não tem gaveta.

*(joão sai. figurinista acompanha-o com um olhar misto de ressentimento e despeito. Entra os primeiros sons da musica “o ballet da bola”, de gilberto gil, composta para a copa do mundo de 1988. figurinista samba como um passista na avenida. a música cessa)*

**BLACK-OUT**

#### CENA 14

**VIRIATO** – Ô João, não era para você estar em Londres hoje?

**JOÃOZINHO** – Era! Mas estou aqui e saiba você, Viriato, que já em Londres fiquei sabendo que você fez a festa dos protótipos das fantasias de Ratos e Urubus. (Olha as fantasias) Não é isso!? Você sabe que não são esses figurinos os da minha concepção para esse carnaval. E você aproveita a minha ausência para fazer mostrar os protótipos.

**VIRIATO** – Joãozinho Trinta, eu já te disse que isso não é enredo! Imagina: mendigos na avenida, coisa mais horrorosa! A Beija-Flor é uma escola de luxo. Fantasias perfeitas e muito luxo. Esse é o estilo da Beija-Flor. Vai ser um choque esse carnaval do jeito que você quer! No mínimo a escola ser vaiada. Vai ser uma vergonha, João. Te prepara!

*(joão olha viriato e balança a cabeça negativamente. dirige-se para uma fantasia e tira-a do manequim)*

**VIRIATO** – Essa é a roupa da Teresa. Viu como ficou linda? Ela amouuuu!

*(joão rasga em duas ou três tiras a roupa, joga-a no chão e pisa sobre o figurino. em seguida pega dois ou três spray's de cores diferentes e chamusca a fantasia cobrindo-a com papel água.)*

**JOÃOSINHO**- É isso. A concepção do figurino é essa.

**VIRIATO** – João, eu tenho um enredo maravilhoso. Eu te dou: você assina. Ninguém precisa saber que a ideia foi minha. Você pode registrar...Mas essa coisa horrorosa que você imagina, está a milhas de um enredo de carnaval. Isso é loucura, João!

**JOÃOSINHO TRINTA** – (*Raiva contida*) Muito obrigado. Desenvolva seu enredo quando você puder. Eu vou fazer “ratos e urubus; larguem a minha fantasia”.

**VIRIATO** – Eu não vou fazer este carnaval, João, simplesmente porquê eu não sei desenhar lixo! Eu não fiz Belas Artes para desenhar lixo. (*explode*) eu não vou desenhar os figurinos desse carnaval. lixo, não! me poupe!

**VIRIATO** sai e João acompanha-o com o olhar. expressão fechada.

**JOÃOSINHO TRINTA** – Eu te mostro: não só vai fazer o carnaval como vai desfilhar no carro do lixo. Teu destaque ser de Rei dos Mendigos.

## CENA 15

*(os refletores abrem num corredor do hospital sara kubschek, em Brasília. a cena está vazia. mudança de luz para quase penumbra. entram os sons da bateria de uma escola de samba num crescendo. o canhão francês vai buscar joãozinho pilotando uma cadeira de rodas, sorridente, acenando para uma platéia de um sambódromo invisível.)*

**REPÓRTER** – Aqui o nosso homem de sete fôlego. Joãozinho Trinta, que está há alguns meses internado no Hospital Sara Kubschek, em Brasília, deixa o hospital já recuperado de um AVC, mas ainda em sua cadeira de rodas, para fazer o que ele mais gosta. Estar em plena Marquês de Sapucaí. (*Para Joãozinho Trinta*) E aí, Joãozinho, está preparado para ser campeão desse carnaval de 2006?

**JOÃOZINHO TRINTA** – (*Sorriso aberto*) Preparadíssimo! Já passei pela cidade, que é a oitava maravilha do mundo. A arquitetura de Brasília é uma imensidão de beleza e prova do talento do povo brasileiro. Viva Brasília! Viva o carnaval brasileiro. Aqui nasceu meu mais novo projeto: O Carnaval das Nações, que será o carnaval brasileiro ano a ano percorrendo o mundo com 500 componentes num avião, visitando todos os países, por isso é chamado carnaval das nações. Já visitei algumas embaixadas e a receptividade ao

projeto está sendo muito boa.

**REPÓRTER-** Esse é o Joãozinho Trinta que todos conhecemos. Daqui, do Hospital Sara Kubschek, Joãozinho Trinta segue para o aeroporto com destino ao Rio de Janeiro, onde desfilará na sua escola atual, a Vila Isabel. Viva Joãozinho Trinta. E Viva o Carnaval das Nações, o mais novo projeto de Joãozinho Trinta.

*(entram os primeiros acordes do sambma “soy louco por ti américa – a vila canta a lantinidadé” joãosinho saudando a platéia. entram os acordes de “reconvexo”, composição de caetano veloso, o elenco canta e dança e a luz cai em resitência)*

**FIM**

Obs: O nome do carnavalesco, no diminutivo, como era conhecido, está grafado com “S”, por exigência do próprio que seguia à risca os conselhos da numerologia.

***Rio de Janeiro, 07 de julho de 2006/20h09.***

## O REI DE FRANÇA NA ILHA DA ASSOMBRAÇÃO

Autores: Zé Di e Noel Rosa de Oliveira

Interprete: Laíla

In credo in cruz, ê, ê, virge Maria  
As pretas véias se benze, me arrepia,  
Ô. Ô, Xangô.  
As pretas véias não mete, não sinhô.

Não cantaram em vão  
O poeta e o sabiá  
Na Fonte do Ribeirão  
Lendas e assombração  
Contam que um rei criança  
Viu um Reino de França no Maranhão

Das matas fez o salão dos espelhos  
Em candelabros palmeirais  
Da gente índia a corte real  
Do ouro e prata um mundo irreal

Na imaginação do rei mimado  
A rainha era a deusa  
Do reino encantado

Na Praia dos Lençóis  
Areia e assombração  
O touro coroadado  
É Dom Sebastião

É meia noite, Nhá Jança vem  
Desce do além na carruagem  
Do fogo vivo, luz da nobreza  
E a escrava que maravilha  
É a serpente de prata  
Que rodeia a Ilha.

## RECONVEXO

Autor: Caetano Veloso

Interprete: Maria Bethânia

Eu sou a chuva que lança  
A areia do Saara  
Sobre os automóveis de Roma  
Sou a areia que dança  
A destemida Iara  
Água e folha da Amazônia  
Sou a sombra da voz da matriarca  
Da Roma negra  
Você não me pega  
Você nem chega a me ver  
Meu som te cega  
Careta, quem é você?  
Que não sentiu o suingue de Henry Salvador,  
Que não seguiu Oludum balançando o Pelô!  
E que não riu com a risada de (Hendy Horror)  
Que não, que não  
E nem disse que não

Eu sou o preto norte,  
Americano forte,

Com um brinco de ouro na orelha,  
Sou o amor da primeira  
Musica mais velha  
Mais nova espada e seu corte  
Sou o cheiro dos livros desesperados  
Sou Gita Gogóia  
Seu olho me olha  
Mas não me pode alcançar  
Não tem escolha, careta,  
Vou descartar

Quem não rezou a novena de dona Canô!  
Quem seguiu o mendigo Joãosinho Beija-Flor  
Quem não amou a elegância sutil de Bobô  
Quem não reconvexo nem pode ser reconvexou

Meu som te cega, careta  
Vou descartar  
Quem não sentiu o suingue de Henry Salvador  
Quem não seguiu Olodum balançando o Pelô  
E quem não riu com risada de Henny Horror  
Que não, que não e nem disse que não.



**DOIS (2005)**

MARCELO FLECHA

**DOIS**  
2005  
**MARCELO FLECHA**

**PERSONAGENS:**

**MULHER:** uma velha atriz, uma atriz, a atriz.

**HOMEM:** um velho ator, um ator, o ator.

*(O palco não contém cenografia. A ação se passa em três momentos. No primeiro os atores usam óculos, perucas e as caracterizações indicam idade avançada: uma velha atriz e um velho ator. Transitam entre lucidez e lampejos de delírio provocados pela senilidade. A comicidade, neste momento, permeia a cena. Preferencialmente a plateia estará quase vazia.)*

**MULHER** (*observando-se*) – Quanta carne cobre minha raiva! Matilde! Masina! Gala! Madalena! Mulheres... Musas de homens incapazes de ver!... Grande merda!...

**HOMEM** (*entrando*) – Meio-dia. Arroz, feijão, purê e carne assada. Embora almoçar?

**MULHER** – E se comêssemos um ao outro?

**HOMEM** – Congestão na certa!

**MULHER** – Errado! Dois pratos, diferentes temperos... Homem: prato quente! Saboroso, mas sem recheio!

**HOMEM** – Mulher: prato servido quente ou frio, dependendo do talento do *gourmet*! Recheado de sonhos, sonhos e mais sonhos! Acorda Alice! Vamos almoçar?

*(Pausa.)*

**MULHER** – Como chegamos a isto? Velhos! Solitários! Com hora marcada para morrer!

**HOMEM** – Espero que esse relógio esteja parado.

**MULHER** – Falo sério!

**HOMEM** – E eu não? Se o relógio da vida parasse sobraria tempo para descobrir o que aconteceu!

**MULHER** – Aconteceu exatamente isso! O tempo passou! ... E perdemos a hora!

**HOMEM** – Quando te conheci, enquanto fazíamos aquele teste, pensava se um dia voltaria a te ver de novo! Nunca imaginei que minha sina seria viver e morrer ao lado da (*debochando*) “musa do teatro moderno”!

**MULHER** – Isso durou tão pouco... Manchetes! Esse mesmo papel de jornal, no dia seguinte, estava servindo para embrulhar peixe!

**HOMEM** – Podia ser pior. Meu pai contava que na época dele usavam jornal para limpar

a...

**MULHER** – Escolhemos a profissão errada! Efemeridade!... Teatro lotado, luzes iluminando o rosto, aplausos... e no dia seguinte o quê? Apenas a vaga lembrança na mente dos poucos espectadores que se esforçaram para não dormir.

**HOMEM** – E você teria feito o quê? Engenharia?... A pedra é garantia de perpetuidade...

**MULHER** – ... mas não de transcendência!

**HOMEM**(*depois de uma pequena pausa, lembrado os velhos tempos*) – Eu não me queixo, tenho meu lugarzinho na história.

**MULHER** – Você era um excelente ator! Seu Hamlet foi antológico!

**HOMEM** – O papel era perfeito para mim...

**MULHER** – Isso foi há tanto tempo...

**HOMEM**(*nostálgico*) – Meu rosto era lindo, os músculos firmes...

**MULHER**(*apontando para ele*) – ... sobrou a pele e o osso!

**HOMEM** – Olha quem fala!

(*Pausa.*)

**MULHER** – Tanto esforço, tantas privações, para quê? Às vezes me confundo com as personagens que fiz e não consigo perceber quem sou!

**HOMEM** – Pior são as personagens que nunca fizemos, e que pairam pela cabeça da gente como fantasmas pedindo reza!

**MULHER** – Medeia! Geni!

**HOMEM** – Édipo! Marat!

**MULHER** – Bernarda Alba.

**HOMEM** – Estragon.

**MULHER** – Mãe Coragem...

**HOMEM** – Rei Lear...

**MULHER** – Antígona...

**HOMEM**(*ironizando*) – ... antigona...

(*Pausa.*)

**MULHER** – Só consigo lembrar os meus fracassos...

**HOMEM** – ... são mais excitantes...

**MULHER** – ... a frustração, a dor... o tédio...

**HOMEM** – O sexo depois do fracasso será sempre o auge do prazer!

**MULHER** – Transávamos em demasia...

**HOMEM** – O sexo nunca é excessivo.

**MULHER** – Falta!

**HOMEM** – Falta?

**MULHER** – Falta faz o sexo hoje, usamos todo ele na juventude...

**HOMEM** – As coisas gastam mesmo, estamos gastos...

**MULHER** – Se tivéssemos economizado, hoje sobraria?

**HOMEM** – Sexo?

**MULHER** – Sim.

**HOMEM** – Não sei, talvez!

**MULHER** – Bobagem!

**HOMEM** – Tem muita gente mais velha que a gente transando por aí.

**MULHER** – Você não entende... Uma estrela como eu não poderia jamais se prestar a uma exposição dessas. Imagine só: minha pele enrugada, as carnes caídas... não!... Jamais!

*(Pausa.)*

**HOMEM** – Devíamos ter nos dedicado ao cérebro.

**MULHER** – Como?

**HOMEM** – Intelecto, pensadores não envelhecem...

**MULHER** – Faz sentido.

**HOMEM** – Claro que faz!

**MULHER** – Um intelectual de oitenta anos é um homem respeitado...

**HOMEM** – ... uma atriz de sessenta é uma velha em fim de carreira!

**MULHER** – Carreira, que carreira? Isto que dizemos ser um trabalho não é uma profissão! Vivemos da ilusão, da mentira! Que profissão pode se sustentar numa base dessas e ainda dar certo?

**HOMEM** – Advogados, políticos... ora, tem um monte por aí.

**MULHER** – Dos males o menor.

**HOMEM** – Das dores a pior.

**MULHER** – A pior das dores.

**HOMEM**(*observando*) – Doendo de novo?

**MULHER** – Sempre que me levanto dói.

**HOMEM** – E o médico?

**MULHER** – Diz que é da idade...

**HOMEM** – Essa é a melhor doença para os médicos, não precisam explicar nem diagnosticar nada, basta olhar pra nossa cara enrugada e arrematar: é da idade!

**MULHER** – E não é?

**HOMEM** – Que seja.

**MULHER** – O quê?

**HOMEM** – A idade...

**MULHER** – Culpada de tudo?

**HOMEM** – É.

**MULHER** – Não acho.

**HOMEM** – Você quer me contrariar.

**MULHER** – Só posso ser contrária de alguém que não seja a favor...

**HOMEM** – E eu com isso?

**MULHER** – Ora, você é meu opositor!

**HOMEM** – Quê?

**MULHER** – Sim!

**HOMEM** – Não! Eu sou o único amigo que ainda te resta!

**MULHER** – Nada disso!

**HOMEM** – Como não? Diz o nome de algum outro...

**MULHER** – Abelardo, Albano, Anastácia, Asdrúbal, Aristides... só pra citar alguns que começam com “a”...

**HOMEM** – Abestada, abestalhada, abobada, abesteirada é o que você está se tornando...

*(Pausa.)*

**MULHER***(refletindo)* – É verdade... vamos perdendo a noção...

**HOMEM** – ... e a nação vai nos perdendo...

**MULHER** – Nos matando você quer dizer?

**HOMEM** – Com uma aposentadoria dessas...

**MULHER** – Você sempre se preocupou com isso... Engraçado, acho que você é o único artista que eu conheça que se preocupou com a aposentadoria. Minto, teve outro em Fortaleza de quem nunca mais tive notícias!

**HOMEM** – Me agradeça, não fosse por ela, estaríamos os dois no Retiro dos Artistas...

**MULHER** – Não vejo grande diferença.

**HOMEM** – Ingrata!

**MULHER** – Regata...

**HOMEM** – Rebata.

**MULHER** – Bravata!

**HOMEM** – Gravata...

**MULHER** – ... fragata.

**HOMEM** – Chibata!

**MULHER** – Renata...

**HOMEM** – Sapata.

**MULHER** – Era não!

**HOMEM** – O quê?

**MULHER** – Nada.

**HOMEM** – Sim...

*(Pausa.)*

**MULHER** – ... sim, os amigos vão desaparecendo aos poucos...

**HOMEM** – ... poucos amigos não desaparecem...

**MULHER** – ... aparecem às vezes, os poucos...

**HOMEM** – Quando?

**MULHER** – Ora, sei lá? Divago...

**HOMEM** – Jivago? Doutor Jivago?

**MULHER** – Ah, meu Deus! Além de velho, surdo!

**HOMEM** – Além de surdo, velho, melhor dito. Nunca escutei muito bem...

**MULHER** – Você nunca escutou. Nem bem, nem mal. Em cena pensavam que você tinha tempos dramáticos ótimos. Que nada, você não escutava a deixa!

**HOMEM** – Mas é isso. Tudo na vida é por acaso!

**MULHER** – A surdez?

**HOMEM** – O tempo dramático!

**MULHER** – Engraçadinho...

**HOMEM** – É como eu digo: talento, estudo, dedicação, isso de nada adianta. Sucesso ou fracasso, tudo é obra do acaso!

**MULHER** – Essa é a maior bobagem que escutei na minha vida; vantagem dos que não escutam...

**HOMEM** – Pensa bem. Se Abimael não tivesse procurado Evaristo, o que teria acontecido a Abimael?

**MULHER** – Continuaría no meio do mato!

**HOMEM** – No entanto, Evaristo convida Abimael, arranca ele do mato e pimba! A carreira dele estoura!

**MULHER** – É...

**HOMEM** – Quantos atores trabalhariam com Evaristo?

**MULHER** – Sei lá, os que ele quisesse.

**HOMEM** – No entanto, por que Abimael?

**MULHER** – Passava por aí, a caminho de casa...

**HOMEM** – Então, por acaso...

**MULHER** – Tá, tá...

**HOMEM** – E o que poderia parar a carreira de Abimael?

**MULHER** – Naquele momento, nada! Depois que estourou foi algo impressionante; tudo dava certo. Como ele dizia, o céu é o limite!

**HOMEM** – No entanto...

**MULHER** – ... um caminhão passou por cima dele...

**HOMEM** – ... por acaso!

**MULHER** – Como ele dizia: “O céu é o limite”! (*desconversando*) Mas é um caso isolado.

**HOMEM** – Insisto. Tudo é questão de sorte, acaso, destino ou como queiram chamar.

**MULHER**(*como se houvesse um telefone*) – É, vou chamar!

**HOMEM** – Quem?

**MULHER** – O acaso, a sorte... quem sabe não atendem?

**HOMEM** – E se atendessem?

**MULHER** – Marcávamos uma consulta, pedíamos um diagnóstico, e aí decidíamos apertar ou não o gatilho...

**HOMEM** – Isso faria sentido quarenta anos atrás, hoje é só meter a bala na cabeça! O que nos resta que a sorte ou o acaso possam melhorar?

**MULHER** – Ora, estamos no início do fim da nossa vida!

**HOMEM** – Eita! Que nunca vi fim pra ter tanto começo! Nascemos pra morrer e quando estamos perto lá vêm os jovens para nos conformar: (*imitando, debochado*) “terceira idade”, “melhor idade”... melhor é a puta que o pariu!

(*Pausa.*)

**MULHER** – Você mudou.

**HOMEM** – ...?

**MULHER** – Mudou!

**HOMEM** – ...?

**MULHER** – De humor! Você estava mais animadinho com a ideia de almoçar...

**HOMEM** – Perdi a fome. Acha pra mim?

**MULHER** – Onde está?

**HOMEM** – Sei lá! Você deve ter colocado em algum lugar...

**MULHER**(*enquanto busca*) – Sem ela não vamos poder almoçar...

**HOMEM** – Você vive perdendo tudo...

**MULHER** – Eu?

**HOMEM** – Todo dia é a mesma coisa...

**MULHER** – Mas foi você que perdeu!

**HOMEM** – Eu? (*como se iniciasse uma disputa*) Eu ganhei!

**MULHER** – Perdeu...

**HOMEM** – Ganhei!

**MULHER** – Perdeu!

**HOMEM** – Ganhei!

**MULHER** – Perdeu...

**HOMEM**(*confuso*) – O quê?

**MULHER** – A fome!

**HOMEM** – Ah! É mesmo. (*vendo que ela permanece imóvel*) Então acha!

**MULHER**(*como se encontrasse uma colher, mostrando-a*) – Achei!

**HOMEM** – Ótimo! Agora já podemos nos servir!

*(Longa pausa. Segundo momento. Os atores retiram as perucas e assumem características de atores mais jovens: uma atriz e um ator. A cena continua se desenrolando na frente da plateia como se interrompessem a apresentação no meio do espetáculo. Tiram algumas peças do figurino, desistindo de continuar a encenação. A comicidade cessa com a quebra da ação e o tom dramático se estabelece. O delírio senil dá lugar ao delírio paranoico, e as personagens pontuarão sua lucidez com devaneios.)*

**MULHER** – Não está bom!

**HOMEM** – Não...

**MULHER** – Será o ritmo?

**HOMEM**(*pensativo*) – Falta vida...

**MULHER**(*refletindo*) – Que ironia, né?

**HOMEM** – O quê?

**MULHER** – Falar em vida...

**HOMEM** – Pois é...

*(Pausa.)*

**MULHER** – Para que isso tudo?

**HOMEM** – Sei lá! (*indica com a cabeça*) Para o público.

**MULHER**(*olhando para o público, procurando*) – Que público?

**HOMEM** – Sei lá!

**MULHER** – Alguma coisa tem que ser feita.

**HOMEM** – E isto é alguma coisa?

**MULHER** – Sei lá!

**HOMEM** – Devíamos saber.

**MULHER** – Por quê?

**HOMEM** – É a nossa profissão...

**MULHER** – É.

**HOMEM** – Então.

**MULHER** – Profissão de risco.

**HOMEM** – Risco do esquecimento.

*(Pausa.)*

**MULHER** – Se o público não quer, por que fazemos?

**HOMEM** – Para encher o saco!

**MULHER** – De quem?

**HOMEM** – Do público.

**MULHER**(*apontando para o público*) – Mas se não tem!

**HOMEM** – Então de nós mesmos.

**MULHER** – Não entendo.

**HOMEM** – Quem quer entender.

**MULHER** – Ninguém.

*(Pausa.)*

**HOMEM** – E se tentássemos outro caminho?

**MULHER** – Como o quê?

**HOMEM** – Sei lá! Algo mais polêmico!

**MULHER** – Tipo?

**HOMEM** – Sei lá! Violência. Sexo.

**MULHER** – Sei lá!

**HOMEM** – Política!

**MULHER** – Seria uma tentativa para sobreviver?

**HOMEM** – Seria uma tentativa para rever...

**MULHER** – Rever?

**HOMEM** – O público!

**MULHER** – É, faz tanto tempo.

**HOMEM** – Desapareceram.

**MULHER** – E quando aparecem é assim.

**HOMEM** – Assim.

**MULHER** – É.

*(Pausa.)*

**MULHER** – E se esquecêssemos do público?

**HOMEM** – Eles nos esqueceram primeiro.

**MULHER** – Só confirma nossas suspeitas.

**HOMEM** – Bobagem.

**MULHER** – Não sei...

**HOMEM** – Tudo deve estar normal.

**MULHER** – Como saber?

**HOMEM** – Eu sinto.

**MULHER** – Não serve!

**HOMEM** – Te garanto que estão bem.

**MULHER** – Garantir como?

**HOMEM** – Não sei.

**MULHER** – Você também duvida?

**HOMEM** – É.

**MULHER** – Então?

**HOMEM** – Então não garanto...

**MULHER** – Pois é.

**HOMEM** – Apenas acho...

**MULHER** – Mas precisamos ter certeza!

**HOMEM** – Se não estivessem bem já saberíamos.

**MULHER** – Como, se não saímos daqui?

**HOMEM** – Os sons chegariam.

**MULHER** – Não custava nada verificar.

**HOMEM** – Custaria nossa vida...

**MULHER** – São só suspeitas...

**HOMEM** – Mas, deve ter vida lá fora.

**MULHER** – Será?

**HOMEM** – Não sei... *(indicando a plateia)* Só sobraram poucos...

(Pausa.)

**MULHER** – Ontem no ensaio eu ouvi sons...

**HOMEM** – Eram de corpos caindo...

**MULHER** – Eles são cada vez menos.

**HOMEM** – Basta comparar as últimas plateias...

**MULHER** – Menores a cada dia...

**HOMEM** – E seremos menos ainda no final.

(Pausa.)

**MULHER** – Mas, deve haver alguma esperança...

**HOMEM** – Não sei...

**MULHER** – Algum sinal!

**HOMEM** – Se houvesse já teríamos percebido...

**MULHER** – É verdade. O ar mudaria...

**HOMEM**(*indicando a plateia*) – ... ou eles nos diriam.

**MULHER** – Como? Se os que chegam até aqui estão quase sempre catatônicos!

**HOMEM** – São os sintomas da contaminação...

**MULHER** – Eles chegam sem saber por que...

**HOMEM** – Sabem sim! Tentam livrar-se dela...

**MULHER** – Da contaminação?

**HOMEM** – Exato!

**MULHER**(*reflexiva*) – Custa imaginar que um homem só consiga se sentir livre estando preso aqui...

**HOMEM** – Não é tão difícil de entender... Ilusão. Fé. Basta acreditar em algo...

**MULHER** – É o que procuram aqui.

**HOMEM** – O quê?

**MULHER** – Sobreviver! Estas paredes são imensas, isoladas...

**HOMEM** – E a volta?

**MULHER** – Imunidade temporária.

**HOMEM** – Prolongar o sofrimento.

**MULHER** – É alguma coisa.

**HOMEM** – Alguma coisa...

**MULHER** – Só podem estar perseguindo o sofrimento.

**HOMEM** – Como assim?

**MULHER** – Se estão surdos, só podem estar vindo aqui para tentar se lembrar dos sons.

**HOMEM** – Qual é a graça?

**MULHER** – Não sei... Saudosismo.

**HOMEM** – Saudades? Mas se antes podiam ouvir e não ouviam!

**MULHER** – Arrependimento, então!

**HOMEM** – Acho estranho...

**MULHER** – Por quê?

**HOMEM** – Que som o surdo ouve?

**MULHER** – ...?

**HOMEM** – Assim, sei lá, o vazio do nada tem que som?

**MULHER** – ...?

**HOMEM** – Por que esse castigo?

**MULHER**(*pensando*) – Alguma razão...

**HOMEM** – Tipo?

**MULHER** – Suspender a comunicação.

**HOMEM** – Não pode ser isso. Ainda restam as mãos, os olhos...

**MULHER** – É...

**HOMEM**(*analizando*) – Mas... sem a audição os sons deixam de existir. Se ninguém ouve, o som perde o sentido.

**MULHER** – Talvez esse seja o castigo... Eles perdem a audição, e nós perdemos os ouvidos!

**HOMEM** – Como?

**MULHER** – Os ouvidos... (*apontando para a plateia*) deles!

**HOMEM** – Entendi...

(*Pausa.*)

**MULHER**(*pensativa*) – Mas se ninguém escuta, por que falamos?

**HOMEM**(*enfático*) – Resistência.

**MULHER** – Como assim?

**HOMEM** – Talvez por isso ainda não chegou aqui.

**MULHER** – Continuo sem entender...

**HOMEM** – Nós continuamos resistindo!

**MULHER** – Mas é muita pretensão! Eu já disse: são as paredes, o isolamento. (*debochando*) Resistência...

**HOMEM** – Pensa bem, quantos ainda resistem?

**MULHER** – Como saber?

**HOMEM**(*irritado, com gestos para a plateia*) – Pelos panfletos e programas que eles trazem e deixam jogados aí na plateia!

**MULHER** – Nesse caso... (*pensando*) os do Teatro Morto, na saída da cidade...

**HOMEM** – ... os do Teatro Catapulta...

**MULHER** – ... e nós.

**HOMEM** – Então?

**MULHER** – É coincidência.

**HOMEM** – Não é! A palavra, mesmo não ouvida, continua palavra em nossa boca.

**MULHER**(*irônica*) – Os do Teatro Morto não usam palavras...

**HOMEM**(*desolado*) – É verdade... (*percebendo*) mas dizem!

**MULHER** – Ou diziam... Nem sabemos se ainda estão lá...

**HOMEM**(*pausa, perguntando para a plateia*) – Estão lá?

**MULHER**(*rapidamente, sem permitir resposta da plateia*) – Catatônicos! Eles não sabem nem porque estão aqui.

**HOMEM** – É verdade. Nós paramos a peça faz tempo e eles continuam aqui.

**MULHER** – Esperando o fim.

**HOMEM** – Evitando o fim, você quer dizer.

**MULHER** – Digo.

(*Pausa.*)

**HOMEM** – Diga.

**MULHER** – Antigamente, se estivéssemos do lado de fora, entraríamos?

**HOMEM** – Difícil dizer...

**MULHER** – Por quê?

**HOMEM** – Dependeria do Teorema Platético daquele tal de SaputoTomaki, publicado no final da Revolução do Olhar, lembra?

**MULHER**(*explica pausadamente com sarcasmo, imitando um teórico*) – “A confirmação percentual da plateia está diretamente relacionada à concentração harmônica de temas consensuais, sempre que abordados de maneira polêmica... (*debochada*) e blá-blá-blá...”

**HOMEM** – É... estavam mortos muito antes de tudo isto acontecer...

**MULHER** – Mortos de medo de viver!

**HOMEM** – E agora pra não morrer...

**MULHER** – ... voltam correndo para cá...

**HOMEM** – Correndo?

**MULHER** – É modo de falar!

**HOMEM** – Pode falar à vontade, não ouvem mesmo!

*(Pausa.)*

**MULHER** – É... surdos, os de fora, entram...

**HOMEM** – ... e os de dentro, sem os ouvidos, falam.

**MULHER** – Que comunicação.

*(Pausa.)*

**MULHER** – E se nada aconteceu?

**HOMEM** – Como assim?

**MULHER** – Se for paranoia da nossa cabeça?

**HOMEM** – O quê?

**MULHER** – A contaminação!

**HOMEM** – Aí seria bem pior.

**MULHER** – Por quê?

**HOMEM** – Os mortos seríamos nós.

**MULHER** – Não entendo.

**HOMEM** – Perceberíamos que perdemos.

**MULHER** – O quê?

**HOMEM** – Nossa função.

**MULHER** – Que função?

**HOMEM** – Estamos num teatro, lembra?

**MULHER** – Só porque eles não entram não significa que não funcione.

**HOMEM** – Como não?

**MULHER** – Não existe relação!

**HOMEM** – Claro que sim!

**MULHER** – Loucura! O teatro sempre vai funcionar!

**HOMEM** – Talvez não...

**MULHER** – Absurdo!

**HOMEM** – ... aí os teatros virariam igrejas...

**MULHER** – Maluquice!

**HOMEM** – ... as plateias ficariam lotadas de fiéis...

**MULHER**(*arrematando, irritada*) – ... e seria o nosso fim!

(Pausa.)

**HOMEM** – Seria... o fato é que não é.

**MULHER** – O quê?

**HOMEM** – Paranoia.

**MULHER** – Prova!

**HOMEM**(*aponta para a plateia*) – Olha o estado deles!

**MULHER** – Da plateia?

**HOMEM** – Exatamente.

**MULHER** – Isso não prova nada.

**HOMEM** – Claro que prova!

**MULHER** – Eles sempre foram assim...

**HOMEM** – Ausentes?

**MULHER** – E distantes.

**HOMEM** – Mas não catatônicos!

**MULHER**(*irônica*) – Jura?

**HOMEM**(*pensativo*) – Pensando bem, eles já...

**MULHER**(*complementando*) – Muito antes da contaminação!

**HOMEM** – Então não sei.

**MULHER** – Não há como, os dias são iguais.

**HOMEM** – Iguais a cada dia.

**MULHER** – Menos mal.

**HOMEM** – Menos?

**MULHER** – Perdão.

**HOMEM**(*amenizando*) – A culpa não é sua.

**MULHER** – Nem sua.

**HOMEM** – Não tenho tanta certeza disso.

**MULHER** – Por quê?

**HOMEM** – Talvez sejamos responsáveis.

**MULHER**(*pausa, distraída*) – Talvez sejamos responsáveis...

**HOMEM** – E essa seria nossa punição.

**MULHER**(*distraída*) – Nossa punição... (*reagindo*) Qual?

**HOMEM** – Jamais saber.

**MULHER** – O quê?

**HOMEM** – Se é!

**MULHER** – Paranoia?

**HOMEM** – Ou contaminação...

**MULHER**(*pequena pausa*) – Nunca saberemos...

**HOMEM** – ... e nunca entenderemos por que continuamos aqui.

*(Longa pausa. Terceiro momento. De frente para a plateia os atores se sentam e tiram os óculos interrompendo novamente a encenação. Removem a maquiagem e assumem suas características pessoais: a atriz e o ator. A derradeira suspensão da ação gera um tom desolador.)*

**MULHER** – Engajado demais!

**HOMEM** – Demais.

*(Pausa.)*

**MULHER** – Confuso demais.

**HOMEM** – Demais!

*(Pausa.)*

**MULHER** – Muita repetição.

**HOMEM** – Muita!

*(Pausa.)*

**MULHER** – Tá tudo errado!

**HOMEM** – Tudo.

*(Pausa.)*

**MULHER** – O problema é o texto.

**HOMEM** – O texto...

*(Pausa.)*

**MULHER** – Procuramos outro?

**HOMEM** – Talvez...

*(Entreolham-se e olham para a plateia.)*

**MULHER** – Ou melhor, paramos?

**HOMEM** – Paramos.

*(Os dois desistem. Viram-se de costas para a plateia e caminham em linha reta para o fundo do palco até sumir. Os atores não retornarão para o agradecimento.)*



**SIAMESES (2008)**

ZEN SALLES

# SIAMESES

2008

ZEN SALLES

*peça teatral dividida em 12 partes*

## PERSONAGENS:

**GD** = GÊMEO DA DIREITA

**GE** = GÊMEO DA ESQUERDA

(é na região do tronco que o corpo do gêmeo da direita se une ao corpo do gêmeo da esquerda.)

## PARTE 1

**GÊMEO DA DIREITA:** Será que ainda falta MUITO?

**GÊMEO DA ESQUERDA:** Acho que falta POUCO.

**GD:** POUCO, é?

**GE:** MUITO POUCO.

**GD:** E você chama isso aqui de POUCO?

**GE:** Não chamei nada de POUCO.

**GD:** Acabou de me dizer que é MUITO POUCO.

**GE:** Só te disse que acho que falta POUCO pra começar.

**GD:** Pois esse teu POUCO pra mim é MUITO, viu!

**GE:** POUCO ou MUITO, não é isso o que importa agora!

**GD:** Você tem mesmo certeza se quer entrar naquela sala de cirurgia ali?

**GE:** Você sabe muito bem que SIM!

**GD:** E você sabe que eu ainda NÃO sei se realmente quero entrar lá.

**GE:** Já estamos aqui, dentro desse hospital que vai nos custar mais de sete encarnações pra pagar. Não há mais tempo pra desistências de última hora.

**GD:** NÃO! Eu estou com medo de entrar ali. Me tira daqui, vai!

**GE:** Você é mesmo um mela-cueca! Se dependesse só de você, a gente ainda estaria trancado dentro de uma jaula até hoje.

**GD:** Mas se a gente entrar nessa sala de cirurgia eles vão nos cortar ao meio!

**GE:** Ai, meus deuses de Sião! Lá vem você de novo com essa tua choradeira dos diabos?

**GD:** E você queria que eu estivesse como, hein? Desde que eu me entendo por gente, a gente sempre fez parte UM do OUTRO!

**GE:** Pois eu cansei de ser apenas uma PARTE, um LADO, uma METADE!

## PARTE 2

**GD:** Um de nós pode morrer.

**GE:** Isso não é certeza.

**GD:** Mas é um risco.

**GE:** Viver é um risco.

**GD:** Não gosto do risco.

**GE:** Então não viva!

**GD:** NÃO, eu não quero morrer!

**GE:** Mas ninguém aqui vai morrer, criatura de Sião!

**GD:** Eles disseram que é bem provável que um de nós morra.

**GE:** O que eles disseram é que as probabilidades são as mesmas: tanto podemos sair mortos daqui, como também podemos sair vivos.

**GD:** Vivos?

**GE:** Ou mortos.

**GD:** Não, isso NÃO!

**GE:** De um jeito ou de outro, cada um seguirá o seu rumo.

**GD:** Sozinhos?

**GE:** Finalmente!

### **PARTE 3**

**GD:** Você não está ouvindo o lamento?

**GE:** Não!

**GD:** Não escuta porque não quer!

**GE:** É... Eu não consigo.

**GD:** É o mesmo de sempre. Só pode ser ELA.

**GE:** Ela?

**GD:** Esse lamento é dela!

**GE:** Pois eu te proíbo de pensar nela nas próximas horas!

**GD:** Mas por quê?

**GE:** Porque toda vez que a gente pensa nela, parece que tudo toma um rumo completamente diferente do que a gente quer.

**GD:** E você quer que eu pense no quê?

**GE:** Sei lá... Só não pense nela. Pois as coisas não vão acabar dessa forma como você está pensando agora.

**GD:** E vão acabar como, hein? Vai, me diz!

**GE:** Eu... Eu não sei como tudo isso aqui vai acabar. Mas eu sei muito bem o que eu quero e você já está cansado de saber disso.

**GD:** Você pensa que sabe o que quer, mas não sabe é de nada... Pensa que eu não sei?

**GE:** Não sei por que você tem sempre que saber tudo o que eu sei.

**GD:** Mas eu nunca quis saber nada sobre o que você sabe, eu simplesmente sei... Sempre foi assim: você sabe o que eu sei e eu sei o que você sabe.

**GE:** Pois isso tudo vai acabar pra sempre, viu!

**GD:** Pra sempre?

**GE:** É! Se a gente sair vivo desse hospital, a gente vai ser igual aos outros.

**GD:** Mas que outros?

**GE:** Todos os outros!

**GD:** Não! Que os deuses de Sião nos livrem dessa desgraça sem tamanho!

**GE:** Você tem que aceitar, meu irmão! Quando sairmos dali de dentro daquela sala de cirurgia, nós seremos DOIS corpos soltos no mundo.

**GD:** Isso jamais será possível. Sempre fomos UM só!

**GE:** Somos DOIS, você não vê? Conta aí:  $1 + 1 = 2$ .

**GD:** Isso é pura matemática, matemática é pura lógica e nós dois não somos lógicos!

**GE:** Viu! Você mesmo acabou de admitir agora que nós somos dois!

**GD:** Não admiti nada! Não foi exatamente isso que eu quis dizer...

**GE:** Chega de bate-boca! Agora não é hora de discussões.

**GD:** E é hora do quê, ora essa?

**GE:** É hora de esperar que eles nos levem lá pra dentro e...

**GD:** NÃO! Eu quero sair daqui AGORA!

**GE:** Mas já está tudo pronto, criatura de Sião. Daqui a pouco vai começar a nossa cirurgia.

**GD:** Eu detesto esse lugar com esse cheiro de remédio, de doença, de morte...

**GE:** Ninguém aqui é mais criança. Já somos homens vividos e calejados!

**GD:** Eu não vou mais ficar aqui e ponto final!

**GE:** Pois eu vou ficar!

**GD:** Mas como? Se eu for embora você também tem que vir comigo... A gente é grudado um no outro, não tem como um sair e outro ficar.

**GE:** Então cuide você de ficar aí no seu canto, calado, quieto... Porque daqui eu só saio sozinho ou morto!

#### PARTE 4

**GD:** Bem que ELE podia aparecer agora.

**GE:** Quem, aquele sujeito que faz CINEMA e que quis nos comprar uma vez?

**GD:** É. Qual é mesmo o nome dele?

**GE:** Ah, não estou lembrando agora.

**GD:** Nem eu.

**GE:** Só lembro que ele queria que a gente fizesse um filme com ele.

**GD:** É... Por nossa causa, ele chegou a oferecer um milhão de pratas pro dono do Grande Circo de Bangkok.

**GE:** Mas a gente teve que fugir antes mesmo que o negócio fosse fechado entre eles.

**GD:** Pois é.

**GE:** Sabe de uma coisa?

**GD:** O quê?

**GE:** Eu acho que a gente vacilou feio.

**GD:** E por quê?

**GE:** Porque a gente devia ter ido com o tal sujeito do cinema. Quem sabe agora o nosso filme já estivesse em cartaz, rodando pelo mundo afora...

**GD:** Eu e você, astros de CINEMA?

**GE:** Capaz até de já ter ganhado o Oscar, a Palma, o Urso, o Leão, o Kikito...

**GD:** É verdade!

**GE:** Estaríamos agora podres de ricos, nadando no milhão... E todas aquelas divas da telona querendo dar pra gente.

**GD:** Quem, meu irmão? A Scarlett Johansson, a Natalie Portman, a Angelina Jolie?

**GE:** Só de pensar nessas mulheres bocudas, peitudas, rabudas, eu começo...

**GD:** Hei! Você está de pau duro?

**GE:** Por que você me pergunta isso se você sabe muito bem que sim? Você também está de pau duro!

**GD:** Estou, é?

**GE:** É evidente que está... Pois nós dois sempre ficamos de pau duro ao mesmo tempo, esqueceu?

**GD:** É mesmo... O meu pau está quase pra explodir de tão duro, olha só!

**GE:** Lembra da primeira vez que a gente gozou junto?

**GD:** Foi com a Mujer Barbada do Grande Circo de Bangkok, não foi?

**GE:** Foi sim. Enquanto eu fodia gostoso a buceta cabeluda dela, você metia vara na boca barbuda daquela espanhola gulosa.

**GD:** Mas não foi o contrário?

**GE:** Ah, nem sei... Era tudo tão cabeludo nela... A buceta, a boca... Dava até pra se perder no meio de tanto cabelo encaracolado e tingido de ruivo.

**GD:** Que tarada era a Mujer Barbada. Não se cansava nunca de visitar a nossa jaula, sempre

dançando flamenco pra gente com as suas castanholas cor de sangue. Eu confesso que ficava maluco de tesão quando ela ia tirando sua saia rodada, camada por camada, até ficar nuazinha em pelo.

**GE:** E bota pelo nisso, né, meu irmão!

**GD:** O fio-terra da Mujer Barbada também era eletrizante, não era?

**GE:** Mas aquilo era bem mais que um simples fio-terra, criatura de Sião. Aquilo era praticamente um *fist fucking*.

**GD:** Pois eu achava tão bom brincar com ela de 220 volts.

**GE:** Pois eu não! Que o meu cu não é pisca-pisca de árvore de Natal pra uma espanhola ninfomaniaca ficar brincando de meter os punhos até chegar nos cotovelos!

**GD:** Até que chegou o dia que a Mujer Barbada fechou a cara de vez, deixou de visitar a nossa jaula, jogou suas castanholas no lixo e não quis mais dançar pra ninguém. Ela até ameaçou depilar todos os pelos do seu corpo com cera quente, lembra?

**GE:** Puta chantagista barata era aquela espanhola, viu.

**GD:** Ah, meu irmão... Tente compreender o lado dela.

**GE:** Mas que lado?

**GD:** Acho que foi demais pra ela perceber que já não era a única atração feminina do Grande Circo de Bangkok.

**GE:** Isso é verdade... O mundo da Mujer Barbada caiu quando ela viu a mais nova atração chegando e roubando a cena de todo mundo.

**GD:** Nós também nos perdemos inteiramente um no outro quando vimos ela chegar...

**GE:** Que criatura era aquela, meus deuses de Sião?!

**GD:** MONGA, a Mulher-Gorila, a mais perfeita de todas as criaturas!

**GE:** Pena nunca ter tocado de fato naquele seu corpo ora de mulher, ora de gorila.

**GD:** Sempre colocavam a jaula dela no lugar mais inalcançável do circo. E lá ela ficava o dia todinho, sozinha... Ela e os seus olhos eternamente tristes. Até chegar a hora do seu grande SHOW!

**GE:** Aí ela se transformava numa FERA de verdade e ninguém mais conseguia domá-la.

**GD:** O público delirava com o espetáculo da nossa Monga... Era uma mistura de medo e fascínio aquilo que eles sentiam por ela.

**GE:** Nem pude socorrê-la quando ela...

**GD:** A culpa foi TUA!

**GE:** Mas quem deu o lenço de seda tailandesa de presente pra ela foi VOCÊ!

**GD:** Só dei porque você mandou!

**GE:** E por que você tem sempre que fazer tudo o que eu mando?

**GD:** Não sei, sei lá... Foi sempre assim: você manda e eu faço.

**GE:** ELE também quis comprar a nossa Monga.

**GD:** Quem?

**GE:** O tal sujeito do cinema, não foi?

**GD:** Foi mesmo!

**GE:** Mas o dono do Grande Circo de Bangkok recusou a oferta na hora e disse que não vendia a Monga nem por todo o ouro do mundo.

**GD:** Imagine só a nossa Monga como estrela de um filme em 3D, meu irmão!

**GE:** A Monga em 3D?

**GD:** Meus deuses de Sião... Olha ela ali!

**GE:** Onde? Onde? Onde?

**GD:** Ali, ó!

**GE:** É ela mesma!

**GD:** Agora ela vai se transformar num gorila furioso, veja!

**GE:** Hei! Por que você está com a tua mão no meu pau?

**GD:** Eu?

**GE:** Sim!

**GD:** Ah, toda vez que a gente pensa na Monga eu pego no teu pau e você pega no meu também.

**GE:** Ah, é?

**GD:** É!

**GE:** Então bate aquela punhetinha caprichada, vai! Assim mesmo... Soca a bronha de mão cheia nessa minha pica tinindo de dura!

**GD:** Bate umazinha em mim também, bate!

**GE:** Huum, ui, que delícia... Acho que eu vou gozar agora.

**GD:** Peraí... Vamos gozar juntos, né?

**GE:** Então goza logo, cacete! Antes que eles venham e nos carregue pra dentro da sala de cirurgia pra fazer o que tem que ser feito.

**GD:** Tá bom. A gente goza no três, tá certo?

**GE:** Certo.

**GD:** Um... Dois... TRÊS!

**GE:** Hei! Mas cadê a nossa Monga em 3D? Ela sumiu de vez!

**GD:** Sumiu?

**GE:** Ela não pode fazer isso com a gente agora.

**GD:** MONGAAA! Não vai embora, não! Fica aqui entre a gente, fica!

**GE:** Por que ela não quis ficar aqui, hein?

**GD:** Tadinha da nossa Monga... Morreu dentro da sua jaula, com um lenço de seda tailandesa enforcando o seu delicado pescocinho.

**GE:** Foi ELA!

**GD:** Quem, criatura de Sião?

**GE:** Foi ela SIM!

**GD:** Não... Não pode ser!

**GE:** Lógico que foi a putinha da Mujer Barbada! Aquela espanhola escrota tramou tudo, comprou a porra de um lenço de seda tailandesa e nos convenceu a dar de presente pra Monga.

**GD:** Mas por que a Mujer Barbada faria isso com a nossa Monga?

**GE:** Por ciúmes, é claro!

**GD:** Ciúmes da gente?

**GE:** Mulher ciumenta, meu irmão, é pior do que praga egípcia... É capaz de matar até espírito de porco-espinho... Quanto mais uma pobre Monga que sofria de transtorno bipolar, era maníaca-depressiva e suicida em potencial!

**GD:** Que os deuses de Sião nos protejam das mulheres ciumentas.

**GE:** E principalmente se tiver a buceta e a cara cabeluda, né?

**GD:** Ahhh... Jamais vou esquecer a nossa Monga. Era tão bom gozar contigo olhando praquela mulher mansa no exato instante em que ela se transformava num gorila feroz.

**GE:** Se ela ainda estivesse viva eu seria capaz de jurar agora mesmo, com o meu pé bem juntinho do teu, que depois dessa nossa cirurgia aqui eu iria correndo atrás dela... Só pra gozar sozinho com ela, sem ter que dividir a Monga com mais ninguém.

**GD:** Nem comigo?

**GE:** Nem mesmo contigo!

**GD:** Pois eu aposto agora com você, meu irmão, que nem a nossa Monga te fez sentir tanto prazer

do mesmo jeito que só eu faço quando te CHUPO nas nossas noites de profunda insônia!

## PARTE 5

**GD:** Será que ainda falta muito pra começar?

**GE:** Para de ficar me perguntando sempre a mesma coisa, porra!

**GD:** É que eu não suporto mais ficar aqui dentro desse inferno de hospital, esperando que nos partam ao meio.

**GE:** Você, hein, faz tanto barulho por causa de uma operaçãozinha de nada. Não sei por que essa zoada toda por causa de uma simples mutilação.

**GD:** Épa, alto lá! Mutilação não. Que eu não sou um braço teu, nem um sexto dedo sobrando no teu pé, muito menos uma verruga no meio do teu culhão!

**GE:** Você é pior do que isso... Você é um verdadeiro encosto!

**GD:** E você é um verme parasita!

**GE:** Olha lá como fala comigo, seu merda de piolho de cobra naja com chifres!

**GD:** E você não bate em mim, seu bosta de um mamute anorexo saído de algum vulcão da Islândia!

**GE:** Você que é um aborto elétrico de um Neandertal eunuco nascido bem no meio da Faixa de Gaza!

**GD:** Por que você não vai pro quinto dos infernos da casa do caralho da puta que te pariu no raio que o parta, hein?

**GE:** Eu só não vou pra lá agora, porque se eu for você também vai junto... E eu não quero que essa maldição me acompanhe pelo resto da eternidade.

**GD:** Ah, não quer não, é?

**GE:** NÃO mesmo!

**GD:** Pois agora quem quer entrar naquela sala de cirurgia ali sou EU!

## PARTE 6

**GD:** Me tira desse PESADELO, vai!

**GE:** Por que a gente sempre sonha a mesma coisa, hein?

**GD:** Parecia um sonho quando a gente fugiu do Grande Circo de Bangkok...

**GE:** Corremos tanto... Quilômetros a fio.

**GD:** Você sempre olhando pra frente, enquanto eu tentava localizar no mapa alguma saída pelos canais de Sião em direção ao mar aberto.

**GE:** Caímos sem querer naquele bote minúsculo e partimos sem rumo nenhum seguindo o fluxo do primeiro tsunami que encontramos pela frente.

**GD:** Você remando forte com os próprios braços e eu só ali, chorando cascatas de medo.

**GE:** Quando eu sentia sede, bebia das tuas lágrimas...

**GD:** E eu só não morri desidratado de tanto chorar porque bebi o teu suor.

**GE:** Senti tanta raiva dentro daquela jaula do Grande Circo de Bangkok. Se você não estivesse ali comigo pra acalantar as minhas noites acesas, até hoje eu estaria com a garganta entalada, capaz de morrer engasgado pela raiva que eu tinha de toda aquela gente maldita.

**GD:** A gente só queria o aplauso deles... Mas eles riam de nós dois, faziam caretas horríveis, zombavam o tempo todo sem nunca dar trégua.

**GE:** Olhavam pra gente com aqueles olhos de tremer a medula.

**GD:** Eu mal conseguia olhar pra eles... Me embrulhava o estômago e eu tinha vontade de vomitar a bÍlis.

**GE:** Era ódio aquilo que eles sentiam pela gente, meu irmão.

**GD:** Ódio?

**GE:** Muito ÓDIO!

## PARTE 7

**VOZ EM OFF:** Respeitável público do Grande Circo de Bangkok... Com vocês agora... ELES, duas criaturas em UMA só... Um corpo dividido em DOIS!

**GE:** Faça alguma coisa, pelo amor dos deuses de Sião!

**GD:** Mas fazer o quê? Me diz!

**GE:** Dance tango no ritmo do kuduro! Dê um salto duplo *twist* carpado em *slow motion*! Imita a Susan Boyle cantando “Madame Butterfly” em mandarim!

**GD:** Mas eu estou fazendo o possível...

**GE:** Então faça o impossível, porra!

**GD:** E como é possível fazer o impossível aqui, criatura de Sião?

**GE:** Não sei, sei lá, se vire... Olha só o ALVO!

**GD:** Mas que alvo?

**GE:** Ali, ó! Logo acima de nossas cabeças, tá vendo?

**GD:** Acho que sim!

**GE:** Se eles acertam alguma bola de gude nesse alvo, a gente vai cair num buraco sem fundo!

**GD:** Então me ajude!

**GE:** Mas como?

**GD:** Canta comigo, canta!

**GE:** Não consigo... Minha garganta tá entalada. Que RAIVA!

**GD:** Veja só, meu irmão! Eles estão ficando furiosos, há sangue nos olhos deles... Eles estão jogando na gente tudo o que encontram pela frente!

**GE:** Bando de covardes! Eu ainda pego vocês, seus filhos de uma puta arrombada por um foguete da Base Espacial de Alcântara!

**GD:** Se continuar assim, eles vão acabar nos matando... É o nosso FIM!

**GE:** NÃO! Não é o nosso fim, meu irmão.

**GD:** Não?

**GE:** Acende, inflama, arde, queima!

**GD:** Quê?

**GE:** Tá na hora de começar o nosso *Freak Show*!

## PARTE 8

**GD:** Me tira daqui! Me tira daqui!

**GE:** ACORDA, ACORDA!

**GD:** Hã?

**GE:** Foi só um PESADELO... Mas já passou.

**GD:** Ainda bem que é passado.

**GE:** A gente não devia ter feito aquilo... Ter olhado pra trás.

**GD:** Foi horrível! Eu não suportei, fechei os olhos... Mas você continuou olhando e eu vi tudo através dos teus olhos.

**GE:** A chama medonha engolindo a imensa lona do Grande Circo de Bangkok até tudo ali dentro virar pó.

**GD:** Ah, meus deuses de Sião! Será que os *jedis* devoradores de espadas fluorescentes conseguiram escapar antes que o fogo esturricasse a jaula deles?

**GE:** Eu não sei. Eu...

**GD:** E a Mujer Barbada? O Mestre dos Magos? Os Dzi Croquetes? O Asdrubal? O Mark Zuckerberg? O príncipe Harry, coitado? Será que todos eles foram devorados pelas chamas?

**GE:** Eu só sei de uma coisa, meu irmão: a gente não viu NADA!

**GD:** Mas foi a gente que fez aquilo.

**GE:** NÃO! Não foi a gente. Foi tudo culpa do FOGO. Ele apagou com suas chamas bem mais do que a gente desejou.

**GD:** As nossas lembranças estão me enlouquecendo!

**GE:** Eu sei disso.

**GD:** É tudo tão pesado... Às vezes eu acho que não vou aguentar mais.

**GE:** Pois é justamente por isso que eu quero que a minha vida seja exclusivamente minha a partir de hoje.

**GD:** Ah, é?

**GE:** Só assim a gente vai conseguir dividir todo esse peso, meu irmão... Cada um fica com o seu tanto, com sua porção de dor. Deve ser bem mais leve do que carregar juntos tudo de uma só vez.

## PARTE 9

**GD:** Escuta só!

**GE:** O quê?

**GD:** O lamento na voz DELA voltou.

**GE:** Agora eu estou escutando...

**GD:** Era esse, não era?

**GE:** Sim! Era esse o lamento que ELA balbuciou quando tentou nos MATAR!

**GD:** Nossa MÃE só fez o que estava ao seu alcance, meu irmão.

**GE:** Pois até hoje eu me pergunto como ela teve coragem de nos largar dentro da jaula dos leões do Grande Circo de Bangkok.

**GD:** Ela não tinha como enfrentar sozinha a fúria de todo o povo de Sião. Eles viviam dizendo pra ela que a gente era um sinal de desgraça... Ela não teve saída. Ou nossa mãe arrumava um jeito de dar um fim na gente, ou então o próprio povo de Sião nos mataria da pior forma possível.

**GE:** O pior de tudo isso foi que os leões nem quiseram nos comer.

**GD:** É... Eles ficaram nos olhando em silêncio por alguns segundos e, logo depois, se danaram a gargalhar da nossa cara.

**GE:** Leões amigos da onça!

**GD:** Eles nos acharam indigestos demais pra servir como *fast food* do dia.

**GE:** Pois é.

**GD:** Seria tudo tão mais fácil pra gente se os leões tivessem nos comido até não sobrar mais nenhuma PARTE, nenhum LADO, nem METADE alguma de nós dois.

## PARTE 10

**GD:** Será que vai doer?

**GE:** Ah, tanto faz! A dor já nos doeu tanto nessa vida que até já deve ter nos anestesiado dela mesma.

**GD:** Eu sei... Mas, mesmo assim, eu nunca fui com a cara da dor.

**GE:** E se ela quiser nos perturbar de novo aqui dentro, acho que deve existir alguma vacina contra ela nesse hospital.

**GD:** E pra SOLIDÃO, será que existe vacina?

**GE:** Espero que NÃO!

**GD:** Não? Mas por quê?

**GE:** Porque você está cansado de saber que o que eu mais quero nessa vida é me atracar com essa desconhecida.

**GD:** Mas todo mundo foge dela, não foge?

**GE:** Pois eu quero foder com ela. Quero descobrir os seus segredos mais estranhos... Quero saber se a solidão gosta de sair sozinha, se ela costuma pegar no pé de alguém, se é infeliz ou se debocha do próprio destino.

**GD:** Tanto tempo dividindo uma vida inteira e, agora, estamos aqui nesse lugar pavoroso.

**GE:** Já te pedi pra não pensar assim.

**GD:** Mas não dá pra pensar diferente.

**GE:** Pense no lado bom!

**GD:** E existe algum lado bom?

**GE:** Claro que existe! Daqui a pouco, seremos totalmente livres um do outro.

**GD:** E o que é ser LIVRE?

**GE:** Como eu posso saber que diabo é ser livre, hein? Você nunca deixou. Sempre estive comigo o tempo todo, grudado em mim, me ocupando todos os poros, todas as minhas brechas, sem me dar um segundo de descanso sequer.

**GD:** Então como é que você pode saber que ser livre é algo bom se você nunca experimentou essa sensação?

**GE:** Eu sei que é bom por que... Por que é o que dizem por aí.

**GD:** Então deve ser MENTIRA!

**GE:** Mentira?

**GD:** Sim! Pois tudo o que dizem por aí não pode ser VERDADE.

**GE:** Só que, às vezes, uma verdade é tão ou mais inacreditável que a maior de todas as mentiras.

**GD:** Ah, é?

**GE:** É!

**GD:** Eu... Eu... Eu acho que lembrei agora!

**GE:** Lembrou do quê, criatura de Sião?

**GD:** Do nome do tal cineasta que quis nos comprar uma vez pra fazer um filme com ele.

**GE:** Eu também acho que me lembrei do nome dele.

**GD:** Lógico... A gente sempre se lembra de tudo ao mesmo tempo.

**GE:** É Tim, né?

**GD:** Meus deuses de Sião... Que ruído é esse, hein?

**GE:** É só a porta se abrindo!

**GD:** Porta?

**GE:** Da sala de cirurgia... Olha só!

**GD:** E essas sombras que estão saindo lá de dentro?

**GE:** Acho que são eles.

**GD:** Eles quem?

**GE:** Chegou a HORA, meu irmão!

**GD:** Mas já?

## **PARTE 11**

**GE:** Eu trepava com a solidão, sentia o cheiro do seu perfume forte, lambia com uma vontade insana os seus seios fartos.

**GD:** Eu era um só, você não estava lá comigo, me dividindo contigo. Foi terrível aquela sensação, me senti como se tivesse perdido a totalidade do meu EU.

**GE:** Ela se rasgou inteira quando eu ameacei ir embora, deu escândalo, quebrou tudo ao seu redor... A solidão se agarrava nas minhas pernas, arranhava a minha pele com as suas unhas enormes, rastejava pelo chão sujo me suplicando pra que eu não a deixasse só.

**GD:** A tua imagem e semelhança... Só quando me vejo refletido dentro da tua pupila dilatada é que reconheço a minha individualidade repartida. Fico ali te contemplando no meu corpo e nunca encontro o ponto exato onde eu termino e você começa. Só sei que você está aqui... Se continuando em mim.

**GE:** Ela me teve como eu sempre desejei, se escravizando totalmente pra mim... Ela agora é MINHA, eu condenei a SOLIDÃO!

**GD:** Me tira daqui, vai! ME TIRA DAQUI!

## **PARTE 12**

**GE:** ACORDA, ACORDA!

**GD:** Hã?!

**GE:** Olha só eles aí na nossa frente!

**GD:** Por que eles estão nos olhando assim, hein, com essa cara de soro fisiológico? Será que eles estão sentindo pena da gente?

**GE:** Eles são médicos, criatura de Sião! E médico não tem pena nem de si mesmo, quanto mais de suas vítimas.

**GD:** O tempo passou tão rápido...

**GE:** Ligeiro, né?

**GD:** Muito depressa.

**GE:** Nem deu tempo de te dizer TUDO o que eu sempre quis te falar.

**GD:** Mas pra quê? A gente sempre foi um só, pensou junto, sonhou junto, gozou junto, matou junto... Nada nos escapou um do outro.

**GE:** Eu sei, meu irmão... Mas sempre foi você quem disse tudo o que sente. Eu nunca faço isso.

**GD:** E você vai querer fazer isso logo aqui, dentro dessa sala de cirurgia?

**GE:** Sim, aqui, agora, já!

**GD:** Só que já NÃO há mais tempo AGORA, meu irmão!



**A CARROÇA É NOSSA (2013)**

LAUANDE AIRES

# A CARROÇA É NOSSA<sup>1</sup>

2013

LAUANDE AIRES

## PERSONAGENS:

**Pedoca**

**Toinha**

**Joaninha**

**Cecé**

*(Personagens aparecem tocando ao mesmo tempo em que puxam uma carroça cheia de cacarecos, caixas, instrumentos e figurinos. Cantam)*

## CENA I

A carroça é nossa, Senhora!

A carroça é nosso Senhor

A carroça é nossa, Senhora!

A carroça é nosso Senhor

A carroça é coisa de outrora

E de hoje também, senhor!

A carroça é coisa de outrora

E de hoje também, senhor! (2x)

*Um homem e duas rodas*

*Três pedras no seu caminho*

*Quatro patas vão levando*

*Cinco ao novo destino*

---

<sup>1</sup> Este espetáculo foi montado pela primeira vez em 2005 a partir de colaboração do artista plástico Cláudio Vasconcelos e Tapete Criações cênicas. Passou por vários ajustes de roteiro até a chegada deste dramaturgo ao grupo Xama Teatro em 2008. O texto e proposta de montagem aqui apresentado toma por base sua organização em 2013.

A Carroça é Nossa circulou em todos os estados do país e algumas cidades do Maranhão através de seleção oficial em festivais, Lei Estadual de Incentivo à Cultura – SECMA, Prêmio Funarte Artes na Rua, Projeto SESC Palco Giratório, Projeto SESC Amazônia das Artes, Programa Petrobrás Distribuidora de Cultura. Direção Geral e composições: Lauande Aires. Elenco: Gisele Vasconcelos, Renata Figueiredo, Cris Campos, Lauande Aires. Técnico: Cid Campelo.

*Seis paradas refrescadas  
Por histórias incontestes  
Uma chave abre o tesouro  
Antes de completar sete.*

*(Pedoca tenta, sem sucesso mover a carroça)*

**TOINHA** – Anda Pedoca, traz a carroça. Por que você parou?

**PEDOCA**-

“Cês” não vão acreditar

No que agora sucedeu

Uma coisa tão terrível

Que outra coisa amoleceu

Quem foi o irresponsável

Que um mau serviço prestou?

Eu parei para avisar

Que a roda – Ah!

Que a roda – Ah!

Que a roda esvaziou!

*(Faz gesto de farsa para a plateia)*

**TODAS** – Ah, não, outra vez! *(Chateadas, viram-se de costas para ele).*

**PEDOCA** – Não adianta reclamar ou virar as costas. Quero saber quem foi a irresponsável pelo “conserto” da roda na cidade anterior! Vamos, digam! Foi você, Joanhinha? Foi você, Toinha? Já sei: foi você, Cecé!

*Elas se voltam para ele com ar de fúria, mãos nas cinturas e sem dizer uma só palavra.  
Pedoca, constrangido, desculpa-se com balançar de ombros.*

**CECÉ** – Já que “ninguém” tem coragem para assumir os próprios erros nós vamos ter que reconsertar a roda. E tem que ser enquanto é dia.

**TOINHA** – Mas, antes, deixa eu ver a roda....

**CECÉ** – E eu também!

**PEDOCA** – *(Impede bloqueando a passagem)* Infelizmente isso não será possível, pois, eu nunca ouvi dizer que olho enche pneu. E, além do mais, considerarei o ato uma prova de desconfiança contra a minha pessoa... Se eu falei, tá falado. Eu lá tenho precisão de mentir?

**CECÉ** – Precisão, pode não ter, mas pode ser por compulsão. *(Confusão)*

**JOANINHA** – *(Percebe o público em volta da roda)* Gente, já tem gente! *(Alvorço.*

*Personagens correm para a carroça, pegam sobrinhas e formam um bloco. Cochicham).*

**CECÉ-** E agora, o quê que a gente faz?

**JOANINHA** – Nem deu tempo da gente se aprontar...

**TOINHA** – Começa, Pedoca.

**PEDOCA** – Toda vez sou eu, sempre eu. Eu tenho uma segunda opção?

**TODAS** – Não!

**PEDOCA** - *(Põe o rosto por cima da sobrinha e comunica-se com a plateia).* Olá, gente, tudo bem? *(Pedoca recebe a informação da plateia e repassa ao grupo que, na mesma formação, se desloca para outro ponto da cena).*

**TOINHA** – *(Mesma cena de Pedoca)* Gente, que cidade é essa? *(Público responde e ela repassa a informação).*

**JOANINHA-** Deixa eu ver se “o Jerico” está por aqui. *(Joaninha olha em volta e não encontra o que procura).* ”Ele não tá aqui não, mas tá lotado!

*As outras personagens levantam e dizem “Égua!”*

**PEDOCA-** Égua, jumento, cavalo e burro!

**TODAS** – Burro? Então é aqui que a gente acha o nosso burro! *(Desfaz-se a cena, retiram seus pertences da carroça. Conversam.)*

*Os atores se organizam no espaço e convidam o público a se aproximar para formar a roda*

**TOINHA** - *(Para o público).* É o seguinte distinto público presente: nós vamos ter que aproveitar enquanto é dia e fazer uma paradinha aqui para resolver o problema da roda. *(Entrega um sol-lua para alguém da plateia)*

**JOANINHA** - Esperamos que isso não seja nenhum incômodo e contamos com a colaboração dos presentes para continuar nosso movimento e seguir nossa viagem. *(Atores cantam).*

**CECÉ\_** E nós juramos que isso não vai levar mais do que cinco horas!

**TODOS** –

*ATENÇÃO DISTINTO PÚBLICO*

*QUE AQUI SE FAZ PRESENTE*

*TIVEMOS UM PROBLEMINHA*

*QUE SEMPRE ACOMPANHA A GENTE*

*POR MAIS QUE A GENTE SE ESFORCE*

*É BASTANTE RECORRENTE*

*VAMOS DAR UMA PARADINHA*

*PRA RESOLVER O PROBLEMA*

*UMA COISINHA MIÚDA*

*UMA COISINHA PEQUENA*

*MAS NÃO FIQUEM PREOCUPADOS*

*QUE NÃO VAI VALER À PENA*

ACEITEM NOSSAS DESCULPAS  
POR ESSE LEVE TRANSTORNO  
FOI CULPA DE UM BORRACHEIRO  
OU TALVEZ DE UM OUTRO CORNO  
DESSES QUE SÓ TOMAM JEITO  
DEPOIS QUE EU QUEBRO O PESCOÇO

**PEDOCA** –

MAS SE A RODA ESVAZIOU  
PONHO A CULPA É NOS BURACOS  
ESTÃO EM TODOS OS CANTOS  
ESTÃO EM TODOS OS LADOS

**TODOS** -

FOI POR ISSO QUE A CARROÇA  
FICOU DE PNEU FURADO

**CECÉ** – O pior é que estou achando que o problema não é só da buraqueira. Mesmo em praças de boa qualidade muitas rodas têm se esvaziado.

**TOINHA** - Será que estão esvaziando a cabeça e o coração das pessoas?

**JOANINHA** – Não sei, mas para que esse problema não se agrave (*Muda o tom*) pedimos a colaboração dos presentes para nos ajudarem a encher esta roda enquanto consertamos a outra.

**TODAS** -

ENCHE A RODA  
VEM OUVIR  
AS HISTÓRIAS DA CARROÇA  
QUE HOJE PASSAM POR AQUI.

**TOINHA** – Agora que já resolvemos o problema desta roda, retornemos ao problema da outra, que embora pareça menor, sempre nos causa o transtorno maior.

**JOANINHA** – (*Pausa*) Gente, eu tenho uma ideia: não podemos simplesmente usar o “estrepe”?

**CECÉ** – Poderíamos, sim, usar o “estrepe” se ele não tivesse sido trocado pela última refeição que fizemos.

**JOANINHA** (*Triste*) - É... (*muda o tom*) Mas foi bem mais gostoso do que comer o estrepe...

**PEDOCA** – Poderíamos tentar usar o “cérebro” para ajudar a consertar a roda!!!

**JOANINHA** - Não precisa falar desse jeito, seu grosso, porque você não é nosso padraço!

**CECÉ** – Não precisa falar desse jeito, seu grosso, porque você não é nem nosso irmão.

**TOINHA** – Não precisa falar desse jeito, seu grosso, porque você não é nem nosso... Coisinha!

**PEDOCA** – Vai, gente, desculpa...É que a fome não está ajudando muito...

**TODAS** – Isso não é motivo para ser grosso!

**PEDOCA** – Tá, tudo bem, mais ainda tem esse cansaço tod...

**TODAS** – Muito menos estúpido!

**PEDOCA** – E ainda tem essa roda que, do nada, em plena estrada aparece furada... *(Faz gesto de fingimento)*

**TODAS** – Mas cuidar dela foi tarefa sua e malfeita como todas as demais!

**PEDOCA** – Tá... Eu já sei que a culpa foi minha... Sei também que não sou padraço, irmão, ou qualquer coisinha pra vocês, mas pensei que fossemos amigos....

**CECÉ** – Amigos? E desde quando amigos vivem colocando os outros em confusão? Desde que aceitamos te acompanhar nessa procura sem sentido nunca mais tivemos um dia de sossego. É só trabalho, cansaço, fome e correria. Agora tenho que ficar cantando e tocando em toda cidade!

**TOINHA** – É isso mesmo! Nunca pensei que fosse passar o resto dos meus dias à procura de um burro que eu nunca vi e que ninguém sabe se existe! Ninguém vai dar valor em moça que toca instrumento e anda em carroça!

**JOANINHA** – Largamos nossas vidas em busca de outro destino e agora seguimos sempre rumo à direção nenhuma.

**TODAS** – Pronto, falamos!

**PEDOCA** – Pois, já que é assim: eu seguirei só o meu caminho e vocês arrumem um jeito de procurar os seus. Eu não obriguei ninguém a me acompanhar. Muito pelo contrário, quando as encontrei, vocês estavam tristes largadas e sem rumo.

**TODAS** – Agora estamos tristes, sem rumo e com fome!

**PEDOCA** – Pois, bem. Vou procurar ajuda para consertar a roda e, quando retornar, partirei sozinho em busca do Jerico Jericó. Passar fome *(Sai levando as rodas da carroça)*

**TOINHA** – Ai gente, ele saiu chateado. Será que fomos muito duras com ele?

**JOANINHA** – Será que ele vai trocar a outra roda por comidinha também?

**CECÉ** – Tomara que não, ou do contrário nunca sairemos daqui.

**TOINHA** – Então vamos esperar! *(Tempo)*

**CECÉ** – Mas, ele não disse que quando voltar vai partir sozinho?

**JOANINHA** – E se ele fizer como o Jerico e der no pé?

**CECÉ** – Não seremos tão azaradas para ficar procurando um jumento e um burro!

**TOINHA** – E já está começando a anoitecer! *(Pedem para que o espectador virar o sol, transformando-o em lua)*

**JOANINHA** - Vamos ficar jogadas no mundo sem ter ninguém para nos proteger?

**TODAS** – Ou pior! Às vezes é bem melhor estar mal acompanhada do que só!

**TOINHA** - Pedoca?

**JOANINHA** - Volta Pedoca!

**CECÉ**- Nós sabemos perdoar!

**TODAS** – Podemos até te ajudar a consertar a roda. (*Mostram para a plateia os dedos e pernas cruzadas*)

## CENA II

*Pedoca retorna sem a roda.*

**PEDOCA** – Prestem muita atenção: eu vou voltar, mas garanto que essa é última vez que perdoo vocês. (*Vaidoso*) Faço isso porque entendo que realmente deve ser muito difícil seguir caminho na vida sem a minha companhia. Também acho que três moças tão lindas não deveriam andar por aí sem a minha proteção, mas não aceitarei mais nenhum tipo reclamação, chateação, perturbação, conspiração, decepção, pressão (*personagem fala mais palavras terminadas em “ão”*). Do contrário cumprirei o prometido mesmo com o coração partido.

**TOINHA** – Ai, que bom, Pedoca. (*Dá-lhe um beijo no rosto*)

**JOANINHA** – Ai, que bom, Pedoca. (*Dá-lhe um beijo no rosto*).

**CECÉ** – Ai, Pedoca, pedoquinha! (*Pedoca, avança para beijar Cecé na boca, mas ela se esquivava*). Te enxerga!

**PEDOCA** – Essas mulheres me amam e não conseguem disfarçar... Meus senhores e senhoras deixem-me apresentar. (*Jogo de personagens e coro. Pedoca puxa a carroça ao centro da cena e a transforma num camarim. Os personagens passam a usar máscaras*).

**PEDOCA** -

ME CONHECEM COMO PEDRO  
MAS ME CHAMAM DE PEDOCA  
SOU UM TANTO AVENTUREIRO  
CORAGEM TENHO DE SOBRA  
ASTUTO, ESPERTO E LIGEIRO  
MATO O PAU E MOSTRO A COBRA  
JÁ COMI PORCO E GALINHA  
MAS HOJE COMO O QUE SOBRA

**CORO**

DESDE CEDO MUITO CEDO  
UM SONHO O INCOMODA  
E NELE UM BURRO O LEVA  
NAS COSTAS DE UMA CARROÇA  
PRA SER FELIZ PELO MUNDO  
CANTANDO DE PORTA EM PORTA  
MESMO QUE O POVO OLHE

UM TANTO DE BOCA TORTA

**TOINHA -**

VOU PEDINDO COM LICENÇA  
PRA FALAR SEM CERIMÔNIA  
ME CONHECEM POR TOINHA  
MAS MEU NOME É ANTÔNIA  
FILHA DE ZÉ CARPINTEIRO  
E MARIA DA PAMONHA  
PROCURO UM AMOR VERDADEIRO  
DIGO E NÃO TENHO VERGONHA

**CORO**

SE METEU NESSA CARROÇA  
ATRÁS DA FELICIDADE  
NÃO VIA UM AMOR QUE PRESTASSE  
PRAS BANDAS DA SUA CIDADE  
SÓ ENCONTROU HOMEM CASADO  
QUERENDO SÓ “VADIAGE”  
E O QUE SE ENCONTROU DE SOBRA  
FOI MENTIRA E FALSIDADE

**CECÉ -**

O MEU NOME É MARCELINA  
MAS ME CHAMAM DE CECÉ  
O QUE PROCURO NO MUNDO  
PROCURO COM MUITA FÉ  
PROCURO O QUE TEVE CRISTO,  
MARIA E SÃO JOSÉ  
PROCURO MINHA FAMÍLIA  
QUE FUGIU OU DEU NO PÉ

**CORO -**

PROCURA PRA VER SE ACHA  
SOSSEGO DENTRO DE SI  
POIS O VAZIO QUE TRAZ  
PARECE QUE NÃO TEM FIM  
POIS NÃO SABER SUA HISTÓRIA  
É ALGO MUITO RUIM  
SE ENCONTRAR O QUE BUSCA  
NUNCA MAIS SERÁ ASSIM

**JOANINHA -**

ME CHAMAM DE JOANINHA  
MAS MEU NOME É JOANA  
O MEU ERRO FOI TER PÊGO  
UMA DÚZIA DE BANANA  
PRA BRINCAR DE COMIDINHA  
COM FULÔ E JULIANA  
O PROBLEMA É QUE SÓ TINHA  
ISSO PRA TODA SEMANA

**CORO**

SEU PADRASTO NÃO GOSTOU  
FICOU BRABO COMO UM TOURO  
LOGO LHE AMEAÇOU:  
EU VOU ARRANCAR TEU COURO  
DESDE ENTÃO VIVE ESCONDIDA  
NA CARROÇA DESSE AMIGO  
PARA QUE SEU BELO COURO  
FIQUE LONGE DO PERIGO.

*Desfazem a cena e abandonam as máscaras.*

**TOINHA** – Pronto, Pedoca, já nos apresentamos. Agora deixe de preguiça e vamos botar a mão na roda.

*As três procuram a roda*

**JOANINHA** – “Quede” a roda, Pedoca?

**PEDOCA** – É... a roda? É...

**CECÉ**- Não vai dizer que você perdeu a roda, Pedoca?

**JOANINHA** – Diz que trocou por comidinha...

**TODAS** – Cadê a roda, Pedoca?

**PEDOCA** – Aconteceu um acidente... Quando eu fui descendo por acolá escorreguei, cai no chão, “frouxei” a mão e a roda foi assim se despedindo, triste, se afastando, despencando lá pro pé da ribanceira.

**CECÉ**- E por que você não foi buscar?

**PEDOCA** – Eu ia, mas vocês me chamaram!

*As três ficam alinhadas, desafiando Pedoca.*

**TOINHA** – Pois então, vai!

**PEDOCA** – Mas assim, sozinho, na boca da noite?

**JOANINHA** - E tu ta com medo, é?

**PEDOCA-** Que medo o quê, rapaz? Eu posso levar alguém comigo?

**TODAS-** Não!

**PEDOCA-** Pois, então eu vou! Mas, só quero saber quem vai tomar conta de vossas coisas! Já tem gente de olho! *(Elas correm em direção às suas malas. Ele tenta sair, as três o interpelam)*

**TODAS:** Não!

**TOINHA** - Melhor ficar por aqui e esperar amanhecer.

**CECÉ-** Acho que ele tem razão. Precisamos descansar. Além do mais, quem vai sentir falta de uma rodinha de nada com uma roda dessa aqui tão bonita.

**TOINHA** – E já estamos cansadas de seguir, seguir, procurar, procurar e nada encontrar.

**PEDOCA-** Bendita mentira da roda fugida, que veio em boa hora! Já não aguentava mais os reclames das senhoras!

**CECÉ-** O quê que você disse?

**PEDOCA** – Disse que já não aguentava mais de saudades das senhoras! *(Pedoca abraça Cecé e canta ao seu ouvido um hit romântico de rádio fm)*

**CECÉ** – Mas, não pense que vai se safar dessa história assim não! Primeiro será preciso descobrir a quem essas terras pertencem para saber se podemos ficar um pouco por aqui.

**PEDOCA** - Não se preocupe, deixe comigo,

A quem pertence o lugar,

É algo que já tratarei de perguntar. *(Dirige-se à plateia)*

*MEUS SENHORES E SENHORAS*

*DESCULPE LHE INCOMODAR*

*MAS FAÇO PRA PERGUNTAR*

*A QUEM PERTENCE O LUGAR?*

*É PÚBLICO OU PRIVADO?*

*DO POVO OU DO ESTADO?*

*DO MENDIGO OU DO OPERÁRIO?*

*DO LADRÃO, DO DEPUTADO?*

*PODEMOS CÁ DESCANSAR?*

*GARANTO: É POR POUCO TEMPO*

*E SE DEREM CONSENTIMENTO*

*NOSSO AGRADECIMENTO*

*EM FORMA DE ARTE VIRÁ!*

*GARANTO: É SO UMA DORMIDA*

*E ASSIM QUE O DIA RAIAR*

*JÁ ESTAREMOS DE PARTIDA!*



*As demais personagens preparam a Carroça- Altar. Cantam ao som de caixas do divino.*

SENHORES DONOS DA CASA  
PEDIMOS VOSSA LICENÇA  
COM DEUS E NOSSA SENHORA  
E COM SUA PACIÊNCIA

SENHORES DONOS DA CASA  
PEDIMOS SUA PERMISSÃO  
PARA AQUI NESSE TERREIRO  
ABRIR NOSSO CORAÇÃO

SENHORES DONOS DA CASA  
PEDIMOS VOSSA ATENÇÃO  
RODAMOS EM MUITAS PRAÇAS  
ESSA É NOSSA MISSÃO  
(Rezam ajoelhadas e de mão postas)

**TOINHA-**

SANTO ANTÔNIO PADROEIRO  
DAS MOÇAS ENAMORADAS  
FAZEI QUE ENCONTRE MEU PAR  
QUE EU DEIXE DE SER ENCALHADA  
QUE ENCONTRE UM HOMEM SÉRIO  
HONESTO E COMPANHEIRO  
QUE FUJA DO ADULTÉRIO  
E QUE NÃO SEJA FULEIRO  
ME ABENÇÕE COM UM  
QUE SAIBA ME RESPEITAR  
SE SÓ RESTAR CARGA TORTA  
PREFIRO NÃO ME CASAR

**JOANINHA-**

SÃO JOÃO MEU PROTETOR  
COM SEUS CACHINHOS DE OURO  
VENHA SER MEU COBERTOR  
E PROTEGER O MEU COURO  
SÓ QUERO ENCONTRAR SOSSEGO  
NAS TERRAS POR ONDE HABITO  
NÃO QUERO ME VER SANGRANDO

COMO FAZEM COM O CABRITO  
FAZEI QUE NUNCA ME ENCONTRE  
AQUELE QUE ME QUER MAL  
DOZE BANANAS NÃO CUSTAM  
O PREÇO DE UM FUNERAL

**PEDOCA-**

SÃO PEDRO MANDAI A CHAVE  
QUE ABRIRÁ MEU CAMINHO  
E NÃO DEIXAI EU VAGAR  
SEM RUMO E SEM DESTINO  
QUERO CANTAR E TOCAR  
SEM SOFRER E PASSAR FOME  
DE TANTO ME APRESENTAR  
QUERO CONSTRUIR UM NOME  
ME DAI SANTA PACIÊNCIA  
COM ESSAS TRÊS COMPANHEIRAS  
QUE SÓ QUEREM ME EXPLORAR  
E FALAM MUITA BESTEIRA

**CECÉ-**

SÃO MARÇAL SUA DEVOTA  
VEM FAZER SUA ORAÇÃO  
PARA ENCONTRAR SUA FAMÍLIA  
E A PAZ DO CORAÇÃO  
QUERO ENCONTRAR SENTIDO  
NA BUSCA QUE HOJE FAÇO  
SEI QUE TENHO UM CORPO INTEIRO  
MAS TÁ FALTANDO O PEDAÇO  
(Todos: cabaço? Cecé corrige: pedaço!)  
ESPERO SUA RESPOSTA  
EM ATENDER MINHA PRECE  
SE O SENHOR ACHAR QUE SUA  
DEVOTA AO MENOS MERECE.

**TODOS-**

EM NOME DO PAI QUE É PAI  
E DO FILHO QUE É FILHO  
DO “ESPRITO” QUE DIZ QUE É SANTO  
DO SANTO QUE DIZ QUE É “ESPRITO”  
FAZEI COM QUE ESTE POVO  
ACREDITE LÁ NO CÉU

E PONHA MUITO DINHEIRO  
QUANDO PASSAR O CHAPÉU  
PERMITA QUE SE AGRADEM  
DO NOSSO HUMILDE TRABALHO  
E DEPOSITE BASTANTE  
DO QUE SOBROU DO SALÁRIO.  
AMÉM!!!

### CENA III

**JOANINHA**- E agora? O quê que a gente faz?

**PEDOCA** – Eu não sei quanto a vocês, mas na minha terra, depois da reza a gente toma a benção e dorme. *(Arruma-se para dormir)*

**CECÉ** – Seis cidades! Seis paradas!

**TOINHA** – Eu “tô” muito cansada! Meu pé “tá” dormente! Minha perna “tá” inchada!

**JOANINHA** – Eu “tô” muito é com fome!

**PEDOCA**- E eu só quero dormir!

**CECÉ** - Mas isso não faz sentido gente! Nós três dormindo em uma rede e esse xexelento dormindo sozinho!

**PEDOCA** – Tá insatisfeita, cheirosa? Traz tua xexelenta “pro” lado de cá e deita comigo!  
*(As três sentam em uma só rede que é armada na estrutura da carroça)*

**CECÉ** - Mas isso não faz sentido gente!

**TOINHA**– O que não faz sentido, Cecé?

**CECÉ** – Ora, Toinha, nós já estamos na sexta parada e até agora nada! Não adianta ficar repetindo a mesma história a cada vez que paramos! Tem que ter uma solução!

**JOANINHA** – A solução é achar algo pra comer, descansar e continuar procurando, ora! A Cecé está sempre achando que alguma coisa errada. Ô mulher desconfiada.

**CECÉ** – Pensem comigo: Quem nós estamos procurando esse tempo todo? *(Pergunta para a plateia)*

**JOANINHA** – Um tal de Jerico Jericó.

**CECÉ** – E se esse tal Jerico Jericó existe e se é mesmo dono da carroça mágica, por que está foragido?

**TOINHA** – Vai ver que assim como eu, foi procurar o seu grande amor...

**JOANINHA** – Ou como eu, fugiu de casa para não apanhar do padrasto.

**PEDOCA** – Ou assim como vocês, saiu pelo mundo só pra falar bestagem!

**CECÉ** – Bestagem é continuar nessa viagem e não encontrar o que procuramos.

**JOANINHA** – Conta de novo, Pedoca, desde o começo, tintim por tintim, do começo até o fim, como foi que toda essa história de carrocinha começou.

**PEDOCA** – Vocês não cansam de ouvir essa estória, não, é?

**TOINHA** – Mas, Joaquina chegou por último, ela não sabe assim dos detalhes.

**PEDOCA** – Não vou contar é nada, vou tratar é de descansar pra ver se eu esqueço a fome.

**JOANINHA** – Pois então: conte histórias! Assim a gente se distrai e rapidinho a gente dorme.

**PEDOCA** – Tá bom, eu conto... Desde que tenho uns sete anos um sonho me acompanha. É um sonho muito pequeno, mas também muito bonito. Nele eu encontro, na frente da igreja matriz, uma linda carroça, mágica, que me levava pra onde os meus sonhos mandassem. Ela é puxada por um burro, o Jerico Jericó. Aí eu acordo.

**TODAS** – Isso a gente já sabe, Pedoca, conta o resto.

**PEDOCA** – O resto é que... Não, essa parte eu não conto... (*Elas e o público solicitam e ela conta.*) Um dia, já adulto, eu trabalhava como porteiro da escola, e não sei como, eu perdi todas as chaves. Me mandaram embora e eu fui parar na porta da igreja matriz pra pensar no que eu ia fazer da vida.

**CECÉ** – Como sempre, irresponsável!

**TOINHA** – Deixa ele falar, Cecé!

**PEDOCA** - Quando cheguei lá encontrei essa carroça, parada, igualzinha a carroça do meu sonho. Sentei do lado dela e fiquei esperando o Jerico pra que ele me levasse pra onde meu sonho mandasse. Fiquei lá por três dias e três noites, e nada. O povo começou passar e elogiar essa carroça como se fosse minha...

**TOINHA** - Que linda essa carroça!

**JOANINHA** - Me leva pra passear na carrocinha!

**CECÉ** - Que carroça magnífica!

**PEDOCA** - Então achei que devia seguir com ela e encontrar o Jerico Jericó. Não encontrei o Jerico, mas encontrei essas três biribas.

**CECÉ** – Mas me diz uma coisa, Pedoca: como é esse burro materializado? De que tamanho?

**TOINHA** – De que cor que ele é?

**JOANINHA** – Ele tem aquela marquinha de mijada nas costas?

**PEDOCA** – Dessas coisas que vocês perguntaram, só essas que eu não sei responder!

**TODAS** – Não sabe?

**PEDOCA** – É que no sonho as coisas aparecem tudo borrada. Eu nunca enxerguei o Jerico direito, nem sua cor, nem nada, só sei que é um animal de quatro patas.

**CECÉ** – Mas, é muito besta mesmo. Nunca nem viu o burro, e como é que sabe o nome dele?

**PEDOCA** – Saí perguntando pela cidade se tinha algum burro fugido. Descobri que só o burro do padre: o Jerico Jericó. Tenho quase certeza de que é o mesmo.

*(As personagens ficam desiludidas e começam a recolher suas coisas)*

**CECÉ** – Mas, é claro que não, Pedoca. Se o Jerico fosse do padre, a carroça também seria!

**TOINHA** – É verdade... Tanto sofrimento pra nada. Você não devia brincar assim com o sonho das pessoas.

**JOANINHA** – Nós confiamos em você, Pedoca... O que a gente faz agora?

**CECÉ** – Partiremos cada uma pra seu canto com o rabinho entre as pernas!

**JOANINHA** – E o que a gente faz com os nossos sonhos?

**TOINHA** – A gente enrola, bota numa sacola e amarra bem a boca do saco pra ele nunca mais fazer a gente de besta.

**JOANINHA**- Foi o Pedoca que fez a gente de besta.

**CECÉ** – E a gente era o burro que tanto procurava.

**PEDOCA** – Gente! Não sejam tão pessimistas, eu posso ter me enganado, me atrapalhado, mas não podemos nos separar agora... Amanhã cedo eu prometo que encontro à roda, conserto e seguiremos juntinhos do jeitinho que tem que ser.

**TODAS** – Estamos cansadas de perdoar suas faltas.

**CECÉ** – Você já perdeu muitas coisas nessa estrada, Pedoca.

**JOANINHA** – As chaves...

**TOINHA** – A roda...

**CECÉ** – A vergonha na cara...

**TODAS** – Agora perdeu a nossa confiança.

**CECÉ** – Eu já perdi muita coisa nessa vida. Não posso deixar que você me perca.

**TOINHA**- Fique aí com tua carroça.

**JOANINHA** – E faça bom proveito do burro! (*Partem com seus pertences*).

**PEDOCA** – Gente, não faça isso. Será que vocês não entendem... (*canta*)

SEI QUE MUITO TENHO ERRADO

E MUITO TENHO PERDIDO

MAS SE ERREI FOI TENTANDO

ENCONTRAR ALGUM SENTIDO

**TODAS** –

SE METEU COM TANTAS CHAVES

QUE ACABOU PERDENDO TODAS

MAS NÃO SABERÁ VIVER

SEM A CRENÇA DAS PESSOAS

**PEDOCA** –

PODEM LEVAR SUAS MALAS

PODEM LEVAR SEUS PERTENCES

**TODAS**

MAS RESTARÃO AS LEMBRANÇAS

DENTRO DO PEITO DA GENTE

E PRA ONDE QUER QUE SIGAM

NÃO ESQUEÇAM A PRUDÊNCIA

E SE ESSE NOSSO ENCONTRO  
NÃO FOR PURA COINCIDÊNCIA

**PEDOCA**

E LÁ POR ONDE PASSAREM  
NÃO ESQUEÇAM QUE A CARROÇA  
NÃO É MINHA E NEM É TUA  
POIS SERÁ

**TODOS**

PRA SEMPRE NOSSA!

Toinha, Joaquina, Cecé e Pedoca saem da roda, cada um para um lado.

#### CENA IV

**CECÉ** - *(Aos gritos)* Gente é isso! Agora faz sentido!

*(Cecé chama todos de volta)*

**TOINHA** – Isso o quê, Cecé?

**JOANINHA** – O que faz sentido? Eu já me tremo todinha quando você faz essa cara!

**CECÉ** – Talvez o Pedoca tenha razão! Leiam o enigma! *(Desenrolam um enigma e leem).*

**TODOS** -

*UM HOMEM E DUAS RODAS  
TRÊS PEDRAS NO SEU CAMINHO  
QUATRO PATAS VÃO LEVANDO  
CINCO AO NOVO DESTINO  
SEIS PARADAS REFRESCADAS  
POR HISTÓRIAS INCONTESTES  
UMA CHAVE ABRE O TESOURO  
ANTES DE COMPLETAR SETE.*

**PEDOCA** – Essa parte a gente já sabe, Cecé. Precisamos é entender o que isso quer dizer.

**CECÉ** – Prestem atenção: Seis Paradas Refrescadas por Histórias Incontestes! Hoje é noite de lua. E é a sexta cidade. Acho que essa carroça pertence à Ana Jansen!

**TODOS** – Ana Jansen?

**CECÉ** - No orfanato onde eu morava, sempre contavam uma história que, por mais assustadora que fosse, insistíamos para ouvir novamente. *(Cecé sobe na carroça, Joaquina se transforma em Ana Jansen. Pedoca arruma as malas pra Ana Jansen subir)* Conta a lenda que uma mulher muito rica e poderosa viveu em São Luís, no século XIX. Uma mulher temida por todos! Seu nome era:

**TODOS** - ANA JANSEN.

**CECÉ**- Ana Jansen tinha muitos escravos, e os tratava com enorme crueldade. Quando ia visitar uma de suas inúmeras propriedades, Ana Jansen ordenava que eles se deitassem

sobre as poças de lama, (Ana Jansen sobe nas malas empilhadas) e pisava sobre seus corpos para passar sem sujar os seus sapatos de veludo! E aqueles que gritassem ou reclamassem, ela surrava até matar, ou então atirava os pobres coitados em poços com lanças no fundo!! Por essas e outras atrocidades, após a sua morte, Ana Jansen foi condenada a uma pena terrível!

**TODOS** – Pena?

**CECÉ** - Sim, é a mesma coisa que condenação.

**TODOS** – Ah!

**CECÉ** - Ana Jansen foi condenada a vagar pelas ruas de São Luís em uma carruagem guiada por cavaleiros sem cabeça. Cavaleiros com chamas no lugar da cabeça! E dentro do coche maldito, a alma penada de Ana Jansen grita, estala chicotes e carrega em suas mãos uma vela acesa, que ela entrega ao primeiro infeliz que encontrar! (*Entrega para alguém da platéia*). “Quer um fogueiro, meu filho?” E o coitado que leva a vela pra casa, encontra em seu lugar, ao amanhecer, um osso de defunto! Aí começam as febres, o suplício. O sujeito começa a tremer, a babar, gira feito louco, pula, cai no chão, até que fica roxo e morre.

**JOANINHA** – (*Desesperada*) Gente, me acode, eu já sei quem é Ana Jansen: é a alma da mãe do meu padrasto que quer me levar pra ele arrancar meu couro.

**TOINHA** – Calma Joaninha. Uma carroça tão bonita como essa não deve ter sido de uma pessoa tão má. O Pedoca não disse que encontrou essa carroça na frente de uma igreja?

**PEDOCA** – Disse, digo e repito.

**TOINHA** – E no enigma não diz “três pedras no seu caminho”.

**PEDOCA** – (Contando e apontando para elas) Uma, duas , três...Certinho!

**TOINHA** – Claro que não. São as três partes: Igreja de São Pantaleão, Igreja do Carmo e Fonte do Ribeirão.

**JOANINHA** – Agora mesmo é que não entendo mais nada!

**TOINHA** – É o seguinte: Tem uma história que diz que debaixo da ilha de São Luís existe uma enorme, imensa, gigante serpente encantada. A serpente é tão grande que dá uma volta inteirinha debaixo da cidade e no dia em que sua cabeça se encontrar com sua calda, São Luís vai afundar, afundar, afundar, até ficar pior do que já tá. Dizem ainda, que o rabo da serpente está debaixo da igreja de São Pantaleão, a barriga sob a Igreja do Carmo e a cabeça na Fonte do Ribeirão.

**PEDOCA** – Essa é a bobeira mais boba que vocês já falaram por essas bocas que nem a terra há de querer. Onde já se viu? Já é difícil acreditar na serpente que enganou a mulher pra enganar Adão, agora a gente tem que acreditar em uma serpente escondida debaixo do chão? #sóquenão. Eu quero ver é se essa serpente tem coragem de me enfrentar é aqui de homem pra homem!

**TOINHA** – Pedoca, não brinca com a história que isso é coisa séria.

**JOANINHA** – A gente não deve brincar com as “fezes” das pessoas, Pedoca!

**CECÉ**- Melhor descansarmos e deixar esse exibido aí sozinho. Já ouvimos muitas histórias

por hoje. (*Recolhem-se e fingem ir dormir*)

**PEDOCA** – Diz que a serpente dá volta na cidade todinha! O que rodeia essa cidade toda é o tamanho da mentira e da ignorância desse povo. Se me dissessem que era a língua desse povo falador até que eu acreditava, mas serpente desse tamanho e com esse perigo de afundar uma cidade, eu não acredito não. Eu já vi muito presidente afundar um país, muito governador afundar um estado e muito prefeito afundar uma cidade, mas serpente afundar uma ilha, eu nunca vi. Queria era pra essa serpente aparecer na minha frente pra ver se ela não ia afundar no fundo de uma panela. (*Sons. Pedoca se assusta*). Quem tá aí?

As personagens manipulam as redes e a carroça, transformando-a numa enorme serpente. Cantam.

**SERPENTE-**

QUEM É O INDOLENTE QUE ME DESAFIA  
DIZ QUE É VALENTE, MAS NINGUÉM CONFIA  
QUEM NUMA PANELA QUER ME AFUNDAR  
VEM QUE TÔ DOIDINHA PRA TE ABRAÇAR

**PEDOCA-**

DEIXE DISSO DONA COBRA  
NÃO QUIS LHE DESAGRADAR  
NÃO ACEITO SEU ABRAÇO  
QUE É PRO POVO NÃO FALAR  
MAS GARANTO QUE SEU TIPO  
NUNCA FOI MEU PALADAR

**SERPENTE**

O CONTRÁRIO É VERDADEIRO  
APRECIO ESSE SEU TIPO  
TREMENDO IGUAL VARA VERDE  
À BEIRA DE UM FANIQUITO  
ACABOU-SE A VALENTIA  
DO FALASTRÃO EXIBIDO

**PEDOCA –**

ACABOU-SE A VALENTIA  
MAS SOBROU A CAGANEIRA  
VALHAM-ME TODOS OS SANTOS  
NUNCA MAIS FALO BESTEIRA  
AGORA EU DIGO E CONFIRMO  
QUE AS LENDAS SÃO VERDADEIRAS (*Cai tremendo em febre*).

**TOINHA** – Pedoca?

**JOANINHA** – Pedoca?

**CECÉ** - Pedoca?

**TODAS** – É brincadeira, Pedoca!

**CECÉ** – Olha! É a carroça!

**JOANINHA** – Ai, gente. Acho que ele bateu as botas!

**CECÉ** – Calma, gente! Eu sei fazer uma massagem revigorante, que aprendi com um mestre zen, que trará nosso amigo de volta!

(Cecé bate três vezes em Pedoca, mas ele parece piorar)

**CECÉ**- Ai! Eu acho que se ele não tinha morrido, eu acabei de matar! Deixa eu verificar a pressão!

(Cecé saca um termômetro e percebe que Pedoca está ardendo em febre)

Meu Deus, ele tá queimando de febre!

**JOANINHA** – Ai brincadeira sem graça. Não adoece agora não, Pedoca.

**CECÉ** – É... primeiro encontra a roda e tira a gente daqui.

**TOINHA** – Vocês não tem coração? Ele tá muito doente e a culpa foi toda nossa. (Chorando) Desculpa, Pedoca.... Não era pra brincadeira terminar assim. Sei que não és tão valente, mas te quero aqui perto da gente, perto de mim. Não pode ser essa a hora de chegar assim seu fim.

(Pede ajuda do público para levar Pedoca até a carroça – altar)

MEU SANTO CASAMENTEIRO

TROCO TODOS OS PEDIDOS

UM SONHO DE UM PAR PERFEITO

DE UM VÉU E UM LONGO VESTIDO

PELA SAÚDE DESTE

QUE SEM NENHUM INTERESSE

TEM SIDO EXCELENTE AMIGO.

**CECÉ** –

PEDOCA EU SEI QUE ÀS VEZES

TENHO SIDO MUITO DURA

MAS DURA TEM SIDO A VIDA,

E TODA MINHA PROCURA

NÃO NOS ABANDONE AGORA

QUE TENHO UMA FAMÍLIA

TU ÉS MEU PAI E IRMÃO

EU SOU TUA MÃE E FILHA

VOU PEDIR PRA SÃO MARÇAL

SEGURAR A TUA MÃO

E NÃO DEIXAR QUE TU CAIAS

EM NENHUMA PERDIÇÃO

**JOANINHA** – Gente, eu tenho uma ideia.

**CECÉ** – Agora não, Joaquina, não temos tempo para ideias mirabolantes!

**TOINHA** – É Joaquina, depois você conta. Deixa ele ficar bom primeiro.

**JOANINHA** – Oh, gente. Sei que essa situação é catastrófica, periclitante, escalafobética!

Mas não podemos simplesmente passar o chapéu pra ajudar a tirar o Pedoca daqui?

**TOINHA** – Isso, boa ideia, Joaquina!

**CECÉ** – Desculpe, boa ideia! (Pegam chapéus, óculos escuros e instrumentos)

**TODAS** -

*EM NOME DO PAI QUE É PAI*

*E DO FILHO QUE É FILHO*

*DO “ESPÍRITO” QUE DIZ QUE É SANTO*

*DO SANTO QUE DIZ QUE É “ESPÍRITO”*

*FAZEI COM ESTE POVO*

*ACREDITE LÁ NO CÉU*

*E PONHA MUITO DINHEIRO*

*QUANDO PASSAR O CHAPÉU*

**CECÉ** – Agora é o momento ecumênico do nosso espetáculo, em que vocês colocam a mão direita no coração e a esquerda no bolso, para ajudar as “ceguinhas” a tirar o Pedoca daqui.

**TODAS** (*cantam*) –

NOSSO AMIGO ESTÁ DOENTE

PARECE QUE O CASO SÉRIO

PRECISAMOS DE UMA AJUDA

PARA COMPRAR O REMÉDIO

DO CONTRÁRIO NOSSO AMIGO

VAI DORMIR NO CEMITÉRIO

QUEM QUISE QUE ELE MORRA

POR FAVOR NÃO DOE NADA

SEMPRE EXISTE MUQUIRANA

CANHENGA E MÃO DE VACA

MAS SEI QUE NÃO É O CASO

DO POVO AQUI DESTA PRAÇA

QUEM QUISE QUE ELE VIVA

QUE SOBREVIVA O TEATRO  
VÁ METENDO A MÃO NO BOLSO  
TIRA O RESTO DO SAPATO  
PELA GENEROSIDADE  
LHE SEREMOS SEMPRE GRATOS.

*(Pedoca acorda e finge que está dormindo)*

**TOINHA** – Gente, já está amanhecendo! *(Gira a lua que vira o sol)*

**TODAS** – Amanheceu!

**TOINHA** – E ele ainda não melhorou nada.

**CECÉ**- Olha Pedoca, conseguimos todo esse dinheiro pra levar você daqui. *(Põe sobre o seu peito).*

**PEDOCA** - Dinheiro!!!! Eu não sabia que eu valia tanto. Obrigado gente... Valeu! De todo coração.

**TODAS** – Pedoca! *(Correm para abraça-lo e beijá-lo. Congelam o gesto)*

**TOINHA**- Eu não acredito que você fez a gente de boba.

**JOANINHA**- Pedoca, você mentiu pra gente.

**CECÉ**- Esse aí mente é por profissão!

**TODAS** – Pega ele! *(Correm em direção a Pedoca)*

**PEDOCA** – Eu não estou mentindo não gente, quase que eu me vou de verdade. Eu vi a morte de perto dizendo: vem pro Hospital Municipal, vem pro Hospital Municipal. E também tive um sonho.

**CECÉ**- Ah, não, Pedoca.

**JOANINHA** – Já brigamos muito por causa desse teu sonho.

**TOINHA** – E não chegamos a lugar nenhum.

**PEDOCA** – Mas Chegamos!

**CECÉ** – Chegamos aqui em *(nome da cidade)*! Mas cadê o burro?

**PEDOCA** – Agora não precisa mais de burro. Eu vi o sonho todinho e descobri o enigma.

**TODAS** – O quê? Conta! Anda! Fala logo!

**PEDOCA**- Depois que eu vi a morte de perto, sonhei com nossos santos padroeiros: Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal. E Tinha um boi.

**TODAS** – Um boi?

**PEDOCA** – O boi de São João. *(Conta)*

São João Tinha um boi. O boi mais lindo, mais precioso de toda a região. Um boi que dançava como ninguém! João o amava, João o guardava. E João só mostrava o seu precioso no dia do ensaio do Boi, dia 13 de junho.

**TODAS**: Dia de Santo Antonio.

**TOINHA**: E dia do meu aniversário, Toinha!

Mas bonito mesmo era no dia 24 de junho.

**TODAS:** Dia de São João!

**JOANINHA:** E dia do meu aniversário, Joantina!

**PEDOCA:** Aí São João arrojava! Tinha foguete, tinha sorriso, tinha comida, tinha bebida e o Boi de São João animando a festa! Gira-Girando!

Mas no dia 29 de junho

**TODAS:** Dia de São Pedro!

**PEDOCA:** E dia do meu aniversário: Pedoca!

(continua) Mas, você sabe como é vizinho? E São Pedro se encheu de coragem e pediu o boi de São João emprestado. São João ficou surpreso com o pedido, mas emprestou o seu boi precioso ao amigo. Fez várias recomendações: “*Cuide bem do meu boizinho. Trate dele com carinho*”.

A festa de São Pedro aconteceu e foi muito animada. O Boi Gira-girava. Gira-girando. Encantando a todos. Mas, você sabe como é vizinho? No dia seguinte era 30 de junho.

**TODAS:** Dia de São Marçal

**CECÉ:** E dia do meu aniversário: Marcelina!

**PEDOCA:** Na festa ia ter fogo e fogueira, foguete e sorriso, mas faltava o precioso pra animar ainda mais a festa: Gira-girando! O Boi de São João foi levado escondido de seu dono, para dançar na Festa de São Maçal. Mas... a festa de São Marçal não foi igual a de São João e São Pedro. Faltou comida na Festa de São Maçal e boi foi sacrificado pra alimentar os convidados. Um instante, uma faca, e couro do boi estendido no chão!

**TODAS:** Mataram o boi de São João! Mataram o boi de São João!

**TODOS** - E é por isso que até hoje se faz festa e se faz boi.

**CECÉ** - E o quê que esse sonho tem a ver com a gente?

**JOANINHA** - Tudo. Quem conduz essa carroça não é um burro, é um....

**TODAS** - Boi!!!!

**TOINHA** - É o boi de São João que vem nos guiando e fazendo com que a gente encontre os nossos sonhos.

**PEDOCA** - A música!

**CECÉ**- A família!

**TOINHA** - Um amor verdadeiro!

**JOANINHA** - Proteção!

**TODOS** - A carroça é nossa!

**PEDOCA** - Essa é a chave.

*UM HOMEM E DUAS RODAS.*

**TODAS** - Pedoca!

**PEDOCA** - *TRÊS PEDRAS NO SEU CAMINHO.*

**TODAS** - Preciosas!

**PEDOCA** - *QUATRO PATAS VÃO LEVANDO.*

**TODAS** - O Boi!

**PEDOCA** - CINCO AO NOVO DESTINO.

**TODAS** – Nós e a carroça!

**PEDOCA** - SEIS PARADAS REFRESCADAS. POR HISTÓRIAS INCONTESTES.

**TODAS** – Sexta cidade!

**PEDOCA** - UMA CHAVE ABRE O TESOURO

**TODAS** - ANTES DE COMPLETAR SETE.

**CECÉ** - Mas não tá batendo: olha! Tá faltando uma roda.

**PEDOCA** – Ah é só isso? Tá não. (*Sai para buscá-la*). Gente! Fui eu que escondi a roda, para que descobrissemos que ela nos pertencia a todos. A carroça a nós pertence

**JOANINHA** – Assim como nos pertencemos. (*Cantam*)

*PERTENCEMOS UM AO OUTRO*

*TAL COMO A RODA À CARROÇA*

*TAL COMO O ESPINHO À ROSA*

*TAL COMO A VOZ À CANÇÃO*

*PERTENCEMOS UM AO OUTRO*

*TAL CANUTILHO E A PENA*

*TAL COMO O SONHO E A CENA*

*ESSA É NOSSA MISSÃO*

*ABRE A RODA*

*VEM OUVIR*

*AS HISTÓRIAS DA CARROÇA*

*QUE PASSARAM POR AQUI*

*ABRE A RODA*

*VEM OUVIR*

*AS HISTÓRIAS DA CARROÇA*

*AGORA VAMOS PARTIR*

**TOINHA** - Vamos logo colocar a roda e partir.

**JOANINHA** – Vamos com Deus, Nossa Senhora, São José de Ribamar, Santo Antônio, Santa Rita e todo santo e orixá desse lugar por que a Carroça ....

**TODOS** – É Nossa!

*São Luis, 16 de maio de 2013.*

*Lauande Aires*



## **SOBRE OS AUTORES**

## **BANDEIRA TRIBUZI**

Bandeira Tribuzi, pseudônimo de José Tribuzi Pinheiro Gomes, (São Luís do Maranhão, 2 de fevereiro de 1927 — 8 de setembro de 1977) foi um poeta brasileiro. [1] Filho de pai português, até 1946 viveu em Portugal, estudando na Universidade de Coimbra.

Iniciou o Modernismo no Maranhão em 1948, com a publicação do livro de poesia “Alguma Existência” Ao lado do ex-presidente José Sarney, José Bento e outros escritores, fez parte de um movimento literário difundido através da revista que lançou o modernismo no Maranhão, A Ilha, da qual foi um dos fundadores. Foi também junto com o ex-presidente o fundador do jornal O Estado do Maranhão.

A canção “Louvação a São Luís”, de Bandeira Tribuzi tornou-se o hino oficial da cidade.

O Memorial Bandeira Tribuzi (próximo ao Espigão Costeiro) foi criado em sua homenagem. A Ponte Bandeira Tribuzi, uma das mais importantes da capital, também leva seu nome. Também tem um dos bustos que homenageiam escritores maranhenses na Praça do Pantheon.

## **CÉSAR TEIXEIRA**

César Teixeira é compositor maranhense, autor de mais de 100 composições, entre sambas, valsas, canções e boleros, o cantor. Carreira do músico que já acumula quase 50 anos. Cantor, compositor, instrumentista, jornalista, poeta e artista plástico, César Teixeira é considerado um dos principais nomes das artes do Maranhão na contemporaneidade. Filho do compositor Bibi Silva, nascido no bairro Madre Deus, local conhecido pela boemia e por ser um cenário de grande efervescência cultural da cidade de São Luís, Teixeira cresceu rodeado de poesia. Sua relação com a música começou ainda na adolescência quando nos anos 1960 começou a participar de festivais estudantis. Na época era estudante do Liceu Maranhense. Dedicou-se às artes plásticas na adolescência, participando de alguns salões no final da década de 1960. Nessa época começou a participar de festivais de música no Liceu Maranhense, onde estudou. Em 1984 formou-se em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Nos anos de 1986 a 1988 foi editor de cultura do jornal O Imparcial, do Maranhão. Atuou como assessor de comunicação da Sociedade Maranhense dos Direitos Humanos (SMDH), nos anos de 1989 a 2002. Em 2002 fundou o Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante, onde escreveu artigos sobre cultura popular e artes em geral. O artista lançou o primeiro álbum solo em 2004, intitulado “Shopping Brazil”, o trabalho reuniu 14 músicas importantes na trajetória do artista, incluindo a clássica “Bandeira de Aço”. Foi fundador do jornal Vias de Fato, no ano de 2009. Em 2010 foi homenageado pela escola de samba maranhense S.R. Favela do Samba. Foi homenageado com a medalha Simão Estácio da Silveira, da Câmara Municipal de São Luís (MA). Em 2011 recebeu o troféu José Augusto Mochel, do PCdoB, por sua atuação na luta em prol dos Direitos Humanos no Maranhão. Com um perfil contestador escreveu canções consideradas símbolos de lutas políticas no Maranhão como a clássica “Oração Latina”, mas além dela, também fez sambas, baiões, canções, boleros entre outros ritmos. “Eu nunca parei para contar a quantidade de músicas que tenho, mas acredito que deve chegar a 150 por aí e não é só de um estilo. Essa é uma característica de morar no Maranhão, a

gente sempre acaba escrevendo em diversos estilos musicais”, explica. O artista já teve composições gravadas por artistas como Alcione, Rita Benneditto, entre outros.

## **IVAN SARNEY**

Ivan Sarney é brasileiro, nascido em São Luís, Maranhão, em 13 de maio de 1946, filho de Sarney de Araújo Costa e Anatólia de Oliveira Furtado. Formado em Direito, pela Faculdade de Direito de São Luís, em 1970 e em Administração de Empresas, pela Escola Superior de Administração, do Estado do Maranhão, em 1971. Poeta, jornalista, escritor, cineasta amador, dramaturgo.

Procurador Federal, aposentado, membro da Academia Maranhense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão.

Realizou 16 filmes, em bitola Super 8, sendo alguns premiados em festivais de cinema: locais, regionais e nacionais, na década de 70.

Realizou exposições de artes plásticas, individuais e coletivas, na cidade de São Luís, tendo participado do Salão Nacional de Artes Plásticas, em 1977, com o filme: Nada mais disse, nem lhe foi perguntado, distinguido com Menção Honrosa.

Integrou o Conselho Estadual de Cultura, por quatro anos (1981 a 1984). Fundou, com amigos, a Sociedade dos Amigos de São Luís e Alcântara, em 1978, tendo sido o seu primeiro presidente. Fundou e dirigiu o Jornal das Empresas, dedicado à divulgação de atividades empresariais, no Maranhão, na década de 70.

Convidado pelo, então, presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Aloísio Magalhães, exerceu as funções de diretor regional do órgão e da Fundação Nacional Pró/Memória (2a.DR), com jurisdição nos Estados do Maranhão, Piauí e Ceará, por dez anos (1980 a 1990).

Integra a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, SBAT e a União Brasileira de Escritores, UBE.

Exerceu, por três legislaturas (1992 a 2004), o mandato de vereador, por São Luís-MA, presidindo a Câmara Municipal, por quatro anos, no período de 2001 a 2004, na primeira Legislatura do Século XXI.

Implantou e Coordenou a Agenda 21, do Município de São Luís, por cinco anos, no período de 1999 a 2004. Implantou e coordenou a Campanha Municipal Permanente por uma Cultura de Paz, denominada Adeus às Armas, no período de 1999 a 2004.

Escreveu artigos para os extintos: Jornal do Dia e Jornal de Bolso, para este, como colunista semanal, até sua extinção, em 1972. Publicou artigos no jornal O Imparcial, em seu tabloide semanal “Sete Dias”, (1977 a 1979).

Ex-colunista do jornal O Estado do Maranhão, tendo assinado, aos domingos, a coluna “Hoje é dia de Ivan Sarney”, no Caderno Alternativo, por mais de trinta anos.

Atualmente, integra a equipe de articulistas do Jornal Pequeno, assinando uma coluna de assuntos políticos, culturais e literários, às segundas-feiras, na página Cidade.

É possuidor das seguintes condecorações, representadas pelas medalhas: Medalha

do Mérito Cultural Gonçalves Dias, outorgada pela Academia Maranhense de Letras; Medalha Brigadeiro Luís Antônio, outorgada pela Polícia Militar; Medalha de Amigo da Marinha, outorgada pela Capitania dos Portos do Maranhão; Medalha Rodrigo de Melo Franco, outorgada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Medalha do Mérito São Luís, IV Centenário, outorgada pela Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão; Medalha do Mérito Legislativo Simão Estácio da Silveira, outorgada pela Câmara Municipal de São Luís; Medalha da Ordem do Mérito Timbira, no grau de Oficial e Medalha da Ordem do Mérito Timbira, no grau de Grande Oficial, outorgadas pelo Governador do Estado do Maranhão.

É Faixa Preta, em Karatê, graduado 1º Dan, pelo sensei Tadashi Takeuchi, em 1979. Conquistou o 4º Dan, pela Confederação Esportiva Brasileira de Karatê - WUKO, em 2013, integrado à Academia Kawamura, do sensei Murilo Pinheiro, 6º Dan.

Exerceu o cargo de Diretor Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão (2011 a 2015), e as funções de: Coordenador Geral da Escola do Legislativo. Integrou a Diretoria da Associação Brasileira de Escolas do Legislativo, como Diretor, representando a Região Nordeste, no biênio 2014/2015.

Livros publicados: Meia-Morada, Coração (poesias); O Sótão (teatro); Chapéu de Couro (contos); Chapéu de Couro e Palha (contos); Na Boca da Noite (contos); São Luís, Uma Ilha bela por Natureza (documentário texto-fotográfico); Uma cidade no Tempo (crônicas).

## **JOÃO MOHANA**

João Miguel Mohana (Bacabal, 15 de junho de 1925 — São Luís, 12 de agosto de 1995) foi um padre, médico e escritor brasileiro.

Seus pais, Miguel e Anice Mohana, eram imigrantes libaneses. João Mohana viveu nas cidades de Coroatá, Bacabal e Viana até o final de sua adolescência, quando decidiu trasladar-se para São Luís a fim de iniciar seus estudos secundários. No final da década de 1940, foi estudar Medicina na Universidade Federal da Bahia.

Em 1952 lançou seu primeiro livro, o romance *O outro caminho*, pelo qual recebeu o prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras. Apesar de ter sido obrigado a seguir medicina, sua grande vocação era o sacerdócio e, em 1955, após a morte de seu pai, entrou para o Seminário de Viamão, no Rio Grande do Sul, tornando-se padre em 1960. Em 1970, foi eleito membro da Academia Maranhense de Letras, ocupando a cadeira nº 3.

O padre João Mohana escreveu dezenas de livros, romances e peças teatrais, a maioria editados pelas editoras Loyola, Agir e Paulinas, tendo alguns de seus trabalhos publicados em inglês e espanhol.

## **JOSÉ RIBAMAR ARAÚJO**

José de Ribamar Araújo Oliveira, em arte JOSÉ RIBAMAR ARAÚJO, nasceu em Sobrado, Município de Caxias/agora, de Aldeias Altas-Maranhão. Formado em Letras, pela UERJ; Especialização em Língua Portuguesa, pelo Liceu Literário Português/RJ e Especialização em Artes Cênicas, pela Universidade Estácio de Sá. Estreou como ator, em 1976, no Auditório do Colégio Caxiense, Caxias-MA, fazendo o Repórter na peça infantil de Pascoal Lourenço “A CHUVA DE SORRISOS”.

Como dramaturgo, escreveu:

- Raimunda Carioca, leitura dramática SBAT/Rio. Direção Gugu Olimecha
- O Tratado Geral da Fama n. 01.
- Como de Cama se Faz um Astro de Melodrama, apresentada como exercício de final da Pós-graduação.
- Meu Paraíso Sem Fiscal, leitura pública na SBT/Rio. Direção do autor
- Conchavos, leitura pública SBAT, Maria Pompeu, Samir Murad, Angela Valério e outros. Direção do autor
- As Louças do Pirajá, direção: Mário Faini

Cumpriu temporada no Séc/Caxias MA

Teatro Gonzaguinha/Rio

- Casa de Cultura Laura Alvim/Rio
- Temporada de Caça, com Maria Pompeu, Auditório SATED/RIO. Direção: Mário Faini.
- TRINTA BAÚS DE ENCANTARIAS, com Deo Garcez, leitura dirigida por Ricardo Torres, no Teatro Prudential/ex-Teatro Adolpho.

## **LAUANDE AIRES**

Ator, Dramaturgo, Diretor e Compositor. Natural de São Luis, Maranhão, 42 anos, atua profissionalmente desde 1999. É formado pelo Centro de Artes Cênicas do Maranhão, graduado em Licenciatura em Teatro, e mestre em artes cênicas do PPGAC na Universidade Federal do Maranhão. Foi diretor do teatro Alcione Nazareth de 2007 a 2009 e um dos organizadores da Semana de Teatro no Maranhão de 2007 a 2011, maior evento teatral do estado. É ator, dramaturgo e diretor convidado do grupo XAMA TEATRO para espetáculo A Carroça é Nossa. Foi compositor e diretor musical dos espetáculos A Receita (2000), Quem Roubou o meu Futuro (2002), e O Cavalo Transparente (2007 a 2009) espetáculo que lhe rendeu premiação de melhor ator e melhor trilha sonora no Prêmio SATED/MA 2009. Na TV realizou campanhas publicitárias e em 2008 foi apresentador do vídeo institucional do Programa Livro, Leitura e Literatura promovido pelo Mais Cultura - MA. Em 2010 foi autor e diretor de elenco da Radionovela “Dom Cosme: O tutor das Liberdades” (Prêmio Roquette Pinto), em parceria com Igor Nascimento.

Com o espetáculo O Miolo da Estória (2010/2014) ganhou 04 prêmios no Festival de monólogos Ana Maria Rego- Teresina (melhor espetáculo, melhor iluminação, melhor cenografia e melhor sonoplastia); Prêmio SATED/MA 2011 na categoria melhor ator e

melhor espetáculo; circulou por diversos festivais de teatro e foi contemplado com PREMIO FUNARTE MYRIAN MUNIZ e PROJETO PALCO GIRATÓRIO, com apresentações em 50 cidades de diversas regiões do país.

Com o espetáculo A Carroça é nossa, circulou por 25 estados brasileiros e 45 cidades através dos projetos do SESC Amazônia das Artes e Palco Giratório.

É autor do livro “Entre o Chão e o Tablado: a invenção de um dramaturgo” (2012) obra que reúne 04 textos de sua autoria, processos de criações e montagens.

## **LENITA SÁ**

Filha de Cecílio Sá, marceneiro e teatrólogo, responsável pela criação do Teatro Amador no Maranhão. Graduou-se em Direito e Letras, com pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Materna e Estrangeira. É servidora do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão, na função de analista judiciário.

Começou a escrever muito jovem. Perto dos 15 anos, estimulada por um encontro com Josué Montelo, publica seu primeiro artigo no jornal O Imparcial, intitulado Alcântara na Festa do Divino. Seu primeiro livro de poesia, chamado Reflexo, foi lançado quando tinha 17 anos. A peça Ana do Maranhão foi escrita aos 19 anos, baseando-se em obra do historiador maranhense Jerônimo de Viveiros, tendo sido relançada em 2012. Escreveu também vários textos para o público infantil, como A Filha de Pai Francisco” e A Largatinha Crisenrise.

O livro de poemas Pincelada de Dali e Outros Poemas foi prefaciado por Ferreira Gullar, enquanto Antídoto, também de poesias e publicado em 2017 pela Editora Sete Letras, possui apresentação do poeta Salgado Maranhão. Em 2018, pela mesma editora, publica Brasas Ardentes nas Pontas dos Dedos, livro com 14 contos. Foi incluída por Rubens Jardim na Antologia As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira e seu nome é citado no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, de Nelly Novaes Coelho. Possui contos e poemas publicados em diversas antologias e revistas. Vive e trabalha em São Luís.

## **MARCELO FLECHA**

Marcelo (Enrique) Flecha, argentino, naturalizado brasileiro e residente no Maranhão desde 78, é diretor, dramaturgo, pesquisador teatral, cenógrafo e iluminador. Seu livro Cinco Tempos em Cinco Textos: Dramaturgia Reunida, foi contemplado pelo Programa BNB de Cultura para publicação, e reúne os textos “Distorções de um dia interminável”, “Memórias de um mau-caráter”, “Dois”, “Privada” e “Clausura”. É autor dos textos “Pai & Filho”, “Velhos caem do céu como canivetes” e “Ensaio sobre a memória”, montagens da Pequena Companhia de Teatro, da qual é membro fundador. Dirigiu mais de trinta espetáculos que circularam por mais de cem cidades em todos os estados do país, e suas montagens ganharam seis vezes Prêmio FUNARTE de Teatro Myriam Muniz. Com textos premiados no Concurso Literário Cidade de São Luís, Prêmio SATED e Festival de Teatro do Rio de Janeiro, teve toda a sua obra dramaturgia encenada em diversos estados e em Cabo Verde. Primeiro maranhense a participar do projeto SESC Dramaturgias com a ofícia de transposição de gêneros como instrumento de confecção de dramaturgia, a atividade foi ministrada em vinte e sete cidades de catorze estados brasileiros. Foi diretor

artístico da Feira do Livro de São Luís, do Festival de Teatro Sul-Maranhense e da Semana Imperatrizense de Teatro.

## **TÁCITO BORRALHO**

Tácito (Freire) Borralho (Segundo o poeta Nauro Machado) reelaborou conscientemente os mitos - ou foros arcaicos - do fantástico universo maranhense, e o mais importante: fazê-lo a nível superior de um popular infenso ainda às descaracterizações de um emergencial modernismo - ou modernoso espúrio - a chegar por vias tortuosas até nós As raízes por ele exploradas com a capacidade de um verdadeiro escafandrista do nosso litoral geográfico, lhe dão a primazia de ser, entre nós, um intelectual primitivista ou um ingênuo com arraigado instinto cultural”.

Tácito Borralho nasceu em Primeira Cruz (MA), em 07 de agosto de 1948, cursou o ginásio no Ateneu Teixeira Mendes em São Luís e teologia em Recife (PE). Lá criou o Grupo Armação, vencedor do 1º Festival Nacional de Teatro de Caruaru, em 1970.

Foi o criador do Laborarte, em 1972; presidente da Federação Nacional de Teatro Amador - FENATA; presidente da Confederação Nacional de Teatro Amador - COFENATA; presidente da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB) e centro Unima Brasil - CEUB. Fundou a Companhia Oficina de Teatro - COTEATRO e foi idealizador e fundador do Centro de Artes Cênicas do Maranhão - CACEM, hoje órgão da estrutura da Secretaria de Estado da Cultura.

Detentor do Prêmio MEC-troféu Mambembe, categoria especial - São Paulo (1978), pela sua atuação em O Cavaleiro do Destino. Como dramaturgo recebeu os prêmios “Artur Azevedo”-Concurso Cidade de Prêmio MEC / Troféu MAMBEMBE – 1978; Medalha do Mérito Timbira / MA – 1987; Defensor das Tradições Afro no MA – 1989; XVIII Concurso Literário Cidade de São Luís / Prêmio Arthur Azevedo / MA – 1990

São Luís (1990), com Gibi, o menino que não sabia voar e, Plano Sioge (1993), com O Palco do Imaginário Popular Maranhense, em parceria com Josias Sobrinho.

Graduado em Filosofia pela UFMA e pós-graduação pela ECA-USP em 2000, obteve o grau de professor mestre em artes. Hoje Professor Dr. desde 2012 pela mesma USP, é professor associado nível 2, do Departamento de Artes Cênicas (DEARTC) da UFMA e Diretor Artístico da COTEATRO.

## **ZEN SALLES**

Ezeniel Sales e Silva

(São Luís/MA, 1974)

(São Luís/MA, 25 de novembro de 2019).

Zen Salles foi um autor, dramaturgo, diretor, escritor, roteirista, redator, ator, poeta e produtor brasileiro com atuação em teatro, cinema e TV. Zen Salles era formado em teatro e jornalismo. No teatro, Zen Salles é autor de peças como “As Cinzas Vulcânicas do Teu Cigarro Light” (ainda inédita), “Sem Gelo”, “Bílis”, “1,26”, “Jet Lag”, “Siameses”,

“Pororoca”, “Corpos Cavernosos”, “Genet, o Poeta Ladrão”, “A História dos Objetos” e “Tadzio”. Como ator esteve em espetáculos como “Fragmentos de um Desejo” e foi autor, diretor e produtor dos espetáculos “Agridoce”, “Charlotty e a Suas Cores Fortes” e “On \$alé”. Para o cinema Zen Salles escreveu o roteiro dos filmes “Agridoce” e “Charlotty” (lançamento póstumo). Na TV, Zen Salles foi o autor do roteiro do seriado “Sessão de Terapia” da Globoplay. Não há maiores informações sobre a vida do dramaturgo Zen Salles. Zen Salles sofria de artrite e fibromialgia e estava na casa de familiares onde trataria das doenças quando teve um infarto fulminante.



EDUFMA



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias